

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
TESE DE DOUTORADO EM SOCIOLOGIA

JOÃO PEDRO DE SANTANA NETO

OS GESTOS QUE ME DIZES!
MATIZES DA DIFERENÇA NOS DISCURSOS DE INDIVÍDUOS
SURDOS.

JOÃO PESSOA – PB

2013

JOÃO PEDRO DE SANTANA NETO

**OS GESTOS QUE ME DIZES!
MATIZES DA DIFERENÇA NOS DISCURSOS DE INDIVÍDUOS
SURDOS.**

Tese de Doutorado apresentada por João Pedro de Santana Neto, intitulada “Os gestos que me dizes! Matizes da diferença nos discursos de indivíduos surdos”, como pré-requisito para obtenção do título de Doutor em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ednalva Maciel Neves

JOÃO PESSOA – PB

2013

A232g *Santana Neto, João Pedro de.*
 Os gestos que me dizes! Matizes da diferença nos
 discursos de indivíduos surdos / João Pedro de Santana Neto.-
 João Pessoa, 2013.
 213f. : il.
 Orientadora: Ednalva Maciel Neves
 Tese (Doutorado) – UFPP/CCHLA
 1. Sociabilidade. 2. Surdos e ouvintes. 3. Diferença e
 identidade. 4. Subjetivação. 5. Movimentação política e
 cidadania. 6. Discursos.

JOÃO PEDRO DE SANTANA NETO

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^ª. Ednalva Maciel Neves
(Presidente/Orientadora – PPGS/UFPB)

Prof^ª. Dr^ª. Mónica Lourdes Franch Gutiérrez
(Titular Interno – PPGS/UFPB)

Prof. Dr. Adriano Azevedo Gomes de León
(Titular Interno – PPGS/UFPB)

Prof^ª. Dr^ª. Idalina Maria Freitas Lima Santiago
(Titular Externo – PPGSS/PPGDR/UEPB)

Prof. Pós-Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior
(Titular Externo – PPGH/UFRN)

Prof. Dr. Artur Fragoso de Albuquerque Perrusi
(Suplente Interno – PPGS/UFPB)

Prof^ª. Dr^ª. Cristiane Maria Nepomuceno
(Suplente Externo – NEAB-Í/UEPB)

Aprovada em: ____/setembro de 2013.

À memória de
Antônio Balbino Bezerra (meu pai),
Maria Cavalcante Neves Bezerra (minha mãe),
Roberto Bezerra Neves (irmão) e Rivaldo
Bezerra Neves (irmão – meio pai).
Os irmãos e minha mãe partiram nos dois
últimos anos, quando eu vivenciava este
momento acadêmico.
Muita saudade!

AGRADECIMENTOS

Foram tortuosos os caminhos, tumultuados os momentos nos quais experienciei o meu processo de doutoramento. Muita coisa é melhor ser esquecida e deixada lá, no lugar onde deve permanecer, o passado. Mas, felizmente, pude contar com apoio, a solidariedade e, principalmente, a afetividade de pessoas e instituições, já que se fazem presente, para sempre na minha vida. Sinceramente agradecido:

– Aos meus familiares e especialmente à Fátima Neves, minha muito querida, generosa e companheira irmã;

– Aos surdos, sócios da Associação de Surdos de João Pessoa – ASJP –, com os quais contracenei de modo produtivo para atingir meus objetivos acadêmicos, mas não ficou somente nisto, foram encontros e momentos muito prazerosos;

– À minha orientadora, Ednalva Maciel Neves (com um sobrenome da minha família, será que somos parentes?), pela dedicação profissional, paciência e atenção que sempre me dispensou carinhosamente;

– À intérprete de libras, Josineide Castro, que decidiu, mesmo com tantas ocupações me acompanhar durante a pesquisa de campo;

– Aos meus queridos amigos (cada um sabe a importância e lugar que tem na aventura de comigo conjugar o verbo viver): Eva Borges, Fatinha Melo (*in memoriam*), Jôsi Nascimento, Tom Silva, Miguel Menezes, Débora Vieira, Kátia Freitas, Lucito Farias, Augusto César, Fernanda Leal, Tiago Popeye, Leonardo Ponciano, Donna Bóris, Ly Dantas, Marcelo Batista, Vilma Vaz, Cristina Daniel, Francisca Vieira, Tertuliano Agra, Cláudio Ferreira, Samyr de Andrade, Beto Cardoso, Simone Jordão, Soraia Jordão, Marília Tomáz, Naca Santiago, Mônica Nóbrega, Iolanda Barbosa, Cristiane Nepomuceno, Pedro Ponttes, Lúcia Santos, Fafá Cavalcante, Thelmo Perbe, Lola Cardoso, Pedro Oliveira, Sil Esperança, Roberto Guimarães, Fábio Dust, Jorge Duré, Sara Dantas, Jussara Carneiro, Napy Charara, Criseuda Benício, Gláucia Simões, Chris Nogueira, Carol Índia, Petrus Barbosa, Valeska Asfora, Mariana Monteiro, Kimã Barbosa, Josafá de Orós, Eduardo

Jorge, Jameson Campos, Cassandra Veras, Xênia Hiluey, Taciano Valério, Almira Lins, Dona Ivanilda, Mazé;

– Aos meus colegas de turma, destacando: Anne Lima, Joilson Barreto e Miriam Fialho, porque não ficamos somente no plano acadêmico, hoje somos amigos pessoais;

– Aos Professores Silke Weber, Jorge Ventura, Bartolomeu Figueiroa e Durval Muniz (PPGS, PPGA e PPGH da UFPE), Ednalva Maciel, Adriano de León, Mónica Franch e Simone Brito (PPGS da UFPB);

– Aos meus queridos ex-alunos, com os quais tenho aprendido a atuar como professor;

– Aos colegas de trabalho do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais – DFCS –, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB –, com os quais compartilho conquistas acadêmicas e profissionais;

– A UEPB que, através do DFCS e da PRPG me liberou das atividades como docente, para minha empreitada como discente, nesse processo de doutoramento;

– Enfim, a todos que, direta ou indiretamente, estiveram e estão comigo contribuindo para que tudo assim ocorresse.

SANTANA NETO, J. P. Os gestos que me dizes! Matizes da diferença nos discursos de indivíduos surdos. João Pessoa, 2013. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba.

RESUMO

Exercício do pensamento, este é um trabalho acadêmico denominado tese, pelo grau no qual se insere. O seu objetivo geral é o de analisar e pôr em questão os matizes da diferença de indivíduos surdos que, nas suas construções identitárias, vão afirmando, pelos seus gestos e jeitos, uma positivação de si mesmos, não sem conflitos e contradições. Neste sentido o amálgama de fontes e correntes teóricas distintas se faz presente, seja no que há de pontos convergentes e divergentes, seja, talvez ainda mais significativo, no que há de intersecção. A pesquisa teve como campo a Associação de Surdos de João Pessoa – ASJP, localizada no Bairro da Torre, na cidade de João Pessoa-PB. Observação participante e realização de entrevistas foram os principais recursos técnicos e metodológicos, para a consecução de material a ser analisado. Os discursos dos indivíduos surdos foram demonstrando a multiplicidade de percepções do mundo quando, nos seus processos de subjetivação e nas práticas de sociabilidade, além de uma movimentação política e atuação cidadã, deixavam entrever a apropriação que faziam daquilo que se pensa e produz sobre e para eles. As conclusões iam se delineando, não aconteceram depois, numa espécie de: "finalmente, pode-se concluir que..." O devir esteve em curso, indicando que os surdos, falando em Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS ou português, são tão diferentes quantas são as possibilidades de manifestações pessoais e coletivas nas suas relações cotidianas, seja nas comunidades surdas, seja no convívio com os ouvintes, dos quais não vivem isolados. A falta de audição influencia – assim como tê-la e nunca ter parado para pensar nisso –, mas não determina e define suas diferenças. Estas são tão simples ou complexas como, podem ser expressas, em quaisquer pessoas que tenham ou não isso ou aquilo. Os binarismos os aprisionariam.

Palavras-Chave: surdos e ouvintes. diferença e identidade. subjetivação. sociabilidade. movimentação política e cidadania. binarismos. discursos.

SANTANA NETO, J. P. The gestures you tell me! Shades of the difference in the discourse of deaf individuals. João Pessoa, 2013. Doctoral Thesis - Graduate Program in Sociology, Federal University of Paraíba.

ABSTRACT

Exercise of thought, this is what an academic thesis is called, for the degree in which it operates. Its overall objective is to analyze and to question the shades of the difference in deaf individuals, which they assert a positive side of themselves, through gestures and ways, in their identity constructions, not without conflicts and contradictions. In this sense, the amalgam sources and different theoretical currents are present, either in what is convergent and divergent, and perhaps even more significant in what they are intersecting. The field of research was the Deaf Association of João Pessoa – ASJP, located in Torre neighborhood, in the city of João Pessoa. Participant observation and interviews were the main methodological and technical resources for the collection of the data to be analyzed. The speeches of deaf individuals were demonstrating the multiplicity of perceptions of the world about their political movement and citizen performance, as well as when they let glimpse the appropriation made by and for them in their subjective processes and practices of sociability. The findings were delineating themselves, they did not happen in a kind of: "Finally, we can conclude that ...". The process of becoming a research was happening, indicating that the deaf, speaking in Brazilian Sign Language-LIBRAS or Portuguese, are as different as the possibilities of manifestations of personal and collective actions in their everyday relationships, whether in deaf communities, or the interaction of listeners, for they don't not live in isolation. The lack of hearing influences _ as well as have it and have never stopped to think about it _ but do not determines and defines their differences. These are as simple or complex as can be expressed in any person whether or not deaf. The binaries would be their prison.

Keywords: deaf and hearing. difference and identity. subjectivity. sociability. movement politics and citizenship. binaries. speeches.

SANTANA NETO, J. P. Les gestes que tu me dis! Nuances de la différence dans les discours d'individus sourds. João Pessoa, 2013. Thèse de Doctorat - Programme de Post-Graduation en Sociologie, Université Fédérale de la Paraíba.

RÉSUMÉ

Exercice de la pensée, celui-ci est un travail académique appelé thèse, par le degré auquel il appartient. Son but majeur est celui d'analyser et de mettre en question les nuances de la différence d'individus sourds que, dans leurs constructions identitaires, affirment, par leurs gestes et manières, une positivization d'eux-mêmes, non pas sans conflits et contradictions. Dans ce sens, l'amalgame de sources et d'approches théoriques différentes se fait présent, soit dans ce qui est des points de convergence et de divergence, soit, peut-être encore plus significatif, dans ce qui est des points d'intersection. La recherche a eu comme terrain l'Association des Sourds de João Pessoa – ASJP, située dans le quartier Torre, à João Pessoa-PB. L'observation participante et la réalisation d'entretiens ont été les ressources techniques et méthodologiques les plus importantes pour l'obtention du matériel à analyser. Les discours des individus sourds ont montré la multiplicité de leurs visions du monde lorsqu'ils, dans leurs processus de subjectivation et dans leurs pratiques de sociabilité, au-delà d'un mouvement politique et d'une action citoyenne, laissaient entrevoir l'appropriation qu'ils font de ce dont on pense et produit sur et pour eux-mêmes. Les conclusions se sont dessinées peu à peu, pas après, dans une sorte de: "enfin, on peut conclure que...". Le devenir était toujours en cours, à indiquer que les sourds, qu'ils parlent la Langue Brésilienne des Signes - LIBRAS ou le Portuguais, sont d'autant plus différents que les possibilités de manifestations personnelles et collectives dans leurs relations quotidiennes sont nombreuses, soit dans les communautés sourdes, soit avec les auditeurs, desquels ils ne se trouvent pas isolés. Le manque d'audition a de l'influence sur leurs différences – ainsi qu'en avoir et jamais y avoir réfléchi – mais il ne les détermine ni les définit. Celles-ci sont tellement simples ou complexes, comme elles peuvent s'exprimer dans n'importe quelles personnes qui aient ou pas ceci ou cela. Les binarismes les emprisonneraient.

Mots clef: sourds et auditeurs; différence et identité; subjectivization; sociabilité; mouvement politique et citoyenneté; binarismes; discours.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASJP – Associação de Surdos de João Pessoa
ASPE – Associação de Surdos de Pernambuco
BPC – Benefício de Prestação Continuada
CBDF – Confederação Brasileira Desportiva de Surdos
CD – Compact Disc
CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas
DFCS – Departamento de Filosofia e Ciências Sociais
DVD – Digital Versatil Disc
FGTS – Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
FENEIS – Federação Nacional de Educação e Intregração dos Surdos
FUNAD – Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência
FUTSAL – Futebol de Salão
INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos
INSS – Instituto Nacional de Seguro Social
LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais
LINEDS – Liga Nordestina Desportiva de Surdos
LP – Long Play
MDS – Ministério do Desenvolvimento Social de Combate à Fome
PNAS – Política Nacional de Assistência Social
PRPG – Pró-Reitoria de Pós-Graduação
SUVAG – Sistema Universal Verbotonal de Audição Guberina
UEPB – Universidade Estadual da Paraíba
UFPB – Universidade Federal da Paraíba
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco
UNIPÊ – Centro Universitário de João Pessoa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I.....	29
OS SURDOS E OS OUVINTES.....	29
OS SURDOS E OS OUVINTES E OS BINARISMOS.....	30
OS SURDOS, UNS OUVINTES E A FRONTEIRA.....	40
RECAPITULANDO, POR UM MOMENTO, PARA SEGUIR	
ADIANTE.....	43
A INTERPRETAÇÃO NA FRONTEIRA.....	45
RELAÇÕES ENTRE SURDOS E OUVINTES: O NAMORO.....	49
OS SURDOS, OS SURDOS E AS DIFERENÇAS.....	51
NA “ZONA DE CONFORTO”: A NOÇÃO DO TEMPO.....	55
INTERPRETANDO A ASJP?.....	57
CAPÍTULO II.....	61
UNS E UNS E UNS... E OUTROS!?	61
EU NASCI SURDO!.....	65
NASCI OUVINTE. PERDI A AUDIÇÃO!.....	81
CAPÍTULO III.....	90
CORPO E SUBJETIVAÇÃO.....	90
OS GESTOS E UM JEITO DE CORPO.....	93
CAPÍTULO IV.....	109
ENCONTRANDO.....	109
MOMENTOS DE SOCIABILIDADE.....	109
Chegando ao grupo:.....	109
E, depois, fazendo parte do grupo:.....	115
EVENTOS E PRÁTICAS NO GRUPO.....	120

As festas, as danças, a música:.....	120
Esportes:.....	129
Os meios de comunicação e formas de visibilidade:.....	140
CAPÍTULO V.....	159
“EU SOU SURDO... E SOU MUITO MAIS DO QUE ISSO”.....	159
A IDENTIFICAÇÃO A DIVERSIDADE, A MULTIPLICIDADE.....	159
Outra movimentação política?.....	181
Com a palavra: os surdos!.....	182
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	191
REFERÊNCIAS.....	195

APÊNDICES

APÊNDICE 1- ROTEIRO DE ENTREVISTA

APÊNDICE 2- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

APÊNDICE 3- OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE/REGISTRO FOTOGRÁFICO

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Discursos são produzidos sobre a identidade e a diferença. Discursos são produzidos sobre a surdez. Discursos podem ser produzidos sobre a identidade dos surdos e suas diferenças num mundo de maioria ouvinte, seja por surdos ou ouvintes que se interessem por uma temática que trate da relação entre surdos e ouvintes, porque mesmo a relação entre surdos e surdos já pressupõe aquela primeira, posto que esta última não se dá sem que seus referenciais de socialização aconteçam, apenas, quando se encontram com os que vivenciam a ausência da audição. E é como ouvinte o lugar de onde falo dessa relação, porque por ela me interesso. Sobre a construção das identidades, de um modo geral, um trecho e uma forma desses discursos:

(...) devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas. Elas são o resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles). Nossas chamadas subjetividades são, então, produzidas parcialmente de modo discursivo e dialógico. (HALL, 1997, p. 26-27)

Algumas indagações são perturbadoras e põe em questão a nossa própria circunscrição a uma identidade (GUATTARI; ROLNIK, 2000). Mas as questões vão sendo multiplicadas. E no caso das identidades, que estariam constantemente rerepresentando a história dos indivíduos surdos (o que é discutível, já que não podemos viver eternamente querendo retomar, reviver o que já passou, podemos, isto sim, resignificar), coloco-me, desde já, como mais um agente multiplicador de indagações, já que elas se farão presentes nas construções discursivas deste trabalho que agora inicio, com as contribuições e cruzamentos de áreas e níveis de conhecimentos diversificados, como a Sociologia, Antropologia, Filosofia, Psicologia e Psicanálise, por exemplo. Do mesmo modo as perspectivas teóricas serão interseccionadas, porque os conceitos de que me valho não estão aprisionados nessa ou naquela orientação acadêmica de modo absolutamente fechado, mesmo que certo “perspectivismo” pós-estruturalista possa ser percebido, talvez, tanto no conteúdo quanto na forma de conduzir este texto.

Como estou abrindo mais um discurso, em que vou enveredando pelo encontro de surdos e ouvintes, devo trazer algumas informações sobre os surdos, já que alguns aspectos

sobre eles me eram desconhecidos. E à medida que conhecia um pouco mais, fui podendo compreender melhor como se constroem e se manifestam socialmente.

Não vou fazer uma trajetória histórica ou uma arqueologia dos surdos, mas apenas resumir, a partir de Moura (2000), a forma como os surdos têm sido concebidos ao longo do tempo. Na Antiguidade Grega e Romana, os surdos eram considerados seres humanos incompetentes, por não desenvolverem a linguagem, já que não falavam, não podendo, por consequência, desenvolver o pensamento. Já na Idade Média, através da concepção da Igreja Católica, foram considerados indivíduos sem almas imortais. Na Idade Moderna surge uma primeira discussão entre a aprendizagem pela oralidade e uma primeira alusão à língua de sinais. E na contemporaneidade o bilinguismo passa a ser a forma mais corrente de associação aos surdos, chegando a expressar o que viria a ser denominado por alguns estudiosos, sobremaneira na área de Educação, de uma “Cultura Surda”. Esta expressão merecerá observação e algum questionamento no corpo deste trabalho.

Os surdos estiveram, nas relações com os ouvintes, marcados por estigmas e discriminações fortemente pesadas, assim como quaisquer outros indivíduos que, surdos ou não, demonstrassem alguma marca física visível e que significasse um defeito, algo inexplicável e, até mesmo, amedrontador, posto que, monstruoso era anormal (FOUCAULT, 2002). Isso também aconteceu com os que ousaram pensar e exprimir-se contrariamente ao que era concebido como a forma correta, determinada pelas instituições sociais, porque seriam detentoras do conhecimento indiscutível, como no caso da igreja. Mas o conhecimento filosófico e científico também não está de fora dessa lógica determinista. O movimento do pensamento, com suas inovações e transformações, em termos de rupturas e apresentação de novas proposituras não são, de imediato, aceitas, gerando não apenas contraposições salutares de debates sobre as formas de saberes, mas, por vezes, contendidas e querelas que se arrastam perniciosas e que em nada contribuem para conquistas e avanços daquilo mesmo que está em discussão. O medo do novo, do desconhecido e das inovações na humanidade existe desde épocas bastante remotas. Lembro aqui do filme “A Guerra do Fogo”, de Jean-Jacques Annaud (1981), uma obra que demonstra o enfrentamento de grupos diferentes, vivendo em um mesmo período histórico, com aquisições e descobertas bastante desiguais ou apartadas. E os encontros e a assimilação dos diferentes não se dava de modo tranquilo, sem disputas e conflitos de poder.

O que acabei de colocar tem estado presente até hoje no universo acadêmico-intelectual, o que expõe a nossa condição de eternos aprendizes. Ora, alguns pensadores acadêmicos parecem muito resistentes em aceitar, que sendo diferentes em si mesmos, nas várias possibilidades de manifestação, podem conseguir muitas coisas mais rapidamente se pararem para refletir, com respeito e humildade, e menos vaidade, sobre esse fato em relação as nossas próprias diferenças, multiplicidades. Uma citação de natureza poética para suavizar a lembrança, talvez, do que cientificamente, mesmo sabido, ainda é tão conturbado por causa de alguns detentores de verdades, legitimadores de modelos tão duros de rompimento, tão intransigentes e inquisidores:

Uma parte de mim é todo mundo. Outra parte ninguém, fundo sem fundo. / Uma parte de mim é multidão. Outra parte estranheza e solidão. / Uma parte de mim pesa, pondera. Outra parte delira. / Uma parte de mim almoça e janta. Outra parte se espanta. / Uma parte de mim é permanente. Outra parte se sabe de repente. / Uma parte de mim é só vertigem. Outra parte linguagem. / Traduzir uma parte na outra parte - que é uma questão de vida ou morte – será arte? (GULLAR, 1989, p. 96)

Não seremos assim ou assados, todo nós, surdos e ouvintes e muito mais, nas nossas identidades e diferenças várias, multifacetadas: multiplicáveis, divisíveis, subtraíveis, adicionáveis?

Indagações como essas, elaboradas segundo determinados pontos de vista, como é o caso da linguagem que, em se tratando de indivíduos surdos, pressupõe a consideração do domínio de línguas diferentes ou do domínio de língua nenhuma, caso não tenham adquirido nem a capacidade de falar de forma oral, nem de uma língua de sinais formalizada, mas apenas de gestos criados aleatoriamente e consensualmente, pelos envolvidos nessa forma de comunicação. Neste sentido a expressão “o corpo fala” (WEIL; TOMPAKOW, 2008) parece fazer bastante sentido.

A Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – oficializada pela Lei Federal número 10.463, em 24/04/2002, é tanto uma informação já bastante conhecida, como praticada pelos surdos, no processo de escolarização e nas comunidades surdas, divulgada de forma crescente.

Ramos (sem data), em seu artigo “LIBRAS: a língua de sinais dos surdos brasileiros”, informa que uma perspectiva evolutiva na qual, em seis etapas, constrói uma linha “desde a comunicação animal até a linguagem humana considerada altamente desenvolvida e complexa”, (...) “trouxe, e traz ainda, uma boa dose de rejeição às Línguas

de Sinais das comunidades surdas, associando-as à gestualidade primitiva¹ e portanto à inferioridade”. (p. 01)

Quanto às raízes históricas das línguas de sinais, Ramos (sem data) lembra que por serem “faladas” sem registro escrito, ocorre muita dificuldade de se localizarem as origens das mesmas. Porém, para Sacks (1990), as línguas de sinais existiram desde que existe a língua oral humana, e continuarão a existir desde que existam surdos reunidos por mais de duas gerações em comunidades. É nesse sentido que, “por se tratarem também de comunidades pequenas e não reunidas geograficamente, o que se conhece até hoje sobre os surdos e suas Línguas de Sinais ainda é pouco”. (RAMOS, sem data, p. 02)

Recentemente, autores passaram a considerar a existência de uma língua apenas a partir do momento que exista uma cultura e identidade a ela ligada, não demarcando, então, os modos de transmissão utilizados, nem a extensão do vocabulário ou o tipo de som emitido pelos “falantes” (RAMOS, sem data). Nesse contexto, aqueles que defendem a língua de sinais para os surdos garantem que é na posse desta língua que o sujeito surdo construirá a identidade surda, exatamente pelo fato dele não ser sujeito ouvinte. Assim, a maioria dos discursos que parte dessa lógica tem como base a ideia de que a identidade surda está estreitamente relacionada a uma questão de uso da língua de sinais.

No entanto, qualquer língua tem limites e sobre este aspecto ainda tecerei comentários neste trabalho, mas já introduzindo essa questão e associando a outra, a de que uma língua de sinais traduziria um aspecto definidor de uma “cultura e identidade surdas”, de forma unificadora e no singular, quero lembrar, para depois problematizar, a afirmação de Mrech (2002, p. 08): “a língua de sinais pode ser um instrumento para o sujeito se constituir sujeito. Mas ela não traz em seu bojo este processo em si”. Além disso, Senna, a partir de Orlandi, ponderando sobre a língua, tendo como ponto de referência a questão da análise de discurso, coloca que:

Para a Análise de Discurso a formação discursiva, na materialidade linguística, não dá conta da produção de sentidos e o código, na sua forma simbólica torna-se incompleto, rodeado de diversas formações discursivas, insatisfatórias ao sujeito que nelas se instala provisoriamente. A língua, com seu poder relativamente autônomo, apresenta na sua materialidade o universo de formações discursivas determinantes dos múltiplos sentidos. Mas o indivíduo permanece com a sensação de incompletude. Por mais que se esforce, não há conteúdo simbólico que expresse todas as suas emoções. Oferece poderes à linguagem para definir, para externar e formalizar. (SENNA, 2000, p. 05)

¹ Assim, desse modo, o homem, em seu estado “primitivo”, estaria associado aos gritos e aos gestos, ou seja, à dêixis.

Destarte, a demonstração de que as diferenças pontuadas ou plasmadas pelas identidades plurais, para falar dos indivíduos surdos nos seus encontros e relações consigo mesmos e com os ouvintes, nas suas construções como sujeitos, se dá justamente por considerar em mim mesmo essa pluralidade, numa perspectiva de análise dos discursos dos meus interlocutores igualmente plurais. Matizes diversos me foram apresentados, assim como nas minhas próprias tonalidades.

Da mesma forma que me declarar mais fortemente seduzido por alguma perspectiva teórica não me aprisiona, até porque considero que no caso, por exemplo, do pós-estruturalismo, é uma espécie de tecido multicor, com tons sobrepostos uns aos outros, mas sem que um se destaque tão definitivamente, porque se assim fosse teria me estabelecido um rótulo. E não gosto de etiquetas, nem de estampas, que não permitam a recriação interpretativa. Esta analogia serve para dizer que minha proposta foi a de provocar e multiplicar mais perguntas do que respostas absolutas e finais, mesmo porque nossas indagações, no caso dos procedimentos de caráter científico, geralmente já apontam nossas parcialidades, portanto algumas respostas parciais, na forma de tecermos questionamentos (algumas respostas até aparecem, digamos, assim, travestidas de perguntas, sejam acidentais ou deliberadamente provocativas). Assim, como os indivíduos surdos que não são mudos pela ausência da audição, como se eles tivessem que se resignar diante dos indivíduos ouvintes ou aceitar como respostas, para essa ausência, a sentença de limitados, como eles já foram, e ainda continuam sendo, etiquetados nos posicionamentos etnocêntricos daqueles que, supostamente, não se colocam indagações sobre si mesmos, sobre suas potencialidades e singularidades plurais, seus cruzamentos paradoxais e simultâneos e não somente isto ou aquilo.

Ainda sobre o pós-estruturalismo, apresento colocações que considero bastante didáticas e ilustrativas, de como me posicionei acima:

(...) o pós-estruturalismo não pode ser simplesmente reduzido a um conjunto de pressupostos compartilhados a um método, a uma teoria ou até mesmo a uma escola. É melhor referir-se a ele como um movimento de pensamento – uma complexa rede de pensamento – que corporifica diferentes formas de prática crítica. O pós-estruturalismo é, decididamente, interdisciplinar, apresenta-se por meio de muitas e diferentes correntes. (...) questiona o cientificismo das ciências humanas, adota uma posição antifundacionista em termos epistemológicos e enfatiza um certo perspectivismo em questões de interpretação. (PETERS, 2000, p. 29-39)

As principais características do pós-estruturalismo foram: a atomização dos objetos e dos pontos de vista, em oposição ao projeto totalizador do estruturalismo;

rejeição da razão como universal ou fundacional; o descentramento do sujeito; o interesse pelas diferenças, exclusões e margens; o interesse pela história e pela cultura como constructos discursivos; a dissolução das fronteiras entre as disciplinas. Nos estudos literários desenvolveu-se a teoria do texto ou da escritura; discutiu-se a questão da subjetividade autoral; introduziram-se os conceitos de significância e intertextualidade. Algumas palavras-chave foram entronizadas e depois sacralizadas: diferença, desejo, outro, margem, deriva. O que o pós-estruturalismo mantinha do estruturalismo era a atenção à linguagem, agora encarnada no discurso, a desconfiança nas “asserções da verdade”, a concepção da “significação” como um jogo de relações de diferenças. (MOISÉS-PERRONE, 2004, p. 218)

Nesse sentido, a escolha do meu objeto de estudo e a forma de fazer a exposição e discussão dele corrobora não somente a minha forma de condução acadêmica, mas atesta aspectos do próprio jeito de me conduzir pessoalmente, posto que minhas escolhas não ocorrem de modo estanque, ou seja, num momento sou o indivíduo da academia e posteriormente me dispo dessa característica, para assumir outro papel absolutamente diferente. Tudo se cruza, se dilui fortemente, numa mistura. A argumentação a seguir é mais uma ilustração que considero oportuna, por apresentar uma interconexão entre identidade e subjetividade como linhas que se cruzam:

Quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos. Os sujeitos são, assim, sujeitados ao discurso e devem, eles próprios, assumi-lo como indivíduos que, dessa forma, se posicionam a si próprios. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades. (WOODWARD, 2005, p. 55)

Continuando a exposição desta tese, vou agora revelar como se deu a aproximação com o seu objeto, sua evolução, desdobramento e construção. Para isto devo me remeter à minha experiência como professor universitário, que além do ensino e da prática da pesquisa, dentre outras atividades, coordenei grupos de estudo. E foi, exatamente, através do convite de um grupo de alunos do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, que tudo foi se delineando. Tal grupo, que estava realizando estágios em cidades do interior paraibano, procurou-me com a preocupação de discutir a questão da diferença, da experiência da alteridade. Essa procura por mim se deu por conta do conteúdo de Antropologia que explorava nas disciplinas ministradas. O grupo em questão era composto por oito pessoas. Destas nem todas eram tão participativas e presentes nos encontros marcados. De todo modo à discussão sobre os vários outros com os quais vamos encontrando e, principalmente, a preocupação de formulações, interpretações e inferências teóricas sobre os mesmos, foi tomando vulto. Em dado momento, um dos componentes do

grupo me convidou para visitar um espaço onde já tinha – pelo seu interesse com o grupo que ali trabalhava e até morava, ou seja: o grupo formado por catadores de materiais recicláveis – realizado um ensaio fotográfico. Fomos até o “Lixão” da cidade de Campina Grande. Dessa visita resultou um videodocumentário em parceria, intitulado “Deus nos fez irmãos”, produzido no final do primeiro semestre do ano de 2005. Meu interesse em discutir subjetividade, identidade e diferença, ganhava vulto, mas se multiplicava.

Quando pensava num universo de pesquisa para o meu projeto de doutoramento, os outros que tinha em mente eram indivíduos cegos, por ter tido alguns alunos cegos e ter me chamado a atenção as suas formas de comportamento numa sala de pessoas que “tinham visão”. Mas a minha recente experiência com a linguagem audiovisual chamou a atenção de uma colega que iniciava a orientação de uma pesquisa sobre gênero e sexualidade numa comunidade surda. Além de já ter coordenado com ela um grupo de estudo sobre a temática “relações de gênero”, as entrevistas com os surdos deveriam ser filmadas, porque eles falavam em língua de sinais. Este convite foi decisivo para que o meu interesse pelas comunidades surdas superasse o desejo inicial de trabalhar com indivíduos cegos. Assim, as questões relacionadas a essa pesquisa e minha presença numa comunidade surda fizeram desabrochar novas indagações. Minhas leituras sobre surdos e surdez ampliaram ainda mais a minha curiosidade. Surgia assim a elaboração do projeto para seleção de doutorado, intitulado “Os gestos que me dizes! A construção das identidades dos indivíduos surdos, pelos seus discursos”.

A tese que agora apresento, tem basicamente a mesma lógica inicial, mas, claro, com alguns adicionamentos e subtrações, resultantes de nuances que foram surgindo ao longo das disciplinas cursadas e leituras que me apontaram alguns outros pontos, propiciando um horizonte vislumbrado com algumas estratégias teóricas e metodológicas a mais, no afã de melhor cortejar este estudo e de me conduzir com mais possibilidades de provocar e multiplicar curiosidades, tanto minhas quanto dos interessados pela temática da identidade e da diferença, associada e aplicada aos indivíduos surdos na relação consigo mesmos e com os ouvintes.

O objetivo geral deste trabalho é o de analisar e colocar em questão os discursos dos indivíduos surdos, no sentido de compreender as manifestações de suas diferenças matizadas pelas suas construções identitárias, pelos seus processos de subjetivação, pelas suas práticas de sociabilidade, e pelo modo como se conduzem socialmente, politicamente. Estes aspectos estão conectados e implicam a relação com o mundo à sua volta, ou seja, o

encontro com os outros indivíduos que vivem experiências semelhantes ou não, sejam estes outros surdos, ouvintes, cegos... Por que quem são os outros diferentes, apenas os ouvintes, ou eles mesmos nas suas multiplicidades? Através daí depreendem-se objetivos específicos tais como: identificar essas múltiplas faces de si mesmos; examinar como se dá o equacionamento dos aspectos identitários e da significação da diferença e de uma igualdade, simultâneas; analisar o conteúdo dos aspectos mais ressaltados no cotidiano, em termos de sociabilidade, além da apresentação da noção de cidadania e politização, diante das reivindicações que possam ter pelos estigmas sofridos, ali mesmo nos espaços mais próximos de convivência comunitária com outros surdos e nos espaços do trabalho e da escola, por exemplo, em que se relacionam com muito mais indivíduos ouvintes; detectar o significado do domínio de uma ou mais língua, a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, quando houver tal domínio, associado ao fato de que possam, inclusive, ter passado por um treinamento fonoaudiológico, que tenha propiciado a oralização, o uso de aparelhos auditivos ou, pelo contrário, a negação de qualquer característica que os aproxime da realidade dos ouvintes e, ainda, analisar como esses indivíduos surdos têm se apropriado e manipulado os discursos acadêmicos divulgados, de forma prática, pelas instituições que tratam de deficientes.

Os objetivos acima expostos estão distribuídos nos cinco capítulos desta tese. Uma ordenação da forma, como apresento a seguir, não significa que os mesmos não se cruzem já desde o primeiro capítulo, posto que os discursos não são confinados à forma que quis dar ao meu estudo para uma melhor exploração dos mesmos. Vejamos, portanto, a distribuição em que vou analisando os capítulos com atos e cenas, para mim provocativos, do que pretendi investigar.

No primeiro capítulo, os termos identidade e diferença são analisados a partir da discussão da quebra dos binarismos, observando as contradições via cruzamentos e intersecções fronteiriças, como elementos de multiplicação de perguntas e ilustração de exemplos. Surdos e ouvintes não são dicotomizados e colocados em planos absolutamente opostos, pelo contrário, procurei iniciar uma discussão que pudesse se observar no desenvolvimento do trabalho como um todo. A discussão feita é tanto com referências de aportes teóricos que considere oportunos, quanto com a ilustração prática de um interlocutor. No próprio capítulo esta explicação é retomada com mais elementos, a cada passo que ali vai se delineando.

O segundo capítulo, com a análise dos discursos dos meus interlocutores surdos, vai dando corpo ao que foi iniciado no que lhe precede, no sentido de observar como vão se construindo como indivíduos surdos. A observação da multiplicidade, de que eles são vários, já se faz presente de forma significativa, tanto que passei a adotar uma distribuição em atos, para que as cenas, como num texto teatral, pudessem ser melhor aproveitadas de acordo com as categorias elencadas. Os surdos que nasceram surdos têm um tipo de discurso sobre si mesmos, ao ponto de que alguns têm ênfases tão fortes, porque já indicam discursos feitos sobre eles mesmos e internalizados, que merece um momento específico de análise, um intervalo entre atos, como denominei em dado momento. No caso dos surdos que já estiveram na condição de ouvintes, restava ver o que de novo, ou perturbador, ou já internalizado com tranquilidade, em termos de análise, apresentavam. E a conclusão é de que ser e estar surdo significa devir, em múltiplas direções, foi para mim um elemento significativo. Os aspectos nos quais seus discursos estavam implicados foram significativos para que minha análise permitisse contracenar com autores de áreas e tradições teóricas diversas do conhecimento, porém, considerando a minha caminhada na fronteira, tanto quanto a deles, os meus interlocutores.

O terceiro capítulo é trabalhado no sentido de compreender seus processos de subjetivação, de autoafetação, tendo o corpo como lugar primeiro de pertencimentos e de inserções sociais, mesmo que estes estejam marcados pelas fronteiras do poder que se impõe cultural, social e politicamente. Mas, como esse poder não é de uma via só, suas próprias reinterpretações, resignificações, são as ferramentas de que fazem uso ao se constituírem como sujeitos de suas realizações pessoais, como os desejos e prazeres que realizam, com e sem a interferência do que se lhes impõem. São influenciados e influenciam, no jogo da dinâmica dos padrões socioculturais, não são estáticos, justamente porque têm atores sociais com distintos papéis nessas cenas sociais em que todos contracenamos, sem que uns sejam coadjuvantes. Considero que todos somos protagonistas, seja qual for o lugar que ocupemos. Uns se conectam aos outros nas mais previsíveis ou nas mais aparentemente incomuns investidas de um todo social. E no caso dos surdos, eles fazem questão de lembrar que suas formas de comunicação e expressão corporal os diferenciam. Não estaria aí um conteúdo político do poder que expressam, da forma como o expressam?

O quarto capítulo tem como objetivo analisar, através dos primeiros encontros, como foi se dando o processo de sociabilidade, para que eles fossem se construindo

gradativamente. Como optei por um texto com um formato teatral, de certo modo, é como se aqui uma quebra, como num *flashback*, em que suas lembranças pudessem exprimir problematizações que os espaços de identificação pudessem trazer como confusão entre o familiar e o estranho, uma fronteira a ser trilhada com idas e vindas, prazeres e, para mim, questionamentos sobre que tipo de discursos passavam a ser ampliados. Se com os encontros nos espaços comuns a uma identificação passava a surgir certo conforto, o que ele passava a significar? A afirmação de uma “cultura e identidade surdas” já se fazem visíveis, ou seja, já começo aqui a problematizar um antes e depois. Um antes, quando não tinham conhecimento do espaço de iguais, e um depois, quando já assimilam um discurso sobre a surdez produzido socialmente. Passo, a partir daqui, a introduzir uma análise dessa questão que vai aparecendo, neste sentido, até o último capítulo, observando tensões, conflitos e contradições, ainda mais enriquecedoras para colocar de frente com o fato da multiplicidade e da fronteira instauradas e da forma como são compreendidas, teoricamente, e como eu próprio as compreendo. Os momentos e práticas de sociabilidade são enfatizados, no sentido de ilustrar, com o maior número de exemplos, como se apropriam de meios que são comuns a todos os indivíduos, independente da presença de tal ou qual órgão dos sentidos.

No quinto e último capítulo a afirmação de si mesmos, pela demonstração das noções de cidadania e politização, levam-me, mais uma vez, a analisar contradições e conflitos sobre o que eles mesmos, nos seus aprendizados cotidianos, emitem em confronto com as realizações da própria comunidade surda na qual com eles convivi. Ou seja, aqui algumas críticas deles mesmos são feitas, inclusive, quando demonstram, na sua maioria, não conhecer órgãos nacionais e internacionais representativos dos surdos, mesmo que tenham algum tipo de vínculo e associação com as mesmas. Admito que neste momento me sinto um tanto desconfortável, porque não há como me deparar com uma crítica (não uma censura) ao que observei nas práticas da Associação de Surdos de João Pessoa (ASJP). Mas esta serve para observar, exatamente, aquilo que alguns estudiosos sobre surdos e surdez parecem esquecer: nem todos os surdos são militantes ou conscientes politicamente em termos formais. Eles podem desenvolver essa consciência, dependendo do trabalho que é realizado pelas comunidades, pelas informações que são repassadas e discutidas. E, neste quesito, o que encontrei foram muito mais discursos desejosos de que coisas fossem realizadas ou alguns, infelizmente, nem isso, porque ficavam lacônicos ou nada diziam porque não podiam se posicionar sobre o que não conheciam. O que ainda se

demonstra significativo neste capítulo é o fato de que os surdos são confrontados com os discursos sociais teóricos ou não feitos sobre eles, no sentido de observar como os mesmos fazem a manipulação de tais discursos, se existe cultura ou identidade surdas, se eles usam tais ou quais direitos conquistados e que significado dão a isso. Aqui as suas experiências cotidianas são mais uma vez retomadas para ilustrar que, nas suas multiplicidades, eles não podem ser enquadrados nessa ou naquela situação ideal ou que lhes seria mais conveniente porque, particularmente, no caso dos meus interlocutores e na comunidade por mim observada, seria querer forjar algo sobre a realidade dos surdos, porque comunidades estão sendo multiplicadas com a prática da Língua Brasileira de Sinais, além de uma política de inclusão por instituições sociais, não necessariamente eficazes, ao ponto de que muitos deles fazem uso de determinados direitos sem que dele tenham um posicionamento crítico. Meus questionamentos são, portanto, condizentes não apenas com o que observei e analisei dos seus discursos, mas também contrapondo ideias sociais difundidas, respaldadas, mesmo inconscientemente, ou seja, apenas internalizadas no mais das vezes e com o meu próprio posicionamento crítico de tais ideias.

A pesquisa de campo que resultou neste trabalho teve 09 (nove) meses de duração. Tempo este em que realizei observação participante e 30 entrevistas. E sobre o processo investigativo, tanto prático, quanto algumas reflexões teóricas sobre o procedimento metodológico virão a seguir, especificamente sobre a análise de discurso, a observação participante e a entrevista.

No caso da análise de discurso, esta passou a ser alvo de discussão, interesse e uma prática ainda mais acentuada, quando uma “virada ou giro linguísticos” (as expressões virada e giro são encontradas na literatura por autores de nacionalidades diversas) traduzem o significado de uma mudança no universo da Filosofia, das Ciências Humanas e Sociais e nas Artes em relação à linguagem e os objetos de estudos criados a partir dos fenômenos de interesse dessas formas de conhecimento (GILL, 2004; GRACIA, 2004). Tais mudanças giravam em torno de aspectos como, por exemplo, uma crítica ao “modelo duro” do positivismo, além das ideias estruturalistas, pós-estruturalistas e pós-modernistas aos modelos epistemológicos tradicionais.

A análise de discurso tem uma variedade significativa em relação às tradições teóricas de que são consequência e referência. Deter-me-ei sobre aquela em que minhas reflexões teóricas incidem um pouco mais, seja no conteúdo ou na forma, como já anunciado anteriormente, o pós-estruturalismo.

Na prática da análise do discurso estão implicados três itens essenciais ao processo de pesquisa: os dados, a análise e os resultados. Estes devem ser seguidos com afinho para que se possa detectar que: “o que é específico acerca de uma prática discursiva particular depende da prática social da qual é uma faceta”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 276). Um exemplo da tarefa do analista de discurso, seguindo os itens com seus vários e respectivos aspectos, para enfatizar a citação feita, está no seguinte alerta:

À semelhança dos etnógrafos os analistas de discurso têm de mergulhar no material estudado. Uma boa maneira de começar é simplesmente ler e reler as transcrições até que nos familiarizemos com elas. Este processo é uma preliminar necessária para a decodificação. As categorias usadas para a codificação serão, obviamente, determinadas pelas questões de interesse. (GILL, 2004, p. 253)

E, no meu caso particular (as construções discursivas dos indivíduos surdos), remeto à forma como Foucault discute a produção dos discursos:

A noção de discurso nos escritos de Foucault encontra-se especialmente em *As Palavras e as Coisas*, *Arqueologia do Saber*, *A Ordem do Discurso* e *Vontade de Saber* (*História da Sexualidade*, vol. I). Os conceitos são discurso, enunciado, saber e poder. (ARAÚJO, 2004, p. 218)

Diante disso, se as reinvenções de nós mesmos implicam conflitos internos, é porque as relações de poder, reproduzidas em nós mesmos, são produto e referências das relações de poder e saber localizadas em dados momentos por discursos ampliados. Não quero, no entanto, referendar a construção do discurso como se ele implicasse uma divisão binária em dominantes/admitidos frente aos dominados/excluídos. Os discursos, então, produzidos, não entram numa questão radical de oposição definitiva ou submissão ao poder. As formações discursivas nos colocam na situação simultânea de receptores e emissores de poder ou de sujeitos e objetos, já que demonstram efeitos de poder, mas também confronto e resistência. Ou seja, tudo isso ao mesmo tempo, num mesmo texto.

Os discursos dos indivíduos surdos foram considerados como uma prática, entre outras, em que a surdez se relaciona com outras modalidades de práticas discursivas. Foucault (1996), na sua obra “*A Ordem do Discurso*”, enfatiza que os sujeitos produzem seus discursos a partir de outros discursos, em que são retomados sentidos preexistentes em formações discursivas determinadas. O sujeito é percebido, portanto, nas suas descontinuidades, perante textos espacializados pela multiplicidade e visibilidade de um constante processo de construção e desconstrução.

O que observei foram surdos falando de um lugar, por eles ocupado, e a produção e o significado do discurso estão, assim, implicados pela forma que se expressam, mas mudam de sentido, dependendo de quem os emprega, segundo suas experiências pessoais. Concordo, por isso, que “na análise de discurso o texto problematiza, procurando explicitar os processos de significação que nele estão configurados, os mecanismos de produção de sentido que estão funcionando”. (ORLANDI, 1996, p. 117)

Pude, desse modo, analisar, atentando para a perspectiva de relação social de poder construída no discurso sobre a surdez, observando, de forma aguda, a articulação entre linguagem e sociedade. Aqui estou considerando que para a análise de discurso os textos, sejam eles quais forem e que formas assumem, implicam na materialidade do discurso, assim como a concepção de linguagem é a de ação.

No caso de uma língua de sinais os gestos e silêncios mais exacerbados têm significados que precisaram ser decifrados no que tinham, quando aconteciam, se apresentavam algo peculiar ou não, para não cair em equívocos, porque bem podiam não querer dizer nada de significativo também. Estive lidando com mais uma proposta de espaço de construção de olhares diversos sobre o real, como advertem Rocha e Deusará (2005), considerando a concepção de ciência na análise de discurso.

Farei agora alguma consideração sobre observação participante. Lembro aqui que “é a própria relação subjetiva que vai marcar indelevelmente cada trabalho de campo, experiência marcada pela biografia individual de cada pesquisador”. (GROSSI, 1992, p. 08)

O raciocínio acima serve no que concerne à explicitação da minha postura interpretativa de observador em vias de realizar entrevistas e mesmo quando já as estava realizando. A observação participante ora é denominada de método ora de técnica ou instrumentos, por diferentes autores, o que já demonstra falta de unanimidade. Mas o que importa é sua utilização e validação científica, mesmo com classificações diferenciadas. No caso, a observação participante já é um tipo diferenciador de observação. E ainda são prescritos objetivos e ações a serem seguidos por estudiosos das questões metodológicas da pesquisa de campo; assim como uma série de requisitos são apontados por Jorgensen (1989) sobre como ficar atento aos aspectos mesmos do que está sendo observado e de como proceder diante da realidade dinâmica e que implica flexibilidade e até o uso concomitante com outros métodos, se for o caso.

Spradley (1980) coloca a observação participante em três momentos, ou seja, uma observação descritiva, uma observação centrada e, por fim, uma observação seletiva. Momentos esses que apontam o grau de amadurecimento do início ao fim da pesquisa, com todos os percalços e entraves que possam surgir e como proceder tecnicamente de modo eficaz. Todos esses alertas têm e fazem sentido, já que se tratam, inclusive, de experiências próprias e que servem de exemplo a qualquer pesquisador. Por exemplo, a *equação grupo-informante-pesquisador* explorada por Becker (1997) (grifos meus), traz uma questão experimentada por muitos de nós, quando estamos em campo, qual seja, a de que o comportamento dos nossos interlocutores é diferenciado quando eles estão sozinhos ou quando se encontram em grupo. E sobre este aspecto quero lembrar como faz sentido à multiplicidade de nós mesmos em situações diversas com indivíduos igualmente múltiplos.

Experimentar, no campo da pesquisa, a sensação de prazer, mas também de surpresas, talvez, bastante inusitadas, além de dificuldades por enfrentar – tal como Minayo (1996) intitulou uma obra sobre sua experiência em campo (O desafio do conhecimento. Pesquisa Qualitativa em Saúde), na qual também dedica atenção à questão da observação participante e, lembrando e aludindo (assim como muitos dos autores que se dedicaram à exploração do trabalho de campo), o pioneiro Malinowski, ou quem sabe um aventureiro, como todos nós no contato com nossos interlocutores, sejam eles mais próximos ou distantes –, é bastante desafiador. E nem estou me referindo apenas ao aspecto geográfico, mas muito mais à questão da transformação do exótico em familiar e do familiar em exótico, em que DaMatta (1978) aponta sobre as indagações que fazemos do “outro”. E, logicamente, o que não nos é habitual vai implicar desafios que só aprendemos a enfrentá-los, e mesmo a conviver, na prática, “treinando”, para utilizar uma expressão de Foote-Whyte (1980), quando descreveu uma das suas observações participantes, que sem treino não há como vir a observar e perceber o que se pretende.

As entrevistas foram ocorrendo paralelas à observação participante. Entrevistas com perguntas abertas, segundo um roteiro temático, mas que ia sofrendo alterações de acordo com o inusitado, com as provocações mútuas entre mim e os interlocutores com as suas peculiaridades e momentos de nós mesmos. Dada à natureza visu-espacial da comunicação dos surdos, as entrevistas com os surdos, inclusive os surdos oralizados, foram filmadas, já que, por vezes, eles misturavam as duas formas de comunicação, o que era significativo para reflexões posteriores. Mas, como todos nós pesquisadores sabemos, os entrevistados também fazem perguntas e estas podem nos fazer até mesmo abrir mão do

roteiro, completamente, dependendo das questões que venham a surgir, mas com o cuidado de não perder de vista os objetivos da coleta de dados. As perguntas deles podem constituir respostas importantes ao que nem tínhamos imaginado no roteiro. E não foi diferente comigo, nesta experiência.

As entrevistas foram aplicadas individualmente. Gaskell (2004), ao referir-se à entrevista individual, destaca o aspecto profundidade. Com muita acuidade, ele apresenta aspectos técnicos com exemplos de perguntas. A postura de interesse pelo entrevistado, pelo o que ele está dizendo, por exemplo, é uma forma de percepção do outro para quem também constituímos um outro. Penso que esse tipo de postura é patente e decisiva para que o resultado da interlocução seja produtivo.

No caso das entrevistas com surdos foram tão tranquilas ou problemáticas quanto seriam com qualquer outro grupo de interlocutores. O que estou querendo dizer com isso? Eles são diferentes porque são surdos, quanto poderiam ser diferentes se fossem ouvintes e tão acessíveis ou resistentes, caso uma relação de empatia não tivesse se estabelecido. Algum desconforto inicial, não só com o instrumental técnico, mas também com algumas perguntas que causavam certo embaraço? Com certeza. Mas nada que tenha inviabilizado os meus objetivos. A convivência entre eles, a assimilação da minha presença, não apenas para as entrevistas, mas para qualquer evento festivo da associação, foi tornando a minha estadia em campo um crescente de familiarização, ao ponto de que as entrevistas, para alguns, passavam a constituir até uma curiosidade, o que, claro, fazia da mesma algo ainda mais instigante.

Na utilização dos trechos citados e analisados dos meus interlocutores de campo, adotei o artifício metodológico da troca dos seus nomes reais por pseudônimos. O intuito foi o de minimizar a possibilidade de identificação dos mesmos. Por outro lado, coloquei o máximo de informações necessárias a uma associação que deixasse visível os lugares e situações sociais de onde produzem os seus discursos.

CAPÍTULO I

CAPÍTULO I

OS SURDOS E OS OUVINTES

Mas o Tudo é igual e o Tudo retorna só podem ser ditos onde a extrema diferença é atingida. Uma mesma voz para todo o múltiplo de mil vias, um mesmo Oceano para todas as gotas, um só clamor do Ser para todos os entes. Mas à condição de ser atingido, para cada ente, para cada gota e em cada via, o estado de excesso, isto é, a diferença que desloca e os disfarça, e os faz retornar, girando sobre sua ponta móvel. (DELEUZE, 2006, p. 417)

Um dia vamos percebendo o mundo à nossa volta. Cores, aromas, gostos, sons, espessuras. Todos? Não. Alguns de nós não vamos perceber tudo isso. Podemos deixar de perceber algumas dessas coisas, porque nos falta um dos órgãos dos sentidos. Mas tratemos aqui da audição. Uns têm, outros não. Uns podem ter nascido com ela, mas por motivos diversos, como problemas de natureza genética, ou por doenças que acometeram a mãe, ainda grávida, pode-se não tê-la. Outros ainda podem vir a perdê-la, também por motivos distintos e variados, associados a doenças, acidentes etc. Mas a percepção do que não se tem, no caso a audição, não é percebida por quem não sabe dela, afinal de contas aquilo de que não sentimos falta como perceber? Outros percebem por nós e nos comunicam. O entendimento dessa comunicação, com toda certeza, não consiste em algo de fácil compreensão. Mas a comunicação vai se dando entre quem tem e quem não tem audição. E isto acontece na família, no primeiro agrupamento humano do qual fazemos parte. Começam, então, as primeiras relações entre surdos e ouvintes. E quantas questões essa relação não tem gerado reflexões acadêmicas, tal como a que faço aqui, agora?! Quantos discursos não têm sido produzidos sobre essa relação?! Uma pergunta, também, fundamental: a ausência de um dos órgãos dos sentidos define uma pessoa na sua construção identitária e, portanto, na descoberta de que ela é diferente, ou constitui apenas uma forte influência – ou mais apenas uma influência –, como tantas outras, presentes nas histórias das vidas de quaisquer indivíduos, sejam eles surdos ou ouvintes, experimentando presenças e ausências de aspectos inúmeros, enquanto atores sociais na manifestação do que passam a pensar e agir discursiva, simbólica e concretamente nas suas práticas cotidianas? Sobre estas perguntas, que se complementam, quero me deter por algum

tempo, refletindo, questionando, junto com tantos que têm trilhado esse caminho, o de pensar e viver a relação entre surdos e ouvintes.

A relação entre surdos e ouvintes talvez seja mais tranquila do que os discursos que têm sido produzidos sobre essa relação, em que aspectos tais como diversidade, alteridade, diferença, identidade, normalidade e anormalidade, que compõem a tônica das discussões acadêmicas, tanto profícuas, quanto inócuas, no caso daquelas afirmativas que se pretendem verdadeiras em definitivo. Sobre este fato pretendo colocar algumas observações e que tocam exatamente em aspectos, como os que acabei de mencionar. Sendo que o farei de forma diluída numa questão mais abrangente, a questão do binarismo presente em muitos dos raciocínios acadêmicos, mesmo quando dela se tem consciência sobre seus significados vários, inclusive os limites perpassados na mesma.

OS SURDOS E OS OUVINTES E OS BINARISMOS

Podemos ser muitos, mil talvez... Por que não poderíamos sê-los?! Todos nós podemos sê-los, surdos e ouvintes, uns e outros. Nós todos, outros, somos as possibilidades de reinvenção da autoafetação de nós mesmos. A diferença, um fato, sem que sejamos uns e outros referenciados nessa forma de sermos, de podermos nos construir nas nossas multiplicidades. A diferença da identidade de surdos e ouvintes não apenas influenciada, definida, determinada porque ouvimos ou não. A fronteira, a ambiguidade, o híbrido e, talvez, o contraditório, porque somos humanos e não tão somente porque sabemos e temos a audição ou não. Argumento perturbador, provavelmente, para aqueles que tanto pensam em termos de oposições binárias, quanto pensam a diferença de “um” referenciada à diferença do “outro”, quando reconhecer o “outro” e, de fato, a diferença, significa que pensemos a multiplicidade e variação dessa diferença, cada “um” com a sua diferença múltipla e não “um” para com o “outro”. O que não significa um distanciamento, ao ponto de não haver conexões ou entrelaçamentos, para a possibilidade do encontro de dois diferentes. Fazer uma passagem pelo pós-estruturalismo, através de Jacques Derrida, por um instante, penso ser necessário para seguir adiante, retomando-o, depois, um tanto mais diluído.

Nas obras “Gramatologia” e “A Escritura e a Diferença”, como de resto, em quase toda sua obra, Derrida trata da diferença. como ponto de ancoradouro o conceito de signo em Ferdinand de Saussure, na sua análise do equacionamento entre significado e

significante. Este não seria anterior à representação e nem mesmo teria uma anterioridade em relação à linguagem. O que traduziria que não há uma experiência primeira e fundante. A linguagem, desse modo, produz, constrói representações e significações, mas não com a necessidade de uma anterioridade. O significante não representa, tão somente, um significado ausente. Uma necessidade da ausência e, contraditoriamente, porque não sabemos lidar com ela, é que faria emergir uma metafísica da presença. As coisas não estariam ausentes, pelo contrário, nós, na nossa racionalidade, é que não percebemos as suas presenças. Mas tudo está interconectado e não contraposto, dicotomizado em disparidades antagônicas, como nas oposições binárias. A instauração da diferença representa o deslocamento. As coisas, os objetos e acontecimentos nas formas mesmas em que se apresentam, não precisando da procura do conteúdo racionalizado. A crítica a um logocentrismo está presente desde sua análise do texto de Platão (O Fedro), que reproduz diálogos nos quais Sócrates é um dos principais personagens. E é em situações como esta que Derrida (1997) embasa seu pressuposto de que a palavra falada foi privilegiada em relação à escrita.

O pensamento em ação, o movimento, o eterno devir da diferença, a (re)condução entre os inícios, os meios e os fins. Ao despertar para as coisas e proferi-las, quando e por que os vários de nós não estavam em uníssono, posto que, provavelmente, uns podem ter ouvido estrondos, outros silvos suaves, outros apenas a vibração do som, sem que dele soubessem a natureza mesma. Dissonantes! E a harmonia, como configuração do múltiplo, como numa orquestra regida por todos. O desconcerto, os descompassos dos inícios das sinfonias. Mas, e se a melodia fosse justamente aquela, quem haveria de dizer que o compositor tinha errado? O rompimento com a linearidade é, assim, surpreendente e maravilhosa ou desconcertante...

Destarte, não teria razão Derrida (1999) que, na sua “Gramatologia”, conclui a obra interrogando sobre o sentido e valor das construções escritas, as escrituras ou uma autoridade implacável de quem as escreveu? Ou qual seria a sua maior riqueza, senão a multiplicação de mais interrogações ou reticências, talvez...?

O que está posto acima, com certeza, e se eu aprofundasse ainda mais aspectos da perspectiva derridiana, causa inquietude, assim como gera críticas tão incisivas, que alguns chegam a ser deselegantes, o que, ao meu ver, esbarra, em grande medida, numa tremenda ignorância. Um exemplo disso é o trecho de uma matéria publicada no Jornal do Brasil:

O empreendimento de Derrida consistiu em traduzir mentalmente todos os livros para a língua saussuriana e, lendo-os, concluir que ficavam perfeitamente absurdos, coisa que até eu que sou mais trouxa teria lhe avisado antes se ele me perguntasse. Feito isso, porém, ele saiu vendendo a conclusão como se valesse para tudo o que os homens disseram em qualquer língua desde os tempos de Cro-Magnon até o advento de Jacques Derrida. Os pedantes que acreditaram nele acabaram falando numa língua que tem mesmo as propriedades daquela que ele descreve: está cheia de contradições e não significa nada. Quando querem convencer alguém de alguma coisa, já não podem portanto nem mesmo tentar ser lógicos e consequentes. Gritam frases soltas, barbaramente contraditórias, e fazem uma expressão desvairada, com olhos de fogo, mostrando como você é mau e perverso se não fizer o que eles querem. A filosofia de Derrida não é uma filosofia: é uma pegadinha. A vantagem é que aqueles que caem nela aprendem a pegar os outros e a viver disso. Você não tem ideia de quanto eles conseguem obter por esse meio em subsídios do governo, direitos especiais e proteção da polícia para qualquer besteira que inventem. Realizando assim a primazia da vontade de poder sobre o pensamento racional, provam que Jacques Derrida era mesmo o gostoso. Qualquer semelhança com o método nazista é deplorável coincidência, da qual Derrida está tão inocente quanto Heidegger, De Man, Nietzsche e talvez até o *Führer* em pessoa. (CARVALHO, 2006)

Imagino que todo o pós-estruturalismo está aí presente nesta crítica, já que pensadores que influenciam esta corrente teórica, como Heidegger e Nietzsche, são mencionados nos mesmos termos em que Derrida. No entanto, contrariamente a algo dessa natureza, o que tem se observado é que as contribuições deste autor, para perspectivas teóricas outras e com temáticas diversas, tem se avolumado sobremaneira. E sobre este fato quero aqui acatar a importância dos estudos feitos pelo que se tem denominado Teoria *Queer*, em que autoras como Judith Butler e Gloria Anzaldúa, dentre outras e outros, têm contribuído para pensar o feminismo e a questão de gênero a partir da intersecção de novos olhares, cruzando aspectos problematizadores que se somam e cruzam, multiplicando o viés de compreensão da diferença. A questão da fronteira, por exemplo, aparece associada à questão da mestiçagem em Anzaldúa (1987), desconstruindo noções de que uma fronteira seria apenas o lugar do seguro ou inseguro, da demarcação e fixação, para observar o quanto há de mais complexo nessa zona de transição, em que as linhas demarcatórias são muito mais imaginárias, e os fluxos e trocas são intercâmbios, formando hibridismos, podendo reconstituir aspectos em que as diásporas podem ser desmanteladas, reagrupadas, quando dos fluxos migratórios. E para entender que como lugar de conflito, mas também de transgressão criativa, em que a cultura assume formas novas e rompem com modelos imperativos, aparentemente intocáveis e indestrutíveis (BHABHA, 1994), é que oportunizo esse momento de exemplificação de outros estudos, em que a diferença, se multiplica na fronteira. Esses deslocamentos também foram observados por Canclini (2007), ao analisar

os aspetos dos processos migratórios, quando do discurso da globalização: ninguém era mais tão separado e distante, “os vínculos” sociais se estendiam, trazendo novas feições aos grupos e categorias em passagem e trocas por onde transitassem, deixando marcas dos deslocamentos cada vez mais frequentes e, mesmo, inusitados.

Além disso, quero lembrar que a teoria a que me referi no parágrafo anterior, para dar conta de seus novos olhares, também lança mão do cruzamento de perspectivas teóricas intercambiáveis, como o pós-estruturalismo, os estudos culturais, os estudos pós-coloniais e os estudos subalternos. E o mais interessante não é observar apenas pontos de confluências. Pelo contrário, para que se estimulem novas interrogações, como é patente no desenvolvimento do conhecimento humano, os pontos de divergência, não raras vezes, é que contribuem, de modo inexpugnável, para os novos pontos de onde se parte na aventura, no desafio de abrir novas trilhas, deixar marcas e seguir o caminho. As concepções sobre diferença e identidade não são analisadas do mesmo modo no pós-estruturalismo e nos estudos culturais. Mas como são frequentes e convenientes os cruzamentos que podemos fazer entre Stuart Hall e Derrida ou Deleuze, posso fazê-los ou não, declaradamente, como se estivesse, de certo modo, apenas latente no caminho em que me lancei, uma escolha minha, com a qual terei de me fazer compreender, ou perturbar, no bom sentido.

A multiplicação de perguntas ou questões, as reticências ainda mais a partir daqui, em que anuncio minha intenção de refletir sobre a presença e o hábito de se por de frente uns aos outros de modo binário. Senão, vejamos! Um bilinguismo, implicando um biculturalismo, e até associado a um multiculturalismo, traduziria o que alguns estudiosos têm denominado de “cultura surda”? E o que isto implicaria? Resistência, enfrentamento, relações de poder ou o fechar-se por dentro, legitimando uma identidade padrão – a “identidade surda” – uma espécie de auto-segregação em gueto? A alteridade não estaria, por assim dizer, inviabilizada, já que a outridade teria como parâmetro uma mesmidade lhe pesando discriminadora e etnocêntrica, diante do fato de que a referência estaria sendo sempre acionada, para que no anúncio de “um” se demarcasse a diferença do “outro”, sem fronteira ou encruzilhada alguma? Ser e estar isso ou aquilo, como ser e estar surdo ou ouvinte, necessariamente deveriam aparecer em planos definitivamente opostos, como se a língua fosse um demarcador implacável, mais do que caracterizador de experiências e especificidades a serem compreendidas na singularidade de seus domínios ou aquisições? E o devir, o movimento, os deslocamentos ou as descontinuidades e desencaixes, estes dois

últimos nos termos de Giddens (1991)? E as dobras, as dobraduras, as zonas que se costuram, em Deleuze (2000)? Como ficaria tudo isso, imerso no obscurantismo das separações de dois? Penso que eles se implicam, se misturam, mesmo com contrações, com repelências, constrangimentos, consequências presentes ou tardias, mas também com atração, desejo, curiosidade. Sem esta, inclusive, não buscaríamos sair do lugar. Ele era o nosso lugar e nunca iria constituir espaços. Os surdos, portanto, deveriam ficar nos seus lugares, respeitando esses lugares, como naquelas interjeições do cotidiano, do tipo: “fique no seu lugar!” Então, todos teriam o seu lugar. Os surdos, diante dos ouvintes, teriam lugares determinados e aí se pensariam e se mobilizariam apenas ali, porque somente ali teriam como avistar o que é do outro e que “o que é do outro não se deve ter”, como na letra da canção popular “Namoradinho de um amigo meu”, de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, como se ocorresse uma infração, um delito por se desejar ocupar o lugar do outro, na afetividade surgida, porém proibida. Desejo nascedouro censurável que talvez devesse mesmo ser punido. Mas se a tal namoradinha quisesse experimentar essa afetividade, porque também estava “amando loucamente”? Os surdos namoram e casam com ouvintes e certamente algumas barreiras e obstáculos se interpõem, tanto as concretas (um tem audição e o outro não), quanto as simbólicas (um seria mais esperto, mais completo e o outro teria limitações, dificuldades) referentes a esses lugares. Então, inverter, subverter, deslocar são verbos que levam a palavras temidas, perigosas como os pântanos dos quais deveríamos nos desviar. Para tanto, então, seria melhor cada um ficar no seu lugar.

Penso que devemos refletir se a utilização das palavras, termos, por vezes transformados em conceitos, não nos têm aprisionado. Faço este questionamento para lembrar que rompido o descentramento do sujeito humanista, isto refletido na “virada linguística”, retomado no estruturalismo e acentuado num pós-estruturalismo, mas antes, ainda, no rompimento das dualidades da tradição do pensamento ocidental, em que Nietzsche foi o grande protagonista da destruição das lógicas essenciais que levariam às verdades absolutas, passamos às interpretações parciais, numa atitude de cuidado, para não insistirmos numa certa arrogância das afirmações conclusivas. O conhecimento científico, o que teria de rico, não seria a provisoriedade, pois é cumulativo e sujeito ao novo, portanto, “datado”, já que seus produtores são sujeitos históricos? E sobre questões como essas, que estão relacionadas às regras de produção do conhecimento, Durval Muniz de Albuquerque Jr. proferiu uma palestra no ano de 2005, em que a partir de autores diversos, tais como Popper, Bachelard, Simmel e Weber, dentre outros, e da forma como resumo e

reinterpreto aqui, colocava que o que a ciência tem é a capacidade de falseamento das verdades que ela própria cria, estando sujeita, portanto e permanentemente, à sua própria crítica. E se a “verdade” é datada, o que é verdade em um dado período histórico não tem a mesma validade para outro, precisando ser revista. Além disso, as ciências sociais estão imbuídas das construções e narrativas subjetivas e estéticas, sem que se esqueça, ainda, das convenções e escolhas dos sujeitos que as constroem. A verdade não é encontrada e sim fabricada pela pesquisa, suas teorias e seus métodos. Logicamente, precisando ser comunicada socialmente, posto que é construída coletivamente, até mesmo porque as regras de produção do conhecimento estão submetidas, controladas por instâncias de poder, em maior ou menor escala. O que nos leva observar, a todos, que a criatividade e algumas rupturas, principalmente numa área mais do que em outras, não são tão facilmente assimiláveis e aceitas prontamente. A defesa, o convencimento e aceitação, seriam imperativos dessas instâncias de poder.

E, para realçar a inquietação de certa insistência sobre essa questão da verdade para a ciência (falo em insistência, porque se não fosse esse o caso, tanto não se falaria, já que parece ser uma sede humana ocidental, desde há muito, o afã de alcançá-la e quem sabe até não só de dominá-la, mas de enclausurá-la, em definitivo), vejamos o trecho de uma leitura apreciativa sobre Nietzsche em relação à mesma:

A reflexão nietzscheana sobre a ciência, quando confrontada com a problemática da arte em seus primeiros escritos, tem como central uma crítica da verdade. O mesmo acontece com a moral. Em Nietzsche, a crítica nunca é uma teoria do conhecimento que tenha por objetivo denunciar os pseudo-conhecimentos, suas ilusões, seus erros e estabelecer as condições de possibilidade da verdade, o ideal do conhecimento verdadeiro. A novidade e a importância do projeto nietzscheano em todas as fases de sua realização é a crítica, não só dos maus usos do conhecimento, mas do próprio ideal de verdade; é a questão, não da verdade ou falsidade de um conhecimento, mas do valor superior; é a negação da prevalência da verdade sobre a falsidade. (MACHADO, 1985, p. 57)

Nesta perspectiva, Deleuze (1994), ao retomar as assertivas nietzscheanas, nos põe diante, exatamente, dessa provisoriedade, dos múltiplos e possíveis “eternos retornos” das afirmações, da riqueza da pluralidade e de uma satisfação animadora para com a mesma. E a mim, particularmente, é instigante detectar que a diferença e a identidade estão constantemente sendo produzidas socialmente: criadas, recriadas, reinventadas. Mas constatar tal fato é também estar atento aos conflitos, aos enfrentamentos, em que as relações de poder, circulando em cadeia (FOUCAULT, 1988), nos trazem a ideia do poder

em sua positividade, já que pode gerar saber, “a vontade de saber”. Mais umas perguntas: a vontade de saber estaria confinada aqueles que sendo surdos ou ouvintes seriam os seus detentores, sejam quais fossem que constituíssem a maioria? E, se, por alguma mutação genética humana, a maioria não tivesse audição, não teríamos acumulado conhecimentos capazes de nos fazer romper limites, limites estes que são humanos e não apenas de quem tem ou não tem conhecimento de determinado órgão dos sentidos?

Diante do exposto acima, vamos além do que está previsto, além da prescrição, porque assim como diz Foucault em “Vigiar e Punir” (1988), de uma sociedade disciplinar a uma sociedade de controle, os nossos próprios corpos seriam, todo o tempo, vigiados por ações que nos subordinariam a um poder e um saber que não fora, por nós, ainda, alcançado. E se assim fosse, ou seja, se não nos insurgíssemos e rompêssemos com regras absolutizadas, dentre outras tantas manifestações humanas, até mesmo uma suposta diferença seria a todos determinada. E, no caso, ser diferente coincidiria com a legitimação de um discurso prévio em que a vontade de saber e a positividade do poder seriam da ordem do outro absolutamente distante, talvez nem humano, quem sabe da ordem do divino. E aqui nem caberia falar em surdos e ouvintes. Alguma força sobrenatural é que seria punitiva das diferenças não reveladoras ou reapresentadoras da prescrição.

Como pensar e falar de diferença, de multiplicidade, se não houvesse rompimento dos enquadramentos dos modelos, de antemão, estipulados? Mas tem sido essa, geralmente, a premissa da lógica binária, melhor dizendo, ou isso ou aquilo:

As filosofias da diferença questionam os pressupostos que dão origem ao pensamento binário que teria tiranizado o pensamento ocidental até o nosso século, com o qual estamos acostumados a raciocinar, guiados pela lógica identitária que acaba por subordinar o movimento da diferença; trata-se dos pares de termos como: essência/acidente, interior/exterior, sujeito/objeto, masculino/feminino, teoria/prática, natureza/cultura, realidade/aparência, causa/efeito, língua/fala, fala/escritura, significante/significado, homem/mulher, etc. (HEUSER, 2005, p. 85)

Na dicotomia está sempre colocada uma posição hierárquica de superioridade, posto que a primeira é dada ao conhecimento mais próximo, ao que a razão logo detecta. Enquanto isso a segunda é aquela, ainda por ser decifrada, um enigma. Logo a subordinação à primeira é, até mesmo, como se houvesse uma concordância tácita. Algo em termos da divisão platônica do Bem e do Mal. Seria assim que deveríamos interrogar as diferenças e identidades de surdos e ouvintes, como numa construção maniqueísta, em que uns estariam sobrepostos aos outros, de modo que quem fosse aparentemente mais

decifrável, conhecendo algo que o outro não conhece ou a que deixou de ter acesso por contingências inatas ou inesperadas, os fariam, irremediavelmente, inferiores ou superiores nas suas capacidades de desenvolvimento humano? Todos os surdos têm as mesmas capacidades? Todos os ouvintes também?

Ser diferente e múltiplo, sem que a lógica do binarismo possa dar uma ordenação, um método aparentemente seguro de investigação, implica averiguar aspectos muito mais dispersos e, à primeira vista, até denotando falta de objetividade e precisão. Mas é, precisamente, nessa frouxidão, nessa soltura de laços e nós cegos que residem às quebras, os cortes, às rupturas nas quais a descontinuidade e desconstrução é que são muito mais instigantes e, mesmo, produtoras, porque vinculadas a este tipo de procedimento, a possibilidade de problematização resulta numa subversão, a qual recai sobre a produção e sobre as condições sociais para a construção da diferença e de um discurso sobre a mesma. Aqui temos o engendramento mais vigoroso do eterno devir, em que as palavras não coincidem exatamente com as coisas (FOUCAULT, 1981). As palavras proferidas, os discursos enunciados nos textos registrados sob formas diversas, estão relacionadas, além de ampliarem a visibilidade das condições em que os indivíduos estão, também, se reconstruindo continuamente.

No parágrafo anterior mencionei termos que são trabalhados em forma de conceitos por Foucault, Deleuze e Derrida, porque suas ênfases paradigmáticas traduzem um olhar sobre as coisas através da linguagem e da linguística, que, consequentemente, não traduzem a estrutura mais estável do mundo, pelo contrário:

Essa indeterminação fatal da linguagem decorre de uma característica fundamental do signo. O signo é um sinal, uma marca, um traço que está no lugar de uma outra coisa, a qual pode ser um objeto concreto (o objeto “gato”), um conceito ligado a um objeto concreto (o conceito de “gato”) ou um conceito abstrato (“o amor”). O signo não coincide com a coisa ou o conceito. Na linguagem filosófica de Derrida, poderíamos dizer que o conceito não é uma presença, ou seja, a coisa ou o conceito não estão presentes no signo. (SILVA, 2005, p. 78)

E, para acentuar ainda mais:

Para dar um exemplo entre tantos outros: é com a ajuda do conceito de signo que se abala a metafísica da presença. Mas a partir do momento em que se pretende assim mostrar (...), dever-se-ia – mas é o que não se pode fazer – recusar mesmo o conceito e a palavra signo. Pois a significação “signo” foi sempre compreendida e determinada, no seu sentido, como signo-de, significante remetendo para um significado, significante diferente do seu significado. Se

apagarmos a diferença radical entre significante e significado, é a própria palavra significante que seria necessário abandonar como conceito metafísico. (DERRIDA, 1995, p. 233)

Abarcar as coisas mesmas com as palavras ou seus signos, até mesmos o conceito das coisas? Quando? Adiamento indefinido. A presença unificadora entre coisa e signo como uma coisa só nunca se realiza em definitivo, já que as palavras ou signos remetem a outras palavras ou outros signos, não à coisa mesma, e se o signo, então, é o resultado do adiamento somado à diferença, Derrida propõe um mecanismo contundente do seu propósito. Ele troca a letra E de *différence* pela letra A, surgindo daí a “*différance*”, palavra francesa que não existe, mas para ele a sua forma de mexer na estrutura (desconstrução) para vivificar o conceito (se é que se pode falar em conceito) ou noção de diferença. A diferença do surdo, a diferença do ouvinte, diferenças que não podem ser abarcadas, possuídas, na sua inteireza, com palavras, signos e, mesmo, conceitos (como se trata de significação, podem ser interpretadas, porque se deseja compreender, decodificar). Diferenças em que as identidades, também, dificilmente serão compreendidas, tão somente, à luz da explicação da diferença de que um não tem e de que o outro tem audição, já que as experiências subjetivas e idiossincráticas de alguns surdos podem ser muito mais semelhantes às experiências de alguns ouvintes do que de outros surdos, pares na ausência de audição, nas comunidades e na forma de comunicação ou língua de que façam uso. E se a comunicação desse fato entre uns e outros seja dificultosa, o terreno das explicações não está restrito apenas ao fato que entre eles a língua experienciada geraria, também, experiências amplamente diferenciadas. Estrangeiros, que falam línguas diferentes, nunca poderiam descobrir que, apesar de experimentarem valores culturais bastante incomuns uns aos outros, podem ter semelhanças humanas para além desse tipo de barreira? Ou o surdo seria sempre mais semelhante ao surdo e o ouvinte seria sempre mais semelhante ao ouvinte?

Há diferenças que são normatizadas, controladas. E alguns fins são claramente expressos, se bem observados, no caso das práticas políticas de inclusão, por exemplo. E quem são os implicados aqui? Os excluídos. A exclusão, curiosamente, é fortalecida, quando das políticas de inclusão, já que esta última é binariamente explicada discursivamente no seu contraponto. Veiga-Neto (2001), num artigo que trata desse tema, alude a uma dessas manifestações – a política de inclusão escolar dos anormais. Não é difícil imaginar sobre quais indivíduos vão ser colocadas as etiquetas de anormais, tendo

como parâmetro os ditos normais, até mesmo porque ele já alerta que a denominação anormal nesse caso (políticas de inclusão) é bastante genérica. E esse anormal, bem como qualquer “outro” que esteja em foco, quando se trata de confrontos sociais de poderes estabelecidos, é discursado por um “mesmo” que a autoridade de uma instituição acolhe, recolhe um “outro”, segundo uma equação valorativa que geralmente coloca lugares estanques de oposições:

(...) o ‘outro’ em seu sentido estrito: aquilo que, de dentro dos quadros de uma cultura, a limita por dentro, diferença que lhe é inclusa, simultaneamente interna e estrangeira. É nesse sentido que a História da Loucura é uma história do ‘outro’: história daquilo que pertence à nossa cultura – pensável, nomeável, dizível, portanto, mas constantemente ameaçado de submissão aos critérios do ‘mesmo’, precisamente porque ameaçador; história daquilo que para uma cultura é ao mesmo tempo interior e estrangeiro, a ser, portanto, excluído (para conjurar-lhe o perigo interior), encerrando-o, porém (para reduzir-lhe a alteridade). (MUCHAIL, 2004, p. 39)

Quantos rearranjos, tramas e engrenagens sociais não têm sido logradas ao longo da história, para a disposição dos indivíduos em lugares estanques? Não é um exemplo dos estudos de Foucault (2001) acerca de quais anormais estavam em oposição aos normais, no direcionamento de um poder disciplinar? A inclusão deste ou daquele não parece, por conseguinte, um jogo, através do qual a inclusão/exclusão, na prática, deixa por trás de uma cortina de fumaça os traços existentes entre o que se enquadra como normal e anormal? Entre uns e outros muito mais pontos de aproximação do que de afastamento. Os critérios dos peritos julgadores muito mais questionáveis do que deixam transparecer.

Na minha pesquisa realizada com surdos, para este trabalho, observei que ser surdo não é algo apenas diferente de ser ouvinte, mas também do outro de si próprio, ou seja, não ser ouvinte. E neste caso, historicamente, os surdos também já foram enquadrados como anormais, quando foram confrontados aos ouvintes. Estes, os normais. Aqui os limites biológicos determinariam uma classificação na qual as potencialidades dos indivíduos estariam resumidas à experiência ou não da audição. Os pertencimentos alheios, assim, subjugados aos discursos de quem categoriza, quem classifica. Desta forma, sim, uma relação conflitante entre surdos e ouvintes, mas não porque as características da língua falada sejam os elementos definidores e radicalmente opostos das experiências culturais compartilhadas. E, neste estado de coisas, alguns “estudos surdos” acabam legitimando uma classificação dessa natureza, como se a adoção pela língua de sinais fosse o modo de possibilitar e legitimar a normalização dos surdos, para que fossem respeitados perante os

ouvintes. Sobre esta questão ainda tecerei observações mais adiante, noutras partes deste trabalho.

Quebrar a barreira das oposições binárias pode levar ao desconforto da segurança do isso ou aquilo definidos, porém projeta, impele ao movimento criativo da multiplicidade em suas tantas singularidades, diferenças. Todos com direito a idas e vindas, em deslocamentos disformes, tais como têm sido construídas as diferenças e identidades, se prestarmos atenção à dinâmica social que nos circunda a todos, surdos e ouvintes e muitos mais, sem a autorização de nenhuma teoria ou conceitos. E isso não significa que o meu desejo de refletir, guiando-me, exatamente, por construções teóricas, seja um encarceramento improdutivo e sem sentido. O que não devo, no entanto, é me arrogar dono de verdade absoluta e definitiva nenhuma. Afirmo-me como detector do meu movimento, expressão da minha verdade parcial e transitória presente nos enunciados do meu discurso.

OS SURDOS, UNS OUVINTES E A FRONTEIRA

As observações que estão sendo feitas aqui não são originais, os estudiosos sobre a relação entre surdos e surdez têm feito construções abordando os mesmos ou alguns dos aspectos que trago à tona. A insistência, no entanto, ainda não é demais. Além disso, cada um faz sua abordagem a partir dos próprios objetivos e necessidades, geradas pelas interpretações e experiências pessoais, antes e depois, já no campo da pesquisa. E, claro, diante de algum desconforto, diante de algumas dessas construções teóricas que têm sido produzidas. A partir daqui, sim, há possibilidade do elemento inédito ou o tom de originalidade da minha própria contribuição aos estudos feitos sobre e através dos indivíduos surdos, nas diversas manifestações de si mesmos que possam expressar. E é assim que tenho agido desde que iniciei minha caminhada mais próxima aos indivíduos surdos, antes do estudo presente, mas que se deu, exatamente, a partir do universo e fins acadêmicos, como já mencionei anteriormente.

Poder caminhar entre trilhas sinuosas ou por traçados planejados e retos ou outros tipos de relevos quaisquer, mas com uma perspectiva de lançar um olhar ou olhares dos múltiplos de mim mesmo, é querer me lançar de modo intrépido ao encontro com a multiplicidade e a diferença, as identidades nas suas metamorfoses, as subjetivas ações. E neste tópico, quando falo de uns ouvintes, faço referência a mim mesmo e aos ouvintes que comigo estiveram no campo da minha pesquisa (intérpretes, cinegrafistas e alguns curiosos

inusitados que vez por outra paravam alguns minutos nos momentos em que as entrevistas com os surdos estavam sendo realizadas).

Estivemos nós, surdos e ouvintes, simultaneamente, no fundo e na superfície, nas contradições e paradoxos, deslocando-nos na fronteira, sabendo que, talvez, não nos compreendêssemos tão imediatamente nos nossos nomadismos. E os meus objetivos demarcados tiveram que ser repensados. O jeito de me conduzir passava a ser o de nós todos ali, naquele encontro: imprevisível, assim como em boa parte das nossas ações mais ricas, em termos de significados internalizados, caminhando nas interrogações, não apenas mirando a paisagem da qual todos fazemos parte.

Momentos ricos para a pesquisa e para o prazer pessoal, tanto os das entrevistas, como quando antes e durante a realização das mesmas, foi quando passei a frequentar os espaços da Associação de Surdos de João Pessoa-PB, participando de festas, assistindo aos jogos da copa de 2010, viajando com eles para outras cidades e estados.



Foto: arquivo pessoal.



Foto: arquivo pessoal.

Numa dessas vezes vibrei com eles no Campeonato Nordestino de Futsal, realizado na cidade de Maceió-AL, promovido pela LINEDS (Liga Nordestina Desportiva de Surdos), quando a equipe de Futsal paraibana de surdos foi a campeã. Dancei forró com surdas nos festejos juninos e não nego que fiquei espantado pelo fato delas dançarem muito melhor do que eu. A vibração do som, subindo e “sentindo” por seus pés, era muito melhor aproveitada do que a minha audição da música tocando.



Foto: arquivo pessoal (interlocutora surda dançando forró com pesquisador na ASJP)



Foto: arquivo pessoal (os surdos dançando quadrilha junina na ASJP)

A fronteira para mim, o espaço do hibridismo, mas que particularmente não me pareceu perigosa ou nebulosa, mas sim instigante, alguns momentos desconcertantes, é uma verdade (nem todos eram simpáticos, receptivos para que, através dos contatos, pudéssemos marcar entrevistas). Em se tratando de pesquisa isso acontece com qualquer tipo de informante. A utilização de línguas diferentes, porque uns eram surdos, ali, no caso, a maioria, e outros poucos eram ouvintes, não causou nenhuma distância ameaçadora, principalmente pra mim, a quem eles olhavam tanto amistosos nos seus gestos, quanto intrigados, porque a minha curiosidade acadêmica causava muito mais a curiosidade deles, sobre o que eu queria, afinal, saber, e, ainda mais, pedindo autorização para fotografar, filmar, entrevistar... Pronto, eu já estava satisfeito: eu estava na fronteira.

No final das contas todos vivemos na fronteira uns com os outros, uns nas dos outros. Mas, claro, todos vivemos na nossa própria fronteira, iminência de nós mesmos.

RECAPITULANDO, POR UM MOMENTO, PARA SEGUIR ADIANTE

Talvez uma racionalidade prática venha nos tornando automanipuláveis para, como autômatos, termos alcances regulados de compreensão de uma realidade a priori, construída em função das hipóteses, no mais das vezes, já a verdade que queremos constatar, provar ou enquadrar e que consolide os nossos objetos e objetivos. Não estou querendo abolir métodos e estratégias de estudo, mas insistindo no abandono do apego e

prisão às fórmulas tão aparentemente seguras, guardadas nas estantes, nas prateleiras tão bem organizadas, com rótulos e etiquetas do isto e aquilo facilmente manuseáveis, porque carregados de, talvez, grandes e invioláveis certezas que não se deve profanar, macular. E o que já está sacralizado, então..., esse nem pensar! Assim, procedendo, poderíamos passar por um julgamento implacável e definitivo. Mas, como tais conhecimentos foram construídos? Não teriam sido também, em parte, obra de sacrílegos? Aqueles mesmos que, como todos nós, curiosos, têm mexido nas evidências para, com alguma audácia, até, descobrir que há muito de opacidade, que tem muitos cismas por dismantelar ou desconstruir e, assim como Derrida, desfazendo a estrutura, refazer, desmontar e rever cada parte constituinte, deixando exposta a armação ou esqueleto que “sustenta” a estrutura.

O raciocínio acima traduz rompimento com as estruturas e os sistemas tão seguros e propalados pelo estruturalismo de Lévi-Strauss (1975), que acabava levando-o a fixar, supor e delimitar, a partir de tão bem edificada estrutura, o que poderia acontecer, caso uma das partes fosse danificada, comprometendo o todo, se retirada. Esta perspectiva é um exemplo da compreensão apriorística por excelência. A ponderação, discussão e mesmo superação de tal raciocínio por um pós-estruturalismo tem mais consistência. Vide contraponto derridiano acima comentado! É que, mais claramente, Derrida o fez com o jogo da diferença, através do signo, de uma articulação das partes ou “elementos da cadeia do sistema”, dismantelando o supostamente bem arquitetado. (DERRIDA, 2001)

Mais diretamente sobre a desconstrução dos binarismos: os duplos, as dicotomias ou oposições binárias, sendo postas nas várias partes de que são constituídas, devem ser examinadas, catadas pedaço a pedaço, mas ainda deve familiarizar-se com o movimento da multiplicidade e da diferença, atentando para as descontinuidades entre isto e aquilo, de tal maneira que nem um nem outro estariam em oposição radical, pelo menos. Quem sabe um não esteja transpassado no outro, de tal maneira que fique difícil uma oposição como aquelas que são produzidas no caso dos incluídos/excluídos e das maiorias/minorias, normais/anormais? Os deslocamentos, as frestas contraditórias da confusão do um no outro depõem sobre a oposição frontal e radical. Não é melhor, portanto, construir outros tipos de reflexão? Em lugar do duplo, o dubio, o híbrido na fronteira, no seu movimento nômade?

Surdos e ouvintes estariam, de fato, tão opostos ao ponto de se falar de uma “cultura surda”, já que pela língua utilizada, apenas seriam construídas identidades, também surdas? Os relacionamentos entre casais de surdos e ouvintes seriam menos felizes

se apenas um deles tivesse domínio da LIBRAS e da Língua Portuguesa? E se o surdo é quem oralizasse em português, para um ouvinte que não pudesse falar por não ter um aparelho fonador que o permitisse emitir sons, fazendo apenas uso da LIBRAS? Um caso de exceção demasiado, para que seja bom para pensar? Quantos outros casos de exceção não poderão existir para que, somados, possam resultar percentual significativo à desconstrução de oposições frontais e radicais, como se uns estivessem numa luta de perdas e danos, uns contra os outros. Os ganhos das relações e conquistas conjuntas entre surdos e ouvintes devem ser também encaradas como exceções? E se quer melhor: por que este seria um outro caso, uma outra discussão e eu estaria forçando situações que não poderiam vir a termo aqui, neste mesmo conjunto de interrogações?

A INTERPRETAÇÃO NA FRONTEIRA

A princípio o meu desejo era o de dominar a Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS, ao ponto de que eu mesmo falasse com os meus informantes surdos nas entrevistas, sem a necessidade de um intérprete. Meu domínio de LIBRAS, no entanto, não me deixava seguro para tal tarefa. Cheguei a ficar perturbado por esse motivo, mas ao mesmo tempo foi me ocorrendo que ter um intérprete na equipe da pesquisa poderia ter vários significados. Antes de me referir aos significados, vale salientar que não é fácil encontrar intérpretes disponíveis, considerando que todos são muitos ocupados, para que possam equacionar horários de disponibilidade entre eles e os surdos que se dispusessem a me conceder entrevistas.

Retomando a questão dos significados. Primeiro, teria alguém que já seria muito mais íntimo das comunidades surdas e, em particular, do espaço escolhido como campo de pesquisa. Explicando detalhadamente: o intérprete da pesquisa passava a ser a própria intérprete do meu campo de pesquisa. E isto se deu quando ela, não apenas percebeu a minha dificuldade em encontrar um intérprete com tempo para me acompanhar na pesquisa – porque ela também tinha ocupações em instituições diversas como intérprete –, mas quando, diante do interesse sobre o meu estudo – que achava importante, inclusive, para a divulgação daquela comunidade de surdos, além da sua própria relação acadêmica com temáticas envolvendo surdos² –, decidiu, ela mesma, participar da pesquisa, como

² Ela é professora universitária da disciplina de LIBRAS, intérprete em sala de aula do ensino médio, estudante de Especialização em Letras-Libras e mestranda em educação.

intérprete. E, lógico, isso facilitaria o meu próprio acesso aos possíveis interlocutores. Os surdos se sentiriam mais a vontade tendo um mediador, com quem poderiam tirar dúvidas anteriores às entrevistas e que não quisessem fazê-las diretamente a mim, o pesquisador. Depois, sim, vinham todos os problemas que poderiam ocorrer por conta dessas mesmas facilidades. Essa intimidade não poderia atrapalhar as respostas sobre certos aspectos presentes nas perguntas? Provavelmente, ou talvez... Então, como procurar evitar isso e, mais importante ainda, como me utilizar disso como um aspecto positivo, coisa que, aliás, ocorreu-me durante esse conflito comigo mesmo e que considero ter enriquecido ainda mais meus questionamentos sobre a relação surdos e ouvintes? Mais que mediadora da comunicação no ato da pesquisa, não seria ela, também, mais um agente anunciador e enunciado, flagrantemente da fronteira? Ela que trabalhava como intérprete de LIBRAS e convivia cotidianamente com surdos há mais de 20 anos? Ela que me revelaria já ter sido confundida como surda por ouvintes? Ela que considerava que desde 1989 até os dias atuais teria se comunicado mais em língua de sinais do que em português? Teria ela ficado, por esse motivo, um pouco surda também, mesmo sem ter perdido qualquer limiar de audição? E teria, por esse outro, subtraído ou multiplicado algo em si mesma? Ou estas perguntas não são as mais significativas, se consideradas encerradas uma a uma ou em termos comparativos, ou binários, portanto? Mas, não era de se esperar que ao falar de si mesma, sua identidade e diferença estariam entrecortadas de um discurso fronteiro?

A múltipla face da intérprete, em relação à minha pesquisa, era um fato. Eu que resolvesse o que fazer. E assim procedi. Antes de tudo tive várias conversas com ela, que me acompanharia na pesquisa, inteirando-a, detalhadamente, do propósito do meu estudo, com muitas interrogações sobre o seu trabalho como intérprete e, especificamente, como uma participante da comunidade “Associação de Surdos de João Pessoa” (ASJP). Tais conversas já foram se revelando tão significativas que não havia muito o que duvidar durante todo o processo da pesquisa de campo (observação participante e entrevistas semiestruturadas e filmadas, dada a natureza da linguagem visu-espacial utilizada pela maioria dos surdos).

A intérprete era também uma das pessoas observadas por mim, naquele espaço e, também, uma interlocutora, mais tarde uma das minhas entrevistadas (essa entrevista se transformou num diálogo, para o formato de um texto em parceria). A intérprete também seria, por mim, interpretada, sendo que nos termos da análise do seu discurso sobre os surdos e sobre si mesma em relação à sua relação com os surdos. Aqui detectava mais um

aspecto da forma como refiro à fronteira, ao seu significado nesse estudo. Os trabalhos dos intérpretes de língua de sinais são tão importantes e discutidos que vale a pena aludir ao seu trabalho, na atenção que é dada por aqueles que tratam de discutir essa temática:

El intérprete siempre ocupó um lugar tangible en el “mundo de los sordos” pero la mención como um profesional de La comunicación intercultural em los discursos de la comunidad Sorda ES relativamente reciente si analizamos los documentos de las Asociaciones de Sordos y particularmente las Declaraciones y Recomendaciones de La Federación Mundial de Sordos a través de SUS Congresos Internacionales. Em 1987, el Congreso de La FMS em Helsinki, Finlandia, agrupa em La Comisión de Comunicación dos servicios de interpretación, lengua de señas y ayudas técnicas y recomienda ya entonces um entrenamiento para los intérpretes de lengua de señas com el mismo nivel y exigência que el reciben los intérpretes de lenguas extranjeras orales. Em 1995, 8 años después de La primera mención de intérpretes profesionales, La Comisión de Interpretación delibera com peso próprio em el Congreso de La FMS com sede em Viena, Austria. Sin dudas La evolución en este discurso ES tributaria de um desarrollo cultural de La comunidad Sorda a nivel mundial, paralelo o motivado por el creciente desarrollo de investigaciones científicas sobre las lenguas de señas nativas y mayores responsabilidades y tomas de decisión por parte de los actores Sordos de las comunidades locales. (TRIADÓ, 2009, p. 265-266)

De qualquer forma, vale salientar que a minha relação com a intérprete, mesmo bastante amistosa e amigável, também tinha alguns momentos de incompletude na comunicação. Eu era um investigador, enquanto ela, em alguns momentos, tinha o comportamento da pessoa já comprometida com a causa dos surdos. Mesmo que eu tivesse muitas críticas, silenciosamente, já que essas causas se confundiam com favores, com um comportamento abnegado, voluntarista. Militantes? Não os percebi assim, nem ela. Tenho cá pra mim que isso era positivo. De qualquer jeito, a tudo o que pudesse, eu tinha que estar bastante atento, principalmente na forma de elaborar perguntas muito mais centradas nos meus objetivos e repeti-las, caso percebesse algo que procurasse justificar para além do que estava sendo posto em questão. Cheguei a questionar sobre o intérprete (já que em LIBRAS não se fala, nem se utiliza o termo tradução) e a possibilidade de uma interpretação pessoal do intérprete, para além do que estava sinalizado, falado em LIBRAS. Enfim, como no universo da pesquisa, nós mesmos, os investigadores, temos que ficar atentos a cada detalhe que pudermos observar da nossa própria postura... Somos todos interpretados, eu a mim mesmo, na forma como vou me constituindo pesquisador desde os primeiros contatos, a forma como me comporto para conquistar a simpatia e disposição dos que fornecerão seus discursos, diante das minhas provocações, ou perguntas carregadas de

segundas e muitas mais intenções que conseguir captar e que se direcionem aos meus objetivos.

A interpretação na fronteira, de que falo, espero que tenha ficado compreendida. Agora, daqui por diante tratarei de ilustrar algumas questões que surgiram em conversas informais e que, posteriormente, foram reelaboradas como perguntas, resultando em respostas sobre a relação surdos e ouvintes na entrevista formal que realizei com a intérprete da minha pesquisa, Josineide Castro, ou Jôsi, como era conhecida entre nós, surdos e ouvintes. Tais respostas são, agora, trabalhadas em termos de categorias, discurso a ser analisado.

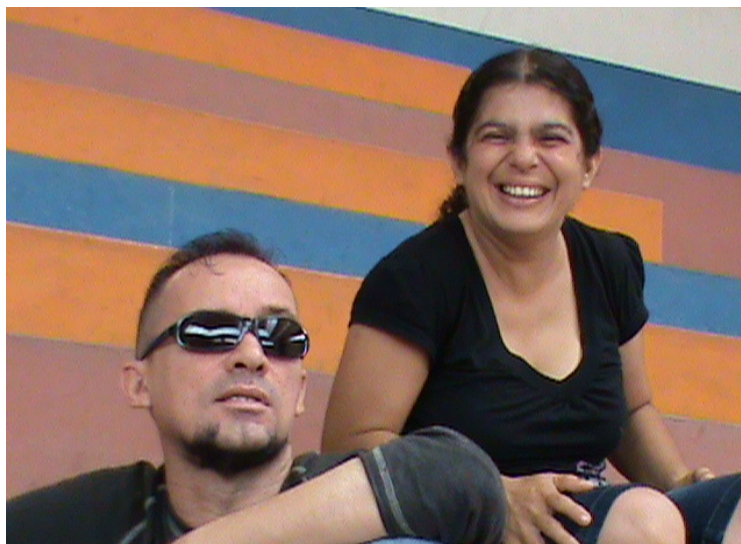


Foto: arquivo pessoal (a intérprete e o pesquisador no Campeonato Nordestino de Futsal promovido pela LINEDS em Maceió – AL)



Foto: arquivo pessoal (a intérprete e a fronteira)

RELAÇÕES ENTRE SURDOS E OUVINTES: O NAMORO

Eu namorei com surdo e namorei com ouvinte. Não é diferente não. Normal. Igual. Igual ao do ouvinte... A única diferença é a língua de sinais. Então eu não consigo ver diferença. A única diferença é a língua de sinais. É uma língua diferente, só... Acho que não consigo perceber... Pra mim, tranquilo. Tem briga sim, mas tranquilo. Isso é muito igual a um relacionamento...

Mas assim: existem os surdos que preferem namorar com ouvintes, surdos que preferem namorar com surdos. Isso é muito relativo. É uma questão de cada um mesmo.

Tem diferença e tem igualdade. A diferença é, exatamente, o que eu já falei. É a questão da língua, da língua propriamente dita. Assim... Se eu namoro com alguém que eu entendo a língua de sinais, a coisa existe bem menos conflito entre as duas pessoas. Se eu tenho a..., por exemplo: os surdos que namoram com ouvintes que não sabem língua de sinais têm conflitos direto, porque um não entende o outro. Aí o outro se aperreia pra ensinar logo a língua e os problemas diminuem bastante. Isso é uma diferença. Tem muitas diferenças...

Mas tem outras diferenças, como a questão do temperamento. Se dá certo, se não dá. Se existe amor, se não existe. Isso tudo é muito relativo.

Outra coisa é que quando acontece assim... namoros entre surdos e ouvintes...é, o surdo sempre quer saber o que o ouvinte tá falando no telefone. Então quando o ouvinte tá dizendo alguma coisa, tá falando e não faz língua de sinais, aí já gera um problema...

A diferença, no final das contas, é a língua de sinais, ao que parece. Mas em dados momentos isto é ponderado, quando a questão das escolhas pessoais é observada. Afinal, o “depende de cada um” e o “é relativo” são elementos que merecem reflexão e não estão, necessariamente, nem no fato de que dominam uma mesma língua e, mais significativo ainda, nem de que são surdos. Até porque o que isso revela de mais óbvio é que eles são indivíduos com vontades próprias, com desejos e sentimentos. Estes últimos não estão presos a uma diferença que os coloca em lugares opostos, condenando, por exemplo, surdos e ouvintes a não viverem suas atrações físicas e demais sentimentos humanos, por não ter a mesma língua.

Nós todos, surdos e ouvintes, somos muito mais parecidos e diferentes do que pretendemos ser. O que, na verdade, nos move são idiossincrasias que não estão assim tão facilmente detectáveis na ausência de uma língua entre uns e outros, ou mesmo na ausência de um dos órgãos dos sentidos.

Problematizo os trechos da fala da intérprete pelo próprio discurso muito mais instigante sobre a diferença a partir desse fato. Somos surdos ou ouvintes e temos diferenças e semelhanças, no caso dos sentimentos, tanto quanto quaisquer outros indivíduos. A revelação de que somos indivíduos nos relacionando socialmente não nos torna menos sociais, pelo contrário, demonstra o quanto temos nos influenciado mutuamente nas nossas escolhas, mas estas não estão demarcadas por este ou aquele aspecto, porque algo na minha individualidade me peculiariza em termos do conhecimento ou não de algo sobre o que ainda não tenho nenhuma experiência ou o que dizer sobre, porque ainda me é desconhecido. E no que tange à surdez e a audição talvez nunca possamos compartilhar, experimentar o que uns têm e os outros não. Nós todos estamos em constantes processos de descobertas de nós mesmos. O que dizer da descoberta de uns sobre os outros ou da fascinação que os outros possam nos causar? Ora, muito mais curiosidade, sentidos despertados, segredos que queremos descobrir, algumas posturas invasivas, se não tivermos cuidado. Mas, se avistamos alguma coisa que ainda não conseguimos distinguir na paisagem, a tendência mais geral não são as perguntas: o que será aquilo? Quem estará vindo ali? O que ela está trazendo ou tem pra dizer?

Acrescentando argumentos a esta problematização vou até o confronto de princípios sobre a alteridade, talvez não da forma mais comum, a da explicitação descritiva dela, mas da forma que me parece mais provocativa para análise que estou fazendo, por exemplo, partindo da postulação de Todorov (1993, p. 31) a partir de Rosseau, sobre o real e o particular: “o universal é o horizonte de entendimento entre dois particulares; talvez não seja atingido jamais, mas, apesar disso, é preciso postulá-lo para tornar inteligíveis os particulares existentes”. Ao que destaco ainda:

A superação de muitas formas de tendências etnocêntricas dar-se-á pela Filosofia Intercultural, através do conhecimento e da vivência da própria tradição cultural, não como instalação absoluta, mas como passagem e ponte para a intercomunicação da intersubjetividade em sua plenitude e compreensão. Dessa forma nossa cultura atual seria algo assim como a ponte que não podemos saltar, mas pela qual devemos transitar se quisermos chegar à outra margem (SIDEKUM, 2003, p. 251)

Desse destaque infiro, igualmente, a validade das formas como a identidade é tratada e, conseqüentemente, como o surdo ao ser concebido como um diferente sobre o qual muito tem sido dito, ao ponto de que ele parece um desviante de alguma maneira, daquilo mesmo que pensamos sobre a igualdade e a diferença. Isso denuncia, ao meu ver, o

estigma que lhe pesa na relação entre *o eu e o outro* (GOFFMAN, 1988). E, já aqui, as considerações sobre a questão da identidade são entendidas de modo semelhante à forma como ela é tratada pelos pós- estruturalistas, numa observação feita sobre Goffman, em relação à fragmentação e multiplicidade do eu:

Goffman é normalmente considerado o teórico por excelência desse fenômeno. Quando o indivíduo sai de um encontro e entra em outro, sensivelmente ajusta a 'apresentação do eu' em relação ao que lhe for demandado na situação em questão. Imagina-se muitas vezes que tal visão implica que o indivíduo tem um número de eus equivalente ao dos diferentes contextos de interação, uma ideia de certa maneira semelhante às interações pós-estruturalistas do eu, ainda que de uma perspectiva teórica diferente. (GIDDENS, 2002, p. 176)

Desse modo, mesmo não compartilhando com as ideias pós-estruturalistas, ainda que alguns dos seus termos possam entrar na composição de algumas formas “perspectivistas” de interpretação de significados, Giddens já as detecta no próprio Goffman, que não é considerado e/ou denominado dentro daquela perspectiva, pela qual tenho imprimido, pelo menos algo, no tocante à forma do meu texto. Os pontos de intersecção, ou mesmo os contrapontos, sejam elucidativos ou provocadores de mais questionamentos, é que tem me animado muito mais, porque é assim que tenho observado a fala dos meus interlocutores, diante de como eles fazem referência a si mesmos. Quero dizer, eles muito mais somam do que subtraem, como eu pensava que ia acontecer.

OS SURDOS, OS SURDOS E AS DIFERENÇAS

É, existem diferenças entre eles mesmos, como também existem semelhanças. Na comunidade surda existem surdos que falam. Nasceram ouvintes e ficaram surdos depois. E às vezes a família impede de eles aprenderem a língua de sinais e visitar a comunidade surda. Mas, com o tempo esse surdo vai nas comunidades surdas e aprendem a língua de sinais.

Existe diferença, realmente, dentro da comunidade surda entre surdos e surdos. Tem um caso de um determinado surdo que ele nasceu surdo profundo. A família nunca aceitou a surdez. Colocou, agora, implante coclear e não aceitava nunca que ele fizesse língua de sinais. Eu fui intérprete dele pra tirar a habilitação no DETRAN. Que eu sou a intérprete que mais acompanhei surdos no DETRAN. Há treze anos que eu faço isso, tirando habilitação. Entro na sala de aula, na sala de prova, no psicotécnico, por ser psicóloga, interpreto todo o processo de seleção junto com os profissionais do DETRAN. E esse surdo não sabia língua de sinais. Aí foi muito complexo. Eu interpretar pra ele nesse momento da seleção, desse pleito dele da habilitação. Foi muito complicado. E esse surdo, hoje, mesmo a família proibindo ele faz língua de sinais. Ele vive na

comunidade surda agora e preferiu a língua de sinais e a comunidade surda do que os amigos ouvintes que ele sempre teve desde criança, que ele convivia no prédio.

Eu conheço surdos que não oralizam e já estão fazendo especialização em LIBRAS. Isso é muito relativo. Mas a maioria eu percebo assim que surdos oralizados eles conseguem dominar melhor o português. Conseguem ocupar mais espaço, participar de concursos, de dominar mais o espaço dos ouvintes. Assim: questão de ter melhores empregos, terem melhor acompanhamento no português, junto com a família. A família tem condições financeiras. Procuram um fono bem cedo. Procuram outras habilitações pro surdo. O surdo com capital financeiro consegue atingir melhor histórias que aquele surdo com capital econômico baixo não consegue alcançar. Agora isso é muito relativo. Eu acho que isso também acontece com os ouvintes...

Então, existem esses grupinhos de identificação na comunidade surda. E eu percebo isso no meu dia a dia. Posso tá enganada, mas eu percebo assim, diferenças... Por exemplo: existe uma festa numa associação de surdos, que vêm presidentes de outros estados, que têm o mesmo nível de conversa, mesmo capital cultural... Eles ficam ali, juntos. Não impede que outros surdos venham e sentem na mesa. Eles sentam e participam da conversa. Eles não proíbem isso. O que eu percebo é que eles ficam juntos e, geralmente, com aqueles grupos de pessoas que têm aquele capital cultural ou econômico, junto com o outro.

As diferenças entre os próprios surdos nas comunidades surdas existem, porque suas vivências como indivíduos em grupos são anunciadoras e flagrantes, simultaneamente, de que antes de entrar numa comunidade em que se assemelhem por conta da surdez. Elas, as diferenças, existem como para todos os indivíduos sociais que participam de instituições, que fazem uso de serviços de que necessitam, para marcar suas atuações, como no caso dos exames para a aquisição da carteira de habilitação. Se a existência de um intérprete vai facilitar isso, aí sim este é um elemento importante que vai interferir no alcance desse objetivo. Ao mesmo tempo os impedimentos de outra natureza, como os das próprias famílias que resistem à língua de sinais, não é um impedimento definitivo para que continuem suas trajetórias de conquistas, tomando conhecimento daquilo com o que se identificam e que passam a querer para si mesmos, ou seja, suas escolhas experienciadas cotidianamente e que vão demarcando semelhanças e diferenças, como está posto nos discursos acima.

Mas outras diferenças também são percebidas, em termos da forma de transitar pelos grupos sociais e, até mesmo, nos contatos com as comunidades, que não são unânimes em todas as suas manifestações, como organização, apenas por abrigar indivíduos com as mesmas características, como no caso da ausência da audição. Senão, vejamos a própria referência a um capital financeiro e um decorrente capital cultural, além de uma relação

com um tipo de poder, em que uma concepção bourdiesiana estaria nos próprios termos em que o discurso é referenciado acima:

Esses poderes sociais fundamentais são, de acordo com minhas pesquisas empíricas, o capital econômico, em suas diferentes formas, e o capital cultural, além do capital simbólico, forma de que se revestem as diferentes espécies de capital quando percebidas e reconhecidas como legítimas. Assim, os agentes estão distribuídos no espaço social global, na primeira dimensão de acordo com o volume e capital que aqueles possuem sob diferentes espécies, e na segunda dimensão, de acordo com a estrutura de seu capital, isto é, de acordo com o peso relativo das diferentes espécies de capital, econômico e cultural, no volume total de seu capital. (BOURDIEU, 2002, p. 154)

Estes facilitariam a vida dos surdos, no sentido de lhes proporcionar, mais cedo, o acesso aos espaços e pluralidades de escolhas. São citados a oralização e o domínio da língua portuguesa, como dois desses elementos, pelas famílias com mais condições financeiras e iniciativas desde logo cedo. Mesmo que tal discurso venha acompanhado da ponderação do “isso é relativo”, porque alguns surdos que nunca oralizaram estariam já cursando Especialização em Libras. Considerando o acesso à educação no Brasil, de um modo geral, há de se refletir, sobre esse fato. Pela minha própria experiência, pude constatar que os surdos que oralizam e dominam a língua portuguesa apresentam um discurso com mais fluidez em relação à interpretação de suas próprias realidades. Mas eles foram uma minoria dos meus interlocutores. Claro, que também tive contato com aqueles que venceram as barreiras e continuam enfrentando-as para conseguir alcançar objetivos, como os de estarem se firmando na vida acadêmica. Num país em que a LIBRAS, mesmo oficializada, ainda precisa de muito mais espaço e divulgação social, não seria de se estranhar a existência de facilidades maiores para surdos oralizados, que mais facilmente dominam a língua portuguesa. Se as lutas e escolhas dos surdos têm passado pela adoção, exclusivamente, da língua de sinais em detrimento da língua portuguesa, isto é mais um elemento para as reflexões que se fizerem necessárias neste trabalho, mas com certeza para todos que lidam com a forma como os surdos têm feito suas escolhas, as influências acadêmicas para este fato, inclusive.

Mas, como eu dizia, anteriormente, os grupos, assim como as comunidades, não são unas e os “grupinhos de identificação” podem ser percebidos em qualquer comunidade, onde mais uma vez a questão de um “capital cultural ou econômico” seria indicativo de relações de maior proximidade ali mesmo, naquela comunidade onde todos partilham de uma realidade que os peculiarizam, a surdez. E mais uma vez é oportuno observar a

continuação da análise de Bourdieu, pensando nos termos em que os surdos têm uma peculiaridade indiscutível, a surdez, mas há diferenças entre eles, visíveis no mesmo espaço compartilhado ou compartilhado em grupos de acordo com um capital cultural ou econômico diferenciado:

O mal-entendido na leitura das análises que proponho, especialmente no *La distinction*, resulta, portanto, do fato que as classes no papel correm o risco de serem apreendidas como grupos reais. Essa leitura realista é objetivamente estimulada pelo fato de que o espaço social está construído de tal modo que os agentes que ocupam posições semelhantes ou vizinhas estão colocadas em condições semelhantes e submetidos a condicionamentos semelhantes, e têm toda possibilidade de possuírem disposições e interesses semelhantes, logo, de produzirem práticas também semelhantes. As disposições adquiridas na posição ocupada implicam um ajustamento a essa posição, o que Goffman chamava de *sense of one's place*. É este *sense of one's place* que, nas interações, leva as pessoas que em francês são chamadas de “pessoas modestas” a se manterem “modestamente” em seu lugar, e os outros a “guardarem as distâncias ou a “manterem sua posição”, a “não terem intimidades”. De passagem, é preciso dizer que essas estratégias podem ser perfeitamente inconscientes e adquirir a forma daquilo que é chamado timidez ou arrogância. De fato, as distâncias sociais estão inscritas nos corpos, ou mais exatamente, na relação com o corpo, com a linguagem e com o tempo (outros aspectos estruturais da prática que a visão subjetivista ignora). (BOURDIEU, 2002, p. 155)

Mas não é isso que está dito, porque observado, na prática, quando das relações entre indivíduos que não sendo de uma mesma classe, mas fazendo parte de um mesmo grupo, numa comunidade, em que são igualmente sócios por compartilharem de uma mesma condição, surdos numa associação, com uma mensalidade paga, para ali se fazerem presentes, mas mesmo assim, com um número de informações, um mesmo “*habitus*” ou “*sense of one's place*”?

Penso que não são estanques os dispositivos que separam, caso contrário minha noção de fronteira e diferença, aqui defendidas, estariam por terra desabadas, mas o que estou querendo reafirmar é que os surdos não são mais semelhantes ou diferentes por esta ou aquela característica. As diferenças estão em vários planos. Também é observado que um “capital cultural ou econômico” os distancia ou os fazem diferentes, mesmo quando vivenciam a experiência da surdez. Esta não os aproxima, sem que as experiências outras não os diferenciem. As diferenças podem ser até mais instigantes de se refletir, porque numa comunidade pode se perceber possibilidade de cruzamentos, mesmo com os distanciamentos de toda sorte. Ainda mais perturbador para reflexão:

A comunidade de entendimento comum, mesmo se alcançada, permanecerá portanto frágil e vulnerável, precisando para sempre de reforço e defesa. Pessoas

que sonham com a comunidade na esperança de encontrar a segurança de longo prazo que tão dolorosa falta lhes faz em suas atividades cotidianas, e de libertar-se da enfadonha tarefa de escolhas sempre novas e arriscadas, serão desapontadas. A paz de espírito, se a alcançarem, será do tipo “até segunda ordem”. Mais do que uma ilha de “entendimento natural”, ou um “círculo aconchegante” onde se pode depor armas e parar de lutar, a comunidade realmente existente se parece com uma fortaleza sitiada, continuamente bombardeada por inimigos (muitas vezes invisíveis) de fora e frequentemente assolada pela discórdia interna; trincheiras e baluartes são os lugares onde os que procuram o aconchego, a simplicidade e a tranquilidade comunitárias terão que passar a maior parte do seu tempo. (BAUMAN, 2003, p. 19)

Ora, não podemos esquecer que, obviamente, a comunidade surda não é formada apenas por sujeitos surdos. Há nela sujeitos ouvintes, como membros da família, professores, amigos, intérpretes e todas as possibilidades de “outros”, que participam e compartilham os mesmos interesses em comum numa determinada localidade. É nesse sentido que as possibilidades de cruzamentos entre diferenças ou “outridades” são ilimitadas.

NA “ZONA DE CONFORTO”: A NOÇÃO DO TEMPO

Existem hábitos, hábitos diferentes, por exemplo: o surdo tem um... Quando eles se encontram com outros surdos eles conversam muito mesmo. Por que? Muitas vezes eles olham pra família. A família não sabe língua de sinais. Mas, assim, eles..., como alguns escritores falam, né? Nessa parte de estarem na zona de conforto, que é um lugar onde todo mundo fala a sua língua na comunidade surda. Quando eles entram numa comunidade surda, muitas vezes... Às vezes porque a família não aceita a língua de sinais. Mas, depois, quando ele descobre a língua de sinais, ele entra, interage com as comunidades surdas, convive com as comunidades surdas. Então, uma coisa que eu descobri de diferente é que eles, sim, eles não ligam pra hora, pro relógio. Então alguns pais de surdos ligavam pra mim. Tinham meu telefone, como intérprete, me ligavam: ‘Jôsi, viu meu filho? Meu filho sumiu desde ontem’. Aí, eu sempre dava uma dica pros pais: ‘olhe procure o último amigo que ele estava naquela noite!’ Porque aí, geralmente, eles estão na casa de outro amigo conversando. E, naquele momento, estão interagindo e trocando informações, não é? Então, assim, uma coisa que eu percebo é que eles ficam muito a vontade e não veem, assim, as limitações do tempo pra conversar entre eles.

Uma coisa é encontrar um amigo psicólogo de vez em quando, um religioso de vez em quando, um amigo de religião. Mas os surdos, eles fazem isso muito presencialmente, praticamente todo dia. Então eles procuram aquela zona de conforto deles. Eles procuram outros surdos pra conversar. Assim, coisas assim..., coisas que eles até nem conversam na família... É muito diferente. Eu percebo que é diferente, sabe? Assim... não é... É uma coisa que você pode até achar igual. Comparando assim... Eu, particularmente, pela minha experiência com surdos. É algo assim que acontece sempre, independente de, por exemplo: eles podem encontrar surdos evangélicos ou surdos católicos, eles conversam tudo, com todos. Não existe limites de conversa, de informação. Eles conversam

tudo livremente. E, realmente, esquecem do tempo mesmo. É uma coisa assim..., muito patente que acontece na comunidade surda que eu convivo, né? Eu tô falando isso, porque eu já encontrei amigos psicólogos ou amigos religiosos e eu converso bem menos do que os surdos conversam, independentemente dos interesses, das afinidades.

Eu não sei se eu significo, para eles zona de conforto, mas, na verdade, eles se sentem muito a vontade em conversar comigo, porque eu domino a língua de sinais. Eu acho que a língua de sinais é um diferencial na comunidade surda. Então, se eu domino a língua de sinais e me reconhecem como intérprete, como profissional... Eles conversam comigo e..., às vezes, eu fico até assim... Eles têm mais energia de conversar do que eu. Às vezes me canso um pouco.

A “zona de conforto”, com toda certeza algo a se pensar em termos do significado que temos todos nós, surdos ou ouvintes. Aqui, o discurso acima indica que a língua de sinais teria esse significado, inclusive com a própria intérprete, que assim sendo compreenderia muito mais, pela proximidade que tem e capacidade de comunicação em LIBRAS. Ela teria condições de entender certa diferença na noção de tempo experienciada pelos surdos. Os surdos quando se encontram parecem ter sede de comunicação, de aproveitar o tempo para colocar as novidades em dia, dividir alegrias e tristezas de toda ordem e, claro, procurar fazer tudo isso de forma prazerosa e com diversão. Além do encontro deles na ASJP, não foram poucos os espaços outros da cidade em que os vi se encontrando, marcando espaços seus. Aqui, tanto estava na presença da intérprete, algumas vezes, como os encontrava casualmente, quando não eram momentos de entrevistas. De fato, esses espaços lembram aqui o que Magnani categoriza por pedaços, marchas, trajetos, circuitos, no seu texto “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”, e que remeto a um trecho ilustrativo em que os espaços ganham significados de acordo com uma lógica não delimitada de modo fechado, ao que tal espaço estaria destinado pelo aspecto arquitetônico e urbanístico:

Na realidade são as práticas sociais que dão significado ou resignificam tais espaços, através de uma lógica que opera com muitos eixos de significação: casa/rua; masculino/feminino; sagrado/profano; público/privado; trabalho/lazer e assim por diante. Uma classificação com base nesses eixos de oposição não produz tipologias rígidas (rua como pista de rolamentos; calçada, área de circulação de pedestres etc.) porque não opera com sentidos unívocos: às vezes, o espaço de trabalho é apropriado pelo lazer, o do passeio é usado como local de protesto em dia de manifestação, o âmbito do masculino é invadido pelo feminino, a devoção termina em festa... (MAGNANI, 1996, p. 39)

Mas, aí é que está, se eles criam seus espaços, reinventam a própria noção do tempo, falando sobre tudo “livremente”, não importando a religião, já que “não existe

limites de conversa, de informação”, será que suas conversas ficam fechadas em assuntos que tenham a ver com o “ser surdo”, principalmente quando os assuntos envolvem ouvintes, como as famílias, namoros ou casamentos entre surdos e ouvintes? Estes, uns já dominando a LIBRAS, como a intérprete, outros ainda em fase de aprendizagem? Provavelmente, não. Ainda mais que tenho de lembrar que a intérprete muitas vezes era chamada para tratar de assuntos pessoais dos surdos, talvez muito mais por questões ampliadas pelo fato de ser intérprete. E aí a zona de conforto teria de ser pensada em termos de amizade e confiança em relação a alguém que, falando duas línguas fluentemente e participando do mesmo universo de amigos – nem todos surdos –, está sim representando uma “zona de conforto”, exatamente por traduzir uma fronteira em aspectos diversos e não apenas da língua. Talvez essa facilidade do domínio da língua pela intérprete precise ser pensada, observando sua convivência entre surdos e ouvintes. Senão por que algumas vezes não a interroguei sobre ela ser chamada para tratar de assuntos até conflitantes? Poderia ser por ser ela psicóloga também? Pela minha observação, não. Assim como ela era chamada para ajudar em questões relacionadas ao mundo do trabalho, em questões relacionadas às visitas a médicos e questões práticas do dia a dia, ela também era chamada como uma espécie de mediadora em assuntos particulares. Mas, em alguns casos, os diretamente envolvidos na situação eram aqueles que conversavam livremente sobre qualquer assunto. Então, por que, necessariamente ela é quem deveria fazer essa ponte? Penso que aqui está mais um momento em que a fronteira precisa ser pensada. Talvez não seja porque ela é intérprete de LIBRAS, mas porque vivendo na fronteira entre surdos e ouvintes, ela própria, sendo fronteira, tem algo que para eles, os surdos, seja bem mais significativo. O desconforto da fronteira, para alguns, estaria em desconstrução. Os surdos apenas falando LIBRAS, ou oralizando também, não importa, eles já vivem num mundo de fronteira, em que a surdez não é uma linha demarcatória definitiva e implacável.

INTERPRETANDO A ASJP?

Eu, particularmente, me sinto bem na associação. Nunca tive problema com nenhum presidente, com os surdos. Foi sempre... A nossa relação foi tranquila. Naturalmente, assim... Como qualquer outra instituição a gente se identifica com uma ou outra pessoa. Se identifica com outra..., mas isso é relativo. Eu, como intérprete, tento manter o jogo de cintura com todos os presidentes. Cada um preside de uma forma e outro... Mas eu procuro manter a minha postura profissional com qualquer pessoa.

Eu acredito que é da mesma forma dos ouvintes. Existe muita politicagem. Assim também no sentido de que, por exemplo: se eu tenho um presidente que eu concordo com o trabalho dele, que eu estou lá com ele e tal... É aquela pessoa que eu coloquei lá como presidente, por que os surdos votam, votaram. Então assim... Existe aquilo que eu tava falando nesse instante. Existe surdos que preferem determinado presidente X e tem surdo que prefere determinado presidente Y, pela sua maneira de governo. Como acontece também com a parte dos ouvintes. Existem pessoas que preferem tais governantes. A maneira de governar, outra maneira de governar. Então isso também é muito relativo. É o que eu percebo em relação à FENEIS, ao INES e à Associação dos Surdos, à CBDS e outras instituições de surdos em âmbito nacional, cada um tem seu estatuto próprio e seu objetivo. Qual é o objetivo da FENEIS? Lutar pelos direitos dos surdos, brigar diante do CONAD, que é o Conselho Nacional de Deficiente. Momentos que eles se preocupam com leis que favorecem também a comunidade surda e não só outros segmentos de deficientes.

Pronto. Depende muito de cada presidente também. Então existe presidente que informa o que está acontecendo na FENEIS. Existe presidente que não informa. Depende muito do trabalho de cada um. Quando acontece alguma conquista tem presidente que é da FENEIS, aqui, em Recife. Mas existem presidentes que repassam informações. Existem presidentes que só citam... Presidentes que reforçam... Cada um... O trabalho da FENEIS é algo assim nacional. As associações deveriam publicar e falar e dar mais importância, né, com relação a isso.

E no caso do trânsito da intérprete, transitando pela ASJP como intérprete, e aqui como mais um discurso que merece atenção, para iniciar, já que muitas das suas colocações também são dos nossos entrevistados, alguns com suas ponderações e elogios, outros com críticas declaradas, ou tudo isso misturado, e com uma razão de ser, claro, todos gostam e querem que aquele espaço que lhes é importante também seja palco de crescimento a partir de discussões, conquistas e construções.

Bem, mais uma vez vamos observar, no discurso geral desta categoria, que nem todos os presidentes da ASJP são ou foram iguais na forma de estar à frente de tal organização, agradando a todos os surdos sócios da mesma forma, como qualquer governante, como qualquer representante eleito para representar quem os elegeu.

A FENEIS e o INES, como instituições nacionais que representam os surdos, com publicações em periódicos que interessam aos surdos e ouvintes, mas, principalmente, aos surdos, por tratar de temáticas e conquistas políticas dos surdos, nem sempre são ou foram divulgadas pelos presidentes da ASJP, talvez pelo menos da forma como deveria. Isto aparece no discurso acima, mas também nos discursos dos meus entrevistados. Algumas vezes me chamava à atenção o fato de que revistas destas entidades estivessem lá num cesto de revistas, assim como aquelas que encontramos nas salas de espera de consultórios médicos e odontológicos. Mas saber mesmo se eles liam ou sabiam do que se tratavam tais

publicações não se dava exatamente por este fato, mas em colocações como as da intérprete e que pude constatar, primeiro, pela indiferença com que pareciam ali jogadas, depois, por outras colocações pares das que estão acima.

Provavelmente, o trânsito por este aspecto da fronteira seja um tanto delicado, precisando de reflexões bem mais amiúde. E, no caso, uma temática que incide sobre os aspectos políticos das associações dos surdos e suas práticas igualmente políticas, no sentido de divulgar aquilo que lhes deveria interessar como cidadãos com direitos sendo conquistados, será explorado mais adiante em momentos mais específicos em termos de capítulo mesmo deste trabalho. Se “mais importância” deveria ser dada a este fato? Claro! E procurei separar os momentos em que tais interrogações foram multiplicadas a partir das minhas provocações no momento das entrevistas, em todas elas.

CAPÍTULO II

CAPÍTULO II

UNS E UNS E UNS... E OUTROS!?

Uns

*Uns vão / Uns tão / Uns são / Uns dão
 Uns não / Uns hão de / Uns pés / Uns mãos
 Uns cabeça / Uns só coração / Uns amam / Uns andam
 Uns avançam / Uns também / Uns cem / Uns sem
 Uns vêm / Uns têm / Uns nada têm / Uns mal
 Uns bem / Uns nada além / Nunca estão todos
 Uns bichos / Uns deuses / Uns azuis / Uns quase iguais
 Uns menos / Uns mais / Uns médios / Uns por demais
 Uns masculinos / Uns femininos / Uns assim / Uns meus
 Uns teus / Uns ateus / Uns filhos de Deus / Uns dizem fim / Uns dizem sim
 E não há outros*

Caetano Veloso

Continuando um caminho fronteiro, vou agora analisar o discurso dos meus interlocutores, nas entrevistas, que geraram conversas possíveis, diferentes através de línguas também diferentes. O objetivo é o de procurar compreender como têm sido construídas as identidades ou a identificação dos indivíduos surdos a partir, justamente, da peculiaridade da surdez, no caso, mais precisamente, as suas diferenças, a tônica deste trabalho.

Uma das coisas que me ocorreram, quando já estava no momento da pesquisa de campo e iniciando as entrevistas, foi a lembrança de uma caixa de lápis coloridos. Quando queremos pintar alguma coisa num tom de azul podemos escolher entre um mais claro e outro mais escuro. Mas, e se o resultado da coloração não for exatamente aquela que desejávamos? Ora, vamos descobrindo que misturando os dois tons talvez surja uma nova cor, até mais bonita do que aquela primeira imaginada. E essa mistura pode ser feita não apenas entre tons de uma mesma cor, mas com as cores de tons bastante diferentes entre si, gerando e multiplicando a quantidade e, também, a qualidade da nossa original e antiga caixa de lápis de cor, sem que as cores manipuladas para a mistura deixem de existir nas suas tonalidades singulares. Identidade e diferença estariam assim possibilitadas na peculiaridade de cada um de nós, assim como uns lápis coloridos?

Susan Friedman (2002), ao tratar da fronteira, do hibridismo e da performatividade, de modo bastante pertinente e ilustrativo, demonstra como a teatralização com fins acadêmicos de Anna D. Smith é capaz de traduzir a diferença e a identidade, manipulando

impressões diversas de outros acerca do que quer que seja, nas suas encenações. Pode-se habitar o outro sem transformar-se nele. Pode-se representar a diferença num ato de performatividade sem, no entanto, se perder do eu original. E pode parecer que assim me referindo à fronteira e ao hibridismo eu não esteja atento ao lugar de conflito e às dificuldades de manifestações múltiplas, mas não. As forças e poderes em conflito não se apresentam magicamente, mas com atuações que não se confinam ou se separam em fronteiras estanques e demarcadas. Assim, o resultado criativo do não enquadramento é animador, já que rompe, quebra e transgride o estabelecido. Ou deveríamos essencializar espaços determinados, academicamente, como se os próprios conceitos, por suas origens até mesmo conservadoras ou servidoras às forças opressoras, não pudessem ser reinventados, recriados diante de suas próprias naturezas contraditórias?

Como já anunciei anteriormente, a minha própria construção está permeada por correntes teóricas distintas, em relação às questões relacionadas à identidade e à diferença. Portanto, meus argumentos estão entrecruzados do encontro de outros tantos argumentos discursivos, em que a repetição de ideias, por vezes, parece sugerir uma tautologia. No entanto, quero lembrar aqui que tanto Jacques Derrida quanto Judith Butler falam da repetibilidade, mesmo usando-a, cada um, com objetivos de explicação peculiares que se cruzam ou podem ser utilizados por nós, para atitudes parecidas com a coloração a que me referi há pouco. E nesse sentido, algo que li me ocorreu, como pertinente, para ser evocado agora, partindo de um texto de Carvalho (2001) na sua perspectiva teórica, mais diretamente, ligada aos Estudos Sulbateros, com a triangulação feita a partir de Spivak, Said e Bhabha, observando que: a ampliação vertiginosa do panorama dos estudos da cultura nas últimas décadas tem estimulado cruzamentos temáticos cada vez mais complexos e numerosos, bem assim como a consolidação de novas abordagens, teorias e disciplinas.

Derrida não surgiria com a sua desconstrução, ainda mais incisivo, apontando um lugar de rompimento entre o que se teria como referência, no caso a “cultura clássica”, do ocidente europeu, com o seu civilizado em relação ao outro, o nativo, o subalterno, até então concebido segundo o parâmetro de um colonizador, superior? Mas este, na verdade, não teria como justificativa um modelo em que o submisso estaria sujeito a uma prescrição de poder e, por assim dizer, cumpriria uma ordem explícita? E por isso o mesmo Carvalho (2001) lembra, também, que Michel Foucault foi esquecido pelos estudos antropológicos, no sentido da observação de uma determinação histórica, com todas as suas singularidades,

para se compreender, por exemplo, a questão da alteridade, mesmo sendo tarefa etnográfica.

Ora, se uma relação de autoridade estava em jogo, como ela teria sido construída e constituída pelos grupos envolvidos, monoliticamente, sem adesões, conflitos e relações de poder? O que estava determinado era obra de algo não pensado em termos dos múltiplos sociais, ou aparentes dicotômicos? Fosse assim um domínio não seria algo indiscutível, posto que de um lado um dominador implacável e nunca questionado e do outro um para sempre subalterno, submisso, incapaz de revelar contradições e conflitos? Simples assim? E por que haveria imposição, se não “positividade do poder” (FOUCAULT, 1988), não se fizesse reveladora de que socialmente um não está fatalmente subsumido ao outro, pelo contrário, um revela o outro, sem que ambos deixem de ser outro para o outro?

Quero reavivar, também, que diante da multiplicidade de discursos com o qual me deparei em campo, e, portanto, com as identidades reveladoras de diferenças, não pude caminhar em linha reta, mas revendo e repensando a trilha, assim como se tivesse de estar atento, todo o tempo, para o fato de que: “a intuição é o gozo da diferença. Mas ela não é somente o gozo do resultado do método, ela própria é o método. Como tal, ela não é um ato único, ela nos propõe uma pluralidade de atos, uma pluralidade de esforços e de direções”. (DELEUZE, 2006, p. 48)

E tal como em “Torres de Babel”, Derrida (2002) nos coloca diante da provocação da multiplicidade em confronto consigo mesma, sendo que na postura de vaidade e arrogância extremas, pela ambição de querermos determinar as palavras verdadeiras e com isso traduzindo a própria noção de verdade, acabamos nos deparando com uma verdade aprisionada e sem fronteiras, por cada um dos diferentes. Então, não estavam lá, na torre, todos os diferentes, sabendo-se ou não diferentes, revelando-se, assim, no que poderiam criar de hierarquias (se binariamente se contrapusessem), ou descobrindo, posteriormente, a riqueza do acontecido?

Depois de apontadas algumas interrogações, alguns pontos e contrapontos, passarei, agora, a explorar alguns aspectos presentes no resultado das entrevistas elaboradas com os surdos e que me farão retomar argumentos já anunciados, mas procurando ampliar a teia de significações, quando e porque assim se fará necessário, diante da minha análise do que se constituiu em seus discursos.

Informo que meus entrevistados são pessoas com idades variadas, mas todos adultos. São mulheres e homens, com graus de instrução, estado civil e ocupação

profissional, diversificados. Procurei equacionar o percentual de idade, indo do mais jovem ao mais velho a que tivesse acesso. A mesma coisa procurei fazer em relação ao gênero, ou seja, equilibrar o número de homens e mulheres. No caso do grau de instrução também procurei diversificar, detectando tanto analfabetos, como pessoas com o mais alto grau escolar. Neste aspecto, a situação é um tanto peculiar, já que todos entrevistados tinham domínio de alguma língua ou mais. Os surdos que não dominavam a língua portuguesa, tinham domínio da LIBRAS. Em relação ao estado civil e a ocupação profissional pretendia que fossem os mais diversificados possíveis, no entanto não poderia marcar fortemente estes dois aspectos, já que dependia da disponibilidade daqueles que ia encontrando dispostos a contribuir com este trabalho. Mas, ao final, consegui um razoável equilíbrio dos mesmos. Outro aspecto da pesquisa de campo, em questão, foi o artifício que uso, de trocar seus nomes pessoais por codinomes, no sentido de mantê-los no anonimato.

Destaco a partir daqui a anunciação dos surdos sobre a questão da surdez em suas vidas. Nem todos nasceram surdos. Alguns perderam a audição anos depois de nascidos, por acontecimentos diversos. Isso vai implicar na forma de identificação e afirmação de si mesmos como indivíduos surdos. Vejamos, portanto, a forma desse destaque! A pluralidade de como distribuí a análise da categoria a seguir fica visível na forma como apresento os diferentes discursos, ou seja, seus depoimentos reveladores, por conseguinte, dessa pluralidade. E o meu procedimento foi o de dividir as categorias em atos. Como numa encenação que vai se desenrolando à medida que determinados aspectos dos discursos se aproximem mais do que outros, mas não que estejam absolutamente separados e não se cruzem e repitam de um ato para o outro. A minha percepção dos destaques foram as que vêm a seguir, poderiam ter sido outras, podem ser outras para quem, agora, está lendo e tomando conhecimento do que me propus e da forma como o fiz.

EU NASCI SURDO!

*Tudo o que nasce é Rebento
Tudo que brota, que vinga, que medra
Rebento raro como flor na terra,
rebento farto como trigo ao vento...*
Gilberto Gil

Primeiro ato:

Nasci surdo. Minha mãe batendo, batendo... me chamando, sinalizando com gestos... Ela achava que eu era ouvinte, mas foi descobrindo que eu era surdo. (Tomáz, 38 anos, casado, 2º grau completo)

Eles não conseguiram perceber, aí foram no médico e o médico falou. Perguntaram se eu tinha alguma doença e o médico falou: “Não, ele é surdo.” Então foi o médico que diagnosticou. Minha família não percebeu nada, foi médico que identificou. E, depois, eu fui usando aparelho e as pessoas foram percebendo. Pensavam que eu era ouvinte, como as outras pessoas. (Tadeu, 35 anos, solteiro, graduado em Matemática, com pós-graduação em Educação)

Aqui, nestes depoimentos, a afirmação parece inconteste de que a surdez foi de nascença e que foi sendo descoberta pela família, gradativamente, sem causa aparente ou de algum histórico anterior, o que, provavelmente, gerou surpresa. O que fazer, como proceder, diante de um fato que vai se delineando como algo impositivo, sem que se faça ideia de como aquilo tenha ocorrido? Uma situação inusitada com a qual a família passa a lidar. No primeiro caso a família “foi descobrindo”. No segundo caso o exame médico é que confirmou a surdez. As descobertas não se dão da mesma forma e parece independer do tipo de família que se tem em termos de poder aquisitivo, por exemplo, já que nem sempre a busca pelo exame médico é imediata, como era de se esperar no caso de uma família de maior poder aquisitivo. A percepção parece estar ligada a outros fatores como, talvez, a própria resistência da descoberta de algo que pode trazer incômodo, negação. O não perceber, no segundo caso, parece revelar o que acabei de dizer. Só a autoridade médica é que iria detectar, diagnosticar, o provavelmente indesejado. O “pensavam que eu era ouvinte, como as outras pessoas” é algo significativo. Algumas descobertas não são, exatamente, o que se queria descobrir. Mas a partir daí, para um melhor conforto entre surdo e família, algo tem que ser feito, em benefício de ambos. E, neste momento, não está em questão nenhuma ponderação teórica que por ventura possa existir. O surdo faz parte de uma família ouvinte. Deveria ser renegado ou entregue a alguma instituição que tratasse

de surdos? Penso que não são estas as decisões tomadas pelas famílias, pelo menos não na nossa sociedade. O que me ocorre, diante do que está colocado por estes interlocutores e considerando as perguntas sobre o que fazer, é algo que cito a seguir:

Viver sob condições de grande incerteza, perpétua e autoperpetuante, é uma experiência desalentadora; temos calafrios diante das infindáveis possibilidades, assim como hesitamos quando enfrentamos uma escolha; trememos ao pensar que as razões que hoje parecem sensatas podem provar grandes erros amanhã; não sabemos mais o que o futuro nos reserva, e menos ainda como forçá-lo a entregar o que desejamos que ele ofereça. Incerteza, hesitação, falta de controle, tudo resulta em ansiedade, que é o preço pago pelas novas liberdades individuais e pelas novas responsabilidades. Por mais agradáveis que tais liberdades possam ser em outros aspectos, muitas pessoas acham o preço alto para pagá-lo de bom grado. Prefeririam optar por um mundo menos complexo e assim menos assustador; por um mundo em que as escolhas são simples, em que recompensas pelas boas escolhas são asseguradas e os sinais de uma boa escolha são claros e inconfundíveis. Por um mundo em que sabemos o que fazer para estarmos sempre bem. Um mundo que não nos esconde mistérios e não nos pega de surpresa. Para muitas pessoas lançadas à liberdade sem qualquer consulta, a oferta de uma “grande simplificação” é tentadora e difícil de ser recusada. (BAUMAN, 2001, p. 115-116)

Penso com Bauman, que aquilo que ele intitula de “unidos na diferença, neste caso faz bastante sentido, já que a situação inusitada e não prescrita de antemão é desconcertante e ao mesmo tempo forçoso de uma tomada de atitude, mesmo que esta não seja a mais acertada para o filho surdo, coisa que somente ele, na sua experiência coletiva e cotidiana, descobrindo-se diferente dos ouvintes, é quem vai poder escolher, diante do que se lhe apresentar como a escolha mais agradável. E, pelo que pude observar no meu campo de pesquisa, além das entrevistas, esta atitude de liberdade ele, o surdo, tem, mesmo que alguns discordem, como se fosse ele uma vítima do seu destino ou de um mundo ouvinte impiedosamente detentor e/ou determinante das suas possíveis liberdades de escolha. Ora, esse discurso me deterei a refletir em momento oportuno deste trabalho.

Segundo ato:

Eu nasci realmente surdo. O meu irmão surdo e cego morreu. Foi o primeiro irmão, tinha o nome igual ao meu. Depois eu nasci surdo, mas não nasci com nenhuma deficiência visual. (Arthur, 22 anos, solteiro, 2º grau completo)

Eu nasci surdo. O meu pai já tinha me passado a história que meu primo é surdo e que houve, no meu caso, hereditariedade. Então não tive doença nenhuma, já

sabiam que eu poderia nascer surdo por causa da hereditariedade. (Moisés, 18 anos, solteiro, cursando ensino médio, curso de eletrotécnica)

Minha mãe estava grávida de mim em São Paulo e alguém chutou a barriga dela. Com um tempo minha mãe teve rubéola e eu nasci surda. Meu pai e minha mãe faziam carinho em mim e todos pensavam que eu era ouvinte. Aí descobriram que eu era surda e ficaram muito tristes, muito emocionados porque eu tinha nascido surda. Minha irmã também é surda, foi a primeira que nasceu. Nós somos as únicas filhas e somos surdas. (Alice, 32 anos, solteira, graduada no Curso de Publicidade e Propaganda)

Eu estava na barriga da minha mãe, ela estava grávida e eu nasci surda, completamente. Foi ocorrência da gravidez. (Helena, 32 anos, solteira, 2º grau completo)

Aí eu fui o filho do segundo casamento da minha mãe. Aí o primeiro filho tudo bem, o segundo filho tudo bem e o terceiro filho tudo bem. Eu nasci o quarto filho e na gravidez minha mãe teve rubéola, e quando eu nasci, já nasci surdo. E eu não tinha ideia de som. (Felipe, 24 anos, casado. 1º grau incompleto)

Os discursos, agora, revelam outro tipo de contexto e, portanto, lugares e determinações diferentes. Nascer surdo, nesta parte da encenação, tem a ver com problemas provenientes de doenças na gravidez da mãe ou relacionados a uma herança hereditária, ou ambos simultaneamente, como listados acima. Nestes casos é importante atentar para a forma como o que é dito tem ou pode ter implicações diferenciadas na forma de se assumir como nascidos surdos.

Um primeiro aspecto relaciona-se à questão da herança genética. E neste caso uma confirmação mais categórica dá a impressão de uma afirmação mais precisa, como se o fato de ser surdo não apresenta nada de ineditismo ou surpresa. E, mais precisamente, no meu contato com os informantes que assim revelaram seu estado de surdez, pelo menos a princípio, não parecia que algo de tão estranho assim lhes parecesse. Uma possibilidade de tal acontecimento não soava como fatalidade. O que, por outro lado, é de estranhar, já que algo já estava anunciado ou profetizado, de certa forma. Mas, reafirmo que, com a maioria dos meus informantes, além dos discursos listados acima e da minha observação de seus comportamentos, havia algo de identificação, aparentemente, sem maiores traumas. Como se o ser diferente ou um *outsiders*, previamente estabelecido (ELIAS & SCTSON, 2000), não fosse algo que lhes colocasse numa posição de inferioridade, com uma “moral baixa” ou um “status social inferior”, que lhes diminuísse qualquer possibilidade de integração. Os dois entrevistados, no caso Arthur e Moisés, mais especificamente, transitam entre surdos e ouvintes de forma tão integrativa que um deles se destaca em termos de liderança.

Os dois, inclusive, além de falar em LIBRAS, fazem leitura labial e quando querem facilitar a comunicação com os ouvintes oralizam sem reservas ou questionamentos. Principalmente o caso do estudante do curso de Eletrotécnica, uma pessoa jovem e extremamente respeitada pelo carisma e tranquilidade no trato com surdos e ouvintes, coisa que pude observar, por exemplo, no time de Futsal e no campeonato a que já me referi anteriormente, quando era ele quem conduzia uma reflexão e oração antes do início das partidas. Mas, uma primeira impressão e me referindo à maioria, não significa que, de fato, era tudo tão tranquilo e bem resolvido.

Em relação aos outros discursos que associam a surdez ao fator hereditário e às doenças de que a mãe foi acometida na gravidez (na maioria dos casos, rubéola) o tom já é um pouco diferente, ou são concisos, ou com uma explicação que chega a parecer indecisa, ou com algum tipo de necessidade de uma explicação de que não reste dúvida, o que talvez revele uma vontade do contrário, por conta do que é narrado. Esta é a minha interpretação da fala de Alice, por exemplo, uma das falas que listei acima para esta categoria, exatamente por apresentar certa perturbação no momento em que foi indagada e que não aparece completamente aqui na transcrição, mas lembro bem do momento da construção da sua resposta, seu semblante um tanto inquieto... O que, claro, não é conclusivo, é uma afirmação do meu momento como entrevistador, do meu cisma ali, naquele momento.

Um intervalo entre atos:

A minha família, meu pai ouvinte, minha mãe ouvinte, mas tinha problema de audição. Nasci surdo. Não teve nenhum problema de doença, mas eu nasci surdo e me sinto muito bem. Não desejo ouvir. (David, 45 anos, casado, graduado no curso de Letras LIBRAS)

Declarar-se surdo, no caso acima, tem um elemento que chama a atenção e por isso o separei num intervalo. Não obstante, a mãe ouvinte, mas com “problema de audição”, um filho do primeiro casamento também surdo, o sentir-se bem e não desejar ouvir é enfatizado com uma veemência, que me lembra o momento da entrevista com David. Um senhor que, mesmo tendo me recebido muito bem na sua casa, quando as perguntas da entrevista foram se mostrando provocativas para ele, e para mim simultaneamente, parecia que estávamos numa situação de enfrentamento: surdos contra ouvintes. Os ouvintes eram tidos como respeitados, até porque nem todos os seus convivas eram surdos, mas ele

chegou a declarar um desejo, de modo tão significativo e enfático, de que queria que uma filha grávida e prestes a “dar a luz” parisse um bebê surdo. Também queria que todos os seus filhos fossem surdos:

Eu gostaria que os meus filhos fossem todos surdos. Então a minha preferência. Eu gostaria que meus filhos nascessem todos surdos. Mas se ele nascesse ouvinte, tudo bem, surdo ou ouvinte, pra mim, tudo bem. (David, 45 anos, casado, graduado no curso de Letras LIBRAS)

Aqui um discurso de uma “cultura e identidade surdas”, defendidas por alguns estudiosos dos estudos sobre os surdos e a surdez – e sobre esta questão discutirei mais adiante em momento posterior deste trabalho –, parecia já estar bem absorvida.

Eu nasci surdo. Então eu sou tradicional a ser surdo. Tudo em mim gira em torno de ser surdo, minha identidade. Então, eu sou surdo. (...) Então cada um opta por seu caminho. O meu caminho é esse. Então existem caminhos ruins, caminhos bons e oralização. Mas eu não quero perder minha memória visual. Eu quero continuar incentivando o meu surdo, o meu filho (...). (David, 45 anos, casado, graduado no curso de Letras LIBRAS)

Aqui não teríamos um exemplo de poder de autoafetação? Enquanto a sociedade dos ouvintes apontam os surdos como àqueles que possuem uma “falta”, inclusive os surdos, eles mesmos, podem subjetivar essas ideias, David significa a surdez, talvez, com positividade, satisfação, e até orgulho – (...) *Na minha família nascendo um filho surdo, todo mundo fica triste. Eu fico feliz. Esposa surda, filho surdo. Existem pessoas que ficam tristes com filhos surdos. Surdos com filhos surdos. Mas eu não. Eu, na minha opinião, me dá muito alegria. Muito feliz! Eu gostaria muito de ter mais surdos na minha família.* (...) – (grifos meus), mesmo lembrando, em seu discurso, os estigmas sofridos. Mas deixa bem claro, em relação aos preconceitos, que do mesmo modo que existe preconceito do ouvinte com os surdos, existe também o contrário: preconceito dos surdos em relação aos ouvintes. Com certeza os preconceitos são fundamentados em motivos diversos.

David, também, falando sobre o preconceito sofrido na infância por ser surdo, lembra que nem sempre sofreu estigma de pessoas estranhas, mas, principalmente, a família era quem mais apresentava preconceito em relação a sua condição de surdo. Ele diz que sente trauma quando lembra dessa época em sua vida. Ainda apresenta ressentimento em relação ao fato dos ouvintes aprenderem e, por consequência, “crescerem”, mais rápido do que os surdos. Também fala dos governos, políticos, que não enxergam e não respeitam

os surdos. Assim, em seu discurso, se entrecruzam discursos que parecem até contraditórios. Ora diz que respeita os ouvintes, ora outra diz que sente raiva dos mesmos por possuir privilégios. Raiva e/ou inveja? Mas, mesmo assim, sabendo que é mais fácil ser um ouvinte do que um surdo, deseja que sua família fosse formada por surdos. David nunca deixa de evidenciar, de lembrar, que é feliz em sua vida do jeito que é: surdo.

Ora, as diferenças deveriam ser separadas, demarcadas em fronteiras muito bem definidas? O que fez este indivíduo ter uma posição tão contundente não parece ser apenas os estigmas sofridos por aqueles que são marcados pela diferença. Aqui, então, me valho do seguinte argumento, para seguir ainda mais adiante:

Uma possibilidade fundamental na vida da pessoa estigmatizada é a colaboração que presta aos normais no sentido de atuar como se a sua qualidade diferencial manifesta não tivesse importância nem merecesse atenção especial. Entretanto, quando a diferença não está imediatamente aparente e não se tem dela um conhecimento prévio (ou, pelo menos, ela não sabe que os outros a conhecem), quando, na verdade, ela é uma pessoa desacreditável, e não desacreditada, nesse momento é que aparece a segunda possibilidade fundamental em sua vida. A questão que se coloca não é a da manipulação da tensão gerada durante os contatos sociais e sim da manipulação de informação sobre o seu defeito. Exibi-lo ou ocultá-lo; contá-lo ou não contá-lo; revelá-lo ou escondê-lo; mentir ou não mentir; e, em cada caso, para quem, como, quando e onde. (GOFFMAN, 1988, p. 51)

O que me parece tão veemente na colocação de quem não deseja ouvir é a revelação, na verdade, de que vivendo entre ouvintes de forma ativa, atuando profissionalmente, sem que a falta da audição lhe pudesse causar nenhum constrangimento. Simultaneamente, uma postura de enfrentamento para com os ouvintes demonstraria o seu contrário. E aí me pergunto se o desacreditável e o desacreditado, neste caso, não estão embaralhados, de tal modo, que a forma de falar da sua surdez, em determinados momentos, e para quem não remete à questão de que o estigma pesa, é fonte de confusão, mesmo diante de um discurso aparentemente seguro e definitivo. Será que a questão não se aprofunda ainda mais em termos do que seria normal ou anormal, nos modos em que Michel Foucault (2001) trata em “Os anormais”, quando o discurso de um perito é que definiria de forma autorizada, pelo discurso da ciência ou da religião, o que estaria no plano do monstruoso ou da anomalia, no sentido de ser ordenada uma classificação segura? Lembro que sobre esta questão, e confrontando-a com a da inclusão e da exclusão, Veiga-Neto (2001, p. 105) coloca que:

(...) na esteira das contribuições de Michel Foucault, estou usando a palavra anormais para designar esses cada vez mais variados e numerosos grupos que a Modernidade vem, incansável e incessantemente, inventando e multiplicando: os sindrômicos, deficientes, monstros e psicopatas (em todas as suas variadas tipologias), os surdos, os cegos, os aleijados, os rebeldes, os pouco inteligentes, os estranhos, os GLS, os “outros”, os miseráveis, o refugio enfim.

Ora, por mais consciente que seja da sua afirmação, insisto lembrar que o indivíduo o faz de um determinado lugar por ele ocupado. Seja um surdo consciente ou não das conquistas dos seus direitos e cidadania. Aqui, ainda, não é ao que me refiro neste momento, mas que o embaralhamento está em jogo na questão da própria noção da sua diferença. Falar de um lugar e o olhar crítico sobre qualquer classificação é bastante salutar, mas resta saber como não se impõem como lugares de afirmação-negação, pela comparação. E pela comparação enfática entre ser surdo ou ouvinte, subjacente ao discurso de David, parece que faz bastante sentido a afirmação de Simmel (2006, p. 45-46) quando diz que:

Acima de tudo o significado prático do ser humano é determinado por meio da semelhança e da diferença. Seja como fato ou como tendência, a semelhança com os outros não tem menos importância que a diferença com relação aos demais; semelhança e diferença são, de múltiplas maneiras, os grandes princípios de todo desenvolvimento externo e interno. Bastaria dizer que, para a ação no âmbito das relações do indivíduo, a diferença perante outros indivíduos é muito mais importante que a semelhança entre eles. A diferenciação perante os outros é o que incentiva e determina em grande parte a nossa atividade. Precisamos observar as diferenças dos outros caso queiramos utilizá-las e assumir o lugar adequado entre eles.

Vale salientar que, mesmo com toda a ponderação feita por Simmel, não é exatamente esta a concepção de diferença com a qual me identifico, posto que ela me faz lembrar que ser diferente lembra uma referência de um para com o outro, para que ela possa emergir e só assim ser percebida como diferença, ou seja, primeiro me comparo ao outro, para que possa me reconhecer e me posicionar devidamente diferente. Concorro com a observação da diferença, com os cruzamentos dela, mas não com a afirmação da minha apenas se conhecer com a do outro. Não estaríamos voltando ao patamar da equiparação e hierarquização das diferenças? E não seria este o caso de me reconhecer surdo se apenas conhecer a diferença do ouvinte? Aqui a fronteira não estaria voltando como lugar de demarcação implacável? Mesmo não concordando com uma “cultura e identidade surdas”, alguns surdos e ouvintes não as defendem, por que eu teria que dizer que a minha diferença de concepção está assentada apenas porque discordo deste tipo de

concepção? Conhecê-la, com toda certeza, é importante, mas não definitivo para que eu tenha minhas próprias convicções. O que digo aqui pode ser bastante discutível, mas lembro que nas minhas leituras antropológicas me dei conta que a diferença existe, tenha eu conhecimento dela ou não. E Horace Minner (1956) trata muito bem deste aspecto no texto “O Ritual do Corpo Entre os Sonaciremas”, em que usa de um artifício em que nós mesmos podemos não nos reconhecer se tomados como objetos de observação nós mesmos. O diferente pode e, de fato, está em mim mesmo, sem que eu possa dele me dar conta, porque somos todos múltiplos e mutantes em nós mesmos. Convivo com o diferente e posso nunca entendê-lo, assimilá-lo seja no outro ou nas possibilidades de mim mesmo, mesmo o observando. O que dizer do outro, diferente, que nem sou eu nem o outro mesmo, mas o insuspeitável, ainda por ser percebido ou não, na experiência da alteridade? Podemos, sim, inventá-lo, creio eu, com ou sem o conhecimento do outro. Nos cruzaremos, é certo, ou, pelo menos, teremos alguma notícia de que ele existe. Até que cheguemos à fronteira e reconheçamos nós todos outros, compartilhemos e comuniquemos as nossas diferenças, levaremos algum tempo e, provavelmente, não sem algum espanto e desconfiança, que depois resultará em convivência, com todo o respeito que possamos ter, para que um não queira afetar o outro e até descaracterizá-lo, fazendo-o, ou pensando que podemos fazê-lo, submisso aos nossos desejos. Até porque para isso acontecer é necessário que nós os reconheçamos nas suas peculiaridades e as desejemos. Não é assim que tem a humanidade caminhado, como nas próprias relações sexuais, provenientes da atração física, em que os modelos de diferenças de corpos, como nas relações heterossexuais, não são mais as únicas possibilidades de atração física, já que a quebra com esse modelo de diferença tem resultado em multiplicações, que exemplificam e rompem com o ainda estabelecido como modelo a ser seguido, por um discurso tido como majoritário?

Com toda certeza a entrevista com David me causou impacto, desconfiança e interrogações, senão não teria tomado sua fala como um intervalo um tanto duradouro entre os atos da encenação que ora analiso. Positividade da surdez? Rancor e/ou inveja contra os ouvintes? Ou tudo ao mesmo tempo? Parece tudo embaralhado, ou não. Por que o fato de gostar de ser surdo e desejar que seus familiares fossem surdos incomoda tanto? Se fosse o contrário, se o desejo fosse ser “normal”, ouvinte, estaria destacando o discurso de David? Meus argumentos, eu mesmo ainda não tenho tanta certeza deles, são apenas pontos de reflexão em discussão.

Terceiro ato:

Sou completamente surda. Existem duas histórias. A mãe fala que eu nasci surda, fiquei surda na gravidez. O pai diz que eu fiquei surda aos 03 anos de idade. Eu sou surda, mas eu não sei de fato qual a história verdadeira. (Sara, 23 anos, casada, 2º grau incompleto)

Têm histórias diferentes, minha mãe falou que estourou uma bomba e eu nasci surdo. Minha tia diz que minha mãe tomou remédio para abortar e por isso eu nasci surdo. Mas, eu nasci bem, sou surdo. Eu não nasci ouvinte, nasci surdo. Minha família não percebeu que eu era surdo. (Abel, 34 anos, solteiro, 2º grau completo)

Eu nasci surdo. Meus pais sempre viajavam pra Itabaiana pra visitar a família. Numa dessas viagens, quando minha mãe tava grávida de mim, ela sofreu um acidente. Ela também teve uma doença, não sei se foi rubéola ou sarampo e, quando eu nasci, já era surdo. (André, 23 anos, casado, 2º grau completo)

As dúvidas sobre o motivo de se afirmar surdo aparecem como imprecisões do discurso que se traz consigo até o momento presente. E, nos casos acima, a família mais uma vez é o ponto de partida para tais imprecisões, já que ora o pai, ou a mãe, ou outro membro da família, contam histórias diferentes. Afirmações dúbias podem levar a interpretações dúbias, desconforto, curiosidade, que podemos, todos, carregar pela vida afora. Mas, com o passar do tempo podem deixar de ter qualquer importância. As repercussões dessas situações não posso afirmar, já que não me detive em investigá-las no momento mesmo das entrevistas, mas agora me ponho eu mesmo a me perguntar, se psicológica, e mesmo socialmente, não há algo de significativo. Algumas dúvidas podem reverberar e, consciente ou inconscientemente, aparecer nos atos concretos, como a consciência que se tem de si mesmo como numa representação em que fazemos do imediato, quando chamados a refletir ou dizer algo sobre aquilo que está proposto como questão. Sobre situações como estas, vejamos a colocação a seguir que trata dos comportamentos e suas estruturas:

A consciência é mais uma rede de intenções significativas, por vezes claras para elas mesmas, por vezes, ao contrário, mais vividas que conhecidas. Essa concepção nos permitirá associá-la à ação, ampliando nossa ideia de ação. A ação humana só pode ser reduzida à ação vital se considerarmos a análise intelectual pela qual ela passa como um meio mais engenhoso de alcançar seus fins animais. Ora, é essa relação inteiramente exterior do fim e dos meios que se torna impossível do ponto de vista de que nos colocamos. Ela se impõe à medida que definimos a consciência pela posse de certas “representações”, pois então a consciência do ato se reduz necessariamente à representação do seu objeto, por um

lado, e eventualmente àquela dos automatismos corporais que asseguram sua execução. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 270)

O que é colocado na citação acima merece que continuemos contracenando com o autor no que diz respeito à questão de uma “consciência representativa” ser definida por algo externo que se impõe de fora e que se alavanca em determinado momento de adaptação a esta ou aquela situação. Então, se é a família que nos repassa uma ou mais histórias sobre a nossa própria história, cabe a nós mesmos acioná-las racionalmente, como meio de nos fazermos presentes no mundo, ali naquele momento, ocupando um lugar marcado em nós mesmos dos quais tenhamos algum prazer ou não de repassar, mas é o que temos de concreto em nós, uma espécie de “sólido não organizado”.

Quarto ato:

Eu nasci surdo. Que eu saiba, na minha família não tem ninguém que apresente algum tipo de deficiência auditiva. Eu sou o único na minha família, mas... (sorri nervoso)..., a minha perda foi de nascença, não foi rubéola, nem de medicamentos que minha mãe ou meu pai ingeriram, nem nada. (Tibério, 23 anos, solteiro, graduado no Curso de Educação Física)

Eu nasci surda, não sei por quê. Acho que foi porque minha mãe fumava... Eu sou deficiente física também, além da surdez. Meu pai ficou muito sentido quando descobriu que eu era surda. (Natália, 24 anos, solteira, 2º grau completo)

Separei os trechos dos discursos num quarto ato, não porque todos os elementos que o compõem sejam absolutamente destacados dos outros. Aliás, são perceptíveis elementos comuns em todos os atos, como anunciei anteriormente. O que destaquei aqui é algo que na Psicanálise costuma ser tratado em termos de “teoria do trauma”, em que a relação entre possíveis eventos traumatizantes revelariam um sujeito traumatizado. Outro aspecto também em destaque é a questão da culpa ou culpabilidade. As duas coisas são estudadas pela perspectiva psicanalítica e a ela me apoio, mais imediatamente, como forma de refletir sobre o que me chamou atenção na forma como dizer-se surdo de nascença revelou certa perturbação desses dois interlocutores. E, mais uma vez, registro a minha lembrança do momento das entrevistas e que somo aos trechos que citei acima. Assim, como neste ato a observação de que nem tudo era tão bem internalizado, fica ainda mais visível.

Trauma e culpa aparecem associadas, diante das experiências vivenciadas desde a mais tenra infância e, depois rememoradas, perante as outras experiências, no processo de subjetivação. Outros interlocutores ou todos também me fazem lembrar destaques como esses, mas não tão fortemente como a forma de expressão das falas de Tibério e Natália – que, aparentemente, até parecem bem distantes – para explicar porque não sabem o motivo pelo qual nasceram surdos. Mas a análise mais adiante revelará o motivo desse momento, desse ato.

Os traumas podem acontecer ou não. Ainda, podem ter significados bastante pessoais, de acordo, até, com os fatos ocorridos, sabendo-se exatamente o que aconteceu ou não. Para explicar melhor, recorro a Vieira (2008) que, num artigo intitulado “O trauma subjetivo”, trata de “evocar uma abordagem subjetiva do trauma que se norteia pelas indicações do psicanalista Jacques Lacan” (p. 509). No ponto em que explora a questão “o trauma pelo avesso”, em dada passagem atenta para o fato de que: “é preciso contar que, independentemente do que terá ocorrido, algo singular precisará entrar sempre em ação para que possa definir um trauma, já que nem todos os expostos à mesma situação serão traumatizados” (idem). O autor aponta para o fato de que os acontecimentos mais diversos podem constituir situações traumáticas no plano consensual, chegando a indicar a Wikipédia, como forma de constatação disso. No entanto, ele apresenta uma diferenciação entre “trauma generalizado” e “trauma pelo avesso”, apontando a relação entre os eventos e os indivíduos, no sentido de explicitar o fator subjetivo como elemento de explicação do trauma a partir da centralização no sujeito, o que revela a perspectiva lacaniana, ou seja, “o trauma pelo avesso”. Escolhi dois trechos ilustrativos do que consiste um e outro caso:

Não se investiga sobre o que em um dado evento traumático teria sido o trauma para um sujeito. Apenas pede-se ao indivíduo que amarre “evento” e “trauma”, que diga se está ou não traumatizado e a partir de que acontecimento objetivo isso se deu. (...) Aceitar o subjetivo em tese para suprimi-lo (como variável) na prática leva à generalização do trauma. O trauma pelo avesso é a aposta no fator subjetivo como elemento chave no processo, que, já entendemos, não está escrito no evento, aparecendo, sobretudo como enigma, hiato, ruptura que perturba as explicações e sentidos coletivos e universais e que terá, a duras penas, de ser construído. (VIEIRA, 2008, p. 511)

Tibério e Natália, quando dizem que nasceram surdos, parecem querer uma explicação para o que não sabem o motivo e falam com gestos muito enfáticos do que parecem estar sentindo lhes perturbar.

No caso de Tibério, devo informar que se trata de um surdo que usa aparelho auditivo e que oraliza. Ele falou em português e cheguei a pensar se ele estava à vontade se afirmando como surdo. A maioria dos seus amigos é ouvinte. Ele passou a estudar LIBRAS e associar-se a ASJP, por sugestão de uma tia que trabalha com surdos ou “deficientes auditivos”. Ainda não domina LIBRAS completamente. Uma coisa já chama a atenção, ele usa a expressão deficiente auditivo e não o termo surdo. Mas, nesse momento da entrevista, o que trouxe curiosidade foi a sua preocupação em isentar o pai e a mãe, quando explica que não teve nenhuma doença ou uso de medicamentos durante a gravidez e que na família não havia nenhum caso, que soubesse, de outros surdos. Mas isso não foi dito com tranquilidade: seu nervosismo era visível na forma como falava com interrupções. Falar dos pais e da tia, lembro bem, tinha um tom de voz e expressões bem diferentes, inclusive. O trauma, se há algum, parece não estar, neste caso, ligado aos acontecimentos da infância, o que me faz lembrar novamente Vieira (op cit., p. 512), que ao falar do sujeito, segundo a concepção lacaniana em diálogo com a concepção freudiana, afirmando que: “o sujeito é fruto de uma montagem contingente e não apenas de uma série de acontecimentos na infância”. Suas experiências posteriores, na descoberta de que era o único surdo da família e sem saber o motivo, ainda mais usando aparelho auditivo e com treinamento fonoaudiológico desde muito cedo, e convivendo apenas com ouvintes, é que parecia ser traumático, desconfortável e desconcertante. Ele usa aparelho auditivo e escuta parcialmente, faz leitura labial e oraliza, sai com amigos ouvintes para diversões, sempre namorou com ouvintes. Era como se ele se perguntasse: o que eu estou fazendo aqui? Mas, ao mesmo tempo, foi descobrindo uma diferença, precisando fazer coisas que os ouvintes não precisaram para ocupar o lugar que, agora, ele ocupa. Além disso, a tia lhe apresentou aos surdos. Essa descoberta, sim, os surdos concretamente e falando uma língua pela qual ele não parece ter muito interesse (ele estuda inglês, esta língua parece lhe interessar mais). O trauma não estaria aí, na forma de como foi se concebendo a si mesmo, na relação com os pais, numa família de poder aquisitivo alto, com uma convivência majoritariamente ouvinte, mas sabendo que algumas daquelas pessoas que falam LIBRAS e frequentam a ASJP, abandonaram os aparelhos auditivos e se recusam a oralizar, mesmo que tenham passado pelo mesmo treinamento com fonoaudiólogos? E o jeito inquieto e nervoso ali, naquele espaço? Traumático? E, diante disso, uma sensação de culpa? Não estaria ele implicado naquilo que Freud (1930) concebe como um grande mal-estar, “O mal-estar na civilização”? E a culpa não levaria a um medo, o medo de magoar, de perder, de

decepcionar aqueles que tanto o amam e que tanto se preocuparam com ele? Isso pode estar inconsciente, até mesmo porque é neste plano, o do inconsciente, que este pensador psicanalista coloca a questão da culpa.

É bastante concebível que tampouco o sentimento de culpa produzido pela civilização seja percebido como tal, e em grande parte permaneça inconsciente, ou apareça como uma espécie de mal estar, uma insatisfação, para a qual as pessoas buscam outras motivações. As religiões, pelo menos, nunca desprezaram o papel desempenhado na civilização pelo sentimento de culpa (op cit., p. 160)

Trauma e culpa se entrecruzam e podem levar às sensações que se nos apresentam na vida, da forma que a vivemos, nos lugares sociais que vamos ocupando, segundo os padrões culturais que reafirmamos ou negamos, quando os questionamos. Mas as próprias reações podem revelar frustrações, traumas por ser pensados ou que muitas vezes são apenas sentidos, sem que pareçam associados às ações em qualquer âmbito do qual se faça parte. E ser diferente, como todos são, neste caso, tem significados que não há como não associar ao carregamento de uma marca, de um estigma, tal como Goffman (1999) coloca. Mas evocar este autor faz lembrar, também, que ao atuarmos socialmente temos a necessidade de um convencimento do que representamos da mesma forma que um ator num palco, com cenário devidamente criado, organizado para uma boa representação. Ilustrando:

Venho usando o termo “representações” para me referir a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência. Será conveniente denominar de fachada à parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação. Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação. (GOFFMAN, 1999, p. 29)

Dizer que é surdo de nascença parecendo eliminar qualquer responsabilidade familiar é que me remeteu examinar o que esse tipo de discurso teria de semelhante a uma dramatização, na qual o trauma e a culpa fazem parte de um texto implicitamente dado, para um convencimento de um fato do qual não se tem domínio preciso, mas muito mais dúvidas. E, lembrando, o que a interlocutora Natália coloca, sobre não saber se teria nascido surda porque a mãe era fumante é bastante flagrante, diante do fato de que ainda afirma a sua deficiência física, que eu nem tinha percebido (ela tem uma perna um pouco mais curta que a outra). Mas, quando fala que o pai ficou muito sentido, ou seja, que o pai

teria ficado triste, o texto se completa, para que sua “representação” convença e ao mesmo tempo tenha me feito observar o quanto trauma e culpa se apresentam, seja para se compadecer do pai, seja para culpar-se a si mesma. No caso da mãe fumante, mesmo como dúvida, a culpa seria daquela. Se houvesse confirmação, o que não poderia revelar ainda mais fortemente, uma culpa de um em relação ao trauma sofrido pelo outro.

Se me utilizei, neste ato, inicialmente, da teoria psicanalítica, foi porque trauma e culpa me pareceram merecer esse tipo de exploração. No entanto, falta concluir este ato, lembrando como a religião, seja o cristianismo ocidental, seja todas as formas de crenças, ampara, porque remete a culpa àquele que peca ou que deixa de cumprir determinada expectativa esperada, planejada ou mesmo determinada. Quantos estudos sociológicos e antropológicos não podem ser aqui lembrados que tratam da religiosidade? E quantos aspectos desta não remetem às possibilidades de trauma e culpa. De Durkheim a Lévi-Strauss, se tem muito o que explorar. Mas este não é um estudo sobre religiosidade, portanto, já que falei em culpa peço perdão, por ter me desvencilhado por outro caminho. Talvez a culpa que carregam Tibério e Natália, por terem nascido surdos, por carregarem consigo uma diferença traumática para as suas famílias. Ou não são mutuamente pais e filhos traumatizados e culpados? Por todos nós, um ato de contrição, um “*Mea culpa*”, como na oração, feita pelo pecador, no ritual de uma missa católica:

Eu pecador me confesso a Deus todo-poderoso, a bem-aventurada sempre Virgem Maria, ao bem-aventurado são Miguel Arcanjo, ao bem-aventurado são João Batista, aos santos apóstolos são Pedro e são Paulo, a todos os Santos e a vós, Padre, porque pequei muitas vezes, por pensamentos, palavras e obras, (bate-se por três vezes no peito) por minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa. Portanto, rogo à bem-aventurada Virgem Maria, ao bem-aventurado são Miguel Arcanjo, ao bem-aventurado são João Batista, aos santos apóstolos são Pedro e São Paulo, a todos os Santos e a vós, Padre, que rogueis a Deus Nosso Senhor por mim.

Isso, porque... *talvez o tempo possa me livrar da culpa que eu não sei se vem de dentro de mim ou da cruz de Jesus...* (BUHR, 2010) (grifos meus). E porque não sei e por tratar aqui de uma análise discursiva em que tive e tenho interlocutores e que o meu poder se anuncia como autor deste trabalho. Enfim, melhor explicar, trazendo em meu auxílio, o que seria uma confissão cientificamente falando:

Ora, a confissão é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é, também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que

não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; um ritual onde a verdade é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve de suprimir para poder manifestar-se; enfim, um ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas consequências externas, produz em quem articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação. (FOUCAULT, 1985, p. 61)

Que assim seja! E, para fechar as cortinas dessa parte do texto e encenação, um resumo, lembrando passagens dos quatro atos, que talvez valha a pena rever...

Nascer, ir percebendo as pessoas ao redor, convivendo e fazendo coisas junto com elas, fazendo parte da vida uns dos outros, mas em dados momentos ir descobrindo alguma coisa que não se sabe explicar. Uns e outros mutuamente. Os ouvintes e os surdos fazendo parte da mesma família. A falta da audição e a presença dela. Como vai se dando essa percepção? Os ouvintes não sabem o que é a ausência da audição, porque ouvem. Os surdos não sabem, pois não ouvem. Mas a comunicação vai se dando, até que uns detectam o que os outros têm ou não têm. No caso dos indivíduos surdos, estes vão ser comunicados o que lhes falta, mesmo que a rigor uns não experimentem o que os outros experimentam, a presença ou ausência da audição. Os exames médicos vão se sucedendo, quando as famílias dos surdos sentem que a comunicação não se completa da mesma forma entre os componentes da família. O que fazer diante daquela característica que, num primeiro momento, é desconcertante e mesmo traumatizante para os pais ouvintes, depois da informação médica que os filhos são surdos?

Separei as falas acima numa categoria que, pode parecer isolada, porque quis refletir sobre a forma de comunicação anterior entre surdos e ouvintes, quando ainda não se decidiu que forma de comunicação vai se estabelecer a partir dos exames médicos. Até porque as descobertas não se dão sempre da mesma forma e as particularidades dessas descobertas e a convivência entre indivíduos surdos e ouvintes, até então, não podem ser desconsideradas no tocante ao início das suas construções de si mesmos. E, no caso dos surdos, essa construção não está demarcada apenas quando se decide a forma de uma comunicação formal, nomeada como no caso da oralização, através dos treinos fonoaudiológicos ou na aprendizagem de uma língua de sinais, mesmo que estas venham a constituir elementos importantíssimos no desenvolvimento de suas subjetividades. Aqui há de se observar a importância no desenvolvimento dos resultados de estudos feitos sobre as áreas cerebrais e os processos cognitivos, com mais pertinência e atenção, para que se possa entender a relação entre os fundamentos da Neuropsicologia e compreender com

Santana (2007) a heterogeneidade da surdez e suas implicações neurolinguísticas, ou, mais especificamente, numa das suas considerações:

Os diferentes resultados encontrados nas pesquisas corroboram a tese de que são as práticas sociais as principais responsáveis pela organização cerebral, a qual dificilmente pode ser generalizada e homogeneizada. Não há, assim, um modelo de organização cortical do “cérebro de um surdo”. A revisão da literatura sustenta a tese de inter-relação entre cérebro, interação e cultura. Dessa forma, não podemos considerar a linguagem em função de uma localização cerebral fixa nas profundezas do cérebro, tampouco que sua especialização também seja inata. A especialização da linguagem compreende tanto as condições neurofisiológicas quanto as condições interativas, sociais, linguísticas e subjetivas. Ou seja, as situações heterogêneas que encontramos na surdez implicam uma organização cerebral também heterogênea, dinâmica e singular. O estudo da surdez e da especialização hemisférica apresenta-se extremamente relevante, uma vez que evidencia maneiras diferentes de apreender o mundo. O desenvolvimento dessas formas de apreensão é sociocognitivo e não ocorre à margem da linguagem e de sua ação constitutiva com relação ao conhecimento e às práticas humanas. (op cit., p. 232)

Creio, portanto, que não se deva esquecer que na construção de si mesmos, na construção e afirmação de uma identidade, os aspectos sobre o que foi vivenciado na mais tenra idade, seja a partir das próprias lembranças, seja pelas histórias que são contadas por outros, os episódios sejam dispensáveis e pouco significativos. Afinal de contas os primeiros contatos podem, dependendo do caso das histórias de vida de cada um, ter elementos bastante influentes para como os indivíduos falam de si mesmos. Os indivíduos surdos não estavam num vazio social antes da iniciar a aquisição de qualquer forma escolhida, primeiro pela família, influenciada pelos profissionais da área médica ou da área da educação ou em conjunto, posteriormente.

Além disso, os próprios surdos quando contam suas histórias, nem sempre o fazem de forma que não sejam carregadas de imprecisões e contradições, sem significados. As falas dos meus interlocutores, como se pode ver acima, revelam dubiedades. O que se diz não é algo definitivo, alguns dizem que nasceram surdos por conta de doenças ainda na gestação, mas na mesma fala revelam aspectos que demonstram que o aspecto genético é que pode ter tido uma influência ou determinação para o estado de surdez que passou a vivenciar. O que flagra um indivíduo que na sua construção identitária carrega algum tipo de trauma gerado pela própria família, quando esta demonstrou tristeza. O que pode gerar até certa culpa, por ser surdo. Ou a culpabilização pode vir do surdo em relação à família, pelo que possa ter acontecido, como no caso do surdo que diz que a mãe teria tomado remédio para abortar, estando grávida. Ou, ainda, afirmar a surdez de nascença, sem que

nada explique o motivo e trazendo as figuras do pai e da mãe, mas de forma a isentá-los de qualquer culpa, pode querer ocultar exatamente o contrário, como no caso do entrevistado que sorri nervoso ao fazer alusão à família. Outro ainda fala da mãe fumante, como uma possibilidade da causa da surdez.

Pensar que os discursos acima não são elementos contribuintes para a construção de si mesmos seria apagar o que há de dúvidas e incertezas e que inquietam os surdos ao se confrontarem com o que têm a dizer de si nas suas relações psicoemocionais consigo mesmos e com os outros mais próximos, a própria família. O lugar de onde falam revelam a produção de seus discursos. E esse primeiro lugar está, exatamente, nos discursos de que se apropriam e reinterpretam, pelas histórias que vivenciaram ou que lhes foram contadas, para a afirmação de que são surdos de nascença.

NASCI OUVINTE. PERDI A AUDIÇÃO!

*Oh, pedaço de mim
Oh, metade amputada de mim
Leva o que há de ti
Que a saudade dói latejada
É assim como uma fígada
No membro que já perdi...*
Chico Buarque de Holanda

Primeiro Ato:

Eu nasci ouvinte, perdi a audição aos 10 anos. Tive um acidente no parque de diversões e perdi a audição devido a pancada. Não foi uma perda súbita, foi aos poucos, eu estava na 3ª série primária. Começaram a notar a diferença e eu também tava notando a diferença, porque quando as pessoas falavam comigo eu pedia pra repetir, como uma pessoa que fala e você não entende, não escuta muito bem (fazendo gestos de quem não ouviu direito) hein, hein? (Romero, 42 anos, solteiro, graduado no curso de Letras LIBRAS)

Eu nasci ouvinte, aí um gato pulou em cima de mim, eu me assustei e fiquei 24 horas chorando. Minha mãe disse que quando cheguei no hospital já estava surda. (Teresa, 33 anos, solteira, 2º grau completo)

Eu nasci ouvinte e levei uma queda da rede com um ano de idade. Minha mãe chorou bastante, me levou ao médico e ele detectou através de uma secreção que eu era surda. (Laura, 32 anos, casada, 2º incompleto)

Eu nasci ouvinte e sofri um acidente. Jogaram uma pedra na minha cabeça e eu perdi a audição. Fiquei em coma um mês no hospital e depois eu sai do coma. Com 04 anos mais ou menos meus pais se comunicavam comigo com muita dificuldade e começaram a achar que eu era surdo. Com 5 ou 6 anos começaram a me levar ao médico e descobriram que realmente eu era surdo. (Luis, 42 anos, casado, 2º grau completo)

A perda da audição algum tempo depois do nascimento por acidentes domésticos ou em brincadeiras e diversões na rua são as características dos discursos acima. O acidental, de elemento condicionador da surdez, transpõe-se, posteriormente, como peça chave dos discursos, que enunciam elementos demarcadores de um processo de subjetivação, em que uns, como Romero, têm para lembrar significativamente, sobre como foi se construindo de uma forma, para ir aprendendo depois a conviver com novas informações sobre si mesmo. Uma perda de audição aos dez anos, quando já dominava a língua dos ouvintes, porque era um deles, o processo cognitivo já um tanto avançado e de repente o acidental se impondo como mais um ingrediente da sua vida. Aos poucos, sentindo no corpo uma espécie de falta, ausência, um luto, como decorrência e reação à perda (FREUD, 1917). Os familiares foram compartilhando esse luto, processando juntos essa nova informação e situação. Dificilmente não sofreram todos, não sentiram a perda-luto, de forma mútua. Romero oraliza e é professor de LIBRAS. Uma coisa interessante de anotar é que na sua entrevista ele falava em português e LIBRAS ao mesmo tempo, em vários momentos. Duas línguas usadas simultaneamente me provocava mais perguntas, posto que me indagava sobre sua diferença, indiscutivelmente múltipla em si mesmo. A afirmação de que era surdo, já tendo sido ouvinte e conhecido o mundo dos sons. Sua memória auditiva em confronto com a realidade da ausência, da falta da perda. E assim como me referi a associação feita pela psicanálise freudiana, evoco também “a perda como um dado antropológico universal”, numa relação entre “medo da perda” e memória:

A perda é um dado antropológico universal: desde o nascimento, irremediavelmente e sem esperança de domesticá-la, todo ser humano faz dela sua companhia obrigatória, abandonando sucessivamente a juventude, a saúde, os amigos, os pais, os amores, as ilusões e ambições, antes de perder-se a si próprio. A maneira pela qual os grupos e indivíduos fazem frente à perda nos informa sempre o jogo da memória e da identidade no interior da sociedade considerada, em particular, quando se trata de herança do passado. Se hoje o discurso metamemorial se apoia de maneira quase obsessiva sobre fragmentos das memórias organizadoras, isso tem, ao menos por um lado, um efeito de perspectiva. Queremos tudo abraçar de nosso passado e sem dúvida prestamos mais atenção do que antes ao que já foi perdido. Por essa razão, não podendo tudo guardar, é despertado em nós um sentimento de dispersão, de esfacelamento daquilo que é impossível captar em sua totalidade. Por outro lado, se o que é

transmitido não é estruturado é porque, obcecados pela perda, queremos tudo transmitir sem hierarquia nem discernimento. (CANDAU, 2011, p. 189-190)

No caso dos outros atores que atuam neste ato, mas também Romero, e considero que ele ainda mais, a citação acima se faz pertinente, diante da observação de como as informações memorizadas, seja pela lembrança que têm dos fatos ocorridos, seja pelo que lhes fora contado, são interpretadas de modo a deixar presentificado em si mesmos uma lembrança do que já não têm mais, porém consideram importante deixar bem registrado, para que se possa saber deles o que eles consideram importante das suas histórias, ou dizendo melhor, os acontecimentos que provocaram a perda da audição e os levaram a outro estado, no caso, a manifestação da surdez: o acidente no parque; o pulo do gato; a queda da rede; a pedra jogada na cabeça. Tudo depois explicado, com os detalhes que guardam consigo e que os singularizam ou como “re-singularizam”, pensando com Guattari (1998), sobre como esta última, a “re-singularização” da subjetividade tem se dado na contemporaneidade: múltipla, dialógica, polifônica. Uma lógica, no final das contas, assimétrica. Ter sido ouvinte e ter perdido a audição não se contrapõem, binariamente, pelo contrário, se dispersam nas fronteiras das suas diferenças mesmas e divulgadas, por onde quer que encenem, como no ato das entrevistas.

Segundo Ato:

Nasci ouvinte. Aos 06 anos eu fiquei doente, com muitas dores no ouvido, muitas dores fortes demais. Fui no médico e ele me deu uma injeção e essa injeção provocou a surdez. Então minha mãe ficava me chamando, conversando comigo e ela ficou bastante triste. E a gente até colocou um processo no médico, mas eu tenho dois irmão surdo, mas eu era ouvinte. E agora nós somos três surdos. (Alfredo, 30 anos, casado, 1ª fase do ensino básico)

Quando eu nasci, eu nasci normal. Assim como a forma que a criança que veio ao mundo como uma pessoa normal. Eu não era surda, eu fiquei, fiquei por que eu tive uma doença chamada de febre e convulsão. Tomei muita dosagem de um antibiótico chamado calamicina, que afetou minha audição. Fiquei surda por causa disso, aos 05 anos de idade. (Sophia, 35 anos, solteira, graduada no curso de pedagogia e cursando Especialização em Letras LIBRAS)

As doenças que provocaram a perda da audição são trazidas à tona de modo bastante peculiar neste ato. O primeiro discurso poderia até ser pensado como uma dúvida do que está sendo dito, já que dois irmãos também eram surdos. Mas, não são apenas dois

irmãos surdos, as irmãs são ouvintes. Estive no casamento de Alfredo e conheci toda a sua família, inclusive os dois irmãos surdos, que não fazem uso da língua de sinais, como ele. Usam gestos e não se interessam em aprender LIBRAS. Foi uma oportunidade rica em possibilidade de observação das diferentes formas de comunicação em ação. Surdos oralizando, surdos falando em língua de sinais, surdos que falavam com gestos que eles mesmos criaram para a comunicação com surdos e ouvintes. Alfredo, um dos interlocutores mais gentis com o qual contracenei, fazia questão de que todas as informações que passara nas entrevistas fossem, por mim, confirmadas, durante a festa em que todos dançavam ouvindo um pouco, ouvindo quase nada, mas todos se divertindo, surdos e ouvintes, muito mais misturados ali, mais uma vez múltiplos na encenação. Um surdo ou um ouvinte que chegasse à festa, no momento em que boa parte dos convidados dançavam, teria dificuldade, de início, de perceber quem era surdo ou entender o que era ser surdo. Como dançavam ao som da música tocando se não ouviam? Não tive como deixar de registrar esse momento, ao me deparar com a encenação deste interlocutor, porque detectar mais do que as informações sobre a perda da sua audição, diante da mistura de pessoas surdas e ouvintes a qual fiz referência, foi lembrar também que eu mesmo, junto com outros, já tínhamos alertado que:

Assim, ser surdo não deixa de ser uma pessoa com uma limitação biológica auditiva, porém esta limitação não será fator determinante para o seu desenvolvimento como ser humano, pois diante das condições específicas possuem formas de obter o conhecimento necessário ao seu desenvolvimento pessoal, independentemente de ser ouvinte. (SANTIAGO; SANTANA NETO, 2007, p. 164)

E como ser surdo depois de já ter sido ouvinte e parecer nem lembrar mais desse fato, mesmo tendo ficado surdo aos 06 (seis) anos de idade é diferente e demonstra diferenças entre os surdos. Como a “différance”, faz diferença! Sophia perdeu a audição, aos 05 (cinco) anos, depois de ter aprendido a língua portuguesa e, também, por causa de uma doença. Se bem, que no caso de Alfredo, a sua doença era uma possibilidade menos improvável, por conta do fator hereditário. Não é acidental que tenha dois irmãos surdos. Mas Sophia, não, é a única pessoa surda da família. Sua doença causou a perda da audição, porque, como ela falou “eu nasci normal”. Então, ela não era normal agora? E é bom lembrar ela é graduada em Pedagogia e estava concluindo Especialização em Letras LIBRAS, professora de LIBRAS, oralizada, usa aparelho auditivo, o que minimiza a sua condição de surda e lhe faz mais próxima dos ouvintes, mesmo que se assuma e se coloque

como surda, de forma enfática. Além disso, ela é de uma camada alta ou média alta, tem um número de informações artístico-intelectuais considerável, já que parte da sua família é composta de intelectuais. Isso tudo pude comprovar, porque a sua entrevista foi realizada na sua casa de aspecto arquitetônico bem planejado e com uma decoração em que se destacam obras de artes plásticas originais, além do seu refinado “bom gosto” na forma de se vestir. Será que por tudo isso, contraditoriamente, ela estaria dentro do que se classifica como “anormais”? Seria essa a sua forma de se afirmar surda, revelando mais um tipo de diferença ou “différance”? Seria essa “monstruosidade”? Também, é bom lembrar, foi por causa da febre que levou à perda da sua audição, ela teve convulsão. Tão surdos quanto o outro, Alfredo e Sophia, e tão diferentes, que decididamente não, é exatamente a surdez e a perda da audição, quando nos primeiros anos das suas vidas foram ouvintes, que os aproximaria. Os seus comportamentos simpáticos e gentis, estes, sim, os aproximam, como pessoas, como frequentadores da mesma comunidade surda, tendo ou não afinidades e proximidade como amigos naquele espaço comum aos dois. Sobre isso só posso conjecturar, já que nunca os vi neste espaço nos mesmo dias. Ele, sim, quase todas as vezes que lá estive, para realizar entrevistas.

Terceiro Ato:

Nasci ouvinte. Com idade de 03 ou 04 anos, não tenho certeza, meus pais estavam brigando, minha mãe fazendo alguma comida. Meu pai estava bêbado, muito bêbado. Aí os dois começaram a brigar e eu, ouvinte, observei e então quis repartir a briga. Aí meu pai me jogou e eu caí. Aquela queda me transformou num surdo. (Israel, 26 anos, solteiro, 2º grau completo)

Quando mamãe estava grávida meus pais discutiam muito, brigavam muito todos os dias e papai deu um murro na barriga de minha mãe e bateu em minha cabeça. Idade de 2 anos, a mamãe chamou o rapaz para comprar o carvão na carroça. E eu inocente, ficava olhando o rabo do cavalo e puxei o rabo do cavalo e o cavalo deu um coice na minha cabeça. E a mãe ficou muito desesperada, preocupada e me levou no hospital. O médico observou, fez exame e descobriu que eu era surdo. (Abraão, 34 anos, casado, graduando no curso de Letras LIBRAS)

Os dois discursos do presente ato são tão diferentes quanto a semelhança dos pais que brigavam muito. Esta uma lembrança que é, no entanto, associada à perda da audição. Israel tem plena convicção da sua condição de ouvinte até os três ou quatro anos. Abraão, por sua vez, fala que de uma das brigas dos pais, ainda na gravidez, sua cabeça teria sido

atingida, assim como aos dois anos de idade, novamente a sua cabeça teria sido atingida por um coice de um cavalo. Um diz lembrar da briga dos pais, porque observou e quis apartar. O outro fala de uma história que, com toda certeza, lhe fora contada. Brigas entre os pais que, nos seus discursos, parecem desprovidas de qualquer significado para as construções de si mesmos. O que me causou inquietação. Um dado, no entanto, que acrescento aqui é que os dois são protestantes ou evangélicos, como preferem se denominar. Nem todos os evangélicos deixaram de demonstrar alguma insatisfação na relação com os pais, mas sempre que eu tentava rever esta questão, geralmente resistiam, procurando desfazer qualquer sinal de ressentimento. E como o perdão faz parte de um discurso religioso, principalmente para quem tem este sentimento fortemente arraigado... Os atos paternos podem ser considerados crimes, caso tivessem sido denunciados, já que se trata tanto de violência contra uma criança, quanto violência contra a mulher, no caso uma mulher grávida. Mas, aqui, o perdão parece ter sido a resolução do que eles, aparentemente, querem esquecer. Ainda mais que um tem a dúvida como elemento aditivo, pode ter sido o coice do cavalo o motivo da perda da audição e aí o pai fica ainda mais perdoado. Sobre o perdão Derrida tem algumas convicções que tomo da forma como Perrone-Moisés (2007) analisa, ou seja, em termos da implicação do que seria “um perigo e uma chance”

O perdão não é esquecimento: “Para que haja perdão, diz ele, é preciso que o irreparável seja lembrado ou permaneça presente, que a ferida permaneça aberta.” O perdão deve ser, portanto, incondicional, porque as condições para que ele seja concedido não existem. (p. 45)

Ou ainda, mais categoricamente, ao analisar “a justiça e o perdão” em Jacques Derrida, para quem “o perdão não deve ser banalizado” posto que “é sempre excepcional”:

O poder de perdoar é sempre divino na sua essência, ainda que exercido pelo homem. Para Derrida, “quando o perdão está a serviço de uma finalidade, seja ela nobre ou espiritual, como a redenção ou a reconciliação, ou seja, cada vez que ele tenciona restabelecer uma normalidade, social, nacional, política ou psicológica, por um trabalho de luto ou terapia, não é puro [...] O perdão deveria permanecer excepcional e extraordinário, colocando à prova o impossível, como se ele interrompesse o curso ordinário da temporalidade humana.” (DERRIDA *apud* PERRONE, 2007, p. 48)

Estarão Israel e Abraão tão reconciliados com as histórias pretéritas dos atos paternos, ou as feridas continuam tão abertas, mesmo que delas não queiram falar, porque

tendo sido concebidos, mesmo que não pedidos, os perdões, estão na condição de excepcionalidade, ou seja, o “perdão para o imperdoável”, já que para este é que faria sentido? Diante do sentimento religioso, há de se concluir que o perdão foi dado incondicionalmente e os discursos dos interlocutores sobre suas perdas de audição estão, então, definitivamente internalizados na construção de si mesmos, marcando aspectos de suas identidades e diferenças.

Nesta categoria os surdos já foram ouvintes, lembrando ou não que já tiveram audição. As perdas foram acontecendo de acordo com acontecimentos que vão sendo trazidas a tona pelas suas próprias memórias ou pelas histórias que lhes foram contadas. Os motivos das perdas se deram, na sua maioria, por doenças na infância, acidentes domésticos ou em brincadeiras de rua, mas tem dois casos citados que tiveram como ponto de partida, para o acontecimento fatal, a briga entre os pais, de forma violenta. Mantive um dos discursos sobre a perda em que resta dúvida se a surdez já teria sido de nascença ou se foi a partir do acidente com o animal na rua. Mantive o discurso, porque se ele mesmo tem dúvida, talvez essa dúvida tenha algum significado, tanto para ele quanto para a família. Quem sabe este não é um elemento importante para a sua história, como surdo? Mesmo que dois anos de idade seja pouco para lembranças da infância, mas para a lembrança de já ter ouvido sons, como teria passado a não ouvir, talvez não.

Aparentemente, nenhum interlocutor parece demonstrar sinal de tristeza. Esta é muito mais descrita em relação aos familiares, que a partir dali passavam a lidar com uma situação nova e com todas as dificuldades que viriam. Do que é aparente, inicialmente, fui levado a refletir, posteriormente, sobre um compartilhamento e mesmo permuta de tristezas.

As perdas não são coisas simples para os seres humanos. No caso das famílias é bastante compreensível que tenham ficado tristes. Perdas podem trazer traumas difíceis de lidar. E aqui quero trazer outro elemento que é mobilizado pelos surdos e suas famílias e que têm consigo, em relação aos fatos acontecidos, que é a memória. E dessa equação entre perda e memória tem uma história pra se contar e que tem peculiaridades, pode ser revisitada com ou sem tristeza, mas, independentemente disso, não deixa de ser uma marca ou um marco que diferencia e identifica. As marcas de quem fomos, por onde passamos, o que estivemos fazendo, seja coletiva ou individualmente, são registrados. Quantos sítios arqueológicos não são escavados no afã de trazermos as marcas de como nós teríamos sido nos tempos mais remotos? E, nós, pessoalmente, como não nos surpreendemos contando

fatos antigos de que nos lembramos ou a partir de registros imagéticos e/ou sonoros que nas nossas lembranças parecem nos fazer voltar no tempo ou trazê-lo até nós, como num eco. Pois é, eco, justamente aí, com essa palavra, onde fico me perguntando, se para os surdos que já ouviram essa lembrança é algo desprovido de sentido. Penso que não.

É comum que os ouvintes usem expressões como “os sons da minha infância”. Os surdos que já foram ouvintes, assim como os meus próprios interlocutores, através das histórias que contaram de como ficaram surdos, mas talvez e, principalmente, através de outras histórias também o podem fazê-lo. Alguns podem gostar dessas lembranças, outros podem não gostar, talvez queiram ou tenham apagado de suas memórias os sons que já ouviram ou a noção de como era ouvir. Indiferença total é difícil que tenham, já que suas histórias estão registradas no grupo familiar ou quando tiverem de responder a perguntas, como as que fiz durante as entrevistas. A recusa à lembrança pode, inclusive, ser reveladora de alguma revolta, ou pior, de algum trauma que ainda carreguem, caso se coloquem diante dos ouvintes como vítimas ou com o tom de enfrentamento quando, de modo um tanto sarcástico, tive interlocutores que mesmo nunca tendo ouvido faziam uma espécie de apologia às comunidades surdas, não apenas pela discriminação que tivesse sofrido, mas como se entre surdos e ouvintes devesse haver uma separação definitiva e implacável. E de aspectos que envolvem tal postura ainda tratarei adiante, neste trabalho.

Mas, perda de audição, memória e identidade não são coisas que possamos deixar de lembrar aqui. São aspectos que se cruzam e que mereceram, da minha parte um momento de reflexão, já que se ser e estar surdo não é apenas ser diferente de ser ouvinte, imagine se nessa diferença existe a audição como um fato a ser lembrado, não por causa do uso de um aparelho auditivo para ouvir sons, mas porque eles já fizeram parte da história desses indivíduos quando um dia eles não foram surdos. E, enquanto a memória não falha, sempre se tem algo pra contar...

CAPÍTULO III

CAPÍTULO III

CORPO E SUBJETIVAÇÃO

*Teus sinais
Me confundem da cabeça aos pés
Mas por dentro eu te devoro
Teu olhar
Não me diz exato quem tu és
Mesmo assim eu te devoro...*
Djavan

Corporificar, tomar corpo, dar corpo, encorpado e outras tantas, são as expressões que se costuma, frequentemente, fazer uso, quando a referência é à forma e à substância que algo passa a delinear e demonstrar-se perceptível, palpável, manipulável, tanto concreta quanto simbolicamente. O corpo, portanto, além de matéria, é também lugar de símbolos, construídos culturalmente, socialmente. Nossos corpos são, deste modo, matéria que tem serventia social e, por isso, mesmo dotado de símbolos, precisa ser compreendido, decodificado socialmente. Difícil não convergirmos para pontos em comum, ao iniciarmos uma apresentação mais geral sobre o corpo, para depois analisarmos aspectos específicos. A seguir uma ilustração textual de uma apresentação que considero interessante e atraente, porque sintetiza aspectos que podem ser, e são, estudados por campos de domínios científicos diversos, além, claro, de chamar atenção sem deixar de vista que meu corpo em ação – cérebro, olhos, coração, e todas as sensações que agora me provocam – assim a escolheram:

Superfície de inscrição de memórias e da história. O espaço próprio de um nome adequado e daquele que se constrói como sujeito. Realidade primeira com a qual se tem de lidar e da qual se tem que dar conta, simbolizando, significando, representando. Condição fundadora do humano e, ao mesmo tempo, presença constante do inumano. Suporte de inúmeras construções culturais e, também, fronteira da cultura, presença da natureza em nós. Companheiro de todas as horas, inseparável, irrevogável, que não cessa de se fazer notar, de impor a sua presença, de chamar a atenção. Condenação e possibilidades infinitas. Aquele que todos os dias nos emite ordens, que tem desejos, carências, necessidades urgentes e intransponíveis: tem fome, tem sede, tem vontades. Mas também aquele que é condição mesma de desordem, de transgressão, de desarranjo: doenças, dores, decrepitude, morte. Este é o corpo, feito humano, natureza transmutada, modelada, adestrada, marcada pelos códigos sociais e culturais. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2010, p. 11)

As investidas sociais do corpo não poderiam passar despercebidas por aqueles que detém o domínio e, conseqüentemente, a constante reapresentação do poder, ou seja, a demonstração de um controle social sobre o que é e venha a ser produzido socialmente pelos sujeitos. Michel Foucault atentou para a questão do poder, demonstrando-a em várias das suas obras, até que formulasse a noção de um “biopoder”, desde a “A vontade de saber”, no volume I de História da Sexualidade, quanto em Vigiar e Punir, História da Loucura, dentre outras. As instituições criadas para a vigilância, disciplina e punições, como as prisões e as clínicas, são exemplos de que este pensador se vale para observar o controle sobre aquilo que demonstrasse desvio das normas e regras. O direito sobre a vida e morte estão, no caso desse “biopoder”, atrelados aos detentores de um domínio territorial, como os soberanos que, sobre seus súditos, podiam dispor de seus corpos como bem quisessem, ali onde reinavam acima do bem e do mal. E os dispositivos de poder que utilizavam se faziam notar quando práticas, palavras e mesmo silêncios, não estivessem regidos pelo que era permitido, determinado. No entanto, o que Foucault vai nos alertar e o que os estudiosos sobre este pensador têm feito, igualmente, é que se um poder é dessa forma exercido, alguma coisa incômoda os servís e submissos também tinham. Ora, e o que era? Poder. Poder traduzido, exatamente em seus corpos, seja a força de trabalho, a força materializada, seja, ainda, mais fortemente a despeito de qualquer poder opressor, o significado indesejado dessa força, a de que dela dependiam. E, no caso de outras manifestações indesejadas socialmente, como o rompimento de regras sobre o normal, o perfeito, o belo, o lícito, o seguro, justo, o saudável etc., as instituições que tratavam de definir tudo isso é que iriam produzir um saber a ser seguido. Mas este saber ficaria de posse apenas de quem o produzia, divulgava, instituía? Também não. O poder não estava numa instância demarcada, por mais que se quisesse. Ele existia no outro, irrompia do outro sobre o qual se tentava impor, através de discursos e “tecnologias do poder”. O poder não era somente negativo, ele tinha uma positividade, era paradoxal, entrecortado de contradições que não podiam deixar de ser observadas. O poder produz poder. Um exemplo de análise sobre o que estou colocando, a partir de como fui me apropriando dessa noção de poder em Foucault, por um desses estudiosos do mesmo, como falei há pouco:

A grande importância estratégica que as relações disciplinares de poder desempenham nas sociedades modernas desde o século XIX vem justamente do fato de elas não serem negativas, mas positivas, quando tiramos desses termos qualquer juízo de valor moral e pensamos unicamente na tecnologia política empregada. E então surge uma das teses fundamentais da genealogia: o poder é

produtor de individualidade. O indivíduo é uma produção do poder e do saber. O que significa essa tese, à primeira vista absurda, de que o indivíduo é um efeito do poder? Compreendê-la é penetrar no âmago da questão da disciplina. As análises genealógicas não discerniram o indivíduo como um elemento existindo em continuidade nos vários períodos históricos, como uma espécie de matéria inerte anterior e exterior às relações de poder que seria por elas atingido, submetido e finalmente destruído. Tornou-se um hábito explicar o poder capitalista como algo que descaracteriza, massifica; o que implica a existência anterior de algo como a individualidade com características, desejos, comportamentos, hábitos, necessidades, que seria investida pelo poder e sufocada, impedida de se expressar. (MACHADO, 2006, p. 174-175)

O poder e o saber, nesta perspectiva, se implicam e são historicamente produzidos, o que explica a natureza política do saber, que não estaria assentado num “sujeito do conhecimento”, mas nas relações de poder constituintes do mesmo (ib.). Todo o discurso produzido sobre o corpo e suas formas de expressão, objetivo deste capítulo, também é percebido e analisado por mim, segundo esta lógica.

Aqui, no entanto, apresentamos a pessoa surda distante dos paradigmas da deficiência, no qual a medicina se manifesta.³ A partir das leituras de Maurice Merleau-Ponty, Marques (2007) concebe o corpo como espaço primeiro de investigação na constituição do ser, apresentando especificidades inerentes que emergem no mundo da vida como aspectos culturais. Assim, “a investigação remete ao olhar centrado às coisas mesmas, ao corpo mesmo, não como objeto de comparação ou objeto de representação, mas sim como ele mesmo na sua integridade”. (p. 75)

Atrelado à ideia da constituição do ser, comparece como um desafio apreciar o corpo da pessoa surda como um constituinte de sua essência de Ser Surdo. Eu poderia apegar-me ao extremo da cultura para explicar a experiência dessa evidência do ser, mas isso não me traria as respostas que procuro, tanto porque a experiência que eu reverto em constituinte de mim, em princípio, exige de mim algo que possa acatar a exigência do objeto com o qual adquiro uma nova experiência. (ibidem, p. 76)

E o processo de subjetivação ou os “modos de subjetivação” (FOUCAULT, 1986) dos indivíduos surdos tem na forma de comunicação um elemento fortemente político. Refiro-me aos seus discursos sobre como se utilizam de uma linguagem corporal que, *a priori*, os diferenciariam. Ora, o corpo da pessoa surda apresenta propriedades inerentes a ela, como “a interpretação visual, o desejo de estar com outro semelhante surdo, o tato

³ “A questão da deficiência está subjugada às teorias patológicas, levando a uma análise mecanicista do corpo e de sua devida “correção”, ignorando uma concepção de corpo, mutante, flexível, que estabelece autonomia de significações constituintes de sua essencialidade”. (MARQUES, 2007, p. 82)

mais aguçado, a Língua de Sinais, entre outras características que as distinguem das pessoas não surdas”. (MARQUES, 2007, p. 81)

Entretanto, aqui, tratarei, especificamente, dos meus interlocutores, quando com eles quis aprender mais sobre a surdez como fator intrínseco à manifestação das suas diferenças.

OS GESTOS E UM JEITO DE CORPO



Foto: arquivo pessoal (futebol de campo / jogar bola / esportes)



Foto: arquivo pessoal (funk / forró)



Foto: arquivo pessoal (hip-hop/forró/pesquisa)

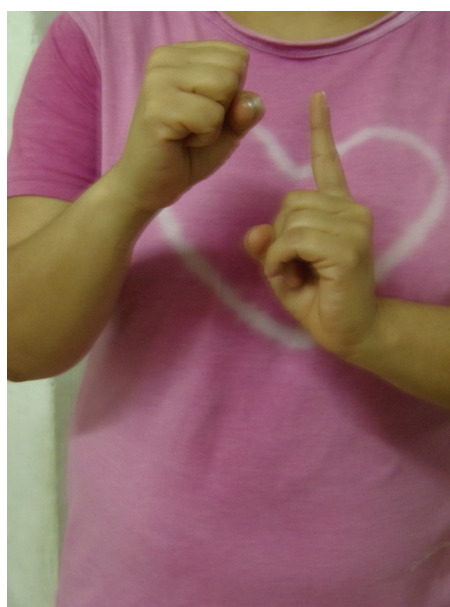


Foto: arquivo pessoal (o social)

O surdo é assim, ele tem uma comunicação... Eu gosto de teatro. Às vezes a gente fala como ouvinte também. Às vezes a gente tem posturas assim de falar desse jeito (fazendo gestos de pensativa), triste (gestos de tristeza), estou elegante (fazendo gestos de elegância, depois uma sucessão de gestos de tristeza, cansaço, alegria, desleixo: olhando as unhas com sorrisos que não consegui precisar o que estaria querendo comunicar, pois não eram sinais em LIBRAS, eram gestos como os que os ouvintes fazem também). Realmente é muito interessante a gente tem, assim como os ouvintes, essas posturas, não só com a língua de sinais e com a língua de sinais propriamente dita. Também, a gente pega, dos ouvintes, através de teatro, a gente pega essas coisas dos ouvintes, pra ta se comunicando melhor (volta a fazer gestos de quem está ao telefone, tanto em LIBRAS quanto livremente: oi, tudo bem? Legal! Vamos passear? Vamos passear aonde?) Ou paquera... Não sei a gente faz isso através de teatro, imitando os ouvintes, brincando, se ta acontecendo briga no telefone, se as coisas estão indo bem, a gente faz gestos de quem ta no telefone, se a pessoa era chata, se não era. É isso... (Helena, 32 anos, solteira, ensino médio completo)

Às vezes os ouvintes ficam admirados com essa nossa maneira de falar. Em festas a gente passa a noite toda e articula bem o corpo com sinais. Isso faz parte da expressão facial, da gramática da língua de sinais também. E, às vezes, alguns ouvintes até conseguem se comunicar com a gente através da expressão facial. (Arthur, 22 anos, solteiro, ensino médio completo)

A gente também utiliza gestos junto com os ouvintes, a gente combina passeios, através de sinais, conversa com eles... Viagens, sorrindo, batendo... Alguns gestos com os ouvintes. A gente se comunica. Quando a gente tá feliz a gente demonstra bastante isso com o corpo. Quando a gente quer beber, combina direitinho com o pessoal. Como é que vai dividir a conta? A gente cria alguns sinais com relação a isso. (Salomão, 35 anos, casado, ensino fundamental incompleto)

O surdo tem mais expressão facial e corporal do que o ouvinte, porque faz parte da gramática da língua de sinais (Teresa, 33 anos casada, ensino médio completo)

É só movimento. Expressão corporal é falar, demonstrar. É você, porque o corpo já está comandando. Falamos com o corpo. Ele mostra..., mostra, assim..., a linguagem do corpo através da LIBRAS, muita expressão facial (mostra a face com ênfase, gesticulando). Movimento é isso... (Sophia, 35 anos, solteira, graduada em Pedagogia, especialização em Letra LIBRAS)

Os ouvintes têm a voz, têm pouca expressão facial e nós, também, temos a nossa voz que são as mãos. Então, nosso corpo junto com as mãos fazem uma harmonia. E essa harmonia de gestos é o jeito dos surdos, é o jeito do surdo. E as pessoas vão observando essa formação dos sinais, essa comunicação e vão melhorando cada vez mais. Então, através dos gestos a gente consegue se comunicar com os ouvintes. Através de mímicas, através de gestos. Isso faz parte da nossa identidade, isso faz parte da nossa língua de sinais. É muito lindo. Então os ouvintes, às vezes, não conseguem falar tanto com o corpo como a gente. A gente fala muito mais do que eles, por causa da língua. (Isaac, 22 anos, solteiro, graduando em Sistema de Informática)

Junto com os surdos eu uso expressão, uso a maneira de comunicar com a língua de sinais, todos os que eu conheço. O ouvinte, às vezes, não sabe os sinais, então

eu pego alguns gestos pra levar minha comunicação pra eles. Às vezes, quando eles querem aprender alguns sinais, eu ensino. Sempre usando o corpo, eu uso muito mais a questão do corpo. (Moisés, 18 anos, solteiro, cursando o ensino médio, curso de Eletrotécnica)

A própria língua de sinais exige expressão facial, através de teatros. Os ouvintes, eles demonstram, às vezes eles demonstram com o corpo, mas com os surdos, além da expressão facial, o corpo todo fala também com os sinais. O ouvinte tem a mão um pouco dura. O surdo, de tanto praticar, ele tem agilidade maior nas mãos, no corpo. Ele consegue dar mais expressão no corpo, sinalizando. (Sara, 22 anos, casada, ensino médio incompleto)

Fundamental a expressão corporal pra língua de sinais. E o surdo também usa algumas expressões dos ouvintes. Existem surdos e ouvintes que sinalizam muito bem com o corpo também..., surdos e ouvintes também usando de forma igual. Através do corpo que se diz as emoções. (Israel, 26 anos, solteiro, ensino médio completo)

A língua de sinais tem um movimento e o corpo tem que ter uma coerência com o que se fala na frase. Eu não posso ficar sinalizando parado, como um robô. O meu corpo, a minha expressão facial, precisam estar agindo em relação à minha comunicação. Antes eu não tinha expressão facial, quando eu oralizava. Eu não tinha muita emoção. Depois, com os intérpretes, eu percebi que através da língua de sinais, do corpo, eu comecei a sentir algumas emoções. E eu percebi que tinha perdido muita coisa. Então a expressão facial e o corpo trazem muita emoção. E a gente vai trazer até outros sentimentos bons. Algumas pessoas, de repente, são estressadas e o corpo fica diferente. E eu já percebi isso várias vezes. O ouvinte que não sabe LIBRAS não vai passar emoção pro surdo... Mas a gente também percebe muitas coisas, com a novela a gente percebe algumas coisas, não tem língua de sinais, mas a gente percebe o corpo falando. Quando eu era pequeno, eu fui num teatro, lá no Rio e tava muito cheio lá na frente e eu fiquei sentado atrás... Às vezes alguns surdos percebem outros não... (Tadeu, 35 anos, solteiro, graduado em Matemática e Contabilidade, mestre em Educação, especialização em Letras LIBRAS)

O surdo tem mais expressão corporal que o ouvinte. A expressão corporal, a expressão facial, dentro de cada contexto, da gramática da língua de sinais. O ouvinte, ele não usa as mãos sempre, em toda parte que ele está falando. Ele só usa algumas expressões corporais e faciais. O surdo, ele usa mão, corpo, face, tudo junto, de uma vez só. (Laura, 32 anos, casada, ensino médio incompleto)

No passado eu falava pouco com o corpo, mesmo com os ouvintes, paquerava com as meninas ouvintes. Mas a gente se comunica mais com o corpo. A gente caminha de uma maneira... Assim como vocês têm a entonação, a gente tem a expressão facial. Então os gestos são contidos na língua de sinais, a mímica, tudo isso. Então, assim como existe a tua expressão de fala através do corpo, a gente também fala com o corpo e isso é bem natural da gente. (Felipe, 24 anos, casado, ensino fundamental incompleto)

Os ouvintes falam muito rápido, a gente sinaliza muito rápido com o corpo todo. A gente brinca com o corpo, faz piada..., vários métodos do corpo... (Lucas, 31 anos, solteiro, ensino médio completo)

Os sinais fazem parte da comunicação e agente fala usando o corpo, expressa sentimentos que também fazem parte da gramática da língua de sinais. Usar o corpo, falar com o corpo, é muito fácil pra a gente fazer isso. (André, 23 anos, casado, ensino médio completo)

Porque, os ouvintes, muitas vezes, eles não têm expressão facial. Mas eles têm muito essa questão de comunicar com o corpo, quando estão expressando sentimentos. Mas o surdo tem muito mais. O surdo, ele envolve o corpo em tudo. Então ele consegue brincar, se divertir. Eu acho que o ouvinte, ele fala bem menos com o corpo de que o surdo. (Emília, 24 anos, solteira, graduanda em Letras LIBRAS)

Eu amo bastante o corpo, ele tem que ser expresso, ter uma expressão bem livre (Tomaz, 38 anos, casado, ensino médio completo)

Há uma unanimidade entre os surdos entrevistados sobre suas expressões faciais e corporais serem mais explícitas e enfatizadas do que os ouvintes. A explicação que dão está relacionada ao fato de que a língua de sinais está intimamente ligada ao corpo. É através do corpo que se comunicam, que sinalizam. Contudo, já que não vivem presos a um mundo surdo, com um povo surdo, as cautelas também aparecem, como podemos observar sobre os dizeres de Helena, imitando os ouvintes e misturando expressões faciais, teatralizando e explicitando que entende aspectos de uma comunicação corporal que não se define unicamente por uma língua. De alguma forma conseguimos vislumbrar alguma interlocução com as pessoas que não têm os mesmos domínios linguísticos e que não dão a mesma significação aos gestos. Culturalmente esses gestos vão sendo aprendidos de acordo com a denotação e simbolização atribuídas ao corpo e as partes dele que vão além das suas funções fisiológicas.

A utilização do corpo como sistema de expressão não tem limites. A palavra coração aparece na Bíblia mais de mil vezes, mas raramente com o seu sentido fisiológico. Para alguns, o coração representa a sede de vida intelectual; para outros, da vida emotiva. A raiva, o ódio e a cólera já foram atribuídos ao fígado; a inveja já esteve associada ao baço. Quem não tem entranhas é perverso ou mau. As pessoas ficam com “nó na garganta”, “perdem a fala”, “precisam ter estômago” para suportar alguma coisa. Falamos em “amigo do peito”, em pessoas de “coração mole”, em pessoas de fibra”, em “sangue quente”, em “ter garra”, em lutar “com unhas e dentes”, em pessoas de “pé frio” ou alguém que é “dedo duro”. Ajudar é “dar uma mão”, pessoas bobas são “babacas”, corajosas são peitudas”. Fugir é “dar no pé”, ser teimoso é ser “cabeçudo”, invejar é ter “olho grande”. Um bom professor “mastiga a matéria”, enquanto um mau professor “vomita a matéria”. Coisas caras custam “o olho da cara”; persuadir é “salivar”. Ser indiscreto é “bater com a língua nos dentes”, dormir é “tirar uma pestana”. Tais expressões são exemplos de um repertório vocabular que dificilmente poderia ser concluído. (RODRIGUES, 1983, p. 97)

Todas essas associações podem ser observadas na comunicação traduzida em expressões corporais, que por sua vez, já seriam outras reinterpretações. No caso dos surdos, mesmo com uma língua e seus sinais bem particularizados, ainda assim há uma tradução ou interpretação similar à língua falada. Muitas vezes, do mesmo modo como Helena escolheu gestos que teriam uma utilidade apenas para os ouvintes, os surdos se comunicam com esses gestos misturados aos seus sinais. Isso é que pode complicar o entendimento das mensagens, porque os contextos podem se desfazer entre uns e outros. De todo modo, ouvintes com ouvintes, ou surdos com surdos, ou surdos com ouvintes, em qualquer comunicação os contextos precisam ser apreendidos, para que se saiba o que o outro está querendo dizer. O corpo se insere nas situações, porque nem uma palavra oralizada nem um sinal isoladamente completam o sentido ou podem ser significados pelo interlocutor. Além de todas as palavras e sinais aprendidos, com os seus significados, nem sempre estamos dispostos para a comunicação. Nesse sentido o corpo, imperativo, é quem está nos enviando uma mensagem, nos alertando de alguma coisa, talvez de que quer ficar quieto, de cuidar de si mesmo naquele momento. A ação corporal faria outro sinal comunicativo: o poder do corpo, “instinto animal”, nos falando de necessidades carecendo de atendimento. Essa ação não é diferente para surdos e ouvintes.

Novamente o contexto no qual nos encontramos pode ser pensado em relação aos modos como costumamos nos submeter ao que é mais imperativo, ou seja, precisamos dar conta de interagirmos socialmente, ainda que forçando o corpo ao que ele não quer naquele momento. Quantas sensações desconfortáveis não experimentamos quando agimos assim? Infringimos os códigos do corpo e nos habilitamos a fazer o que se nos pede socialmente. Algum prazer ou satisfação deve estar implícito nesse tipo de atitude, como se um desvio do prazer, uma resistência à tentação (FOUCAULT, 1986), tivesse suas compensações em detrimento de um atendimento mais imediato. As virtudes seriam *a marca visível de domínio*, segundo Foucault, exercida sobre si. Pagariamos o preço de uma imposição e não “daríamos no pé”, fazendo o que “desse na telha”.

Nossos jeitos e gestos, portanto, nem sempre estão sob o nosso inteiro comando, como diz Sophia, ao falar que o corpo, pela língua de sinais, já estaria comandando. A língua, seja ela qual for, comunica, porque significa, mas a prudência é a todo tempo ressaltada, logo nem somos tão livres ou comandados assim pelo corpo. Engraçado que, neste caso, o comando do corpo tem uma conotação paradoxal. Por um lado poderíamos estar livres de pressões sociais, por outro, comandados pelo corpo, poderíamos estar dando

vazão aos nossos instintos mais diretos ou aparentemente nossos. Mas o corpo seria assim tão nosso? A ciência, por exemplo, não seria um dos seus donos, pelos projetos que pretendem lhe empreender:

A reconstrução do corpo humano, e até sua eliminação, seu desaparecimento, é o empreendimento ao qual se dedicam esse novos engenheiros do biológico. Esse imaginário tecnocientífico é um pensamento radical da suspeita; ele instrui o processo do corpo por meio da constatação da precariedade da carne, de sua falta de durabilidade, de sua imperfeição, na apreensão sensorial do mundo, da doença e da dor que o atingem, do envelhecimento inelutável das funções e dos órgãos, da ausência de confiabilidade de seus desempenhos e da morte que sempre o ameaça. Esse discurso do descrédito censura o corpo por sua falta de domínio sobre o mundo e por sua vulnerabilidade, pela disparidade clara demais com uma vontade de dominação o tempo todo desmentida pela condição eminentemente precária do homem. O último volta-se com ressentimento para um corpo marcado pelo pecado original de não ser um objeto de pura criação científica. O corpo é doença endêmica do espírito ou do sujeito. Muitos autores veem hoje com júbilo chegar o momento abençoado do tempo “pós-biológico” (Moravec) ou “pós-evolucionista” (Stelarc), “pós-orgânico” etc., em suma, do tempo do fim do corpo, este sendo um artefato passível de ser danificado da história humana, que a genética, a robótica ou a informática devem reformar ou eliminar... (LE BRETON, 2009)

A disputa é acirrada. Se ora o domínio é da igreja, ora dos senhores do capital, soma-se ainda este domínio da ciência. Imaginemos todos esses domínios juntos ou se revezando! Embora isso já aconteça faz algum tempo. Os mecanismos é que se modernizam cada vez mais. Talvez, numa demonstração de insubordinação é que muitos surdos resistem aos implantes cocleares ou ao uso de aparelhos auditivos, preferindo declarar a surdez, afirmando seus corpos surdos a empreendimentos como o que foi citado acima. E seus corpos, estes sim, que teriam de ser consertados, porque se suas capacidades sensoriais são ainda mais externadas, tanto mais deveriam ser corrigidas, aperfeiçoadas. A visibilidade da surdez, como Tadeu denuncia, quando diz que não pode falar em sinais como um robô, pois para algumas pessoas seria a demonstração de limitação. Se ele se orgulha de usar o corpo, de afetar-se por ele, com ele, alguns investidores ou especuladores passam a ter mais motivos para pensar em beneficiamentos, melhorias, como quando se quer reformar uma casa para melhor moradia ou para que dela se faça uso de alguma forma, como objeto de satisfação sexual, por exemplo.

Há casos em que uma engenharia biológica teria surpresas agradáveis, diálogos promissores. Tomaz é surdo e diz amar muito o corpo. Faz muito sentido e, no seu caso não é, exatamente porque uma língua típica para uma “superação de limites” se impusesse para a sua construção. Tomaz é desportista campeão e entre ouvintes. A sua luta de

taekwondo expõe potencialidade e capacidade que o fazem famoso. Seu corpo fala, berra, grita, bate, faz o que é necessário para essa prática desportiva e ele sai vencedor. Sua surdez, para algum ouvinte preconceituoso, seria minimizada, assim como acontece em relação aos corpos negros de pessoas ricas. Elas são valorizadas, diante deste último estado, minimizando aquela outra condição imanente. As contradições se implicam e se aplicam a todos. Um surdo, um negro ou qualquer diferente (como somos todos) que não perceba a influência de uma ideologia que discrimina, que estigmatiza, acaba repassando a mesma discriminação. Este pertencimento depende de quem dele se apropria, através de quais grupos e que via reproduzi-los. A educação familiar e depois formal têm importante papel nesse aspecto. A arte dispersa pela vida e percebida mais por uns do que por outros assumiria esse papel e com mais desafio. Diz-se que a arte imita a vida. Se ela assim o faz, melhor que não. A manifestação da arte, menos comprometida em seguir padrões, rompe e invade e se mistura, se espalha, vai além...:

Percebe-se que nesse contexto, a arte foi, e ainda é, a mola propulsora do nosso diálogo com o mundo; por meio dela nos comunicamos e expressamos nossos sentimentos em suas formas e linguagens. Nos registros históricos, vemos que o homem primitivo, antes de escrever, desenhou nas paredes das cavernas. Deduz-se que, ao reproduzirem as imagens, eles não estavam, simplesmente fazendo arte, mas criando uma linguagem, uma forma de expressão e comunicação, que regeria suas relações em sociedade. Os símbolos foram, portanto, criados para significar ou para interpretar algo que possa definir a identidade de indivíduos, povos ou grupos sociais. Por intermédio das manifestações artísticas, podemos descobrir as características próprias de cada cultura e referendá-las a épocas diversas. (SALES, 2010, p. 130)

Penso que a autora acima foi até bem tímida ao falar que os homens não estavam apenas ou simplesmente fazendo arte. Fazendo arte eles já estavam fazendo muito, estavam, criando, subvertendo além de si mesmos, através de seus corpos desejantes de expansão. Se tem algo de diferente na forma de usar as expressões faciais entre surdos e ouvintes e, se como eles dizem que usam mais o corpo com tanta ênfase, então eles estão fazendo arte, teatralizando a comunicação. No teatro a linguagem corporal, de fato, é muito mais usada do que no cotidiano. A comunicação acaba sendo ampliada e resignificada.

Isaac fala da beleza plástica da comunicação em sinais, diz que *é lindo*. Lucas e Emília falam da brincadeira, de como se pode brincar com o corpo, sinalizando. Realmente, quando inicio uma comunicação com um surdo, seja através de sinais, seja falando em português, observo que algo em mim pede mais expressão. Com certeza os ouvintes que se comunicam todos os dias com surdos vão aprendendo algumas técnicas

que se aprende numa iniciação teatral. Uma diferença que me agrada, porque arte, independente de qualquer conceituação, nos faz sentir assim, com o corpo em maior atuação. Os surdos têm esse privilégio misturar vida e arte, se subjetivando, provavelmente muito mais prazerosamente.

O corpo é uma superfície que faz suas cores por escorrimento, propagação. O corpo cresce pelas bordas, na largura plana, sem nada por trás de véus ou ideologias, escondidas nas profundezas, nem acima; apenas uma superfície que se multiplica a si mesma até que se torna ela mesma algo diverso, estranho a si. Conexões engatilhadas umas nas outras, levando o corpo a seu limiar de máxima potência, seu fora mais próprio, que são os acontecimentos incorporais, ou os fluxos que não se detêm no corpo, atravessam-no, tocam-no e escorrem. As transformações referem-se ao corpo, passam por ele de maneira concreta, mas, na mesma intensidade, escapam a ele, escorrem para fora, desdobram-se. Fazem-se acoplamentos e estes são feitos passando pelo corpo, mas é ainda um mundo todo que se move quando isso acontece, uma multiplicidade inteira chacoalha e se produz, o real sofre a enxertia de novas peças: o líquido incorporal que produz com seus pés estalantes de uma dançarina de sapateado. (YONEZAWA, 2007, p. 271)

Arthur, Salomão, Isaac e Israel falam do uso de expressões faciais e da própria comunicação com os ouvintes de modo menos contraposto que os outros surdos acima mencionados. Neste caso, podemos pensar que os corpos não são percebidos tão somente pela língua que se fala, mas como se pode apropriar dela, pelo corpo, pelos seus gestos mesmo antes de um domínio de uma língua em comum, mas da decisão de como se vai comunicar. Como os sinais podem ser compartilhados numa linguagem do corpo, mesmo que não traduzam uma gramática específica, as desdobras do corpo e os espaços para onde ele se movimenta criam novas fontes de integração. Surdos e ouvintes podem usar, inicialmente os gestos, como se estivessem criando algo novo e que, depois de línguas dominadas, aprendidas, podem até incorporar um perfil particular, diante do tipo de relação que se foi dando, do grau de intimidade e afetividade que passaram a sentir uns pelos outros. Destaco a fala de Salomão, por ele se referir à forma como consegue combinar encontros e diversões com os ouvintes, falando que até mesmo na hora de pagar a conta fica tudo acertado e se “combina direitinho”. Para o pagamento da conta são criados sinais e a diversão não vai ser perturbada por esse detalhe. As afetividades, os desejos que o corpo exprimem atravessam as pontes, enfrentam o que tiver pela frente, como obstáculos. O que importa é o encontro.

Aqui, a citação de uma apreciação sobre o corpo, feita por um antropólogo, em que diz, sobre o corpo:

É o nosso texto mais concreto, nossa mensagem mais primordial, a escritura de argila que somos. É também o templo onde outros corpos mais sutis se abrigam. A pele é a ponte sensível do contato com o mundo e pode ser também um abismo. É o nosso órgão mais extenso, é o nosso código mais intenso, um lar de profundas memórias. O corpo sente, toca, fala, comunga. Vida incorporada, corpo da Vida. (LELOUP, 2001, p. 09)

Nem vejo tanta diferença entre a linguagem poética e a científica, pois, no caso acima, o cientista fala de modo poético ao iniciar uma discussão mais aprofundada sobre o corpo. Ou será que aprofundamentos precisam de linguagens mais coerentes com o universo acadêmico? Penso que nas profundezas não estão, necessariamente, os conhecimentos mais promissores, mais contundentes e significativos. Senão, por que teriam afundado, precisando de resgates nos mais das vezes muito cansativos, por causa dos esforços em buscá-los e compreendê-los ou interpretá-los, dissecá-los, até onde revelem, finalmente, as suas naturezas mais firmes e sólidas, consolidadas. Talvez pesadas... São formas de comunicações também.

No caso das comunicações de uma ou outra língua entre surdos e ouvintes, lembro que, por diversas vezes, fui chamado atenção, por intérpretes das duas pesquisas com surdos que participei, a que orientei e a minha própria, para este trabalho, sobre não ficar numa posição que eles não pudessem saber o que estávamos conversando. Isso os incomoda, como de resto incomoda qualquer pessoa quando se sente desprestigiada na atenção que merece, quando se está num pequeno grupo, principalmente. Três pessoas num lugar e uma meio isolada da conversa causa incômodo ou impaciência, ainda mais quando se trata de assunto comum, naquele espaço, naquele momento. Com o tempo, fui me comportando de modo que todos me vissem e soubessem o que estava conversando com a intérprete, em português, até porque alguns deles faziam leitura labial. Vamos aprendendo com o convívio. Nossos corpos vão se posicionando de outros modos, segundo nossos desejos e objetivos. Nossos olhares vão comunicando, gradativamente, e sendo interpretados com mais proximidade.

Os olhos recebem e simultaneamente transmitem informações, eles concorrem para o desenrolar da interação. Da mesma forma, informam sobre as mímicas que acompanham a voz e sobre os momentos propícios à tomada da palavra. Para convencer-se, basta pensar no incômodo causado pelo desvio do olhar do interlocutor durante uma conversa. A dissimulação dos olhos por detrás dos óculos escuros filtra uma larga parte das informações confiáveis que reforçam a comunicação. Ela desequilibra a troca e provoca uma relativa inferiorização daquele que não dispõe do mesmo meio e cuja expressão aparece com uma perturbante nudez. A visão capta o significado dos gestos produzidos pelo outro. Nesse sentido, o olhar é mais relevante para a colheita de informações sobre esse

último do que para transmiti-las. Proust o descobriu ao perceber o desconforto de sua avó doente: “Eu compreendi que ela não enxergava pela estranheza do sorriso de acolhida que exibira assim que abrimos a porta, e que manteve até que se lhe tomava uma saudação. Esse sorriso começara prematuramente e permanecera estereotipado sobre seus lábios, fixo e frontal para que fosse visto de toda parte. Ela já não mais dispunha da ajuda visual para regulá-lo, para lhe indicar o momento e a direção, para ajustá-lo, fazendo-o variar conforme os deslocamentos ou as expressões da pessoa que chegava”. (LE BRETON, 2000, p. 221)

Com a prática e usos do corpo, ou de partes dele, vamos ficando mais ágeis, com mais acuidade dos sentidos, sejam eles quais forem, assim como os goleiros que, numa partida de futebol, não se movimentam tanto quanto os outros jogadores de outras posições, mas seus movimentos estão despertos no olhar, tanto que desenvolvem reflexos aguçados para o movimento mais rápido e preciso, diante da perspectiva sempre iminente do gol. Provavelmente, é por isso que Sara diz que os ouvintes têm a mão mais dura. A língua de sinais pede mais agilidade com as mãos. Concordo que essa agilidade na comunicação em LIBRAS se faz muito mais premente. No entanto, surdos e ouvintes podem desenvolver habilidades com o corpo, com as mãos, independente dessa condição, isto é, a de que se tem ou não audição. Sara poderia ser atriz de teatro ou bailarina, por exemplo. A agilidade que tem para falar em LIBRAS tanto poderia lhe ajudar quanto prejudicar, inicialmente. Talvez lhe incomodasse ter de abrir mão de um tipo de agilidade, para educá-la, aprendê-la, interpretá-la de outro. Somente depois de praticada a encenação, a dança com uma linguagem e utilização do corpo e das mãos, mais especificamente, já que a ela foi feita uma alusão mais incisiva, é que a complementaridade entre uma e outra forma de usar as mãos é que se faria mais expressiva. O talento e aptidão para uma determinada prática não depende única e exclusivamente de um detalhe. Teatralizar, usar mímicas, ao gesticular ou sinalizar, significa uma possibilidade de atuação com sucesso no desempenho artístico. Mas muitos outros elementos estão implicados. Emprestar emoções na construção de personagens envolve uma disposição e habilidades pessoais que nem todos conseguem. Podemos fazer uso do corpo, cotidianamente, com muita graça e humor, nos jeitos e gestos, e diante de uma situação antecipadamente preparada, como a leitura de um texto ou a encenação de uma dança, ficarmos bloqueados, intimidados, sem jeitos e gestos, com as mãos e o corpo mais rígidos, “engessados”. Os treinos, indiscutivelmente, facilitarão as agilidades e trarão resultados benéficos e proveitosos, principalmente se desses treinos formos nos apoderando prazerosamente, sem objetivos definidos, como o de tornar-se um profissional do teatro ou da dança (no caso do aprendizado da LIBRAS nem

todos o fazem por obrigação ou necessidade, nem mesmo os surdos – estive na casa de um surdo, este com mais dois irmãos surdos, que nunca se interessaram em aprender a falar como o irmão mais novo). Uma experiência sobre a utilização do corpo, pela dança, numa oficina, com uma perspectiva educativa narrada por Ribeiro (2011), é significativa para refletirmos como corpo e subjetivação podem ser construídas de modo afetivo, efetivo:

A prática da improvisação em roda vai se constituindo como um espaço de mobilidades, que possibilita vivenciar ao mesmo tempo o espaço molar da oficina com suas formas bem definidas, entre elas os participantes, objetos, músicas, danças, e tempo cronológico, bem como permite agenciar a novidade do movimento dançante a partir da criação particular de cada líder. O devir decorrente da improvisação do corpo de um líder ressoa nos demais participantes de um modo contagiante, lançando as formas constituídas desta oficina numa processualidade, que desestabiliza o espaço molar da sala de aula para percepções singulares. Os movimentos moleculares que brotam da improvisação de cada líder e suas dobras nos demais dançadores, fazem rodar no dispositivo um tipo específico coletivo, que se atualiza através da manipulação coreográfica das forças que os improvisos disparam nas formas. Muito além da eficiência do conteúdo dançado e de seu respectivo rendimento pedagógico, acontece uma interessante contaminação do movimento corporal alheio, fazendo fluir uma rede linhas de força que afetam os participantes em várias esferas existenciais: artísticas, ética, sexual, política e educacional no sentido redondo que tais termos podem constituir. (p. 150-151)

Todo esse movimento parece nos fazer artistas nas nossas encenações cotidianas, nos nossos maneirismos, nos nossos fazeres que, se por um lado são aprendidos culturalmente, pelos padrões que internalizamos, porque já estão assegurados como os melhores a escolher e seguir, por outro nos afetamos e desmobilizamos o que já estava previsto como movimento regulador de uma identidade grupal, cultural a ser sempre acionada, para não nos perdermos de vista. No entanto, a dinamicidade dos nossos movimentos concretos e simbólicos não estão absolutamente amarrados a uma previsibilidade. Inventamos-nos e fazemos precipitar um desconforto inicial, para nós mesmos. As emoções de que falam os surdos, nas suas formas de comunicação, que seriam mais expressas do que as dos ouvintes, fariam deles protagonistas de jeitos novos e diferentes que, como diz Arthur, causa admiração. Essa admiração dos ouvintes, meio espectadores em relação aos surdos, nos colocaria exatamente numa situação de palco e platéia, sendo que todos estariam se concatenando uns aos outros e criando, primeiro pelo olhar e depois pela aproximação, a obra artística que constituímos todos nós no espaço-tempo-vida por onde vamos dançando, esculturando, rabiscando, desenhando, pintando, aqui e ali, os contornos de nós mesmos, dos nossos corpos.

A presença do artista como corpo e vida permaneceu durante muito tempo invisível ou marginal. Fossem quais fossem a força e a visibilidade da expressão, a grandeza do gênio ou a ambição do trabalho, o corpo-artista sempre se mantinha aquém da obra e fora dela. Podia ser o seu tema, nunca o material como tal, e não aparecia como o corpo produtor que é. O artista era desencarnado, certamente prometido, um dia, às celebrações dos biógrafos: não se adivinhava se ele era macho *voyeur* libidinoso, a não ser por suas opções e enquadramentos. (MICHAUD, 2008, p. 558)

Se as edições são formas de interferir, de transformar, com os tons fazemos misturas, com as técnicas fazemos percursos mais eficazes, então estamos efetuando exercícios constantes de subjetivação. O corpo, seja com a língua de sinais, em maior harmonia e coerência com o mesmo, como dizem Tadeu e Isaac e Laura, seja quando resolvem também oralizar conjuntamente, seja quando os canais de comunicação parecem não existir, tudo nos faz produzir, criar, diante das conquistas de saberes e poderes de que vamos fazendo uso, agindo assim ou assado, certos ou errados, equivocados. E tudo isso não é permitido? O proibido não nos tem instigado às rupturas? O biopoder e a biopolítica não estariam distanciadas de uma *visão indubitavelmente prejudicial*, segundo a perspectiva foucaultiana como alertam Rabinow e Rose (2006, p. 24), ou seja, não seriam da ordem apenas de um *bloco de poder* e por isso mesmo isto teria levado a um *fascínio de Foucault pelos modos antigos de subjetivação e as possibilidades de liberdade (...)*, porque valeria lembrar que *a medicina é o lugar mais antigo onde se pode observar o jogo da verdade, do poder e da ética em relação ao sujeito, e às possibilidades de uma vida boa, ou como os gregos teriam tido, uma vida florescente?* (grifos meus)

Aquilo que temos nem sempre vemos e ouvimos, podemos senti-las, podemos usar outros órgãos dos sentidos e nos comunicarmos, talvez ainda mais radicalmente, com o corpo e não, de forma limitada, como era de se esperar, para alguns, pelo menos. Eu mesmo, quando me vi na possibilidade de entrevistar uma surda-cega, casada com um surdo (ambos sócios da ASJP), fiquei entre exultante e agoniado. Imaginava-me nessa condição, sem visão e sem audição. Para quem perdeu os dois sentidos, duvido que não fique assim. Mas para ela isso não fazia sentido, não fazia sentido para os sentidos que tinha e como foi se construindo. A entrevista seria realizada a partir de três interpretações, o marido seria o seu intérprete e falaria em LIBRAS para a intérprete que, por sua vez, interpretaria para o português. A entrevista não aconteceu porque ela adoeceu. Fiquei curioso em saber quem era essa pessoa. Quando a vi, depois de concluída a pesquisa de campo, nem percebi imediatamente que ela era surda, e nem mesmo cega. Ela estava sentada. Somente quando a intérprete me lembrou e apontou quem era é que passei a

prestar atenção na sua comunicação com o marido, através das mãos. Voltou a pergunta: como era aquela pessoa, como manifestaria seus desejos e os tornaria realizados. Ela estava ali, pessoa, em carne e osso, em corpo presente e falava com as mãos, talvez ainda mais do que os surdos e ouvintes. Ela sentia com as mãos, para se comunicar. Impressionante!

Os significados, as abstrações de que natureza seriam, como se fariam concretos, tudo através do toque das mãos. Quando o corpo é perfeito ou imperfeito, normal ou anormal, que comunicação, que gestos, que corporeidade?

O mundo visto não está “em” meu corpo e meu corpo não está “no” mundo visível em última instância: carne aplicada a outra carne, o mundo não a envolve nem é por ela envolvido. Participação, aparentamento no visível, a visão não o envolve nem é nele envolvida definitivamente. A película superficial do visível é apenas para a minha visão e para meu corpo. Mas a profundidade sob essa superfície contém meu corpo e, por conseguinte, contém minha visão. Meu corpo como coisa visível está contido no grande espetáculo. Mas meu corpo vidente subtende esse corpo visível e todos os visíveis com ele. Há recíproca inserção e entrelaçamento de um no outro. Ou melhor, se renunciarmos, como é preciso ainda mais uma vez, ao pensamento por planos e perspectivas, há dois círculos, ou dois turbilhões, ou duas esferas concêntricas quando vivo ingenuamente e, desde que me interroge, levemente descentrados um em relação ao outro... (MERLEAU-PONTY, 2009, p. 134-135)

A corporeidade, a corporificação assim tão entremeada de olhares de soslaio, sem uma visibilidade certamente há de perturbar, mas é exatamente aí onde nos encontramos, entre a nossa perplexidade e displicência de nos sabermos visíveis e invisíveis, percebendo e comunicando o percebido de modo mais tenaz, quando pensamos que tudo que está sendo dito está sendo entendido, tocado, apalpado, visto em todos os planos dos quais nos socorremos e que ao mesmo tempo são tão pouco nossos completamente. Eu sei que minhas costas existem, mas não posso eu mesmo me ver de costas, nem o artifício do espelho completa essa comunicação a mim mesmo. O que vejo fotografado, filmado, registrado, já não sou eu mesmo, a mim me transcende, tecnológica e concretamente.

Foucault (2007) alude ao desaparecimento do homem não como algo concreto, no sentido em que foi tomado e quando vieram enxurradas de discussões sobre a morte do sujeito. O homem ao qual ele se referia, no meu entender, é o homem que foi inventado, criado, na iminência de não saber se pertencer e duvidoso da sua própria existência. Este homem tão cômico de si, de sua história com início meio e infinitude, é que deveria ser tomado como a imagem de um rosto construído na areia e tão propício as investidas das ondas cada vez mais frequentes. No entanto, ao nos subjetivarmos em relação aos nossos

corpos, nos comunicando uns aos outros, nos interceptado, pedindo licença, esbravejando ruidosamente, tomamos consciência de que nos perdemos um pouco no outro, que ao mesmo tempo encontramos. Isso não nos tem feito melhores nem piores, apenas aponta um devir que não nos pertence completamente, até porque os conhecimentos que produzimos sobre nós mesmos se dissipam com a maior facilidade, ao descobrirmos que existe uns outros que nunca vão querer saber fazer nada do que consideramos tão importante e crucial para nos conduzirmos pela vida. E o que fazer com essas diferenças, quando delas tomamos conhecimento intencional ou acidentalmente, como quando nos tomamos como objetos de estudo? Com os indivíduos surdos me dizendo coisas foi e tem sido assim, ou seja, cada vez mais me confundo querendo apreendê-los nessa ou naquela lógica. Eles aparecem e desaparecem pra mim da mesma forma que eu e todo produtor de conhecimento sobre essa forma de se constituir sujeito também desaparece. Nunca vou me aproximar tanto de ninguém, ao ponto de saber-lhe sua essência mesma, todavia estarei compartilhando prazerosamente tudo o que puder lhe comunicar e querendo saber até onde posso nos fazer presentes um para o outro, nos entregarmos sem saber se seremos recebidos.

A linguagem corporal dos surdos era e ainda é, para mim, um desafio, não por causa da LIBRAS, porque eles têm muito a dizer e que não está inscrito apenas nesse detalhe, mas porque, assim como qualquer linguagem corporal, a deles também é algo que não se pode abarcar completamente. Os sinais de LIBRAS comunicam e escondem ao mesmo tempo, como os tantos substantivos que usamos, seguidos de sinônimos e ainda com adjetivos qualificativos. Os signos do corpo vão se transformando numa velocidade tão intensa que a qualquer falta de atenção podemos perder o fio da meada e ter de prosseguir, sem a preocupação de que podemos resgatar o que foi perdido lá atrás. Hoje me afoito em dizer que eles já me disseram muito, com os seus gestos e jeitos.

CAPÍTULO IV

CAPÍTULO IV

ENCONTRANDO

*Se um dia a gente se encontrar
e eu confessar
que vi um filme tantas vezes
para desvendar os olhos teus
E se a gente se falar
contar as coisas que viveu
o que esperamos do amanhã
será que pode acontecer?*
Milton Nascimento

O processo de sociabilidade, sabidamente, sociologicamente, nos impele à vida em sociedade, ou seja, nos dá o status de seres sociais quando se detecta que isoladamente nada teríamos construído em termos de história humana. No entanto, nenhuma construção e prática humanas se deram ou se dão de forma tão simples e sem conflitos. A sensação de bem estar com o outro é uma construção que vai se delineando de acordo com interesses diversos, diante da percepção do lugar e da composição do mesmo, incluindo aí os próprios seres e suas ações. Algumas questões abordadas, sociologicamente, me auxiliarão nessa observação inicial mais geral, que aqui coloco, e no decorrer da análise dos discursos dos meus interlocutores, presentes nos momentos, atos e práticas a seguir.

MOMENTOS DE SOCIABILIDADE

Chegando ao grupo:

Conheci alguns surdos na cidade, no centro da cidade, no Ponto de Cem Réis, que era um ponto de encontro. Você encontrava surdo, batia papo, nos divertíamos. (Abraão, 34 anos, casado, graduando no curso de Letras LIBRAS)

Aí com 17 anos eu encontrei um surdo que também usava aparelho. Eu achava que ele falava como eu, mas ele falava língua de sinais. Aí eu vi que o surdo sinalizava diferente e desde criança eu nunca tinha visto língua de sinais. Mas eu ainda não fiquei muito motivado em conversar língua de sinais. (Tadeu, 35 anos, solteiro, graduado em Matemática e Contabilidade, Mestre em Educação)

Eu encontrei uns surdos da Igreja Batista e aí conheci os sinais. (Lucas, 31 anos, solteiro, 2º grau completo)

Com 12 anos, lá no Shopping Tambiá, vi muitos surdos ali presentes. Fui conhecendo alguns surdos, aumentando meus conhecimentos e os surdos sinalizando... Até aí eu oralizava... (Moisés, 18 anos, solteiro, cursando. Eletrotécnica na IFPB)

Aí eu ingressei numa escola de surdos e minha professora era intérprete e, eu com a língua de sinais, fui percebendo as coisas muito rápido. (Isaac, 22 anos, solteiro, graduando no curso Sistema de Informática)

Eu vi, ali perto do Mercado Central, mais ou menos, os surdos fazendo gestos dos sinais e eu não entendia nada. (Teresa, 33 anos, solteira, 2º grau completo)

O encontro com os surdos é muito bom porque a gente vai aprendendo a se comunicar melhor e passa a ter mais amigos. (Emília, 24 anos, solteira, graduanda do curso de Letras LIBRAS)

Os encontros nos levam a conhecer mais pessoas, construir amizades, nos enriquecendo como atores, atuando socialmente (os textos são dados, mas são interpretados). Tudo tão agradável e prazeroso! Assim são os discursos da categoria acima que fala justamente de como os surdos foram encontrando outros surdos.

Faz-se imperativo lembrar, nessa encenação, que a sociabilidade entre quaisquer tipos de pessoas implica satisfação de necessidades e estas só poderão ser atendidas mediante a completude das mesmas, diante dos objetivos comuns, motivados pelos mais diferentes planos da vida social, sejam eles de ordem material ou dos impulsos subjetivos, estes, também aprendidos, compartilhados e praticados socialmente. Sobre essa questão e lembrando o que seria certa superficialidade da sociabilidade Simmel (2006) adverte que:

Toda sociabilidade é um símbolo da vida quando essa surge no fluxo do jogo prazeroso e fácil. Porém, é justamente um símbolo da vida cuja imagem se modifica até o ponto em que a distância em relação à vida o exige. Da mesma maneira, para não se mostrar vazia e mentirosa, a arte mais livre, fantástica e distante da cópia de qualquer realidade se nutre de uma relação profunda e fiel com a realidade. Ainda que a arte se ponha acima da vida, ela se situa acima da vida. Caso a sociabilidade corte totalmente os laços que a unem com a realidade da vida – a partir da qual ela entrelaça uma teia totalmente estilizada e diferente –, ela deixa de ser um jogo (Spiel), e passa a ser uma frívola brincadeira (Spielerei), com formas vazias, em um esquematismo sem vida e orgulhoso disso. (p. 80)

Bom, mas uma coisa já é perceptível: eles, na sua maioria, não conheciam ou não tinham tanta proximidade com outros surdos e nem falavam a língua de sinais. Alguns oralizavam e usavam aparelhos auditivos, portanto tinham experiências como pessoas

anteriormente, pelo visto com uma maioria ouvinte, com uma família ouvinte. Esta, num primeiro momento, como com qualquer indivíduo, sendo a influência mais forte e significativa. Aqueles que não sabiam língua de sinais e que oralizavam, além do uso de aparelho auditivo, foram, a princípio, encaminhados para médicos e fonoaudiólogos. Algo típico do procedimento das famílias dos surdos e que, provavelmente, desejavam que seus filhos se comunicassem oralizando, se esta era uma possibilidade. Todas? Não! Aqui a questão da classe social e do nível de informação da família conta significativamente, tanto que pude perceber tal fato, claramente, não apenas nos seus próprios discursos, mas até mesmo na forma como se vestiam, no tipo de construção arquitetônica, no mobiliário das suas residências, nas obras de arte existentes ou não, na forma de se desculpar pela ausência de algo material que imaginavam que pudesse me deixar mais confortável etc. (aquelas que visitei para as entrevistas ou em momentos acidentais, como quando dei carona e conheci a residência de alguns).

O que quero problematizar aqui, em relação à questão familiar, é que esta tem um significado importante no processo de socialização e que, sendo uma família de maioria ouvinte, ou seja, antes de qualquer outro momento, o ambiente familiar é o lugar da primeira etapa de socialização. E, nem sempre, a constituição de uma diferença se dá pela presença ou ausência da audição em si, mas por outros motivos, como a questão da afetividade. A dificuldade de comunicação dessa própria afetividade que possa vir a ocorrer pela falta da audição é um dado, sim, mas não determinante. Fosse assim não poderíamos falar de indivíduos surdos, talvez até mais comunicativos com suas famílias, mesmo sem oralizar ou falar língua de sinais. A comunicação humana tem uma história que tanto pode ser pensada no seu desenvolvimento, como no significado e condições para o seu estabelecimento, mas assim como nem todos entram numa situação letrada, nem todos podem querer entrar no que vai se configurando como modelos de comunicação dominantes (famílias de surdos com ouvintes e surdos, por mim entrevistados, nem todos dominavam a LIBRAS e, mesmo assim, se comunicavam, transmitiam sentimentos). O que falei me remete a outra forma de resumir o que acabei de comentar:

As comunidades humanas, espalhadas no tempo e no espaço, têm estruturas de pensamento subjacentes próprias, moldadas segundo suas experiências históricas e expressas por meio de linguagens que lhe são significativas. Como são múltiplas as condições de vida dos núcleos sociais, os códigos inventados para a expressão e a comunicação são os mais variados. Contudo, podemos dividi-los, em princípio, em dois grandes grupos: o verbal e o não verbal. O primeiro organiza-se com base na linguagem articulada, que forma a língua, e o segundo

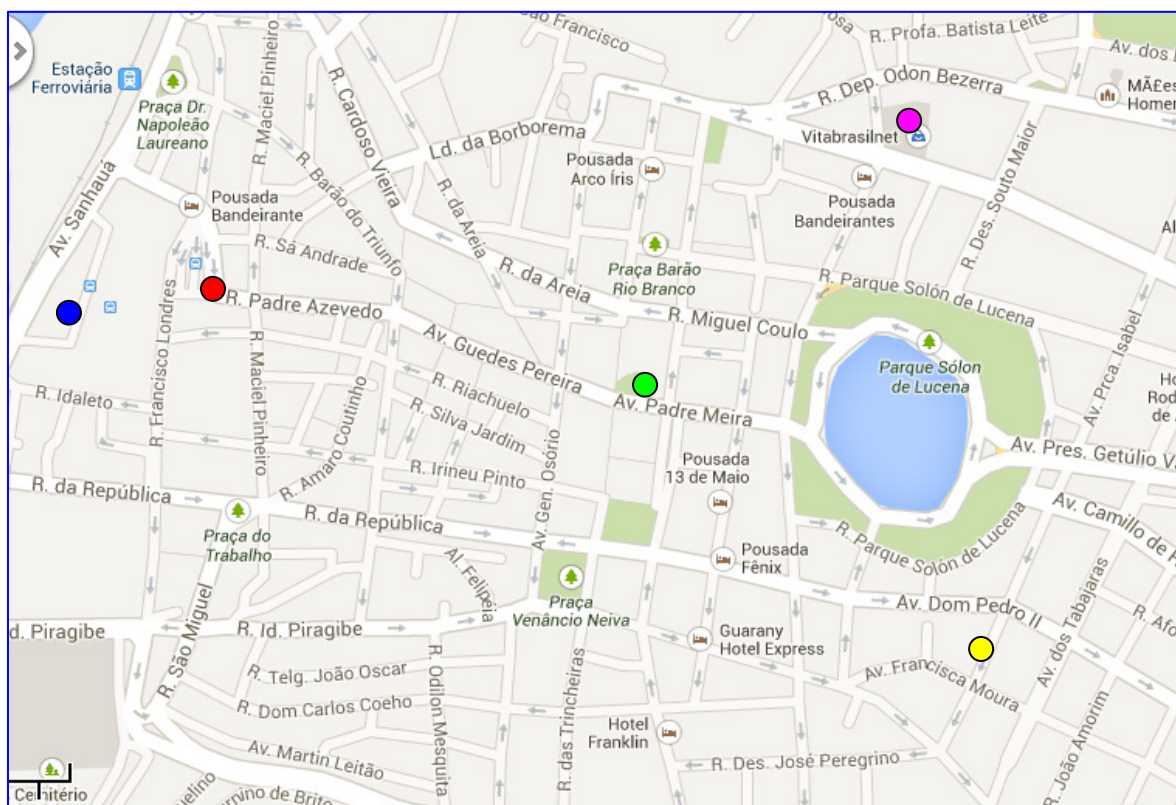
vale-se de imagens sensoriais várias, como as visuais, auditivas, cinestésicas, olfativas e gustativas. (AGUIAR, 2004, p. 25)

Vale salientar que, também, não estou esquecendo da família como instância de reprodução de relações de poder e, tomando por base um viés foucaultiano, as ordenações implicadas nestes termos, que implicam controle. Mas, exatamente, por conta de uma positividade do poder (FOUCAULT, 1988) e das prescrições que se demonstram rebeladas, quando de uma confissão (FOUCAULT, 1985), é que, exatamente aí, nem tudo que se supõe determinado é seguido à risca. As famílias, independente das classes sociais, quando percebem seus filhos surdos não fazem de tudo, o que conheçam, para que eles se comuniquem segundo o padrão ouvinte? Mas, diante da dinâmica das relações familiares, os surdos não vão fazendo opções, muitas vezes, independente do desejo e até da imposição familiar? Os conflitos, tensões e troca de poderes não estão aí, implicados?

Mas as línguas de sinais estavam se divulgando e com a oficialização da LIBRAS a tendência era essa mesma, ou seja, a de encontros cada vez mais crescentes de surdos que se encaminhariam para o aprendizado de uma língua que facilitasse a comunicação de um modo ainda mais completo.

A língua de sinais seria, então, o fato novo de uma realidade já praticada por uns, mas ainda desconhecida por outros. Se algo que chamava a atenção era a surdez peculiar aos mesmos, esta ainda não era um ponto de identificação como seres de um mesmo grupo social, já que não participavam das mesmas atividades, não professavam, necessariamente e amplamente, a mesma religião e, principalmente, no caso que mais vai causar interrogações, não se comunicavam da mesma forma. Esta seria uma realidade pretendida, querida ou que se impunha, diante da observação de que ela era algo por ser conhecido, para a descoberta de uma identificação ou não? Não será tudo isso, assim como o é com todos os fatos da vida social, que ao mesmo tempo em que podem gerar coesão, também tem certo grau de coercitividade? Lembremos que se a forma de comunicação entre os surdos, seja ela qual for, é resultado das relações sociais que foram se estabelecendo, primeiro na família, depois nos outros grupos dos quais se foi fazendo parte, há de se observar que as diferenças e semelhanças, nesse sentido, estão ligadas às histórias de vida de cada um, como podemos observar nas falas dos mesmos, quando dizem de que forma e onde foram tomando conhecimento do que não conheciam, para refletir, posteriormente, sobre seus desejos de conhecer.

O cotidiano dos surdos passa a se ampliar, no que tange aos efeitos de um processo de sociabilidade com mais possibilidades de relações e lugares a explorar, conhecer, passar atuar e fazer parte, simultaneamente. Todos, dependendo do que conheciam ou não, têm mais acréscimos às suas vidas, através de novas permutas. Os novos encontros propiciariam a instauração de mais espaços, por uma nova forma de apropriação (o Ponto de Cem Réis, o Terminal Rodoviário, o Terminal de Integração, o Shopping Tambiá etc.) do mesmo, com táticas, práticas, astúcias (CERTEAU, 1994), em que uma visibilidade de si mesmos se reformulava gradativamente, renovando as cenas e cenários sociais para todos os que passassem a reconhecê-los, participantes e transeuntes, surdos e ouvintes, todos, enfim, com maior ou menor esforço, reconhecimento ou resistência. Aqui a noção de “não lugar” (lugar e espaço não estão em oposição, nos termos analisados por Certeau), no sentido antropológico, completa o raciocínio sobre a reapropriação e consequente reinterpretação ou, melhor falando, novas apropriações e interpretações, pelo uso dos espaços cotidianos de encontros dos surdos na cidade de João Pessoa:

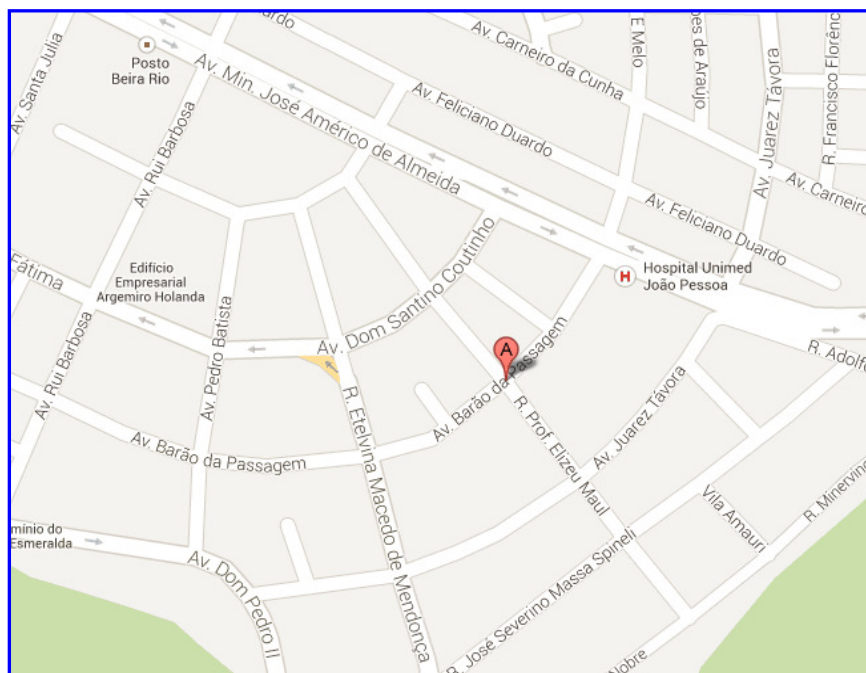


Fonte: Google Maps

- Terminal Rodoviário
- Terminal de Integração
- Ponto de Cem Réis (Praça Vidal de Negreiros)

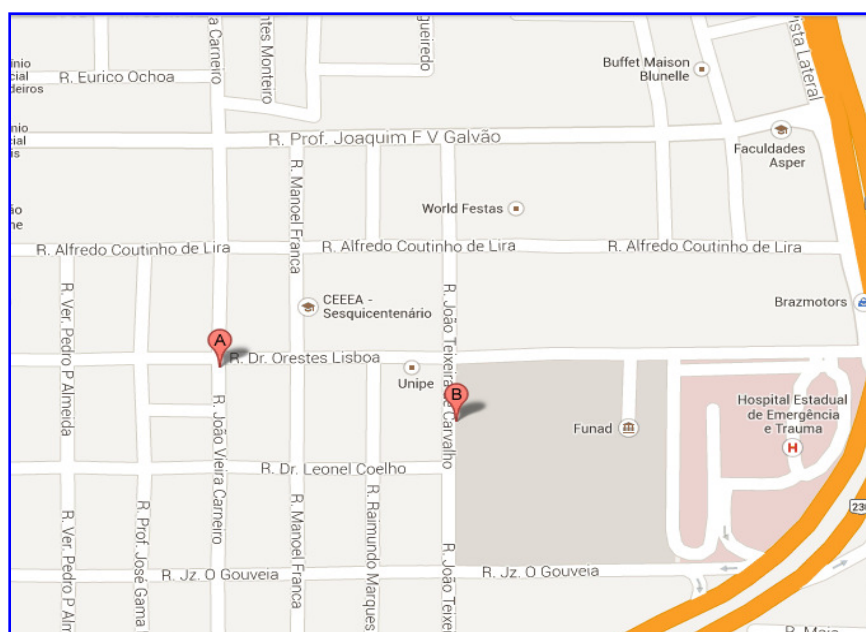
- Mercado Central
- Shopping Tambiá

A: Associação de Surdos de João Pessoa



Fonte: Google Maps

A e B: Funad – Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência



Fonte: Google Maps

A possibilidade de vislumbrar outros horizontes, criar outras histórias, vão se ampliando com a experiência da alteridade entre os que descobrem uma nova forma, ou diferentes formas, do jeito ser e estar surdo. Os encontros que antes não tinham são novidades que se refletem na possibilidade de mudança, que traz mais conhecimento, amizade, felicidade, identificação de que existem semelhanças na falta da audição. É como se um sentimento de pertença, de repente, reorientasse o seu jeito de olhar a si mesmo.

E, depois, fazendo parte do grupo:

E depois fui estudar na FUNAD também. (Lucas, 31 anos, solteiro, ensino médio completo)

Aí eu fui na FUNAD e comecei a usar os sinais e fui encontrando surdos cada vez mais. (Teresa, 33 anos, solteira, ensino médio completo)

Depois me falaram da FUNAD e eu fiz cursos na FUNAD. Depois fui para Igreja Batista porque me convidaram e lá tinha um trabalho com surdos, já. (Abraão, 34 anos, casado, graduando no curso de Letras LIBRAS)

Mas chegando em casa fiquei pensando: mas ele é surdo igual a mim. Eu preciso estar unido a ele, eu preciso aceitar a língua de sinais. Eu já aprendi leitura labial, agora eu preciso ser feliz, de repente ficar conversando, ficar sinalizando. Vou fazer um curso de sinais. (Tadeu, 35 anos, solteiro, graduado em Matemática e Contabilidade Mestre em Educação)

Mas eu comecei a sinalizar e a minha vida mudou. Eu passei a ficar junto dos surdos, porque eu poderia conversar tudo o que eu quisesse através da língua de sinais. Mas me dou bem com as duas comunidades surdos e ouvintes. Os dois mundos me dão coisas muito boas. (Moisés, 18 anos, solteiro, cursando ensino médio, curso de Eletrotécnica)

Os surdos ensinam os outros surdos. E a gente passa se sentir muito bem. (Isaac, 22 anos, solteiro, graduando no curso Sistema de Informática)

Aí fui pra FUNAD porque achei muito bonita a língua de sinais. Aí eu fui aprender LIBRAS na FUNAD. Aí fui vivenciando, vivenciando, conhecendo tudo. Aí fui pra associação dos surdos. Aí fui abrindo assim, o leque de amizades. Agora tinha amigos surdos também. (Sophia 35 anos, solteira, graduada no curso de Pedagogia, Especialização em Letras LIBRAS)

Eu mesma ampliei até os meus amigos ouvintes. Hoje eu gosto muito de ficar ensinando os ouvintes a língua de sinais. Vou conhecendo muito mais gente, surdos e ouvintes. (Emília, 24 anos, solteira, graduanda do curso de Letras LIBRAS)

Neste momento dos discursos a alegria pelo encontro e a possibilidade de conhecer junto com outros surdos não se confronta com o fato de que viviam muito mais entre os ouvintes. Alguns até disseram que ampliaram o número de amigos, até mesmo de amigos ouvintes. Mas fica perceptível, também, que as comunidades surdas estariam se possibilitando a partir dali. Primeiro os pontos de encontro em locais públicos, depois em algumas instituições que realizavam trabalhos com surdos, como as igrejas protestantes ou evangélicas, além disso escolas para surdos, como o Sistema Universal Verbotonal de Audição Guberina (SUVAG), localizada na Universidade Federal da Paraíba, e cursos de LIBRAS na FUNAD, que faz trabalhos direcionados a todos os portadores de deficiência física. Mais tarde eles também passariam a se encontrar na Associação de Surdos de João Pessoa (ASJP), onde eu também os encontraria, bem mais tarde do que eles, com fins acadêmicos. E não era a primeira vez, como já informei na introdução.

Os locais vão situando o lugar de onde fazer, como se ali uma nova marca de si mesmos pudesse indicar-lhes um ponto de referência de onde algo de novo estava começando. A FUNAD, mesmo não sendo o meu espaço de pesquisa, foi por mim bastante visitado, antes mesmo de adotar a ASJP como meu espaço de pesquisa, conforme já mencionei anteriormente, assim como os demais espaços de concentração de surdos. Lembro-me de como me senti um tanto desconfortável, algo semelhante, num primeiro momento, como Correia (2007), ao descrever sua sensação junto ao grupo de cegos que pesquisou, em Porto Alegre-RS, para sua tese de doutoramento:

A intimidade dos frequentadores da ACERGS com o espaço contrastava com o meu estranhamento. Como consolo esse estranhamento era claramente compartilhado com alguns outros presentes. Eram usuários que pareciam menos habituais – bem como pessoas que buscavam serviços em outras salas e seus olhares ora inseguros, receosos, arrogantes, inquisidores ou debochados – que me faziam sentir mais confortável. Éramos ali “peixes fora d’água”. (p. 95)

Precisava me familiarizar com aqueles espaços e com eles mesmos, os surdos, tal como num processo de sociabilidade, assim como eles mesmos indicavam e demonstravam ser necessário. Os espaços, para eles, lhes eram peculiares, e eu ainda era o estranho que mais tarde viria a ser “o pesquisador”, como acontece com todos nós nos momentos do trabalho de campo. Mas os espaços já eram deles que estavam ali fazendo algo diferente do que eu estava fazendo, mesmo que por alguns momentos fôssemos compartilhar algo do que se fazia ali, cada um com o seu objetivo mais imediato, porém com pontos de intersecção. Eu faria parte do grupo, mesmo que fosse para alguns um completo estranho,

que me sentisse um “peixe fora d’água”. Mas eles mesmos não já tinham sido? Alguns surdos não estavam chegando, como eles mesmos já estiveram chegando? E entre surdos e ouvintes esses espaços não poderiam ser compartilhados, sem que uns excluíssem os outros, mesmo que, de certa forma, aqueles fossem muito mais seus, até pelas siglas demarcatórias? Corporificar o espaço significa apropriação da identidade e diferença que constroem ou, por outro lado, também denuncia um espaço que lhes é destinado por força das circunstâncias, ou seja, pelas instituições que vão se configurando como suas, pelo trabalho inclusivo e societário que realizam? Não é assim com todos os seres humanos, surdos, ouvintes, ou o que quer que sejam e estejam (trabalhadores das mais diferentes profissões em seus locais de trabalho, sindicatos, espaços de lazer, de fazer)? Seria oportuno ou oportunismo seguir com o questionamento a seguir:

Que tipo de formação é esse, esta “sociedade” que compomos em conjunto, que não foi pretendida ou planejada por nenhum de nós, nem tampouco por todos nós juntos? Ela só existe porque existe um grande número de pessoas, só continua a funcionar porque muitas pessoas, isoladamente, querem e fazem certas coisas, e no entanto sua estrutura e suas grandes transformações históricas independem, claramente, das intenções de qualquer pessoa em particular. (ELIAS, 1994, p. 13)

E, diante das discussões que têm sido logradas, no pensamento social produzido, sobre o porquê vamos de lá para cá em movimentos que nos situa ou nos quais vamos fazer situar nossos desejos de querer, de fazer com ou sem prazer, limitados ou limitando, delimitados ou delimitando, conflitantes e tensos, mas sempre no afã de nos desvencilharmos das amarras, de escaparmos das armadilhas e prisões, ou quaisquer outros contornos, aparentemente, implacáveis, diante das nossas condições humanas físicas e psicológicas, é que teríamos de concluir que:

O que nos falta – vamos admiti-lo com franqueza – são modelos conceituais e uma visão global mediante os quais possamos tornar compreensível, no pensamento, aquilo que vivenciamos diariamente na realidade, mediante os quais possamos compreender de que modo um grande número de indivíduos compõem entre si algo maior e diferente de uma coleção de indivíduos isolados: como é que eles formam uma “sociedade” e como sucede a essa sociedade poder modificar-se de maneiras específicas, ter uma história que segue um curso não pretendido ou planejado por qualquer dos indivíduos que a compõe. (ELIAS, op cit, p. 16)

Mas nós temos ido de lá pra cá, ora sozinhos ora acompanhados, movidos pelo interesse de encontrar e, mesmo quando se dá ao acaso, mesmo que esta movimentação

solitária completamente seja só um modo de dizer e que o acaso esteja ali nos esperando, posto que já existe ou foi realizado por alguns outros de nós (mas, se não saíssemos do canto encontraríamos o que ignoramos?).

E, já fazendo parte do grupo, os meus interlocutores foram começando a refletir sobre o que viram e queriam (poderiam não querer também). Mas, nos discursos acima, o que vemos é que eles foram percebendo que nos ambientes em que aprendiam algo novo, também passavam a ampliar suas percepções sobre o mundo a partir de peculiaridades, num primeiro momento. Porque dos espaços agora ocupados novas relações passavam a se formar, novos laços de amizade. Quem não tinha amigos surdos agora tinha; outros passaram a somar mais amigos ouvintes; se fala até em ser feliz. Cada um traz um elemento que complementa o outro. E mesmo que se possa pensar na felicidade do encontro de iguais como único elemento definidor da motivação de ir aos lugares e fazer coisas que lhes passava a parecer imprescindível, como aprender uma língua de sinais, penso que ir a essa ida vai mais além. Ela é da ordem da ampliação do encontro consigo mesmo à medida que encontravam outros com semelhanças para uma comunicação de si mesmos com o mundo. Mas essas novas amizades, esses novos laços, eram celebradas sem percalços, sem idas e vindas, sem decepções, porque as escolhas eram da ordem do pretendido, do espontâneo ou liberdade de escolha? Nos grupos de semelhantes tudo é definitivamente tão semelhante assim? Sobre este aspecto um estudo sobre a amizade, de viés foucaultiano, faz-me parar para uma observação das implicações da mesma, assim mesmo, como num momento de sociabilidade:

Pensar a amizade é poder experimentar a diferença, as singularidades e também a pluralidade de um mundo livre, onde o exercício de uma agonística entre amigos tenha lugar para as provocações mútuas, o trabalho da crítica com o seu poder de estabilizar e desestabilizar a amizade, os questionamentos, as divergências de opiniões, uma “ética da palavra”, o falar franco com abertura do coração e da mente, fertilizando o solo inseguro da amizade, contrapondo-se à possibilidade de um dizer de si autorizado apenas pelas verdades dos discursos da hermenêutica do desejo. (FERNANDES, 2008, p. 389)

Dessa forma, suas diferenças não poderiam notabilizar-se mais ainda? Suas subjetividades entram num plano de internalizações que não tinham antes, para poder administrar mais ângulos sobre suas próprias noções de surdez. A língua de sinais não era útil, apenas porque agora poderia se conversar o que quisesse, mas ela também era bonita. Além de não vir como algo inclusivo ou excludente. E, aqui, estou me referindo às ponderações, como chamadas de atenção de que a comunicação com comunidades surdas e

ouvintes passava a ser facilitada. Os trechos dos discursos que foram listados acima não são os únicos indicadores disso. Lógico que alguns surdos falam e se sentem melhor nas comunidades surdas, porque a comunicação se completa mais, contudo, na minha estadia em campo e nos meus contatos informais, a maioria fazia questão de falar da importância de transitar bem entre os ouvintes, aprendendo ou ensinando. E, claro, que não era somente o aprendizado do português ou da LIBRAS. Muitos relacionamentos de namoros e casamentos não estavam definidos pelo domínio da língua mais comum a essa ou aquela comunidade, mesmo que esse aprendizado viesse, por consequência, da vontade de estar juntos por motivos afetivos e sexuais, por exemplo.

Insisto, deste modo, que a experiência dos surdos entre si está para além de binarismos, em termos de pertencer a esta ou aquela definição separadamente, surdos versus ouvintes. O que os sujeitos da pesquisa enunciam não é uma separação do seu entorno social mais amplo, em que surdos e ouvintes se implicam mutuamente, com diferenças ou semelhanças que não podem ser enclausuradas ou amarradas nas teias da dificuldade de comunicação versus facilidade de comunicação. Os laços que vão sendo criados são fortes, porém não ao ponto de uma captura identitária, apenas em relação a uma língua que os aproximam. Os encontros também registram diferenças internas e formas de pensamentos divergentes, considerando que não há uma homogeneidade. Ser daquele e passar a ser, também deste grupo, daquela e desta comunidade, marca uma corporificação que desconstrói o ser e estar ali e acolá em termos de uma afirmação positiva ou, pelo contrário, negativa. Positividade e negatividade se fronteirizam, se cruzam e se misturam porque as diferenças são enriquecedoras e alargam espaços, percepções e consequentes significações.

Essa questão de uma ampliação, no modo de percepção do mundo, pode ser observada em mim mesmo, como pesquisador, com eles, os meus interlocutores, quando passava a compreender melhor o que se passava em algo que eu sentia necessidade de compreender, para melhor interpretar. Minha crescente interação com eles foi me permitindo não somente a utilidade, mas também o prazer, a beleza, e tantos outros sentimentos que foram se cruzando no momento das minhas ações como pesquisador, ou até mesmo quando esquecia dessa condição, ou quando parecia menos atento e, de repente, paradoxalmente, descobria que não, quando algo inusitado me chamava a atenção. E sobre esse aspecto da interação Teixeira (2000) tem uma colocação sobre Schutz que me evoca o

meu próprio procedimento, porque com ele me identifico, em termos do raciocínio semelhante:

Sua ênfase no concreto, na busca dos pressupostos a partir dos quais os indivíduos dia a dia vivem, percebendo a si mesmos e aos outros e ligando-se em múltiplos níveis em meio à pluralidade que constitui o mundo social, e a ele se impõe, resgata e constitui a interação enquanto intersubjetividade. Schutz nos permite reelaborar a ênfase dada, pela noção de interação, à percepção exterior do campo expressivo da ação e ao olhar do observador, de uma perspectiva a partir da qual o observador pode posicionar-se em diferentes ângulos, assumir diferentes identidades, desdobrando-se em mero espectador presente no momento da ação, co-participante direto ou indireto da mesma e pesquisador desinteressado nos resultados pragmáticos em jogo naquela situação. Ao mesmo tempo, nos oferece elementos para conjugá-la à sua preocupação maior: a busca da compreensão da subjetividade dos indivíduos, sua dimensão interior, suas intenções, motivações, projetos e concepções, enfim, os processos através dos quais atribuem sentido ao mundo que os cerca e às suas relações no dia a dia-a-dia, produzindo representações acerca de si mesmos e dos outros sujeitos com que se relacionam nas mais diferentes situações e intensidades. (p. 13)

Considero, portanto, que as temporalidades e singularidades de suas experiências, pelos espaços que vão trilhando, trazem as tonalidades de suas conquistas pessoais e grupais que, com toda certeza, influenciam o jogo de significados que vão tecendo nos seus cotidianos inventados, reinventados, recriados. (CERTEAU, 1994)

Mas, continuemos a trajetória desses indivíduos, observando e analisando outros momentos de encontros, mais momentos de sociabilidades que demonstram o crescente e animado jogo de suas realizações e prazeres deles decorrentes.

EVENTOS E PRÁTICAS NO GRUPO

As festas, as danças, a música:

A gente tem bastante diversões, viaja com a Associação de Surdos, a gente bebe, a gente dança, tem os concursos de miss. Isso são nossas diversões, isso são as nossas festas. Os surdos também falam: vamos lá, vamos combinar com os ouvintes, vamos pro forró, vamos nos divertir, vamos dançar... A vibração..., a gente curte bastante. O surdo é louco por aquele som do “Forrock”. Então todas as festas do “Forrock”, a gente vai lá. A gente tá sempre com um grupo de surdos, vai estar sempre junto do grupo de surdos e do grupo dos ouvintes. A gente fala: vamos lá, vamos dançar. A gente gosta da vibração. O surdo tem muita habilidade pra dança. E nessa hora a gente costuma andar com surdos e ouvintes, com mulheres, conversando, paquerando. A gente consegue muitas ouvintes. Namorar, surdos e ouvintes no “Forrock”. A gente vai dançando, vai ter muita comunicação, troca de mensagem de texto. As pessoas ficam

perguntando, porque a gente não escuta: “como é que fica?” (Isaac, 22 anos, solteiro, graduando do Curso Sistema de Informática)

Às vezes chamam a gente pra dançar e a gente dança. E o interessante é que as pessoas vêm a gente dançando e dizem que a gente não é surdo, só porque a gente está dançando. E muitas vezes eu tenho de mostrar a minha carteira de deficiente pra que alguns ouvintes acreditem que eu sou realmente surda. (Natália, 24 anos, solteira, ensino médio completo)

A diversão maior que o surdo tem é encontrar outros surdos, conversar, bater papo, dançar... Eu também gosto muito de dançar com os surdos que não têm língua de sinais, porque eles são muito isolados. Eu gosto de interagir e chamar eles para que eles possam se divertir, que possam conhecer a nossa comunidade e tenha outro modo de ver a vida. E, assim, a diversão é muito importante para nós. (Helena, 32 anos, solteira, ensino médio completo)

Às vezes os ouvintes ficam admirados com essa nossa maneira. Em festas, a gente passa a noite toda. (Arthur, 22 anos, solteiro, ensino médio completo)

Em São Paulo, com 13, 14 anos, eu comecei a ouvir os sons de hip hop e gostava bastante. Antes eu dançava muito ruim. Eu botava a música bem alto, o som bem alto, tu, tu, tu, tu... Fazia esse barulho muito alto e eu começava a dançar, praticar passos. E você vai me ver muito dançando hip hop. Antes eu não era evangélico. As pessoas ficavam dizendo: tu é surdo falso, mas é porque eu tenho um residuozinho e ficava escutando e dançando. E hoje tem os hip hop evangélicos e a gente dança. Então uniu o útil ao agradável. Eu amo muito o hip hop (esse interlocutor, ao final da entrevista, faz uma exibição dos seus passos de hip hop) (Lucas, 31 anos, solteiro, ensino médio completo,)

Sou louco por hip hop. Eu gosto muito de dança. Eu tenho vontade de ser profissional de dança. (Israel, 26 anos, solteiro, ensino médio completo)

Existem algumas festas que eu vou, algum forró que eu fico por lá. O barulho do som muito alto, a gente sente a vibração e dança. Assim como o ouvinte gosta de ouvir a letra da música, o surdo gosta de ouvir, de sentir a vibração com o som bem forte. (Moisés, 18 anos, solteiro, cursando o ensino médio, curso de Eletrotécnica)

Eu gosto de dançar. O surdo sente só a vibração e ele não se preocupa com isso, dança de forma arbitrária, juntos ou separados, sem se preocupar. (Romero, 42 anos, solteiro, graduado no Curso de Letras LIBRAS)

Em todas as pesquisas que realizei ou das quais participei, desde a minha graduação em Ciências Sociais, os momentos de festividades, observados dentro ou fora do momento mesmo da investigação, em termos metodológicos formais (se bem que um pesquisador em momentos de pesquisa e contracenando com seus interlocutores, dificilmente deixa de observar o que se passa, mesmo que não tenha dedicado aquele momento mesmo a uma

observação participante, desse modo ele não deixa de estar pesquisador), sempre foram ricos para perceber o quanto os mesmos tinham de tramas de sociabilidade.



Foto: arquivo pessoal (casamento de um casal de surdos)



Foto: arquivo pessoal (o pesquisador, a intérprete e os surdos na festa de casamento)

As festas e, em particular, as danças, juntamente com a música, sempre causam alguma surpresa quando os interlocutores são surdos. No meu caso não foi diferente.

Os encontros nas festas propiciam deleites. Quando pensamos que temos uma festa para ir, imaginamos os encontros que podemos ter com pessoas conhecidas queridas ou outras que podemos conhecer. Uma festa de amigos, geralmente tem amigos de amigos. Quem é convidado, muitas vezes, leva uma companhia que pode trazer novidades. E as surpresas? Claro que pensamos que elas devem ou podem ser boas. Dificilmente, nosso desejo, quando nos programamos para ir a uma festa – escolhendo uma roupa que gostamos, com a qual nos sentimos bem, nos fazendo mais apresentáveis e bonitos –, é o de chegar lá e nos desagradarmos e de não sentirmos prazer de estarmos ali. Pelas pessoas

que sabemos que vão estar já temos uma ideia das conversas para retomar, das novidades para contar. Por isso que, além da roupa escolhida, nos vestimos, principalmente, com os sentimentos de alegria e boas expectativas. Costumamos frequentar mais as festas do nosso pedaço, aquele onde mais marcamos nossa presença e com o qual nos identificamos por motivos de vizinhança ou familiaridade (MAGNANI, 1998). Mas, também, é verdade que, se tudo for, exatamente, como imaginamos, tudo tão previsível, talvez acabe sendo bem chato. Eu, particularmente, motivo-me mais pelo elemento surpresa. Afinal de ontem para hoje muita coisa pode ter acontecido comigo e com os outros. Melhor não apostar tanto numa programação *a priori*.

A ideia de compartilhar momentos prazerosos, de celebração da vida nos traz e provoca sensações boas. Mas, e no meu caso, como pesquisador ouvinte, indo para uma festa, na qual, iria encontrar, majoritariamente, com pessoas surdas? Como seria? Uma pergunta da qual eu tentava, mas não conseguia fugir. Só que, como eu disse antes, gosto de surpresas e, para não deixar de perceber o inédito, o imprevisível, tratei de afastar, necessariamente, por uma questão de cunho metodológico, as perguntas, seguidas de suposições. Minha experiência só se concretizaria experimentando a festa. E devia lembrar que não estava indo, apenas, para me divertir. A diversão era deles. Eu estava indo para trabalhar, para tentar perceber algumas coisas que já tinham me dito e interpretar o que presenciasse, atentando para os mínimos detalhes. E sou detalhista, até me atrapalho, às vezes, deixando de observar a grande cena, para me deter naquilo que mais me chama a atenção. Isso pode e tem efeitos benéficos, também. Não raras vezes são os detalhes que nos proporcionam compreender as grandes cenas sociais.

Surpresa! A festa, à primeira vista, não tinha nada de diferente das festas dos ouvintes. Ah, mas sem surpresa não teria graça nenhuma. Ora, mas estava, exatamente aí, a possibilidade de entender e continuar matutando e problematizando sobre a diferença. Talvez a surpresa que eu queria e que nem imaginasse qual era fosse a surpresa da primeira impressão. Mas a festa estava apenas começando.

Primeiro, a festa tinha música, bebida alcoólica e muita animação. E eles dançavam. Como eles dançavam! Por se tratar de uma festa junina, eu falei que tinha comigo um cd gravado com uma coletânea só de forró e quem eram os cantores. Alguns deles se interessaram de imediato. Acabei funcionando, um pouco, como DJ, como sempre faço em qualquer festa que vou. Mas, eu disse alguns deles, como a presença do pesquisador já não era tão estranha, aliás, a minha aparição já nem era novidade. Todavia

nem todos os surdos simpatizavam comigo e, confesso, que eu também não apreciava muito alguns deles. Então, olha aí, mais um elemento para refletir. Sentia-me desafiado a quebrar as barreiras e compreender o motivo de certa resistência ou antipatia recíproca. Mais precisamente foram alguns desses aos quais me referi, por último, que demonstraram desagrado com os cantores do cd (Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Dominginhos, Elba Ramalho, Biliu de Campina, dentre outros). O que eles queriam que tocassem era Aviões do Forró, Calcinha Preta, Mastruz com Leite, Eliana, dentre outros. Bem, tinha música e, além disso, eles tinham preferências musicais diferentes.

A música teria mesmo, como se costuma dizer, no senso comum e até, por alguns músicos, uma linguagem universal? Sem entrar, ainda, em considerações acerca desse questionamento, alguns fatos que envolvem a música, como a preferência que anotei no parágrafo acima, são curiosos. E, no caso dos surdos, é provável que alguns dos meus entrevistados saibam da condição de um famoso músico clássico: o Beethoven.

Um dos maiores compositores de todos os tempos era surdo. Parece impossível, não é? Mas Ludwig van Beethoven (1770-1826) começou a perder a audição por volta dos trinta anos de idade, e nem por isso deixou de escrever música. Muito pelo contrário: algumas das obras mais famosas, como a Nona Sinfonia e a Grande fuga, foram compostas quando ele já não escutava praticamente nada. (NESTROVSKI, 2000, p. 24)

Na linguagem musical expressões como “os sons do silêncio” declaram que “o silêncio também é música” porque os espaços vibratórios dos sons é que evidenciarão os silêncios que os criam e aos quais estamos expostos nos “intervalos maravilhosos entre um e outro ruído”, e é assim que a música é construída. (FREGTMAN, 1999)

E mesmo sobre a comunicação pelas palavras, no dizer de Lévi-Strauss “a música não tem palavras” ou “a música exclui o dicionário”. Logo, sobre essa linguagem, o mesmo autor coloca que:

Os homens falam ou falaram milhares de línguas mutuamente ininteligíveis, mas é possível traduzi-las, porque possuem todas um vocabulário que remete a uma experiência universal (ainda que cada uma delas a tenha recortado diversamente). Isso é impossível na música, onde a ausência de palavras faz com que existam tantas linguagens, quanto compositores e, talvez, no limite, tantas linguagens quanto obras. Essas linguagens são intraduzíveis umas às outras. Embora isso nunca tenha sido tentado, ou muito pouco, pode-se conceber que sejam pelo menos transformáveis (LÉVI-STRAUSS, 1997, p. 72)

Não seria o caso de um exemplo dessas transformações, a experiência da música, por uma surda, da forma tradicional, ou seja, sem que tenha sido ouvida a melodia, mas apreciada através da letra da canção? Este é um exemplo narrado pela cantora e compositora Zélia Duncan, no seu dvd “Pelo sabor do gesto”, gravado entre os anos de 2009 e 2010. Nos shows desse trabalho, em gravações ao vivo, passa a fazer alusão, um tanto surpresa, sobre uma admiradora portuguesa da sua obra. Esta, surda ou com déficit auditivo, se conectava com a sua obra de outro jeito, através da língua de sinais daquele país e que com ela mantinha contato virtual. Ao se apresentar em Portugal teve contato pessoal com essa admiradora e como consequência deste contato resolveu homenageá-la, através da canção “Todos os Verbos”, uma parceria sua com Marcelo Jeneci. Esta canção, com a narração deste fato, está detalhada nos dois vídeos do *youtube*⁴, um com própria cantora, sozinha, repetindo a música em língua de sinais e outro com a participação da própria admiradora, que se encontrava no Brasil e participou do show.

De qualquer forma o que mais chama a atenção no caso do exemplo dos vídeos é que os encontros entre surdos, mais ou menos surdos ou deficientes auditivos, ouvintes e mais ou menos ouvintes, está em cena no cotidiano de indivíduos que são plurais, assim como a própria percepção do som e do silêncio e dos seus significados, simbólica ou materialmente falando.

O som é presença e ausência, e está, por menos que isso pareça permeado de silêncio. Há tantos ou mais silêncios quanto sons no som, e por isso se pode dizer, com John Cage, que nenhum som teme o silêncio que o extingue. Mas também, de maneira reversa, há sempre som dentro do silêncio: mesmo quando não ouvimos os barulhos do mundo, fechados numa cabine à prova de som, ouvimos o barulhismo do nosso próprio corpo produtor/receptor de ruídos (refiro-me à experiência de John Cage, que se tornou a seu modo um marco na música contemporânea, e que diz que, isolados experimentalmente de todo ruído externo, escutamos no mínimo o som grave da nossa pulsação sanguínea e o agudo do nosso sistema nervoso). (WISNIK, 1999, p. 18-19)

Quantas vezes, diante de determinadas situações, bastante pessoais, assim como nos versos na canção popular, surdos ou ouvintes, podemos ser traduzidos mais ou menos assim:

*Eu te amo calado,
como quem ouve uma sinfonia
de silêncios e de luz.
Nós somos medo e desejo,*

⁴<http://www.youtube.com/watch?v=SxUBFFUx7vU> e <http://www.youtube.com/watch?v=sGt9oFiuQA>.

*somos feitos de silêncio e som.
Tem certas coisas que eu não sei dizer.*
Nelson Motta

Diante do registro dessa minha experiência, lembrei de um texto que apresenta algumas indagações semelhantes às minhas e com algumas considerações que cito a seguir:

Ao ser convidado, em 2002, para integrar um grupo de pesquisa formado por linguistas e historiadores da USP sobre surdos em São Paulo, a primeira reação foi de surpresa, pois pouca ou nenhuma familiaridade tinha com o tema. Quando, porém, me foi explicado o motivo do convite, contribuir com o enfoque antropológico – e em especial com o da antropologia urbana – a uma pesquisa já em andamento, que incluía descrição da língua de sinais brasileira, LIBRAS (por parte dos linguistas) e registro de histórias de vida (por parte dos historiadores), a proposta começava a fazer sentido. O pedido era para identificar a rede de sociabilidade dos surdos na cidade, a partir das categorias de pedaço, mancha, trajeto, circuito, utilizadas em pesquisas do Núcleo de Antropologia Urbana. O mês em que ocorreu o convite também teve seu papel nos rumos em que essa participação se deu. Era época de festas juninas que tomam conta de escolas, instituições, associações de bairro, paróquias, clubes, etc. e a pergunta que se colocava era: as escolas e associações de surdos também promovem essas comemorações? E outra indagação, inevitável, logo veio à tona: festa junina de surdo tem música? Para quem havia estudado diferentes formas de lazer na cidade, o estudo das festas não apenas é um recorte obrigatório como ademais constitui sempre uma via de acesso privilegiada para o entendimento das regras que estão na base de redes de sociabilidade. (MAGNANI, 2007)

Os surdos estão se encontrando, dançando ao som da música, qualquer que seja ela, contudo não esperam que as festas aconteçam apenas nos locais de encontros mais frequentados por eles. As festas do Forrock (casa de shows da cidade de João Pessoa, de acesso não muito fácil, por ficar localizada ao lado da BR 230, nas imediações do bairro do Bessa) são citadas e talvez pudesse demonstrar a ideia de que eles não iriam pagar para ir a um lugar com som, repleto de ouvintes, correndo o risco de serem estigmatizados. Pelo contrário, no trecho da fala de Isaac ele afirma que “a gente consegue muitas ouvintes”, numa clara demonstração de que não ficam presos aos contatos com surdos para diversão e possíveis conquistas, namoros. A curiosidade dos ouvintes sobre a surdez e como ficaria a forma de comunicação, parece funcionar a favor, como nos jogos de conquistas, em que algum traço marcante possa ser usado para a sedução. Da mesma forma os demais trechos das falas listados apontam as festas, a dança, como algo que dão prazer neste ou naquele lugar. A dança chega a ser citada como um desejo de profissionalização, como no caso de Israel. E como ele gosta de hip-hop tanto quanto Lucas parece que o fato de dançarem mais nas igrejas evangélicas que frequentam não lhes significaria obstáculos vislumbrar outros

lugares para praticar aquilo de que gostam, amam, como dizem. E precisar mostrar uma identificação de que é surdo, de fato, como no caso de Natália. Isso até pode soar como uma situação de afirmação aos surdos, sem que signifique contrariedades ou distanciamentos. A curiosidade dos ouvintes criaria mesmo aproximação. Como Arthur diz, os ouvintes ficam admirados com as maneiras dos surdos, ou seja, surpresos. Os surdos ficam a noite inteira, até a festa acabar. Seguem dançando, não importando se dessa ou daquela maneira, se juntos ou separados. A vibração do som os anima tanto quanto se estivessem ouvindo o som, como os ouvintes. O que importa é dançar, é festejar:

*Dançando muito
Dançando solto
Dançando bem diferente
Dançando curto
Dançando torto
Jogando o corpo pra frente*



*Dançando estranho
Dançando lindo
Dançando muito contente
Dançando funk
Dançando samba
Dançando diversamente*

*Quero porque quero e não espero para
começar
Danço porque danço e não descanso até o sol
raiar*

*Dançando certo
Dançando louco
Dançando contra a corrente
Dançando leve
Dançando brusco
Dançando assim simplesmente*

*Dançando lento
Dançando junto
Dançando rapidamente
Dançando solo
Dançando junto
Dançando com toda a gente*

Quero porque quero... (CAVALCANTI, 1998)

A letra da canção expressa muito bem às falas dos surdos sobre o seu gosto pela dança, como dançar, onde, quando e com quem. Eles querem dançar. Eles querem ir para as festas. Eles se afirmam surdos sem se afastar, isto é, estar numa pista de dança que, aparentemente, seria um lugar de ouvintes é um momento de sociabilidade não somente de surdos com surdos. Eles estão, tranquilamente, no seu entorno, num mundo que é de todos, surdos e ouvintes. Pelo menos aqui uma “deficiência” não seria impasse para a

comunicação e conquista de novas amizades, possíveis namoros e, quem sabe, aprofundamento de relacionamentos.

Nas festas exclusivas de surdos é que, talvez, mais facilmente algumas diferenças venham à tona.

Essas festas, conquanto constituam momentos de celebração e encontro de pessoas surdas na condição específica de surdos, permitem encontros e trocas entre elas apesar dos muitos traços sociais que as diferenciam, sejam eles, classe social, escolaridade, origem, local de moradia e vizinhança, trajetória profissional, idade, percursos religiosos etc., diferenças que são apreciadas e evidenciadas nas relações. Apesar da condição de igualdade trazida pela idéia de “comunidade surda”, a emergência de diferenças abre espaço para o afloramento de atritos e divergências entre os frequentadores. (MAGNANI, 2009, p. 64)

Suas diferenças são tantas, quantas são suas características de personalidade, suas histórias de vida, o lugar e a posição que ocupam socialmente, não apenas porque são surdos. Este fato é mais um condicionante dos seus discursos e da forma como se conduzem pelo mundo. Eles são surdos onde quiserem e se puderem ir. Eles são surdos e equipam o carro com um potente e estrondoso sistema de som, como pude observar numa festa de casamento. Podemos nos perguntar se a ideia é a de sentir a vibração o quanto maior possível ou se o modelo de ter um carro com um som potente, daqueles que muitas vezes incomoda, tanto pelo alto volume quanto pela imposição do gosto musical, não foi assimilado, porque é uma forma de afirmação de poder, de afirmar posse, de exibicionismo, como qualquer indivíduo, surdo ou ouvinte. No caso este indivíduo era surdo e ao chegar à festa, no momento em que todos começaram a dançar, a mala do carro foi aberta e o potente e ruidoso som estava lá exposto para surdos e ouvintes. Pagar para assistir a um show no “Forrock” ou frequentar qualquer outra festa, esta sim é uma questão que demonstra limites para alguns. Mas, mesmo na ASJP, além da taxa de sócios que precisam pagar, em algumas festas as contribuições para eventos extraordinários não pode ser paga com a mesma facilidade por todos.

E por mais que digam e afirmem de seus respeitos pelas religiões e orientações sexuais, num lugar onde esses distanciamentos não seriam problemáticos, mais uma vez lembro de que nas festas das quais participei pude observar grupos dentro de um grupo maior, exatamente por essas questões. As festas, portanto, são significativas para seus encontros e aproximações com todas as alegrias e descontentamentos de toda natureza que possam compartilhar com todos ou com os todos com os quais se identifiquem mais, ou seja, surdos no plural.

Esportes:

O esporte também faz parte da educação, faz parte da união, o esporte une. Devido à divulgação da Associação, o surdo vê que a Associação tá aumentando devido à realização dos esportes. Muitos surdos se interessam pela Associação devido ao esporte. Existem campeonatos entre associações de surdos de outras cidades, outros estados. Isso deu mais incentivo pra eles se comunicarem com surdos de outros estados. (Romero, 42 anos, solteiro, graduado em Letras Libras)

Eu comecei na escola com 12 anos, não tinha ideia que existisse uma associação de surdos. Mas, com o decorrer do tempo fui lá no Shopping Tambiá, vi muitos surdos ali presentes, fui conhecendo alguns surdos, fazendo amizades, aumentando minhas amizades, meus conhecimentos e os surdos sinalizando: “Vamos viajar!” Aí eu fiquei olhando... Viajar, viajar pra onde? “Vamos viajar pro campeonato!” Campeonato? “Com o time da Associação de Surdos”. Associação de Surdos? Eu não sabia que a Associação de surdos era assim... “Vamos conhecer, vamos conhecer a Associação!” Quando eu cheguei, vários troféus. Pôxa, me impressionaram. Gente interessante, muitas viagens... Aí comecei a ter aquele interesse em viajar, conhecer outras cidades, outros estados, outros surdos. Em 2008 eu me tornei sócio e, até hoje. (Moisés, 18 anos, solteiro, cursando o ensino médio, curso de Eletrotécnica)

Então, assim, eu continuei com o Bolsa Atleta pra poder ajudar a Associação, divulgar. Eu quero que a Associação tenha um bom crescimento. Assim como os ouvintes têm, na sua maioria da sociedade, eu quero que o surdo também tenha essa prática do esporte e na sua maioria sejam reconhecidos de forma igual, como os ouvintes são reconhecidos no esporte. É bastante importante. Eu amo muito o esporte. Eu amo. Amo bastante o esporte. (Arthur, 22 anos, solteiro, graduando no curso de Sistema de Informática)

Eu sempre jogava com os ouvintes, com homens, com mulheres nunca. Eu sempre jogava com homens, eles me ensinaram a jogar. Eu era pirralha, com 9, 10 anos. Jogava todo dia com eles. Com 17, 18 anos eu gostava muito de bola, vôlei mais ou menos, mais futebol de salão, de campo. Eu gostava muito. Sou louca por futebol de campo. Aqui, na ASJP, eu perdi duas vezes, mas depois a gente começou a ganhar. Eu fui campeã e vice campeã, e sempre ganhando. Às vezes ficava em 3º lugar, sempre viajando. Na Bahia fui vice campeã, em Natal 3º lugar, Fortaleza, muito longe, bastante longe. Meu Deus, campeã em Fortaleza, em Campina, em Recife. Geralmente a gente ficava em 1º ou 2º lugar. Eu era a capitã do time, era artilheira, também, fazia muito gol. As pessoas loucas pelo meu trabalho, me chamavam bastante pra assumir o papel de capitã. Hoje eu to com 32 anos e com muita vontade de jogar, quero jogar, quero parar não. Amo o esporte e é uma coisa que é uma coisa minha. (Helena, 32 anos, solteira, ensino médio completo)

As pessoas falavam: “Olha, vai lá, tem a Associação de Surdos!” E eu amo bola. Então me chamavam pra jogar bola lá. Eu jogo bem. (Felipe, 24 anos, casado, ensino fundamental incompleto)

Jogava vôlei, fazia alguns campeonatos, gostava bastante das viagens. (Emília, 24 anos, solteira, graduada em Letras LIBRAS)

Quando eu cheguei lá eu achei muito interessante, vi muitas fotos de esportes, muita gente falando de esportes e isso me interessou bastante. (Alice, 32 anos, graduada em Publicidade e Propaganda)

Eu participei de vôlei de praia, a gente jogou em Maceió, Fortaleza e a gente venceu muitos times fortes e fomos campeões (Teresa, 33 anos, ensino médio completo)

Eu amo muito basquete, mas a Associação não tem e os amigos surdos também não têm essa vontade que eu tenho pelo basquete. Então tem o futebol de campo, o futebol de salão. Aí eu jogo futebol de salão, mas eu amo mesmo é basquete e futebol de campo. (André, 23 anos, casado, ensino médio completo)

A ASJP participa do evento esportivo. Eu participei do campeonato nordestino de futebol de campo em outras cidades. Então a través da LINEDS (Liga Nordestina Desportiva de Surdos), lá em Fortaleza eu estava chefiando todas as associações. Muitos surdos. Muitos surdos diferentes. (este surdo usa aparelho auditivo, faz leitura labial, oraliza e convive mais com ouvintes, quase nunca frequenta a ASJP). (Tibério, 23 anos, solteiro, graduado em Educação Física)

O esporte faz parte da minha vida. Eu achava assim, comecei a pensar que era perigoso, no começo, mas os ouvintes começaram a me chamar pra karatê... Eu não gostava de judô, eu não senti. Não me identifiquei com a natação, vôlei, eu não gostei muito não. Aí, depois eu me viciiei em *taekwondo*. Eu amo *taekwondo*, sou apaixonado por *taekwondo* (COMEÇA A MOSTRAR OS TROFÉUS E MEDALHAS, DEMONSTRANDO UM GRANDE ORGULHO E PRAZER NO SEMBLANTE). Primeiro foi esse, na idade de 14 anos. Eu não tinha ganho troféu e medalha e um ouvinte me ajudou: “Vamos lá! Você pode ser famoso!” Não quero não. “Vamos lá”. Desculpa, eu não tenho dinheiro.” Vamos, a gente te ajuda. Então tá... Aí, conversando com a minha mãe. Olha, tenha cuidado com a viagem pra Natal. A gente foi. Muito linda a cidade. Os ouvintes estavam acostumados. Eu foi a primeira vez. Com 20 minutos do tempo eu relaxei. Vamos lá, vamos lá, você vai conseguir vencer. Aí comecei a lutar e quando terminei aí ele perdeu. “Viu, como você ganhou, ganhou!” Isso me deu muita alegria. Eu passei a primeira etapa. Segunda etapa eu briguei, consegui de novo. Ele perdeu duas vezes. Eu consegui de novo e fiquei muito feliz, muito emocionado. E na terceira etapa da luta eu ganhei o troféu. E os ouvintes fizeram muita alegria comigo. E nós ficamos muito felizes. Aí., depois com o tempo, eu consegui tudo isso. (...) Já sou campeão no Nordeste. Já sou campeão nacional também. Já tenho uma medalha nacional e tenho muitos troféus. Nunca competi entre surdos. Só entre ouvintes. Eu fico chamando os surdos: vamos lá, vamos lá. Então eu sou o único do Brasil que faço competições entre os ouvintes. (...) Dia 28, agora de julho, tô viajando pra São Paulo, pro Campeonato Brasileiro e vou representar a Paraíba. Não tem para surdo. Não existe. Sou o único surdo que pratica esse esporte. (Tomaz, 38 anos, casado, ensino médio completo)

Meu sonho é ser jogador de futebol. É o meu maior sonho. Sou viciado em bola. Adoro fazer parte do time de futsal da Associação, viajar, ir para os campeonatos (Alfredo, 30 anos, casado, ensino fundamental incompleto)

Uma das coisas que mais chama a atenção quando se entra no espaço da ASJP é a exposição de troféus, medalhas e fotografias de times com seus uniformes e as datas dos jogos, marcando a classificação nos campeonatos. Há um espaço destinado para tal

exposição, mas até mesmo na sala da diretoria tem mais troféus. São muitos. E quando foram me apresentar todos os compartimentos da ASJP era visível o prazer que sentiam em me chamar a atenção para aquele compartimento. Parecia um templo. E era. A prática dos esportes era algo que, definitivamente, precisava de uma atenção especial da minha parte, porque era especial para eles. Além da sigla ASJP eu passaria a lidar com muitas alusões a outra sigla LINEDS (Liga Nordestina Desportiva de Surdos). E, se num primeiro momento aquilo me chegou a parecer exagerado (confesso!), só mais adiante, com mais contatos e com as entrevistas, é que eu poderia ter a real dimensão do significado dos esportes para eles, meus interlocutores surdos, como destaque acima, para interpretações e considerações que não são apenas necessárias, mas prementes e cruciantes, para dar conta de apreender mais um momento de sociabilidade. Este, sem dúvida, de extrema importância, ali, no meu campo de pesquisa, seja para os surdos que se afinassem diretamente com alguma modalidade esportiva ou não.



Fotos: arquivo pessoal

Quando já estava no momento de observação e possibilidade de marcar entrevistas, passei a frequentar, junto com a intérprete da pesquisa, espaços em que os surdos praticavam esporte, como a quadra de esportes da UNIPÊ (Centro Universitário de João Pessoa), onde a intérprete era professora de LIBRAS. Lá tive a oportunidade de ajudar, inclusive, na execução dos testes sociométricos, com tarefas como preencher dados relacionados aos seus condicionamentos físicos, histórico de saúde deles e de suas famílias, alimentação, dentre outros, e até mesmo cheguei a entrar na sala em que eram realizadas as suas medidas. O ambiente esportivo lhes parecia bastante familiar, transitavam sem

nenhuma cerimônia. A relação deles com a quadra de esportes era algo que não os colocava numa situação de surdos e ouvintes. Cheguei a observar que, enquanto esperavam os testes, ficavam fazendo passes de bola entre si e com os estudantes ouvintes da universidade, sem que a comunicação em português ou em LIBRAS fosse algo que marcasse alguma separação. Outra linguagem ali se anunciava, desrespeitando esse suposto limite, a linguagem do esporte.

As discussões sobre o esporte relacionadas à questão da sociabilidade tem se multiplicado, podendo mesmo ser encontrada a designação Sociologia do Esporte. Alguns estudos e suas conclusões são importantes. E é interessante observar, como as discussões sociológicas são acionadas por pessoas de outras áreas, no sentido de explicar o esporte para além de uma atividade física, compreendendo-o dentro de uma trama social na qual nuances interpretativos se confrontam, se cruzam, possibilitando outros tantos recortes.

Deixei as alusões feitas em sub-citações a Elias e a Deleuze, porque a preocupação em fazer conexões com o aspecto da regulação disciplinar, pelo tempo, e de um controle ocupacional, em que o esporte tem uma história, ou seja, não foi praticado sempre do mesmo jeito, pode ser reinventado, tanto que é. Seus significados vão mudando de acordo com o jogo de interesses, imersos numa sociedade capitalista. E a citação do trabalho, elaborado por um educador físico, me pareceu bastante relevante, no sentido de procurar entender o que seria uma “nova forma de sociabilidade” construída pelo esporte, tendo como objeto o seu campo de atuação profissional e recorrendo a uma discussão que passa despercebida pela maioria dos profissionais da sua área, (afirmo isso baseado na falta de interesse de boa parte dos alunos de graduação da área de ciências da saúde pelas disciplinas da área das ciências humanas na minha experiência como professor de Antropologia e Sociologia) como se o esporte pelo esporte se explicasse, sem precisar de nenhuma reflexão importante, no tocante ao que ele tem e possa vir a ter no plano da relações humanas de um modo geral. Vejamos o quanto a citação a seguir abre espaço à reflexão e, como já mencionei, observando a sua ocupação profissional (educador físico), que expressa uma linguagem pouco comum a maioria dos que praticam a educação física:

Construímos alguns argumentos neste trabalho: primeiro que esporte não é algo que sempre existiu. Muito menos sempre foi desse jeito. Segundo, a noção que o esporte não se divide em bom e mal, mal o de alto-nível e bom o do lazer. Todos são ‘esporte espetáculo’, portanto capitalistas. Este segundo argumento (do esporte espetáculo) trata, então, do capitalismo atual como uma sociedade do espetáculo, chamados por uns de sociedade de controle, por outros de neoliberal. Utilizamos aqui o conceito de espetáculo por conta de, no esporte, muitas críticas

incorrerem em uma classificação que delimita e opõe o esporte em alto-nível, rendimento e espetáculo (todos usados como sinônimos) e o esporte como lazer. O terceiro argumento é, então, sobre o papel do tempo (livre e de trabalho) no momento atual e no cerne de todo o debate. Ainda sobre a importância do tempo, Norbert Elias em seu escrito “Sobre o Tempo”, dizia que surgiu na sociedade da Era Moderna nos indivíduos “um complexo fenômeno de regulação e sensibilização em relação ao tempo”, onde de fora para dentro ocorre “sobre forma de relógios, calendários”, etc., “uma coerção que se presta ao desenvolvimento de uma auto-disciplina nos indivíduos.” Esse controle, de que falava também Deleuze (1990) em seu texto, anuncia que “trata-se apenas de gerir a agonia e ocupar as pessoas” e, como ilustra Elias “exerce uma pressão relativamente discreta, comedida, uniforme e desprovida de violência, mas que nem por isso se faz menos presente e a qual é impossível escapar”. Por isso, um esporte que contribua para esta nova sociabilidade só pode ser para além do capital. Um quarto argumento é que o esporte não é qualquer atividade, tem as características da arte e da ciência. Possibilita esta emancipação dos seres humanos rumo ao humano-genérico, ou seja, para além da cotidianidade e de mera reprodução de sua existência. Por fim, o quanto o último argumento é que, sendo necessária esta superação, precisamos ir construindo outras relações de poder, outras relações sociais; uma nova sociabilidade. Concluímos que, sendo o esporte uma atividade com capacidade de elevação dos seres humanos ao humano genérico, merece um debate de como podemos reconstruí-lo. Pois, se este que está aí, espetacular, não nos serve, teremos de reinventá-lo. Mas sabemos tratar de um grande desafio, o que não se põe em separado do restante dos grandes desafios colocados à nossa geração neste período histórico. Apenas com novas relações sociais, novas relações humanas, não comandadas e regidas pelo capital, e sim pelos interesses do conjunto da humanidade. (CASTRO, 2008, p. 07)

O lugar de onde meus interlocutores falam sobre o esporte é tão comum quanto o interesse pelos esportes, como acontece com a maioria das pessoas, de um modo geral, e, em particular, no Brasil, onde o futebol, por exemplo, é tido como uma paixão nacional, tendo visibilidade, em outras nações, como o país do futebol e do carnaval. Ao mesmo tempo em que a diferença está, justamente aí, na particularidade de que pelo esporte se positivam como indivíduos que rompem com limitações que lhes seriam impostas pela falta de audição.



Foto: arquivo pessoal (Campeonato de Futsal em Maceió – AL)



Foto: arquivo pessoal (Campeonato de Futsal em Maceió – AL)

As atividades físicas e a prática de esportes, inegavelmente, são condicionantes para boa saúde ou para que se evitem doenças e, nesse aspecto, o discurso médico tem insistido e, na contemporaneidade, nunca esse discurso foi tão assimilado, mas também reinterpretado no sentido da boa forma, da boa aparência. Todavia, o que se tem observado, neste momento do presente estudo, é que as relações que se solidificam através do esporte ampliam o seu significado. Mais uma vez, assim como no caso das diversões, das festas, os encontros vão reunir pessoas de classes sociais diferentes, níveis de

escolaridade e demais outros interesses que possam ter de diferentes, mas que na prática do esporte, talvez mais até do que nas festas, desfazem-se momentaneamente. Os surdos não estão, desta forma, isolados de uma cultural plural, na qual estão inseridos. Se há necessidade de alguma adaptação na prática do esporte, esta é feita sem que o prazer da prática do mesmo deixe de se realizar, agregando e garantindo interesses comuns. Quando estive observando o campeonato de futsal a que me referi em capítulo anterior, pude constatar que os sinais sonoros do árbitro da partida eram substituídos por sinais visuais e de forma. E, ali, a boa marcação era a de um juiz que estivesse posicionado de forma bastante visível para os jogadores. Mesmo assim, como em qualquer partida de futebol, muitas vezes o juiz era xingado tanto pelos jogadores, em uníssono, e mesmo pela plateia formada de surdos e ouvintes. Como ouvi o xingamento “porra”, e como comentei com eles, depois, que na hora do xingamento eles oralizavam com a maior facilidade.

Quero analisar alguns aspectos da importância do esporte, presentes nos trechos do que me disseram os surdos sobre esse tema que tanto os empolga e aproxima. Um deles tem a ver com o fato de que, mesmo que os esportes e alguns, em especial, como o futebol, por exemplo – que já foi considerado algo tipicamente masculino –, tenha se expandido, passando a ser praticado por mulheres, constatou-se que – pelo menos em termos de conversas – os assuntos mais tradicionais entre um suposto universo masculino, como o assunto sobre futebol, não caberia às mulheres. Mas, e a Helena, a surda apaixonada por futebol desde pirralha e que nunca se incomodou, do que diriam sobre ela jogar com homens? Digo que nunca se incomodou, porque sua tranquilidade em falar da sua paixão por futebol foi do mesmo quilate quando falou sobre gostar de teatro e até brincar, atuando com expressões faciais. Essa tranquilidade, provavelmente, está relacionada à sua diferença como pessoa e não como pessoa surda. E, com certeza, ela é um elemento de rompimento de fronteiras de uma sociabilidade aqui ou ali, para este ou aquele indivíduo, deste ou daquele gênero, com esta ou aquela condição física, de um modo geral. Isto posto, mesmo que:

Em termos operacionais, a sociabilidade masculina brasileira tem, na tematização do esporte, um porto seguro. Basta perguntar a um homem qualquer qual o seu time para começar uma conversa que pode se alongar indefinidamente, sem que, em qualquer momento, se corra o risco de uma indiscrição ou constrangimento, uma vez que – por passionais que sejam os torcedores – nada que afete o *self* está em questão. Alie-se a esse tema, envolvente sem ser comprometedor, o constante fluxo de informações de corrente da tematização jornalística das editoriais de esportes e temos o assunto perfeito para a sociabilidade masculina no Brasil. (GASTALDO, 2005, p. 07)

Através dos tempos, em diferentes sociedades e com formas diferentes de fazer uma separação entre o que seria o masculino e o feminino, Werner (1992) faz um levantamento de vários estudos sobre essa questão e observa-se a partir dos mesmo que mulheres e homens não são os mesmos em todas as culturas, portanto, seus momentos de sociabilidades não estariam vinculados a modelos tidos como mais gerais, em relação a várias práticas, relações e organizações cotidianas, como uma divisão dos trabalhos masculinos e femininos, por exemplo. Na verdade, com os avanços e conquistas das mulheres muito há o que ponderar, já que Werner (p. 83) chama atenção para o fato de que:

O movimento feminista deixou muitos homens confusos. Um grupo de 500 homens se reuniu em Washington para discutir os problemas do homem liberado. Na pauta incluíram os problemas que sentiam com as suas mulheres liberadas, e a sua consequente imagem de “fraco” frente à sociedade machista. Aprenderam a chorar e a abraçar os outros homens, e ouviram discursos sobre como a pornografia explora tanto homens quanto mulheres (KARLEN; GREEBERG, 1984 *apud* PRESTON, 1982)

É, portanto, interessante observar que Helena, mesmo sem defender nenhuma postura feminista, acaba atuando entre os homens, sem intimidações, no seu processo de sociabilidade e através do esporte, o futebol de campo, em especial. E era de se esperar, talvez, que ela fosse masculinizada, diante do que estou expondo. E não é. Ela, com certeza, desmantela, desconstrói modelos e noções repassadas socialmente sobre o convívio entre homens e mulheres neste ou naquele espaço, como preferencialmente determinante deste ou daquele comportamento ou preferencialmente escolhido, de modo pré-determinado, para homens e mulheres, até mesmo em questões de luta por igualdade de direitos na afirmação de suas diferenças, no caso das mulheres. Neste sentido, o exemplo sobre a questão da sociabilidade atrelada à questão de gênero me reporta, novamente, a mais uma ponderação e alerta, com perguntas significativas:

Se os estudos de gênero afirmaram o caráter relacional das definições de gênero, dos modelos de gênero, as mensagens e práticas feministas não devem estar voltadas apenas para um lado da relação, mas devem se dirigir aos dois agentes das relações de gênero. Tomar os homens como o inimigo a combater ou aqueles a quem se deve derrotar, talvez só contribua para reforçar esta forma de ver o masculino presente em nossa cultura, produza um masculino ainda mais crispado, defensivo e agressivo. Excluir os homens de suas práticas e reflexões não seria reproduzir a exclusão que as mulheres sofreram durante séculos nas práticas e formas de pensar dos homens? É possível modificar as relações de gênero modificando apenas as mulheres? Isso não exacerbaria uma tendência já presente em nossa cultura, a da segregação de espaços e de relações entre

homens e mulheres? Não aprofundaria os desentendimentos entre homens e mulheres, já tão profundos, motivados, exatamente, pelo fato de que em nossas sociedade e culturas mulheres e homens são educados de maneiras completamente diferentes e nestas diferenças está implícita uma valoração distinta de cada gênero, que termina por afirmar e gerar desigualdades entre eles? Não estaríamos fabricando uma sociedade de seres solitários, individualistas, com medo um do outro? Os homens precisam ter modelos alternativos de subjetividade para se elaborarem, é preciso ser pensados diferentemente para serem diferentes, precisam ser educados de nova forma para adquirirem novas formas de ser. Evidentemente que não vamos novamente afirmar aqui que isso é uma tarefa apenas das mulheres, mas do feminismo, praticado, inclusive, pelos homens, pelos pais, educadores, pelas instituições sociais e culturais. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2010, p. 25-26)

Este argumento se aplica do mesmo modo e a meu ver a qualquer grupo, em que as demarcações de espaços ocupados signifique algo isolado, sem implicações de todos os indivíduos que vivenciam as mesmas situações, mesmo que, culturalmente, tais indivíduos tenham sido situados em planos de exclusão uns aos outros, mas que numa dinamicidade posterior o cruzamento, as fronteiras tenham passado a demonstrar a necessidade de um novo olhar, novas interpretações. Aqui, podemos prestar atenção tanto ao caso das relações de gênero quanto pensar numa suposta demarcação frontal entre surdos e ouvintes, lutando em campos opostos.

Outras mulheres também falam da sua ligação com as práticas esportivas associadas aos eventos da ASJP, um e outro significando cruzamentos de momentos de sociabilidade. Mesmo que Emília, Alice e Teresa, não falem do seu interesse com tanta paixão quanto Helena, mas é perceptível o prazer e a animação que demonstram em participar dos campeonatos, das vitórias, das viagens. E nessas viagens outros contatos, laços de amizades com surdos de outras cidades e estados, iam sendo conquistados, permitindo uma maior leitura sobre as comunidades surdas.

Romero, quando fala do esporte, traz uma consideração crítica sobre o mesmo, como aspecto educativo e de união, enfatizando que é por causa dele que muitos surdos têm se interessado pela ASJP. E, para ele, também, conhecer mais pessoas surdas, outras comunidades de outros estados, bem como a própria perspectiva da diversão com as viagens, já seria um elemento de mais incentivo. Mas, essa leitura crítica, sem falar do seu próprio envolvimento com o esporte, não é à toa. Romero não pratica esportes, não se envolve com esse grupo de surdos no momento mesmo da prática esportiva, nem das viagens. Sua avaliação é mais de cunho intelectual, de observador de uma das comunidades de que participa.

Tibério, mesmo que pratique esporte, não o faz com a mesma frequência entre os surdos. Pelo menos, durante a minha pesquisa de campo, em que muitos eventos esportivos aconteceram ou foram assistidos pela TV, ele nunca esteve presente. Aliás, a única vez em que estive com ele foi porque sua entrevista foi marcada na ASJP. Quando ele fala de esporte na entrevista, parece falar de um lugar hierarquicamente superior: ele foi chefe das equipes de futebol de campo de um campeonato em Fortaleza. Mas com toda certeza, mesmo que seu trânsito social aconteça mais entre ouvintes, já que, por usar aparelho auditivo e oralizar, este interlocutor demonstrou, em vários momentos, um desconforto por falar de si mesmo, como surdo, o encontro com os vários surdos diferentes aos quais ele faz alusão contribuiu para reflexões, mesmo que momentâneas, sobre as diferenças entre os surdos. A classe e posição social privilegiadas, com toda certeza, também são indicadores da sua forma de sociabilidade entre seus semelhantes surdos. O esporte sociabiliza, mas as classes sociais diferentes, principalmente no seu caso, não é algo que possa ser deixado de lado. Vi outros surdos de classes sociais como a sua que se relacionavam com o todo, até porque frequentavam a ASPB. A presença dele no dia da entrevista parecia algo surpreendente nos próprios olhares dos outros surdos. As saudações deixavam perceptível o fato de que fazia muito tempo que não se viam. Mas ele também se sentia parte daquele espaço, principalmente no que ele demonstrava de importante e do que ele podia se orgulhar. O seu prazer de apontar os troféus e as medalhas, brilhando metálica e simbolicamente no alto dos móveis, era até mais significativo do que as muitas fotografias das equipes pelos campeonatos conquistados em outros estados. Neste momento, talvez, ele se sentisse surdo. E o esporte era um elemento unificador, de fato, como falara Romero.

Moisés, Arthur, Felipe, André e Alfredo falam do esporte de modo semelhante, mesmo que alguns destaquem aspectos particulares. Mas foram eles, exatamente, que faziam parte da Equipe de Futsal da ASJP e com quem tive bastante contato, quando viajei nas suas companhias, para o Campeonato de Futsal em Maceió-AL. Com eles e por conta de uma aproximação que foi se dando não apenas por causa das entrevistas ou dos encontros na ASJP, mas até mesmo em caronas, festas nas casas de alguns deles, que pude observar como as conversas sobre esporte era motivo de alegria, de entrosamento, mesmo que entre eles o interesse pelos estudos, por exemplo, fosse diferenciado e que participassem de outros grupos que não os aproximava tanto.

Moisés tem uma ligação com a academia, transitando com bastante tranquilidade entre professores e estudantes ouvintes, sempre tratado com respeito e carinho, assim como

era visível seu espírito de liderança tanto entre os surdos quanto entre os ouvintes. Sua personalidade ou subjetividade estava, a meu ver, livre de um determinismo por ser surdo. Havia uma influência deste aspecto, com certeza, como de vários outros para sua construção como indivíduo. A paixão de Alfredo pelo esporte, pelo futebol, era tal que até sonhava em ser profissional, mesmo a partir dos 30 anos (idade pouco comum e já bastante discutível para se iniciar uma carreira profissional no futebol), não era menor que a sua gentileza e sensibilidade no trato com as pessoas, comigo, inclusive, que era um estranho entre eles. E isso não era, com certeza, algo decorrente somente do momento em que ele passou a se relacionar com surdos. Ele era muito mais do que isso.

O caso de Tomáz merece um destaque no que tange ao seu processo de sociabilidade pela via do esporte. A sua relação com o esporte, particularmente o *taekwondo*, se dá entre ouvintes. Ele chegou se ressentir da falta de incentivo a outros esportes, além do futebol, principalmente, pela ASJP. Provavelmente, não são todos os ouvintes praticantes de *taekwondo* que conseguem emitir mensagens comunicativas a Tomaz, assim como ele também não consegue se fazer entender com facilidade. Mas isto, em certos aspectos, porque assim como se costuma dizer que a música tem uma linguagem universal, o esporte também entra nessa lógica. Isso é fácil de perceber nos jogos e campeonatos entre agremiações esportivas de países com línguas diversas. As regras dos esportes, estas, sim, são assimiladas a partir de uma comunicação que aproxima, mesmo quando elas são violadas, porque as faltas cometidas são comunicadas, cobradas e punidas.

A questão da sociabilidade através do esporte parece demonstrar, quero crer, encontros e trocas que desconstroem a noção de onde e com quem lidar como forma segura dos intercâmbios mais tranquilos, promissores, produtivos e prazerosos, acima de tudo. Tomaz é surdo, convive com surdos, é um dos sócios da ASJP, no entanto, posso afirmar, pelo que presenciei na sua residência e pelo seu discurso, que um dos aspectos que mais lhe proporciona felicidade ou bem estar é a sua realização como lutador de *taekwondo*. E esta sensação não lhe foi assegurada numa comunidade surda. Sua luta é com os ouvintes. Um luta em que ele não é opositor de ouvintes, ao contrário, um dos seus pares. Poderíamos até refletir que, na maioria dos casos, alguns desses momentos de encontros seriam passageiros, por isso o convívio teria algo de tolerado muito mais do que respeitado. Todavia, se pensarmos que nas relações de encontros de diferentes, em que uns seriam inferiores aos outros, sempre e necessariamente os resultados são danosos,

deveríamos ficar fechados e bem protegidos pela comunidade mais próxima apenas e, talvez, sofrer uma penalidade, a de não encontramos e conhecermos o outro.

Se Tomáz não tivesse se aventurado entre os ouvintes, ele nem teria conhecido o prazer de ser um campeão de *taekwondo* e, talvez, nem descobrisse que sua aptidão como indivíduo surdo não se completa mais e melhor somente se estiver entre surdos. O que ele tem para compartilhar prazerosamente com os seus amigos surdos e que ele diz querer incentivar, é resultante de uma das práticas mais importantes da sua vida e que se dá entre ouvintes.

Os meios de comunicação e formas de visibilidade:

Os meios de comunicação de massa, como os jornais, o rádio, a televisão e o cinema, já foram e têm sido estudados e analisados, por consequência, através de diversos prismas. Pode-se tentar compreendê-los a partir de paradigmas como o do tribunal, confrontando perspectivas diametralmente opostas, de um lado os apocalípticos, com os seus pessimismos e fatalismos, de outro os integrados, com uma defesa otimista e apologética (ECO, 1987). O paradigma formalista da vertente semiológica, que busca a significação dos códigos constituintes das mensagens e, aqui, as obras de Ferdinand, de Saussure e Roland Barthes avançariam, ao romper com a questão da acusação ou da defesa e, ainda, uma perspectiva etnográfica, como foi defendida por Rocha (1989), em que se adentraria nas interpretações dos signos, mas compreendendo que “a indústria cultural é uma sociedade inventada dentro da outra”, sem deixar, ao mesmo tempo, de dialogar com as influências das bases frankfurtianas, sobre a questão da “indústria cultural”, este, um termo cunhado por Adorno (1975), que conjuntamente com Horkheimer, seu parceiro de discussão sobre esta questão, acabavam colocando-a como mais um apêndice das grandes transformações no modelo de produção capitalista, em que todos os produtos da sociedade, passavam a ser produzidos em larga escala, com fins de lucro. Ficariam de fora os aspectos artísticos, que tanto passavam a influenciar, ainda mais fortemente, as escolhas do que e como consumi-los? Não. E essa influência se faz notar até hoje, mesmo com as ponderações que possam ser feitas, numa sociedade em que o consumo de produtos, em todas as áreas, é exacerbado.

O que vai mudando e transformando as análises é o fato de que uma “cultura de massa”, tanto pode influenciar quanto seguir a dinâmica social, que lhe é inerente. Fica

patente, diante disto, que existem contradições, relações de poder que se vão firmando e explicitando, cada vez mais, as contradições e, portanto, as possibilidades, construções e desconstruções dos paradigmas, digamos assim, mais essencialistas. Existem lacunas, brechas, no todo social. E nem os produtos artísticos ficam de fora de uma lógica do mercado capitalista, este, por sua vez, pautado em contradições que lhes são inerentes, segundo as análises marxistas (acho que a esta altura não preciso puxar uma nota, para dizer a quem estou me referindo, para tecer considerações sobre o teórico e a teoria que foi sendo consignada do seu expoente máximo, no caso dos leitores de uma obra das ciências sociais e/ou humanas). Mais importante, penso, é refletir sobre as contradições de um modelo que já traz no seu bojo a notória aplicação de suas próprias bases, se considerarmos aspectos ou características das leis de uma dialética ou movimento de eterno devir. Acho que não estou sendo um sacrílego, ao romper, talvez, com uma formalidade acadêmica, apenas, para explicitar o que, na mesma, já é sabido. Além do mais seria irresponsável, da minha parte, querer deixar claro e sem dúvidas, para o leitor, aspectos de uma teoria que implica inúmeros facetas que, quanto mais editados, podem (isso acontece frequentemente até hoje, numa perspectiva militante) muito mais criar confusões, diante da sua importância e respaldo social. Basta dizer o que já foi dito para que compreendamos, todos, que os meios de comunicação de massa são contraditórios. Que implicam forças, poderes contrários e que se confrontam fortemente, gerando aspectos positivos muito mais do que impositivos (uma incursão foucaultiana na teoria marxista?). O que estou querendo deixar evidente é que nem o bem e nem o mal residem nos meios de comunicação de massa, nos produtos de uma “indústria cultural”. Se parto de uma lógica desconstrucionista de quebra dos binarismos, não poderia pô-los de volta, justamente, agora. Mudaram as sociedades, porque mudaram os grupos e indivíduos. Mas, desde que os meios de comunicação foram tomando vulto nas sociedades, as comunicações passavam a ter mais elementos de sociabilidade. A positividade ou negatividade dos meios de comunicação, seus efeitos ideológicos, não são objetivos deste trabalho. O fato é que muitas pessoas passam a se comunicar com o mundo ao redor, muitas vezes, sem sair de casa. Nos estudos sobre indústria cultural isso pode ser observado ao se analisar a força de penetração, no decorrer da história, do surgimento e disseminação social, tanto a partir dos jornais, rádio, televisão e, hoje, principalmente, através da internet.

Aquilo que se percebe do mundo mais próximo ou distante tem sido espelhado, refletido, interpretado, traduzido, ampliado ou diminuído pelas programações radiofônicas,

televisivas e audiovisuais, de um modo geral. A proximidade ou fidelidade com a vida real é discutível, porque as obras são editadas, segundo parâmetros e aspectos estéticos. Tanto que os próprios noticiários e documentários, que seriam e teriam os discursos da realidade, estes mesmos também teriam elementos de ficção, inegavelmente, portanto, exatamente, porque passam por edições. Mas, cabe perguntar-se, na vida real, também, não estamos nos editando, nos vários movimentos de nossas vidas, quando, por exemplo, escolhemos as roupas que vestimos, os enfeites e acessórios, as maquiagens, as tatuagens etc., para realçar ou modificar, de certa forma, esse real em nós mesmos, concreta e simbolicamente? Reinventamos-nos para nós mesmos e, talvez, com a intenção de sermos apreciados, percebidos pelo outro da forma que gostaríamos, mesmo que isto não se complete, porque o outro também pode não se agradar das nossas escolhas, porque ele tem outras que podem estar bem distantes das nossas, para nossas surpresas. Os estilos pessoais são, portanto, facilmente percebidos, nas edições de cada um, mesmo que socialmente influenciados por certas tendências estéticas de dados períodos históricos. E isto acontece aqui mesmo, no âmbito acadêmico:

A resposta da estética acadêmica que durante o século XX foi muito frequentemente subordinada às escolhas teóricas gerais, de modo que se fala de estética idealista, fenomenológica, existencialista, marxista, neopositivista e assim por diante. A estética acadêmica do século XX apresenta no conjunto um panorama no interior do qual algumas grandes obras podem ser com certeza caracterizadas e que, no entanto, na maior parte das vezes, nascem de preocupações e de interesses não primariamente e fundamentalmente artísticos. O clima geral da estética acadêmica parece caracterizado por uma difundida timidez especulativa que contrasta seja com a audácia das estéticas da primeira metade do século XIX, seja com o radicalismo das artes do século XX. Uma prova ulterior da timidez da estética está no fato de que esta permaneceu muito marginal no debate sobre os novos meios de expressão, como a fotografia, o cinema, a televisão e o vídeo: na aproximação teórica a essas novas formas de arte, a maior contribuição foi colocada pela sociologia e pela semiótica, enquanto a filosofia esteve, com algumas exceções, muito mais silenciosa. (PERNIOLA, 2010, p. 125)

No caso dos meus interlocutores surdos, foi visível que, mesmo vivendo uma realidade como surdos e que este aspecto os aproxime de maneira, principalmente quando se utilizam das comunidades de “iguais”, ainda assim eles se apropriam dos discursos sobre a surdez, de acordo com as suas histórias pessoais, ou seja, o modo como chegaram ali, naquela comunidade. Tanto que uns frequentavam mais, outros menos, depois de terem se tornado sócios da ASJP. As distâncias entre as suas residências e a associação, bem como outros pontos de encontro, não são definidoras de frequência.

Alguns, que residem em bairros mais distantes, frequentavam com assiduidade, enquanto outros, que moram mais próximos da ASJP, aparecem eventualmente, com intervalos de tempo significativo. O que estaria acontecendo com o real de suas vidas, ao ponto de que os espaços, supostamente mais agregadores, não os motivava ou demonstrava a necessidade presencial nos seus cotidianos?

Bom, vários motivos podem estar implicados para estas respostas. Aqui, neste capítulo, como estou tratando dos momentos e espaços de sociabilidade, vou ventilar a possibilidade de que os meios de comunicação, com suas investidas sedutoras, tenham alguma influência nos hábitos, como penso que têm. Muitas vezes se abdica de um encontro com amigos ou de algum evento importante e único, sem reprise, por causa de uma programação da televisão, por exemplo. As alianças e anéis que colocamos nos dedos, quando significam, simbolicamente, a assunção de compromissos, de acordo com certos objetivos e interesses, podem também sofrer afrouxamentos ou distanciamentos, dependendo do que vai acontecendo nas relações com as pessoas e instituições representativas entre uns e outros, motivados pela influência crescente e avassaladora dos meios tecnológicos de comunicação. Isto, segundo alguns dos entrevistados vem ocorrendo com a ASJP para com alguns dos seus sócios.

Abaixo, listei partes de discursos dos surdos sobre a utilização dos meios de comunicação e as novas formas de visibilidade, pelo advento da internet, para, em seguida, analisar e refletir sobre os seus significados, em termos de sociabilidade, cruzados com outros aspectos que se interconectem e que mereçam atenção.

Tenho Orkut com algumas comunidades, mas, assim, só com algumas comunidades que eu vi, eu coloquei. Comunidades sobre surdos eu não ando procurando não. Não tenho interesse, não vejo. No Orkut eu vejo mais a questão de esporte. Além do Orkut, fico procurando na Globo, nos sites. (Moisés, 18 anos, solteiro, cursando o ensino médio, curso de Eletrotécnica)

Eu uso Orkut, MSN, tenho contatos com a internet. Aprendi na FUNAD, minha professora me ensinou. Eu treino bastante, procuro desenhos, faço desenhos, faço arte. (Matheus, 26 anos, solteiro, cursando o médio)

Uso o Orkut, internet, DVD... Direto eu fico ouvindo músicas não evangélicas, pra observar os passos. Eu fico treinando. Amo, amo muito hip hop, por isso eu utilizo muito esses DVDS. (Lucas, 31 anos, solteiro, ensino médio completo)

Eu amo muito cinema, é um dos meios que eu mais utilizo. Eu gosto bastante de cinema. Gosto de outras coisas, mas o meio de comunicação que eu mais utilizo é o cinema. (Israel, 26 anos, solteiro, ensino médio completo)

Eu sou maluco por cinema, gosto muito. Uso a legenda. Uso MSN, fico vendo algumas reportagens sobre esporte. Mas cinema é uma loucura. Fico direto comprando DVD. Eu sou maluco por cinema. (Arthur, 22 anos, solteiro, ensino médio completo)

Gosto muito de televisão, sou louco por novela. Novela e jogos é o que vejo. A legenda da minha televisão quebrou, mas, assim..., só olhando, fico vendo através das imagens, dos gestos. Eu consigo entender as brigas, discussões... Aí fico rindo. Histórias de amor... Novela é muito interessante, muito bom. Eu gosto muito de novela. (Salomão, 35 anos, casado, ensino fundamental incompleto)

Eu sou apaixonado por novela. Fico vinte e quatro horas. Novela e futebol são meus amores. Consigo entender tudo através dos gestos. Eu consigo. Eu gosto. (Alfredo, 30 anos, casado, ensino fundamental incompleto)

Eu não tenho legenda na minha televisão e, como não escuto nada, às vezes não entendo direito e pergunto à minha mãe o que ta acontecendo. Aí, às vezes, ela fala: “ah, morreu por causa de acidente”. Eu fico lá olhando, não tem legenda, só a voz, sem entender direito. Era muito legal a janelinha do intérprete, pra gente entender essas informações. A gente queria muito isso e, os surdos, quantos surdos têm na comunidade surda que não tem legenda. É muito importante isso, principalmente a questão do intérprete lá na janelinha, pra ele poder entender o que tá acontecendo, o que tá gesticulando... E não entendemos nada. Cinema, algumas imagens são mais claras, de namoro, de ação. Mas, mesmo assim, até no cinema deveria ter intérprete, porque às vezes não se entende a legenda, quando não se sabe o português. Eu quero aprender mais o português. (Helena, 32 anos, solteira, ensino médio completo)

Eu sempre utilizo muito os meios de comunicação. Me ajuda muito a legenda no cinema. Eu não tenho muita emoção com as palavras e, às vezes, o repórter fala umas palavras difíceis. Eu gosto mais das legendas no cinema, na internet. Teatro é bonito demais e tem coisas que não precisa entender as palavras. Mas na televisão eu tenho vontade de ver os jornais, mas não tem aquelas legendas. Eu fico perguntando à família: “O que é? É sobre o quê?”. A família vai me ajudando e eu sempre pergunto. Eles falam: “rapaz, você curioso demais, tão curioso”. Não, eu não quero ser ignorante. Eu quero ser uma pessoa que busca conhecimento, eu quero crescer pra que, no futuro, eu possa ter cuidado e segurança de algumas coisas que estão divulgando na televisão e muitas vezes a comunidade surda está alheia. Então a legenda é muito importante pra gente ter conhecimento. E o surdo consegue entender, muitas vezes, a legenda. Agora as vozes humanas a gente não consegue ouvir, por isso nós utilizamos mais, mais e mais as legendas. E eu também uso bastante Orkut, MSN, internet. Leio coisas, as informações na internet. É muito bom o contato com os amigos, colocar os recados pra gente combinar ir pro Shopping Tambiá, praia, viagens, festas da associação. É muito bom o Orkut. MSN é o nosso telefone. O surdo, muitas vezes, usa mensagens de texto e Orkut pra gente poder marcar encontros. (Isaac, 22 anos, solteiro, graduando em Sistema de Informática)

Antes não tinha contato de Orkut, MSN... Hoje tem vários contatos, tem várias formas de se prender o tempo. Antes não tinha essas coisas e os surdos iam pra associação. Mas precisa não perder a associação de vista. Aí, às vezes, as pessoas não querem ir, porque não tem novidade na associação. Marcam encontros no Shopping Tambiá. Vixe Maria! Todo mundo... É um point, é um foco, um ponto de encontro. (David, 45 anos, casado, graduado em Letras libras)

Quando eles fazem alusão aos seus prazeres com gêneros de programação pelos quais mais se interessam na televisão ou quando falam da paixão pelo cinema, tanto utilizam termos que são bastante usados nas suas formas de se expressarem e que já se relaciona com a própria língua de sinais, que pedem expressões faciais bastante enfáticas, quanto demonstram mais uma vez que interesses já anotados aqui, como o caso da paixão pelos esportes. Eles “amam muito”, são “apaixonados”, são “malucos”, “loucos”. A intensidade com que se referem ao que gostam chama bastante atenção. Isso sim, observei como algo bastante peculiar na forma de comunicação, marcando, talvez, uma peculiaridade das suas diferenças.



Foto: arquivo pessoal (os surdos, a televisão e o futebol)



Foto: arquivo pessoal (os surdos, a televisão e o futebol)

Israel e Arthur são fascinados por cinema. Eles fazem uso das legendas, mas com certeza suas atenções para com a profusão de imagens, principalmente no caso do cinema,

é singular, já que a visão, para a comunicação com o olhar, e a concretização com os gestos e sinais constituem a teia com que se movem muito compreensivelmente. Amar cinema, ser maluco por cinema, não significa, necessariamente, que amem a arte cinematográfica ou que dela tenham conhecimentos técnicos. A maioria das pessoas que gostam de cinema não decoram os diretores ou mesmo os atores dos filmes. Os gêneros e as temáticas são muito mais valorizados pelo público em geral. E seus olhares críticos não são o de um público típico, como os cinéfilos, que fazem questão de dominar toda a ficha técnica, tecer apreciações comparativas entre esta e aquela abordagem, por este ou aquele diretor. Mas a paixão de Israel e Arthur são menores ou menos significativas? Penso que não. Acho até que seja mais importante e plena, porque é incondicional. E as paixões, os amores incondicionais que podem beirar a loucura, a maluquice, não parecem mais intensas, quando dessa insanidade? E mesmo que eu tenha colocado a questão das imagens associadas à forma de comunicação que mais utilizam, a língua de sinais, será que os filmes somente com imagens os agradariam mais? Será que já viram filmes de Charles Chaplin, quando este ainda não utilizava o som, já que o cinema, inicialmente, era “mudo”? Não me ocorreu lhes perguntar isso. A única vez em que o fiz foi em um contexto de uma entrevistada que tinha feito graduação em Publicidade e Propaganda, gostava de cinema, mas estava se encaminhando para uma especialização em Letra LIBRAS. Outra forma de gostar de cinema e, quem sabe, não com tanta paixão, como as de Israel e Arthur, para significar um espaço com o qual se relacionam com o mundo, se sociabilizam, através dessa forma de lazer. E seria, diante da colocação a seguir, que os dois se entregariam a essa paixão, a essa loucura que os impelem socialmente, quando me comunicam esse meio de comunicação, como algumas das coisas predominantes nas suas formas de diversão?

O cinema opera justamente como lugar de captura. Cinema é basicamente imagem, mostrando-se aí o quanto se imaginariza a imagem. Neste lugar, o sujeito se perde, levado pelo emaranhado da fantasia, movido pela virulência do desejo: lugar que se abre ao diálogo cinematográfico só se podendo participar dele ao entrar na viagem da ficção. (GUIMARÃES, 2004, p. 100)

A mesma autora acima citada, numa outra obra, em que alude ao cinema experimental, trata da questão das imagens como elementos comunicativos associados à psicanálise. Mas, novamente, pergunto-me se um cinema apenas com imagens e, como alguns cineastas e educadores, que têm produzido “cinema para surdos”, tencionando uma

maior aproximação de um público específico, é realmente sedutor. Alguns filmes e vídeos apenas com imagens são muito bons e didaticamente atingem objetivos bastante interessantes. Lembro aqui que os próprios filmes já assistidos no cinema, quando retirados da esfera do lazer para a esfera do utilitário, como recurso didático, podem ser vistos de modo enfadonho, já que o olhar tem um direcionamento pré-determinado. De qualquer forma não é significativa a colocação a seguir?

O cinema experimental intervém em um plano diferente, à parte, com a mudez de Maya Deren – uma cineasta russa e também bailarina – ao buscar os condutores silenciosos das ações mais adiante da fisionomia da imagem, em pleno advento do som. Indica que, entre experiências com narrativas no plano formal, das imagens, e no plano pessoal, dos sentimentos humanos, existe muito mais troca do que se pode à primeira vista perceber – para o enriquecimento mútuo do cinema e da psicanálise. (GUIMARÃES, 2004, p. 97)

Certamente, a experiência com imagens, se bem direcionadas, e sem a preocupação de demarcar fronteiras ou rótulos de cinema para este ou aquele indivíduo, porque ele é surdo ou ouvinte ou cego ou com visão, pode lograr êxitos para todo tipo de público, assim como os surdos que tanto são “loucos por cinema”, quanto o são por novelas. Mas, sobre a comunicação visual, o seguinte alerta é oportuno, porque me parece apontar uma desapropriação, para engendrar um novo olhar interativo em que se compreenderia porque os meios e comunicações impelem aos anseios de estar em cena, no caso a cena de sociabilidades, de compartilhamentos, de permutas, na forma de relação que passa a ser protagonizada com simultaneidade e, digamos assim, mais democraticamente:

O texto visual deve ser visto como resultado de um contexto inquieto que envolve sempre três participantes, cada qual com seus papéis duplos de observados e observadores: autor, informante e espectador são autores do processo comunicativo. Dessa inquietação emerge um projeto de antropologia da comunicação visual impregnado de valores móveis, plurais e descentralizados: eles não centralizam a autoridade do autor, mas a descentralizam como possível autorialidade, multiplicando a subjetividade no campo, no cenário e na plateia. (CANEVACCI, 2001, p. 08)

As teias de relações nas comunicações, em diversos âmbitos sociais, podem ser muito mais flexíveis, sem um compromisso duro e fechado de atender a este ou aquele padrão que, hermético, acaba aprisionando ideias que poderiam ser livremente transmitidas, quando feitas através de associações pouco comuns. Por que falar sério sobre o que quer que seja não pode ser feito se exemplificando com personagens de telenovelas? Se eles forem íntimos, no caso, de quem com eles tem encontros marcados todos os dias,

lhes sabendo, talvez, até mais do que os próprios autores, porque depois que são emitidos, são também recepcionados, para diálogos íntimos e reproduzidos nas redes de amigos, como se ali estivessem esperando a sua vez de concordar com fulano, discordar de beltrano e esperar que cicrano traga uma nova interpretação. Não dá para imaginar uma conversa de vizinhos ou um momento de discussão numa mesa de bar? E, por que não dizer, numa palestra científica, se o palestrante for espectador, telespectador (ainda há algum patrulhamento, não nos enganemos!)?

Salomão e Alfredo, um é “louco por novela”, o outro diz que é “um dos seus amores”. Lá se vai o tempo em que este gênero de programação era visto por um público muito mais feminino. E os homens, quando assistiam, procuravam esconder que gostavam, porque suas masculinidades poderiam ser questionadas. O gênero de programação televisiva não só é uma das paixões nacionais, como os homens cada vez mais assumem que assistem, gostam e discutem a tramas que acompanham diariamente. Alfredo trabalha, mas seu “amor” por novelas é tão grande que ele chega a exagerar e dizer que ficaria vinte e quatro horas assistindo. Provavelmente, quando está em casa, acompanha todas as que pode e gosta, de todos os canais em que elas são exibidas. E Salomão ainda fala nas “histórias de amor”. E isso lá é assunto de homem? É e sempre foi, mesmo que somente confidenciado, quando algum abalo constrangedor viesse à tona, como nos casos de traição pelas mulheres que abandonam o lar, para assumir novas relações com seus amantes. A confissão, antes sigilosa, apenas para o amigo mais íntimo ou para o conselheiro espiritual (padre, pastor, pai de santo...), no momento de grande dor e tristeza, agora é pública porque se pode até brincar com a “dor de corno”. Das letras de canções populares ela vai ganhando mais espaço e significado. Ela vai sendo compartilhada. E como as telenovelas têm um papel importante nesse sentido! Quem assiste sabe. Salomão e Alfredo, estes com certeza. Ou seriam os surdos menos machistas, menos preconceituosos? Mas eles também assistem aos jogos de futebol. Este é um dos amores de Alfredo (lembrando, ele joga e chega a desejar ser jogador profissional). E futebol é... tcs, quero dizer, era assunto de homem, de macho.

O cinema e a televisão, ambos, têm nas imagens condicionantes, em grande parte, balizadores das suas estratégias de sedução, declaradamente explícitas, por meio dos elementos icônicos, plástico-visuais de que se valem. Mas os planos e ritmos de cada linguagem em que as mesmas são exibidas são diferentes. No caso dos surdos esta questão, a das imagens, é tão percebida quanto pelos ouvintes; excetuando o caso dos cegos, para

quem tanto faria a televisão ou o cinema. Estes estariam no mesmo plano do rádio, porque a audição é que garantiria a percepção e interesse pelos mesmos. Vale salientar, no entanto, que a questão do ritmo, este sim, pode ser percebido e agradar, gerar relações mais íntimas e de predileção ou não.

Daqui a pouco analisarei o significado das legendas e da interpretação em língua de sinais, como facilitadores que ampliam o interesse dos surdos tanto pelo cinema quanto pela televisão. O rádio só teria interesse para aqueles que fizessem uso de aparelhos auditivos. Se bem que já anotei, anteriormente, alguns surdos têm aparelhos de sons potentes em seus carros. O que contrasta com o discurso de que o aparelho auditivo incomoda pela ampliação estrondosa do som. Ou tê-los pode indicar outros motivos, talvez, a própria ostentação igualmente praticada pelos ouvintes, principalmente quando usam o volume de maneira a impor a todos uma predileção musical que não é unânime. No caso das linguagens da televisão e do cinema:

O cinema é, por definição, arte do movimento. Ele progride ao expor gestos ordenados seguindo uma lógica temporal e espacial. A telinha não está apta a fazer ver ações rápidas e desenvolvidas tais como corridas e perseguições, vez que ela carece de amplidão e de profundidade de campo. O cinema não se limita a jogar com a representação da distância: pela montagem, encadeamento de planos filmados por ângulos e com enquadramentos variáveis, ele sugere um mundo que não é outro senão aquele que o espectador imagina ao ajustar mentalmente os diversos pontos de vista que lhe são oferecidos. A televisão não se beneficia da mesma latitude, ela se dirige a um público que quer estar em condições de seguir a emissão, mesmo estando ele ausente ou se distrai durante uma parte da emissão. (SORLIN, 2009, p. 48)

Tecnicamente, principalmente, o que está dito acima é bem compreensível. Aceitável até certo ponto. Como meios que podem canalizar, incentivar, ampliar as teias de sociabilidade, no entanto, a colocação é discutível. As corridas de automobilismo e as partidas de futebol sempre foram muito mais assistidas pela televisão, independentemente do tamanho da tela. Além disso, várias produções cinematográficas são exibidas através da televisão e nem todos os espectadores se preocupam se assistir a um filme é melhor no cinema ou na televisão. Acrescente-se, ainda, que com o advento do aparelho de vídeo muita gente deixou de ir ao cinema por vários motivos, um deles pela comodidade de ficar em casa, de não ter de se deslocar, enfrentar engarrafamentos no trânsito, por exemplo. Somado a isto, ainda se pode escolher a hora em que se quer assistir ao filme, quando se quer interrompê-lo, momentaneamente para ir ao banheiro, à cozinha, atender ao telefone etc. Adicionando mais ainda, como não se tem marcado sessões de cinema em casa,

reunindo amigos e, mais uma vez, as interrupções da exibição pode ser feita para discussão de alguma cena, porque ela lembra um fato das vidas pessoais e que se quer comentar, antes de prosseguir a exibição. Os surdos por mim entrevistados, em conversas informais, falavam sobre esse hábito e que, não raramente, chegavam a amanhecer o dia, conversando sobre o filme e outros assuntos que iam aparecendo, diante do encontro para a programação inicial. As pausas podem ser questionadas, como forma de apreensão do conteúdo e qualidade da natureza típica de ser espectador da arte cinematográfica. Por outro lado, como espaço de encontros e ampliação no modo de sociabilidade, pelo contrário, se teria, sobremaneira, mais sentido e significado refletidos. Além disso, como individualmente ou em grupo, mas dialogando com a tecnologia e, portanto, interagindo com quem os colocou ali, como não se tem baixado filmes na internet, quando não se viu no cinema ou por opção mesmo? E as nossas próprias leituras teóricas feitas, catadas nos sites de busca? E as comunicações entre professores e alunos ampliadas, modificadas, criando-se uma intimidade ou mais um elemento de sociabilidade, através das mensagens, pelos endereços eletrônicos, os e-mails? E, agora mesmo, quando escrevo este texto, visualizando uma tela, interagindo com a melhor configuração do WORD, pelo qual eu possa me conduzir? Tive de me socializar, minimamente, com este aparelho e com as novidades que ele vai me apresentando. Sem falar na facilidade de ter podido, ao filmar as entrevistas com os surdos, chegar a pensar em realizar um documentário, editado aqui e com a ajuda deles, como pretendo fazer posteriormente.

Quase todos entrevistados dizem que têm Orkut e MSN, penso como eles estão conectados não só entre si mesmos. E a própria utilidade foi referenciada e será por mim observada mais adiante. Mas, antes disso, desejo acentuar a questão da conexão através do trecho de um texto que anuncia a questão da associação das imagens aos conceitos do pensador Gilles Deleuze, trabalhados numa coletânea e que me seduziu, inclusive pela forma poética de falar sobre as conexões que podemos fazer. Elas são tantas, mesmo que a princípio, e se pensadas apressadamente, possam parecer realmente distantes e distintas, quando, na verdade, depois de um olhar mais amido, venham constituir encontros, paralelismos de “extremos e conectados”:

Seriam gatos-pingado? Parecem ser poucos e muitos a um só tempo. Conectados, neste livro, com o pensamento de Gilles Deleuze estão vozes e escritos e imagens e desejos. Sobre eles caiu a chuva proveniente desse pensador. São eles gatos encharcados. Deles pingam fios de água que escorrem ao tocar o chão... ou fazem poças que, escorregadias, espelham os arredores em suas superfícies. Para

ali, nas poças-escritos-pensamentos, converge o mundo e dali desaparecerá assim que a poça secar. Mas outra chuva virá... Com os escritos e conceitos de Deleuze empoçados em cada um dos autores, em cada uma das autoras, cada artigo-ensaio-palestra vai tocando pontos diversos da cultura onde buscar dar vida a estes mesmos escritos e conceitos ao fazer com que eles derivem pelo cinema, pelo teatro, pela política, pela literatura, pela escola em conexões múltiplas. Conexões, como as que podem ser lidas neste livro, entre televisão e vídeo; cinema e história; devir e tradição; resistência e ensino; fotografia e escola; música e biopolítica; digitalidade e poder; personagem e filosofia; experimentação e educação e caos. (OLIVEIRA JR; AMORIM, 2011, p. 07-08)

Os surdos Moisés, Matheus, Lucas, Arthur, Isaac e David falam do Orkut e do MSN como formas de comunicação e, ao mesmo tempo, podemos querer refletir o quanto seus horizontes são ampliados ou pelo menos, supostamente, ganhadores de outras dimensões em termos de sociabilidade. Isaac, por exemplo, chega a dizer que o MSN é o telefone do surdo e que pela utilização do mesmo pode-se marcar encontros. Uns espaços multiplicando ou conectando a outros. Outros encontros para outras conversas. Porém, nem todos demonstram satisfação ou gostam dessas possibilidades. David deixa isso claro, quando diz que esses espaços serviriam para prender, no sentido de perda de tempo. O afastamento dos surdos da ASJP estaria vinculado e essa prisão e perda de tempo. Ele, no entanto, não deixa de comentar da falta de novidade pela qual esta – a ASJP – possa estar passando, não apresentando motivos que atraiam os surdos para a mesma. Novidades estas, as quais ele se refere, que podem muito bem ser encontradas na internet e nas formas de comunicação citadas, que ele bem pode já ter visualizado, já que avaliou de modo contundente. Uma acessibilidade de comunicação estaria, deste modo, associada à instauração de novas formas de sociabilidade entre as pessoas. Por que seria diferente com as pessoas surdas?

A partir do desenvolvimento e da disseminação das tecnologias de comunicação, o indivíduo passou a experimentar duas formas de interagir com o conhecimento e com outras pessoas: uma física, concreta e outra virtual, imaterial. As tecnologias de comunicação ampliaram e acentuaram as capacidades humanas de falar, ouvir e ver. Estas experiências aprimoradas pelo surgimento de artefatos técnicos ao longo do tempo fizeram com que o homem pudesse criar mecanismos diferentes para se comunicar cada vez mais. O uso humano das tecnologias de comunicação faz com que as mídias se tornem novos ambientes sociais com transmissão de palavras, imagens e sons transformando lugares de geração de sociabilidade. O acesso facilitado a estes meios faz com que a comunicação se torne mais acessível e, assim, passa a aproximar pessoas que, devido à distância geográfica, nunca poderiam se conhecer; e as que já se conhecem, têm nas mãos novos canais de comunicação, reforçando os laços já existentes no espaço físico. (PAMPANELLI, 2004, p. 28)

Eu mesmo, quando passei a fazer utilização das redes sociais, como o Orkut, por exemplo, o fiz com certa resistência. E tudo começou ao orientar trabalho de conclusão de curso (“Quem sou eu”: aspectos identitários perfilados no Orkut”, de SANTOS, 2008). Com o tempo de utilização do mesmo fui descobrindo uma natureza utilitária e prazerosa simultâneas. Comecei a fazer parte das comunidade do Orkut, em grande parte das comunidades de surdos ou de surdos e ouvintes. Já fui descobrindo que enquanto algumas comunidades pareciam identificar um espaço de surdos, pelo próprio título, outras já faziam a relação entre surdos e ouvintes. Para o meu próprio objeto de estudo, essas utilização e participação já eram de grande importância. Conversei com intérpretes de LIBRAS ouvintes não apenas ali, mas pelo próprio telefone, quando quisemos ampliar as formas de comunicação e entendimento dos nossos trabalhos com os surdos. Isto para mim era uma novidade. Novidade que, pelo visto, não foi percebida por David ou a ele não despertava interesse, porque significaria espaço que prendia, tempo que se perdia. Enquanto isso eu pude participar de conversas bastante interessantes sobre assuntos diversos, principalmente nas comunidades que agregavam, até pelo título, surdos e ouvintes. Com alguns surdos as conversas fluíam mais facilmente, eram os que dominavam melhor a língua portuguesa, com certeza. Com os surdos que dominavam menos, tanto eles demoravam para me entender, como eu a eles. Nossas escritas eram diferentes, por mais que eu procurasse utilizar frases mais curtas, com menos possibilidades de confusões na comunicação. Mas o que vinha escrito de alguns deles, sem elos, como conjunções, preposições, e com uma forma de juntar substantivos com adjetivos que nem sempre eu entendia, complicava a comunicação, mas não a impossibilitava. Hoje, depois de uma migração de muitos usuários do Orkut para o Facebook (eu, inclusive), continuo em contato com alguns surdos e intérpretes de LIBRAS.

As formas de comunicação pela internet e com termos de uma linguagem típica ou, poderíamos dizer, nativa desse meio, vai fazendo com que as pessoas se apropriem da mesma, utilizando-a como forma de facilitar distâncias tanto concretas quanto simbolicamente, pelo menos, aparentemente. Essa aparência aparece diluída, sem, por outro lado, deixar de constatar as diferenças de culturas, de espaços territoriais, regionais, em que a diversidade vai se conectando ajeitada ou desajeitadamente. No caso dos surdos, quero crer que essa nova forma de comunicação não pode ser tomada novamente nos termos de “paradigma do tribunal, como mencionei no início do capítulo. Ela estaria muito mais inscrita no plano do “paradigma formalista”, dos semiólogos, e numa “perspectiva

etnográfica”, visto que códigos novos vão sendo interpretados, “brechas contraditórias” vão dismantelando fronteiras, enlarguendo as próprias noções que se têm da mesma, da forma como são discutidas teoricamente. Levy (1998) vê com entusiasmo essa forma de comunicação, que poderia, inclusive, “renovar profundamente as formas de laço social, no sentido de uma maior fraternidade, e ajudar a resolver os problemas com os quais a humanidade hoje se debate”, e, além disso, ressaltando as próprias possibilidades de produção e recuperação dos textos digitais, em que os usuários estariam interagindo com o seu real, sem perdê-lo, e criando alternativas comunicativas da própria leitura. Será que, nesse sentido, é que os surdos sentem atração por esse meio, tal como Lucas confessou que preferia aprender inglês do que português, fazendo uma comparação com a LIBRAS? A interpretação de uma pra a outra seria mais fácil, segundo o entendimento desse surdo. Outros aspectos também não estariam envolvidos, em termos de aproximações, comparações, confusões ou implicações como as que são apresentadas abaixo:

Na teia cibernética, os sites afiguram-se como infomídias interativas: estocam, processam e distribuem dados e imagens oriundos de diversos ramos do conhecimento. A pragmática da Internet desfaz a polaridade entre um centro emissor ativo e receptores passivos. As interfaces tecnológicas instituem um espaço de transação, cujo suporte técnico, em processamento constante, proporciona comunicações intermitentes, precisas e ultra-rápidas, numa interação entre todos e todos, e não mais entre um e todos. No ciberespaço, cada um é potencialmente emissor e receptor de um espaço qualitativamente distinto. Não é por seus nomes, posições geográficas ou sociais que as pessoas se agregaram, mas de acordo com blocos de interesses, numa paisagem comum de sentido e de saber. (MORAES, 2001, p. 70)

Seria, assim, tudo tão inovador e, satisfatoriamente, quase perfeito? No caso dos surdos que tanto reclamam da falta de intérpretes na “tv” e no cinema, mas conseguem ler as legendas em português, o que já minimizaria essa reclamação, o quê nos perguntarmos e o que concluirmos, se mesmo os estudos que se debruçam sobre a questão do reconhecimento ou de uma luta por reconhecimento, com um certo receio de demonstrar, talvez o mesmo entusiasmo de Pierre Lévy, acabam valorizando esses espaços, para além da questão da sociabilidade?

No caso das pessoas surdas e das questões tematizadas por elas, a Internet mostra-se como um meio de expressão particularmente importante. Além de se constituírem em uma minoria linguística, os surdos configuram um público com poucas oportunidades nas grandes arenas de discussão face a face e ainda possuem um segundo obstáculo para a sua participação: a língua. Mesmo que saibam falar, a maioria deles comunica-se por meio da língua de sinais e a participação em fóruns ampliados depende de um tradutor para a língua oral.

Nessas situações, há sempre um mediador. Já na Internet, os surdos são os produtores e veiculadores de suas próprias narrativas, sem intermediações. (GARCÊZ; MAIA, 2009, p. 85)

Uma reserva ainda se faz perceptível, mas é inegável que a utilização da Internet e das redes sociais não é algo que se possa deixar de lado, quando se quer entender a utilização que a sociedade tem feito da mesma. Mesmo para criticar outros meios de comunicação e o próprio uso abusivo ou equivocado, dependendo dos pontos de vista dos discursos, ainda assim acaba se utilizando esses meios para fazê-lo, o que constitui uma atitude no mínimo curiosa e, ao mesmo tempo, que demonstra que há certa eficácia em querer repassar alguma mensagem direta ou indiretamente. Tudo isso parece estar contido no que as duas autoras se propõem a analisar, mais ou menos como alguns discursos presentes em algumas redes sociais, quando de quer colocar algo em questão que pode ser lido, curtido, compartilhado, porque se prestou atenção ou simplesmente por uma questão de camaradagem.

Como seria possível estabelecer uma luta por reconhecimento em um sítio eletrônico estático, que prevê quase nenhuma interatividade? Como considerar a posição do outro, se este não se coloca concretamente em relação aos sujeitos que buscam reconhecimento? Como parte que são da dinâmica social, as lutas por reconhecimento perpassam as vidas dos sujeitos coletivos nos mais diversos âmbitos. Em todos eles, os sujeitos buscam desconstruir determinados pressupostos enraizados no horizonte de expectativas daquela sociedade. Nossa premissa é a de que nos sítios institucionais, os conteúdos são estrategicamente planejados e publicados, a fim de combater entendimentos enraizados em um horizonte de expectativas existentes na sociedade, já conhecido pelos surdos. Nos sítios das associações escreve-se para alguém, e esse alguém é um interlocutor presumido, representante daquele horizonte de expectativas contra a qual se quer lutar. (GARCÊZ; MAIA, 2009, p. 88)

E tudo isso, para concluir, no final das contas que: “os diferentes modos de participação e engajamento dos cidadãos, dentro de específicos ambientes virtuais na Internet, são importantes processos, que se imbricam na luta por reconhecimento na contemporaneidade”. (ibidem, p. 99)

Diante de tudo isso e, na minha concepção, após detectar que os meios de comunicação são importantes formas de sociabilidade, além de outras possibilidades, como vimos nas citações, sobre a questão do reconhecimento, é que entendo a língua de sinais como algo facilitador da comunicação e sociabilidade entre os surdos, contudo não deixa de ser significativo o fato de que os surdos treinam o português através das legendas e mais, pelo que pude notar, não apenas quando são orientados pelos professores, como no

caso de Matheus que disse ter aprendido a usar as redes sociais, quando ensinado pela professora. Ora, se há uma resistência para a leitura da língua portuguesa quando ela é uma obrigação ou uma necessidade, considero que há algo aí por ser inferido. As obrigações geralmente pesam e têm um tom impositivo. No caso dos surdos, seria não reconhecer uma “primeira língua”, um procedimento que se encaixaria numa perspectiva “ouvintista”, como propagam os estudiosos de surdos da área da Educação, principalmente. Por outro lado, há que se prestar atenção às necessidades. Elas são muitas e têm significados diferentes, dependendo da situação. Os intérpretes de LIBRAS são imprescindíveis em alguns momentos. Mas será que não podemos falar que também pode haver certo comodismo, em algumas situações, na resistência de ler o português? Quando eu ia realizar as entrevistas, antes de tudo, pedia para que o texto contido no “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” fosse lido por eles, para que, diante do conteúdo do mesmo e em concordância, procedessem à sua assinatura. Os surdos oralizados leram. Apenas quatro surdos que falam em língua de sinais e com domínio de português também leram. Os demais, mesmo alguns que já tinham curso universitário ou que estavam em processo de formação, resistiram e preferiram a interpretação em sinais. Considero que eles podiam estar numa situação, em que precisavam saber exatamente do que se tratava, para o compromisso de assinar, além de que a própria presença do pesquisador e do cinegrafista, além da intérprete, causava alguma inibição. Mas boa parte deles tinha uma desenvoltura no trato com as pessoas, fossem surdas ou ouvintes, e não considerar um certo comodismo seria negar essa minha desconfiança, chegando a perguntar, afirmando para a intérprete e de forma disfarçada, lógico: “mas ele (ou ela) não sabe ler português? Bom, não era o momento para uma interrupção sobre aquele procedimento. O que quero chamar atenção é sobre essa ser uma necessidade que estava associada, de certa forma, a uma obrigação. No caso da necessidade de compreender as mensagens televisivas, cinematográficas ou a comunicação na Internet, esta era uma necessidade que se impunha, quando as janelinhas de interpretação não existiam (geralmente, ainda, só aparecem para anunciar o programa e a faixa etária para a qual é recomendada). Aí a legenda em português era lida, com maior ou menor domínio que tivessem dessa língua. O prazer em acompanhar o entretenimento ou a informação era maior. Além disso, estavam fazendo algo espontâneo, sem imposição. Será portanto, que o treino da língua portuguesa não poderia ser estimulada cada vez mais através de formas como essa? Ou, melhor, pensando bem, uma atividade escolar já teria algo de obrigação. Se um domínio maior e crescente da língua portuguesa em paralelo com

a língua de sinais vai acontecer ou já está acontecendo, talvez muitos discursos venham a ser objetos de discussão futuros por estudiosos que tomem os surdos e a surdez como objetos de estudo. Ao ler o trabalho de conclusão do Curso de Ciências Sociais de Mello (2009) só fiquei sabendo que ela era surda porque isto foi informado. A construção do seu texto é de um domínio da língua portuguesa invejável, assim como sua interlocução com os autores demonstra uma capacidade acadêmica digna de se fazer presente em produções mais acima do que uma monografia de graduação, dado o seu grau de amadurecimento intelectual. Sim, ela era uma surda ligada a movimentos sociais, com um posição política bastante amadurecida. No seu discurso, inclusive, não percebi nenhum traço de ressentimento ou vitimização, tanto que o termo ouvintismo não aparece em nenhum trecho do seu trabalho e a sua própria noção de poder não passa por uma questão de uma submissão de uns grupos detentores outros sem poder. Enquanto isso, mesmo que seja oportuno saber da perspectiva de um diálogo entre a língua de sinais e a língua portuguesa, algo de incômodo fica no ar, diante do que chamo de ranço, mesmo quando se faz alusão às rupturas com as clausuras:

Um grande número de pessoas surdas e também outros grupos minoritários (sem poder⁵) são privadas de contribuir para o estoque coletivo do conhecimento cultural existente nesses grupos, pois a educação favorece um certo tipo de capital cultural: aquele da cultura dominante. Neste sentido, aprender a língua portuguesa representa um tipo especial de capital cultural, tendo valor único na escola de surdos. Sendo assim, é crucial lutar por um clima educacional, linguístico e cultural que proporcione mudanças, autonomia e emancipação e não apenas uma tolerância da pluralidade de manifestações, em que as manifestações críticas permanecem enclausuradas com o confinamento de guetos culturais. (KARNOPP, 2009, p. 61)

Se a há uma importância em se desfazer esses guetos, como concordo plenamente, então que prestemos atenção ao que está sendo dito pelos surdos, quando se encontram com surdos e ouvintes, com os modos que utilizam para suas sociabilidades, a utilização que fazem das diversões, das práticas esportivas, dos meios de comunicação, de tudo que a princípio possa os fazer pouco sabedores e menos detentores de poder numa cultura dominante. A cultura dos surdos, a que vi, presenciei, é a mesma da qual faço parte, rica em diversidade, controversa pelas desigualdades sociais, diferente para uns e outros de acordo com as suas aquisições pessoais e coletivas.

⁵ Ou que exercem menos poder.

Foi na frequência dos encontros, isto sim, que fui vendo se teria mais possibilidades de observar e refletir sobre o significado daqueles encontros para, através do meu estudo, entender, um pouco mais, como esses indivíduos que transitaram e transitam entre um mundo de maioria ouvinte e entre comunidades surdas, constroem seus discursos sobre si mesmos, como são muitos e diferentes entre si e em qualquer entorno da cultura brasileira de que participamos, todos em maior ou menor escala, segundo nossos interesses que vão se multiplicando a cada nova experiência. Essa alegria dos encontros trouxe que outras coisas? Quais são esses maiores conhecimentos a que eles se referem? Se os encontros foram se multiplicando, os acontecimentos também o foram, na mesma medida. Então, salve os encontros!

CAPÍTULO V

CAPÍTULO V

“EU SOU SURDO... E SOU MUITO MAIS DO QUE ISSO”

Fernando Pessoa dizia que, em cada um de nós há dois seres. O primeiro, o verdadeiro, é o dos nossos sonhos, que nasce na infância e que continua pela vida toda. O segundo ser, o falso, é o das aparências de nossos discursos, atos e gestos. Não diria que um é verdadeiro e o outro falso, mas efetivamente, a cada um desses dois estados correspondem dois seres em nós. (MORIN, 1997)

Eu tomo a liberdade de acrescentar ao que está posto acima que podem ser mais de dois seres, se verdadeiros ou falsos, talvez nem seja possível identificar com tanta solidez o que se mistura, entrelaça, numa amostra despida de qualquer veste ou vestida com muitos matizes sobrepostos uns aos outros, todos em via de escapar a qualquer moldura que se avizinhe, mesmo com a mais bela e, aparentemente, adequada estética.

O que há por fazer agora é, presentificar, neste capítulo, alguns aspectos já analisados em capítulos anteriores, sendo que agora ampliando a discussão dos mesmos, porque outros tantos aspectos se somam, para um aprofundamento e desfecho da trama que está sendo urdida neste trabalho. A questão de uma identificação, na qual os surdos vão afirmando a forma como se movimentam socialmente, afirmando-se como indivíduos com a peculiaridade que têm, remete, inclusive, ainda, ao modo como foram se subjetivando, afetando e sendo afetados, se sociabilizando, mas também já aponta elementos que os diferencia entre si, ou seja, os surdos não pensam nem agem de forma unívoca e isso eu pude observar com os meus interlocutores, além de ter seus próprios discursos que expressam essa diferença.

A IDENTIFICAÇÃO, A DIVERSIDADE, A MULTIPLICIDADE...

Com os surdos eu falo língua de sinais. E eu me sinto melhor usando a comunicação com os surdos. (André, 23 anos, casado, ensino médio completo)

Eu percebi realmente, que eu era surdo, na escola. Eu me sentia muito bem com os outros surdos, interagía muito, fazia muita amizade, eu me sentia muito melhor. Eu poderia até aprender oralizado, eu queria aprender oralizado, mas eu tenho muita vontade hoje, vontade de falar, de aprender a falar. (Laura, 32 anos, casada, ensino médio incompleto)

Aí quando eu vim para João Pessoa eu conheci a FUNAD, conheci a ASJP e aprendi coisas diferentes. Os surdos me ajudaram a chegar nos locais, me acompanhando e eu cresci, fui crescendo mais e mais e consegui ter língua de sinais, sou muito feliz, muito feliz. Os surdos, a comunidade surda, as associações de surdos. É tudo muito bom. (Matheus, 26 anos, solteiro, ensino médio incompleto)

Com 15 anos me afastei completamente da comunidade ouvinte e ingressei na comunidade surda, porque eles eram iguais a mim. Foi muito bom a comunidade surda, foi um grande avanço para minha vida pessoal. (Helena, 32 anos, solteira, ensino médio completo)

Nunca tive vontade de ser ouvinte. Apesar de ver que o ouvinte tem, como já falei, a questão do crescimento muito mais rápido na sociedade, mas eu gosto de ser surdo. Eu nunca senti vontade de ser ouvinte. Eu sou surdo e tenho paz comigo, é muito bom. (Arthur, 22 anos, solteiro, ensino médio completo)

Surdo é muito melhor, principalmente se não falar surdo-mudo. Surdo-mudo não, a gente fala com as mãos, a gente tem direito de estudar, de direito de ir para uma universidade. Muita gente fala surdo-mudo. Eu tenho a maior raiva. Preste atenção, sou muda não, sou surda, eu falo com as minhas mãos. (Sara, 23 anos, casada, ensino médio incompleto)

Depois de iniciado um processo de sociabilidade, cuja tendência é o seu próprio enriquecimento com muito mais detalhes, quero dizer todas as possibilidades que vão se configurando como novas formas e espaços de ocupação e permutas, tais como os que explorei, porque o meu campo assim o demonstrou, isto posto demonstra que encontros podem agregar não somente pessoas, formando um coletivo, uma comunidade, mas ampliar o próprio horizonte interpretativo e afirmativo pessoal, a própria individualidade, quando do processo de subjetivação sempre em curso. A rua de mão dupla está, dessa forma, se queremos e podemos prestar atenção, muito mais sinalizada e com possibilidades de localização de como e onde tem se situado. O coletivo influencia o grupo e os indivíduos com suas múltiplas experiências vão influenciando o grupo com gestos e atitudes. Os discursos são importantes para que possamos pensar em registrar e, posteriormente, percebendo a riqueza presente nos mesmos, analisá-los, colocando-os em questão, problematizando o que está já à vista e que pode causar surpresas, sejam elas de encantamento ou de sobressaltos não tão agradáveis. De qualquer forma, a perturbação também pode ser boa e instigante, provoca ações. E é assim que me sinto o tempo todo, diante dos discursos que tenho em mãos, coletados na minha experiência de campo. E este é um momento mais desafiador, já que as provocações mútuas foram crescendo e o que foi dito já estava num momento de mais desenvoltura, o que era afirmado parece, deste modo, iluminar o que há mais de substância a ser experimentada, saboreada.

As partes ou passagens das interlocuções registradas acima causam a necessidade de apontar além de uma identificação, a diversidade e multiplicidade. Os surdos falam de uma identificação e, simultaneamente, demonstram as diferenças entre uns e outros e, mais provocativo, em si mesmos. Há, sem sombra de dúvidas, muitas semelhanças, mas as diferenças saltam fortemente, pipocam, esquentam, dão calor e frenesi, no tocante ao que tenho posto em questão. Nem todos afirmam com a mesma ênfase. As ponderações, algumas frases e palavras reticentes, soam alto e têm conotações, impelindo-me à busca de melhor compreendê-las .

Tadeu, ao falar da leveza que passou a sentir na identificação com os surdos, ou seja, com ele mesmo, traz à memória o peso da prótese auditiva. A manipulação para que ele falasse, oralizasse, no entanto não impediu que ele continuasse oralizando.

Então quando eu comecei a me identificar com os surdos eu fiquei com mais leveza. Quando eu estava usando prótese, conversando, era um pouco pesado, eu tinha o sentimento que tinha algo de manipulação pra eu falar. Mas com a língua de sinais foi mais natural, foi como se eu tivesse voltando a história da minha infância. Minha história de vida foi, no começo LIBRAS, a maior parte oralização com muita influência, e agora eu sigo com a língua de sinais e oralização. (Tadeu, 35 anos, solteiro, graduado em Matemática e Contabilidade, Mestre em Educação e cursando Especialização em Letras-LIBRAS)

O peso passado não é pensado em termos de uma possível leveza presente com ganhos, mesmo que de experiências impositivas. Até para nos afastarmos das normas instituídas, não precisamos criar outras, resultantes de poderes em confronto, se somos todos fatores de poder, como afirma Foucault (1988)? Por acaso saímos de uma jaula social e encontramos uma liberdade plena, sem modelos, sem outras normatizações, sejam elas mais leves ou não? Este interlocutor tem um nível de reflexão significativo. Ele tem uma formação acadêmica em Matemática e Contabilidade, posteriormente, foi fazer pós-graduação na área de Educação, mas acabou focando seu interesse em LIBRAS, numa outra especialização. Sempre que podia, em outros encontros posteriores à realização da entrevista, procurava retomar seu interesse por LIBRAS, explicando esse interesse que o levava a atuar profissionalmente como professor de LIBRAS e não de Matemática, mesmo que repassasse seus conhecimentos matemáticos, informalmente. Parecia que eu precisava ser convencido de que essa era sua aptidão verdadeira. Não sei se era, porque minha relação com ele foi de entrevistador-entrevistado, não uma relação terapêutica. Mas era curioso essa sua insistência. Eu precisaria ser convencido de alguma coisa ou seria ele mesmo? Bem, ele estava mais leve e seguia, no presente, falando em LIBRAS e

oralizando, sendo que falou da sua infância comparando-a com a naturalidade da identificação, após o domínio da língua de sinais. Independente de significados psicológicos seu discurso é entrecortado por experiências diferenciadas. A influência aparece relacionada ao uso da prótese e da oralização, como se fosse algo mais forçado. A adoção pela comunicação em LIBRAS é algo mais leve, então. Uma escolha pessoal, certamente. Mas a influência das comunidades surdas estão fora de questão? Não. Principalmente porque ele fez mestrado e especialização em outras áreas, nas quais sua interlocução teórica teve adições importantes. Por que algo do passado, que lhe rendera aprendizados, teria que continuar sendo reapresentado como algo pesado? Quais discursos acadêmicos o teriam influenciado? Mesmo que lidemos com modelos com os quais não concordamos, na academia não é diferente, existe um leque de modelos teóricos respaldados por uns, contestados por outros. E nossa escolha não se dá aleatoriamente, assim como a correlação de forças, as críticas e as posturas que vamos assumir a partir da adoção e junção de uns em detrimento de outros não é, essencialmente, algo leve. Algum peso está implicado, mesmo para nos desfazermos dele e nos conduzirmos mais prazerosamente, menos pesados.

Quando resolvi tomar os surdos, e não os cegos, para fazer um estudo sobre identidade e diferença, fui detectando uma crescente multiplicação dos estudos sobre surdez e surdos produzidos por estudiosos da Área de Educação. Até aí nada de estranho ou surpresa, afinal a questão da inclusão escolar de pessoas portadoras de deficiência era um dos alvos da preocupação dos educadores. O que passou a me impressionar foram os discursos acadêmicos nessa área sobre uma identidade e cultura surdas. Um dos primeiros autores que li, explorando os denominados “Estudos Surdos”, foi Carlos Skliar, com o qual mantive uma relação autor-leitor bastante conflitante. Algumas vezes me identificava com os seus questionamentos bastante pertinentes, outras vezes me incomodava com as implicações desses mesmos questionamentos, ou seja, as interpretações que passavam a se propagar e difundir entre seus pares. A sensação que foi se acentuando era a de que ele tinha um séquito, já que era sempre citado para as defesas dos estudos que traziam a temática com a qual eu começava a me aproximar, para discutir a minha própria. E isso foi se confirmando mais fortemente quando iniciei minha pesquisa de campo, como no caso do interlocutor Tadeu, ao qual fiz alusão há pouco. Quem quiser ser seguidor confesso de tal ou qual perspectiva teórica e dos seus representantes, sem nenhuma suspeição,

questionamento, que o faça. Eu, particularmente, não conseguiria, sentir-me-ia aprisionado.

Eis uma das primeiras leituras que me impactaram, provocando inquietude, fascinação e interrogações de natureza diversa, para exemplificar o que descrevi no parágrafo anterior e diluir na minha discussão, tomando a minha própria experiência e como base para confrontar com o que tenho posto em questão:

Os Estudos Surdos em Educação podem ser pensados como um território de investigação educacional e de proposições políticas que, através de um conjunto de concepções linguísticas, culturais, comunitárias e de identidade, definem uma particular aproximação – e não uma apropriação – com o conhecimento e com os discursos sobre a surdez e sobre o mundo dos surdos. Neste sentido, os Estudos Surdos problematizam justamente aquilo que em geral não é problematizado, nem na educação especial, nem em outras abordagens desta temática. O nosso problema, em consequência, não é a surdez, não são os surdos, não são as identidades surdas, não é a língua de sinais, mas, sim, as representações hegemônicas e “ouvintistas” sobre as identidades surdas, a língua de sinais, a surdez e os surdos. Desse modo, a nossa produção é uma tentativa de inverter a compreensão daquilo que pode ser chamado de “normal ou cotidiano”. (SKLIAR, 2005, p. 29-30)

Uma pergunta é: a produção científica sobre tudo isso, invertendo ou não a questão da normalização, e sendo produzida majoritariamente por ouvintes tem conseguido dar conta de escapar dessas “representações hegemônicas e “ouvintistas”? Outras perguntas decorrentes, então. A noção de uma identidade, cultura ou povo surdo, de um mundo dos surdos, que tem sido defendida e difundida academicamente, também não é uma forma de normalização dos surdos? Uma leitura médica, que orientaria mais para os implantes cocleares, uso de aparelhos auditivos e consequentes treinamentos fonoaudiológicos com vistas à leitura labial e oralização, fazendo os surdos parecerem ouvintes é normal e anormal para quem? A inversão desta perspectiva não pode vir a ser hegemônica e se assim for vai ser hegemônica para quem? Se uma política de identidades surdas (SKLIAR, 2005 op cit) considera o hibridismo e a transição e reconhece, portanto, a pluralidade dos surdos e os vários aspectos implicados na construção das identidades, está se considerando, também, que os surdos podem desejar ou não o que é considerado normal ou anormal, independente de qual discurso seja hegemônico? As perguntas vão ao infinito. Vou voltar aos meus interlocutores e tentar localizá-los nesta ou naquela perspectiva ou se é possível fazê-lo, diante do que eles falam.

André, Laura e Matheus, referem-se aos contatos com os outros surdos e à comunicação em língua de sinais de forma semelhante. Tudo lhes parece mais fácil e

tranquilo quando estão entre “iguais”. Não seria melhor dizer iguais quando se trata da questão da comunicação? É provável que os quatro tenham mais afinidades, de fato, com outros indivíduos surdos neste aspecto. Mas, há que se prestar atenção ao detalhe da vontade presente de “aprender oralizado”, de “aprender a falar” que Laura coloca. E ela já fala em LIBRAS, já frequenta e se sente bem nas comunidades surdas. Mas, e os seus compartilhamentos sociais se encerram aí? E a família e possíveis outros relacionamentos com os ouvintes? Bem, como a LIBRAS já é oficializada no país a tendência é acreditar na difusão e na prática crescente da mesma entre surdos e ouvintes. Será que os ouvintes “ouvintistas” se sentem tão superiores que não têm curiosidade de aprender a língua dos familiares e amigos surdos, assim como Laura tem o desejo de aprender oralizado? Ou ela deve esquecer esse desejo, porque isso é um desejo que vem de um modelo de sociedade baseada no ouvintismo? E sobre oralizar o que ela deve saber é que:

Para o oralismo, a linguagem é um código de formas e regras estáveis que tem na fala precedência histórica e na escrita sua via de manifestação mais importante. Gestos ou sinais, não importa de que natureza fossem, eram e ainda são considerados acessórios, dependentes da fala e/ou inferiores a ela do ponto de vista simbólico. O oralismo defende essencialmente a supremacia da voz, transformando-a em nuclear do que consideram ser o “tratamento educativo interdisciplinar” da pessoa surda. (SOUZA, 1998, p. 04)

O aprendizado de duas línguas, no entanto, é uma das interfaces indiscutíveis do panorama dos estudos sobre surdez e surdos. E a isto se dá o nome de bilinguismo. Concordâncias, divergências, são pontuadas, porém nunca desprezadas ou deixadas de lado, mesmo porque dificilmente se encontrará uma comunidade surda isolada, como se fosse uma tribo à parte de uma cultura que lhe seria outra. Mesmo quem defende e difunde uma identidade e cultura surda o faz a partir da sua experiência entre ouvintes. A própria LIBRAS, é a Língua Brasileira de Sinais.

As línguas de sinais têm suas estruturas gramaticais próprias, não constituindo uma mímica ou pantomima, bem como não é exclusivamente icônica, nem um código secreto sem uma história, sem diversidades regionais e sem sistema ágrafo (GESSER, 2009). Ao mesmo tempo a sua interpretação, no lugar de tradução, se dá de acordo com os sistemas simbólicos da cultura em que é praticada. No caso do Brasil, o reconhecimento dos símbolos de nacionalidade, como o Hino Nacional Brasileiro, por exemplo, é reconhecido e repassado e executado entre os surdos. Seria uma cultura surda brasileira ou surdos e ouvintes e cegos e todos os indivíduos com peculiaridades desses e de outros aspectos,

imbricados numa cultura diversificada, inclusive, por esses aspectos e que vai sendo enriquecida por cada um deles nos emaranhados, nas ramificações e novidades que cada grupo vai trazendo, como num “rizoma”, tal como no questionamento seguinte, aqui reinventado, talvez?

Como é possível que os movimentos de desterritorialização e os processos de reterritorialização não fossem relativos, não estivessem em perpétua ramificação? A orquídea se desterritorializa, formando uma imagem, um decalque de vespa; mas a vespa se reterritorializa sobre esta imagem. A vespa se desterritorializa, no entanto, devindo ela mesma uma peça no aparelho de reprodução da orquídea; mas ela reterritorializa a orquídea, transportando o pólen. A vespa e a orquídea fazem rizoma em sua heterogeneidade. Pode-se-ia dizer que a orquídea imita a vespa cuja imagem reproduz de maneira significativa (mimese, mimetismo, fingimento, etc.). Mas isto é somente verdade no nível dos estratos – paralelismo entre dois estratos determinados cuja organização vegetal sobre um deles imita uma organização animal sobre o outro. Ao mesmo tempo trata-se de algo completamente diferente: não mais imitação, mas captura de código, mais-valia de código, aumentando a valência, verdadeiro devir-vespa da orquídea, devir-orquídea da vespa, cada um destes devires assegurando a desterritorialização de um dos termos e a reterritorialização do outro, os dois devires se encadeando e se revezando segundo uma circulação de intensidades que empurra a desterritorialização cada vez mais longe. Não há imitação nem semelhança, mas a explosão de duas séries heterogêneas na linha de fuga composta de um rizoma comum que não pode mais ser atribuído, nem submetido ao que quer que seja de significativo. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 26)

Minha interlocução com os pensadores acima e de suas colocações acerca da natureza rizomática das relações que vamos constituindo nos nossos deslocamentos sociais, com variáveis que se ramificam, sem, no entanto, deixar de ter cada uma envolvida nesse tipo de trama e teia, o seu movimento mesmo e, mais significativo, com a possibilidade de algo novo, inclina-me a pensar que é assim que temos nos conduzido todos naquilo que apresentamos, nas nossas atuações sociais.

Romero, mesmo dizendo que sente a identidade dos surdos ali, nas comunidades surdas, fala dos surdos na terceira pessoa.

Eu me sinto mais a vontade entre os surdos, é ali que eu vejo a identidade deles. Entre os surdos eu tenho uma comunicação aberta com eles, falo sobre tudo. Antes era difícil porque eu não tinha conhecimento sobre a língua de sinais. Eu vivia de forma isolada, hoje pra mim é mais fácil. Entre os surdos eu consigo falar de forma aberta, falo sobre qualquer coisa. Mas a comunidade surda está de forma mista com os ouvintes. Onde quer que a gente esteja vai ter ouvintes, mesmo que não tenha contato com os surdos, encontra com os surdos. E acontece que muitas vezes o surdo depende do ouvinte. (Romero, 42 anos, solteiro, graduado no curso de Letras LIBRAS)

Ele nasceu ouvinte, perdeu a audição, mas tem memória auditiva, tanto que ele oraliza tranquilamente (sua entrevista foi realizada em português). E assim como ele fala que as duas comunidades estão em contato constante, estão “mistas” com as comunidades ouvintes, ele também vive esse trânsito, essa fronteira, essa mistura. Ele é um ator das mesmas e das situações que experimenta cotidianamente. Ele até pode, referir-se, mesmo às duas comunidades, na terceira pessoa, talvez porque nunca tenha parado para refletir, como naquele momento em que lhe provoquei, ou seja, seu discurso é contextualizado, ele fala de si diante de uma situação específica. Todavia devo anotar que no seu local de trabalho (ele é professor de LIBRAS, e foi no seu local de trabalho onde aconteceu a entrevista) ele se comunica tanto em português quanto em LIBRAS. Lá mesmo, um local por ele frequentado diariamente, a situação mista a qual ele se refere, faz parte da sua realidade. Sua identidade não é, portanto, mista, já que até mesmo no aspecto profissional as duas línguas são acionadas? Ou, como ele disse que antes de dominar a língua de sinais vivia mais isolado e depois tinha com quem falar sobre tudo, será que o espaço do trabalho, misto, também não serviria para ele pensar que a sua solidão teria outros aspectos implicados e não apenas resumidos à falta de domínio de uma das línguas? Ele fala, também, na terceira pessoa que “muitas vezes os surdos dependem dos ouvintes”. E os ouvintes que não dominam LIBRAS, mas que têm surdos na família não são, por sua vez, de modo diferente, também dependentes? Ou seja, não há, senão, uma interdependência, em que surdos e ouvintes precisarão dialogar e resolver esta dificuldade, para melhor conviver, sem que a própria comunicação das afetividades possa ser abalada? E, diante de todo esse entrelaçamento, não há algo de novo, ou pertencimentos novos, mas que se cruzam, se interconectam ininterruptamente?

A experiência entre ouvintes é, no entanto, tomada como algo que tem danificado os indivíduos surdos, vítimas de preconceitos e estigmas que só irão se encontrar, de fato, quando estiverem nas comunidades surdas. E, como paralelo ao bilinguismo, é discutido o multiculturalismo para a educação dos surdos, com vertentes que não são unânimes. A ponderação de que os surdos constituem um grupo diversificado felizmente faz parte dessas ponderações. Vejamos, pois, partes de um mesmo texto que, ao meu ver, parece exprimir um certo descompasso quando se quer falar do respeito às diferenças. Primeiro é dito sobre o aprendizado de duas línguas que:

Os caminhos que levam um indivíduo a buscar o aprendizado das duas línguas, depende, em grande parte, do modo como ele se identifica com uma ou ambas as

culturas. Quando começamos a pensar sobre a cultura surda também ficamos conscientes de que existe uma “cultura ouvinte” com a qual ainda não estávamos sensibilizados, mas que a comunidade surda nos chamou atenção. É nossa crença que o aprendizado de uma língua reflete, de forma contundente, as formas com que a pessoa se identifica linguisticamente e culturalmente. Convém ressaltar a importância do reconhecimento de um esforço para que uma pessoa possa interagir bem entre as duas culturas, de forma que essas duas culturas possam alcançar uma posição de co-existência positiva, baseada em mútuo respeito e compreensão. (KELMAN, 2008, p. 101)

A questão da existência de uma cultura surda acima, está posta e parece indiscutível e, ao mesmo tempo, a existência de uma cultura ouvinte seria percebida, diante da chamada de atenção pela comunidade surda. Quem são, então, estes surdos ou que práticas surdas são politicamente conscientes de uma diferença entre surdos e ouvintes, ao ponto de alertar sobre as duas culturas? Ao mesmo tempo os termos cultura e comunidade não me parecem muito bem resolvidos para se falar de um mundo próprio dos surdos, com um povo surdo. Pensar que uma cultura é composta de diferentes grupos, de uma diversidade de manifestações dos mesmos, de acordo com o lugar social que ocupam, ao que parece, estaria fora de questão. E isto, mesmo com as ponderações que são feitas pelas mesmas pessoas que produzem na área da Educação. Diversidade passaria a ter um outro significado, e subculturas, compondo o todo da cultura, deixaria de fazer sentido, pelo menos para falar dos vários outros de uma cultura. O surdo não seria um desses outros, ele necessariamente tem outra cultura e suas experiências identitárias como um diferente – como somos todos – tem de ser algo separado, porque sua experiência linguística é, ou seria, preponderantemente, o fator determinante e decisivo de uma diferença ainda mais diferente. E aí estariam as identidades e culturas surdas. Mas há pouco me referi a um descompasso de um mesmo texto. Pois bem, no parágrafo seguinte Kelman (op cit) continua, dizendo que:

Ao se conceber a comunidade de surdos um contexto multicultural, devemos analisar as diferenças existentes entre microgrupos de surdos. Dito de outra forma, também há uma diversidade cultural dentro desta comunidade específica. Entre os fatores que contribuem para a escolha e o uso de uma língua por um surdo bilíngue deve ser considerado o local onde se encontra, se é no trabalho, na família ou com amigos surdos. Existem surdos com consciência política de sua identidade, surdos que não têm identificação com surdos nem com ouvintes, surdos de classes populares, oralizados, meninos de rua, sem aquisição de nenhuma língua etc. A surdez é apenas uma faceta deste sujeito que, além dela, constitui-se como elemento de outros grupos em função de demais determinantes constituintes da sua subjetividade, tais como opções religiosas, sexuais, educacionais, etc. Para exemplificar, na orla marítima do Rio de Janeiro, existem diferentes *points* de surdos. Em função da região geográfica na praia, verificam-

se grupamentos de surdos que se aglutinam segundo algumas características descritas acima. (p. 101)

Ora, se existe uma identidade e cultura surdas, diante de uma cultura ouvinte, de quantas identidades e culturas surdas e ouvintes vamos falar, considerando todos os microgrupos das mesmas? Não somos diferentes porque temos facetas múltiplas das nossas identidades? A cultura não é múltipla, também, pela influência e não determinação deste ou daquele fator em destaque, já que não podemos nos dar ao luxo de momentos de experiências e práticas exclusivas em lugares exclusivos por todo tempo, até porque os espaços aparentemente fechados, como os guetos, estão cada vez mais abertos, invadidos, misturados. Podemos lembrar a própria discussão sobre fronteira. Encruzilhadas existem tanto concretamente, quanto simbolicamente, quanto teoricamente. E, no caso, as próprias inspirações e bases teóricas dos estudos sobre surdos, pela área de Educação, não são diferentes das minhas. O que se diferencia são alguns pontos de interpretação e o próprio uso de argumentos teóricos similares. Ora, não somos diferentes porque somos simultâneos, sem que façamos parte de uma cultura por vezes isso, por vezes aquilo, sem identidades etiquetadas, marcadas por um esquadro e devidamente classificadas, rotuladas, encaixadas? A multiplicidade, a transitoriedade, tem um espaço demarcado por nomenclaturas estanques? Se assim for como explicar os desvios, onde encaixá-los? Devemos normatizá-los para que não perturbem uma ordenação muito mais facilmente manipulável? É assim que devemos proceder com as “metamorfoses ambulantes”?

Os vários surdos com os quais estive lidando se demonstram, nos seus discursos, dos lugares e experiências em que tais discursos são produzidos. Não são uniformes nem numa mesma pessoa, como poderia sê-lo entre os diferentes indivíduos que não são as mesmas pessoas todo o tempo, porque, por exemplo, como nós todos, os grupos de amigos, ou mesmo a pluralidade na encruzilhada, vai desconstruir, dismantelar, para criar um novo perfil grupal e dependendo da situação em questão? Pode ser uma festa, uma passeata, uma romaria etc.

As “outras posições” de que Isaac fala, as idas e vindas, o estar com surdos e ouvintes, namorar sem pensar que tem de ser com surdos ou ouvintes, ilustra bem essa diferença. E ele diz que tem surdos que pensam diferente dele.

É muito complicado ficar só no mundo dos surdos, é importante a gente aprender o mundo dos sons, paquerar, conversar com as meninas e, os surdos a gente depois volta, depois volta aqui pra nossa comunidade. Vamos tá fazendo

outras amizades, outras conversas, as pessoas ficam com a gente, as meninas, é muito legal essa relação, mas alguns surdos tem opinião diferente. A gente não tem que ficar só na comunidade surda, fechada. A gente precisa tá crescendo, crescendo, crescendo e tendo outras posições. (Isaac, 22 anos, solteiro, graduando no curso Sistema de Informática)

Isaac, mesmo bastante jovem, é universitário, faz parte de uma classe social mais favorecida economicamente. Lembro que ele tinha carro, sua forma de vestir-se com roupas e acessórios e adornos (correntes, brincos, anéis) eram de formas e marcas de um universo social em que a leitura estética estaria relacionada a um gosto de classe ou de uma cultura de classe (CALDAS, 1988). Lembro, também, que a primeira impressão que tive dele foi de que ele era antipático, presunçoso, arrogante e inacessível e de que uma entrevista com ele seria impossível. Talvez ele, por sua vez, tivesse essa impressão de mim. E no momento da entrevista confesso que iniciei um tanto receoso e cheio de cuidados, ao que ele me desconcertaria ao demonstrar-se simpático, surpreendentemente, e disposto a falar sobre ele e sua relação com os surdos e o prazer de frequentar com assiduidade a ASJP, mesmo que não ficasse preso a este ou aquele espaço porque era surdo. Fui descobrindo que ele transitava com popularidade entre os vários diferentes não só da comunidade surda em questão, mas dos outros diferentes, ou ouvintes. Encontraria com ele, posteriormente, em vários eventos como shows, festivais de arte, na UFPB... A sua “realidade da vida diária”, a experimentação da “vida cotidiana em diferentes graus” (BERGER & LUCKMANN, 1994) parecia bem mais fluida, sem amarras. Ele gostava e sempre estava presente na ASJP, nos seus eventos, em eventos esportivos (ele foi para o Campeonato Nordeste de Futsal, em Maceió, mesmo não fazendo parte da equipe de jogadores), mas não ficava preso a uma zona de conforto, a um “mundo dos surdos”. Era preciso estar “crescendo, crescendo...” A sua comunidade de semelhantes era agradável, talvez até um refúgio, mas ele não parecia se contentar com ela apenas e, claro, suas experiências múltiplas é a sua realidade. Talvez ele gostasse de correr riscos...

O impulso para uma “comunidade de semelhantes” é um sinal de retirada, não somente da alteridade que existe lá fora, mas também do empenho na interação interna, que é viva, embora turbulenta, fortalecedora, embora incômoda. A atração que uma “comunidade de iguais” exerce é semelhante à de uma apólice de seguro contra riscos que caracterizam a vida cotidiana em um mundo “multivocal”. Não é capaz de diminuir os riscos e menos ainda evitá-los. Como qualquer paliativo, nada promete além de uma proteção contra alguns de seus efeitos mais imediatos e temidos. (BAUMAN, 2009, p. 45)

A multiplicidade, presente do discurso de Isaac, aparece ainda mais provocativa no discurso de Sophia, que se refere a uma “identidade surda”, diante da forma como fala que identidade tem quando está com e sem o aparelho auditivo.

Quando tiro o aparelho eu tenho outra personalidade. Uma identidade surda. Com o aparelho eu me identifico deficiente auditivo. São duas coisas, eu assumir, eu sou essa pessoa, diferente de você. Você é pessoa ouvinte 100%. Eu não tenho 100%. Eu não me sinto assim. Eu gostaria de ser ouvinte. Mas eu respeito minha limitação, minha identidade. Eu sou surda porque, na verdade, eu tenho problema de audição, é eu sou surda. (Sophia 35 anos, solteira, graduada no curso de Pedagogia, Especialização em Letras LIBRAS)

Esta interlocutora é oralizada, professora de LIBRAS, de uma classe social privilegiada financeiramente. Assim como Isaac, este aspecto se expressa na forma de se vestir, sendo que aqui se amplia mais ainda. No trabalho ela se vestia com uma camiseta com o nome do curso e da instituição em que trabalha, porém imprimindo a sua marca pessoal, customizando-a. Suas experiências, portanto, poderiam até mesmo ser lidas, em parte, ali, naquela forma de se mostrar explicitando, por um lado, ocultando, por outro, na sua própria roupa. Além disso, estava sempre maquiada de forma discreta e condizente com o espaço de uma sala de aula, além de usar joias ou bijuterias tidas como de “bom gosto” ou do gosto típico da classe social e poder aquisitivo nas quais estava mais implicada. Além de extremamente simpática, tem uma consciência crítica bastante aguçada. Com intelectuais na família, com toda certeza esse é outro aspecto que influencia o seu discurso. Ela fala tão bem em português ao ponto de, fora do espaço da pesquisa, eu chegar a esquecer que ela era surda ou deficiente auditiva, expressões que ela usa para se identificar (certa vez no encontramos no centro da cidade de João Pessoa, conversamos por alguns minutos, e quando já havíamos nos despedido, lembrei de perguntar-lhe alguma coisa e a chamei pelo nome, quando ela já estava de costas pra mim. Neste momento ri de mim mesmo. Claro, ela não me escutou. Mesmo com o aparelho auditivo, ela se comunicava em português, mas isto ao fazer a leitura labial. Não sei que limiar de audição ela tinha com o aparelho auditivo). A entrevista com ela, assim como com outros surdos, foi feita numa das suas casas, no caso a casa de praia dos seus pais. Uma casa confortável, decorada com obras de artes plásticas, inclusive de pessoas da família. Ela sabia que a entrevista seria filmada e se vestiu de forma elegante, porém, despojada, combinando com o clima e a região de praia. Todo esse detalhamento porque ela diz que tem uma outra personalidade quando tira o aparelho auditivo. Somente aí ela teria uma identidade surda.

Que identidade teria com o aparelho auditivo, a identidade de uma deficiente auditiva? Ou, ainda, já que se fala em identidade e cultura surdas, assim como se fala em cultura de classe, teria ela uma identidade surda de classe média-alta, intelectual, católica, mulher solteira, professora, e professora de LIBRAS...? E de quais culturas ela faria parte e quando? Se somente sem o aparelho auditivo ela tinha a identidade surda, então... Ah, ela também falou da sua vontade de ser ouvinte. Alguns, da mesma forma que ela, também falaram sobre esse desejo. Da mesma forma, não. Sophia era Sophia surda, deficiente auditiva, oralizada, aparentemente bem integrada ao “mundo dos ouvintes” tanto quanto seria no “mundo dos surdos”. Estaria Sophia “normalizada”? Mas ela não deveria continuar anormalizada, já que se afirma como surda, num terceiro momento da fala, se dizendo “eu sou surda”? Esses dizeres pareciam etiquetá-la. Desta forma, assim tão classificada ficava mais fácil não correr riscos, nem para ela, nem para mim, no meu procedimento acadêmico de compreender a diferença, de tentar discursá-la sem o perigo da contradição e do equívoco. Mas aí eu estaria cometendo outro equívoco: o de achar que, segundo (e como usamos estas expressões: segundo fulano ou de acordo com beltrano e como ressalva cicrano...!) esta ou aquela perspectiva teórica eu estaria melhor assegurado, mais protegido. Mas como as aventuras são pouco recomendáveis, neste caso tenho de cumprir uma ritualística que aponte alguma coisa. Logo, os meus discursos sobre outros discursos não são produzidos no vazio, no vácuo de mim mesmo. Reconhecidamente são recursos que a mim preexistem, mesmo que queira desconstruir o que me incomoda. E nessas últimas frases já estou vinculado a pensadores como Michel Foucault e Jacques Derrida, no mínimo, por usar expressões que a eles estão associadas, nas suas proposições interpretativas do pensar o conhecimento.

Quando me vi inquieto, perante os discursos teóricos e observando, em grande medida, um respaldo desses discursos por parte de alguns dos meus entrevistados, que tivessem consciência ou não dos mesmos, também tive um primeiro encontro com a leitura de Santana e Bergamo (2005), na qual são colocadas preocupações semelhantes às minhas e ainda chamando atenção em relação aos estudos sobre surdos, principalmente, no que tange ao caso da identidade e cultura surda sobre uma “negligência” das pesquisas acadêmicas, no que se refere à relação entre cultura, linguagem e identidade. No caso, o que está em discussão é a língua, e em particular a língua de sinais, definindo uma identidade surda e uma cultura surda, como se ambas não implicassem muitos mais aspectos simbólicos e concretos para se analisar quaisquer que fossem os universos

diversos e múltiplos de uma mesma cultura, como se ela fosse absorvida de modo uniforme e processada, posteriormente, segundo padrões únicos e indiscutíveis. A diversidade, a variação no espaço e, ao mesmo tempo, seus cruzamentos, assim como a dinamicidade, ou seja, a transformação com o tempo e diante das múltiplas subjetividades, interpretando, criando caminhos diferentes dos mais aceitos, num primeiro momento, não fosse um fato do qual não se pode fugir. Os enquadramentos, seja lá de que ordem for, constituem terreno de discussões, porque não estão fora de uma lógica de poder.

O que está por trás é a pretensão político-científico de tornar a língua, seja qual for, o instrumento por excelência de constituição da análise de todas as formas sociais de comportamento, de pensamento e de relações sociais. Por isso os conceitos passaram a legitimar uma divisão entre identidades linguísticas, e não outra qualquer, embora todas as evidências apontem para o fato de que a identidade social esteja ligada a um entrelaçamento de significados e disposições sociais muito mais complexo. Por isso também a língua passa, nesse malabarismo feito pelas discussões teóricas, de elemento de elemento determinado pelas práticas e interações sociais a definidora dessas mesmas práticas. Essa não é uma pretensão político-científico recente, ela remonta ao surgimento e à consolidação da linguística perante as demais disciplinas científicas. Neste sentido, os surdos tornam-se aliados de uma luta da qual eles estão excluídos: de legitimidade entre disciplinas científicas, entre formas autorizadas de fazer ver as divisões do mundo social. Nesse jogo, cabe tanto aos pesquisadores quanto aos surdos submeterem suas análises e discussões a essa forma legítima de divisão – entre línguas – do mundo social, o que evidencia um mecanismo social de autorização e legitimação de um determinado sentido. Como se o surdo tivesse apenas uma escolha: “ou você está do nosso lado ou está contra”. E com relação ao pesquisador, é como se estivesse fadado a ser cúmplice ou crítico. Isso porque, na prática, afastar-se de estratégias expressivas legitimadas e de formas de pesquisa predefinidas e autorizadas pode parecer o risco de uma perda de “identidade”. (SANTANA; BERGAMO, 2005, p. 578-579)

O que achei ainda mais instigante foi detectar que Ana Paula Santana, atuando na área da Neurolinguística, e Alexandre Bergamo, na área da Antropologia, não se limitaram a apontar esta ou aquela área, sem deixar de criticar as suas próprias áreas, como detentoras de um saber autorizado e único, como se não houvesse pontos convergentes e divergentes a se discutir e que nas “encruzilhadas” não se pudesse refletir sobre posturas deliberadamente arbitrárias, no sentido de transformar numa verdade aquilo que é uma proposição.

Já, ao contrário disso, quando li as dissertação de mestrado e tese de doutorado de Perlin (1998, 2003), autora surda, produzindo teoricamente sobre surdos na área de Educação, em que, logo na dedicatória de cada uma dessas produções, ela coloca: “*Aos surdos e surdas, parceiros e parceiras nos impasses, sonhos e realizações*”. E “*Às vítimas*

do ouvintismo” (grifos meus), declaro que, mesmo trabalhando com muitos dos mesmos autores de perspectivas teóricas iguais, após a leitura do seu trabalho, produzido com surdos, mas entre um povo ouvinte, já que ela fala num “povo surdo”, não senti identificação e proximidade alguma diante do seu tom quase que ressentido. Pelo contrário, me senti o “ouvintista” discriminador, preconceituoso, estigmatizador, vitimizador... Trechos das últimas palavras da página final de cada um dos seus trabalhos, mesmo com alguma ponderação, feita no transcorrer dos mesmos:

Quem sabe os ouvintistas se comprometam junto com os surdos por um multiculturalismo atento à especificidade da diferença? Surdos e ouvintes solidários estarão construindo políticas de resistência que permitam a abertura de brechas na dominação cultural ouvinte? Que estratégias poderiam ser pensadas, focalizando o respeito aos direitos universais para as condições de desenvolvimento do sujeito cultural e da justiça.

Importa salientar a diferença das pessoas. Respeitá-las como surdas, índias, nômades, negras, brancas... Importa deixar os surdos construir sua identidade e assinalarem fronteiras.

A diferença entre surdos e ouvintes advém, entre outros elementos, de comunicação visual construída pelo surdo. Isto faz parte da diferença cultural. (PERLIN, 1998, p. 104)

A chave para promover uma interação cultural é sempre a percepção de que os surdos temos uma cultura diferente. O que significa sermos marginalizados deslocados diáspóricos? O que significa estarmos entre aqueles cuja presença é vigiada, ou vista com sentido de recusa – como já me aconteceu em muitas ocasiões – de estereótipo, de negação de alteridade eficiente? Certamente que estará aí a recusa ao outro ser na sua diferença, na sua alteridade infinita, significa inclusive chamar o outro a mesmidade, a situações egoísticas.

Os surdos têm de fazer a vida como povo surdo, com cultura, história, artes. Com jeito de povo. (PERLIN, 2003, p. 153)

Os surdos que a autora acima entrevistou moravam em Porto Alegre-RS e, a não ser que fossem, de fato, todos militantes da causa surda e segundo uma perspectiva de confrontação de uma cultura surda diante de uma cultura ouvinte, ou seja, de uma lógica binária, tanto que os termos ouvintismo ou ouvintista aparecem com frequência nos dois trabalhos, estes eram surdos vivenciando uma realidade bem diferente e que, dificilmente, encontramos em termos de unidade e mobilização política em qualquer grupo que se estude. Devo dizer que essa não foi a realidade que eu experienciei, mesmo que as semelhanças entre comunidades surdas, pela questão da comunicação, majoritariamente em língua de sinais, seja algo, digamos assim, unificador. Mas o discurso político e a noção de cidadania, o conhecimento de entidades representativas dos surdos, mesmo com o tempo de existência da ASJP e associada à FENEIS, não é o mesmo. Os surdos não são

todos detentores de uma identidade surda e fazendo parte de uma cultura surda, porque, como ela mesma falou, o “entre outros elementos”. E é justamente aí que se pode visualizar uma grande diferença, a diferença de que são surdos, mas não apenas isso, não apenas porque falem ou estejam tendendo ou direcionados a falar uma mesma e única língua, a ter uma comunicação exclusivamente visual com o mundo. Fosse assim não faria sentido ligar aparelhos de som para dançar. A vibração do som não lhes importaria, eles dançariam sem lançar mão de nada que sugerisse materialidade de uma cultura ouvinte, fortemente ouvintista e, talvez, até separatista. Nesse ponto me pergunto quem, objetiva e concretamente, tenderia a um separatismo? Se fossem os surdos, quais surdos? Bom, lembro que tive um dos meus interlocutores que torcia para que sua neta nascesse surda e teci comentários que não vou repetir, serve apenas de um exemplo para mais interrogações, por parte do leitor.

Os surdos da minha pesquisa, com certeza, na sua maioria, se sentem mais à vontade quando se comunicam em LIBRAS, mas como vimos nos trechos dos discursos acima, alguns deles sentem vontade de oralizar (os que ainda não oralizam, alguns dos meus entrevistados, foram entrevistados em português, respondendo em português). Qual seria o mal em oralizar? Reviver as marcas, reapresentar um passado doloroso de imposição? Mas, e se os acontecimentos primeiros da vida não tiverem deixado marcas, traumas, que os acontecimentos posteriores não tenham trazido significados mais importantes? Temos todos que presentificar traumas e culpas indefinidamente? Os acontecimentos não podem ser vivenciados, como já coloquei anteriormente, como parte da memória acionada, sem que aquilo tenha deixado marcas indelévels nos seus processos de subjetivação, nas suas trajetórias pela vida afora?

O processo da educação formal dos surdos, indiscutivelmente, é algo da maior relevância e é providencial a produção acerca do mesmo. Há de se observar, no entanto, que ele não é refletido apenas pela área da Educação e pelos princípios metodológicos da mesma. E ainda nessa área as concepções não são unânimes, até porque o cruzamento com outras áreas, como a Psicologia, a Fonoaudiologia e a Medicina, também é indiscutível. Não há como querer esquecer, por exemplo, os diagnósticos sobre o grau de surdez e os resquícios de audição, para se detectar o limiar da mesma. Na própria escola é que se pode perceber que um indivíduo aparentemente ouvinte está com dificuldade de acompanhar o processo de ensino-aprendizagem. E, para se tirar a dúvida, sobre o que está em questão, entram em cena profissionais como médicos e psicólogos. Este, a meu ver, é e tem sido o

procedimento mais comum. Os encaminhamentos e decisões posteriores também vão depender das escolhas feitas pelas famílias, juntamente com todos esses profissionais. Penso que não preciso me referir a nenhuma teoria específica para afirmar isso, posto que chega a ser um senso comum. Aquilo que tem sido pensado sobre a educação formal dos surdos, segundo as diferentes perspectivas teóricas, é que merecem e precisam ser mais refletidas. Isto, sim, realça e imputa a abertura e instauração de debates e discussões profícuas. Quando elas são profícuas? Bom, esta já é outra questão, porque os pontos levantados, as defesas dos mesmos, estão longe de serem consensuais. Muitas vezes, parece que a defesa desta ou daquela teoria e suas argumentações são mais importantes do que mesmo os implicados diretamente no que gera diferentes respostas. Não que as intenções não sejam boas e contribuintes para o que se almeja construir benéficamente. O problema é que muitas vezes os atores principais estão de fora da cena, esperando um texto do qual eles nem tem muita certeza se é o texto que vão desempenhar melhor. As autoridades é quem vão dizer. E as influências desses textos podem ser muito boas, aparentemente, mas podem constituir resultados de disputas, das quais eles nem fazem ideia.

Ler os debates sobre a melhor forma de tratar da educação dos surdos chega a ser cansativo e cômico, se não fosse trágico. Todo um aparato teórico é arregimentado, muito bem estruturado, para, no final das contas, permanecer o embate e contrapontos sobre o que seria melhor e mais acertado. Vejamos o trecho de um desses debates entre Souza e Silvestre:

Prezada Regina Maria de Souza, li com muito interesse o seu texto, compartilho completamente sua implicação na defesa dos direitos dos coletivos de pessoas surdas e, embora esteja de acordo com grande parte dos conceitos que você expõe com relação a linguagem e identidade, discordo, por outro lado, de que seja feita sua aplicação extensiva à totalidade da coletividade de surdos no caso concreto da linguagem de sinais.

De minha parte, destaco o fato de que tal coletivo é muito diversificado, é formado por pessoas com características comunicativas muito diferenciadas (surdos que usam sinais, surdos bilíngues com predominância da linguagem de sinais, surdos oralizados com um bom nível de linguagem oral e escrita, surdos mal oralizados etc.) (SILVESTRE, 2007, p. 107)

Em primeiro lugar, em nenhum momento afirmei que a coletividade surda seja homogênea. Em nota de rodapé (nº 6), deixei bem claro o meu objetivo: realizar pontuações a partir do que me colocavam os surdos que se contam como pertencentes a um grupo cujas histórias, narrativas e laços sociais são constituídos pela língua de sinais. Foi motivada pela escuta dessa demanda que realizei minhas discussões. Portanto, não pretendi, de forma nenhuma, estendê-los aos surdos como um todo. (SOUZA, 2007, p. 114)

Evidentemente, que este debate tem muitos nuances, muitos pontos positivos, assim como discutíveis, contraditórios de ambas as partes. Seria leviano da minha parte querer tomar partido de uma das citações, se as temáticas que vão surgindo e as bases teóricas em que procuram se assentar são por vezes, inclusive, as mesmas, mas utilizadas segundo interpretações distintas, o que demonstra que a multiplicidade da forma de interpretação e utilização das mesmas fontes, para fazer ancorar suas assertivas, são representativas do conjunto da apropriação das produções acadêmicas anteriores e já sacralizadas. O que, notadamente, é bastante comum, tanto que a primeira diz estar de acordo com grande parte dos conceitos apresentados pela segunda. E este é um exemplo dentre milhares que são produzidos constantemente no âmbito acadêmico. O que me chama a atenção, e não só neste caso, mas em muitos outros que li, é o tom de disputa, como já mencionei anteriormente, e que me faz pensar em modos de se locupletar, mesmo que as preocupações com o objeto de discussão sejam meritórias. Contudo, pensar que os egos, as vaidades pessoais, estão fora do fazer acadêmico seria ingênuo. Mas, infelizmente, os resultados desses debates, com toda a composição que possam ter, inclusive essa última a que me referi, são propagados, difundidos, e uns mais do que outros vão ter sucesso e receptividade, de acordo com a influência que seus emissores possam ter. Mas, logicamente, não estou supondo receptores passivos e incapazes de críticas. Os surdos têm se apropriado dos discursos acadêmicos produzidos sobre eles e tanto reafirmam quanto negam o que é dito, produzido, teorizado. E não se trata apenas de surdos que tenham uma formação acadêmica ou um nível de consciência crítica muito aguçada. Muitos dos meus entrevistados, e não surpreendentemente, tinham posições firmes sobre as provocações que as questões presentes nas entrevistas suscitavam. Nem todos viam com bons olhos uma segmentação que alguns amigos surdos faziam do convívio entre surdos e ouvintes, até porque nem todos compartilhavam de que deversem se filiar a uma ou outra comunidade, separando de si o contato e possível envolvimento afetivo, como casamentos entre surdos e ouvintes. Alguns deles lembravam que ser e estar surdo eram um dos fatores das suas vidas, mas não toda ela. Nem toda semelhança e familiaridade é tal, entre quaisquer indivíduos, que não haja pontos de divergências e discordâncias. Entre os indivíduos surdos esta não seria uma exceção.

As identidades construídas a partir de seus processos de subjetivação e que expressam as suas diferenças estão atreladas a fatores diversos, não estando inscritas numa experiência apenas, por mais que ela seja marcante, muito menos condicionadas aos

desejos, teorizações, conceitos e prescrições acadêmicas. As identidades e as diferenças são tomadas como objetos de estudos a partir das manifestações das mesmas e não o contrário, como parecem pleitear alguns teóricos, no afã de uma afirmação política pela luta por conquistas de direitos de alguns grupos. A integração às lutas políticas e nos moldes tradicionais dessa movimentação é opcional. Pretender imputar aos surdos uma identidade surda de cima pra baixo é agir de modo opressor, influenciá-los a adotar um discurso, sem que eles mesmos tenham, no todo, a noção e a clareza do que significa assumir tal discurso como seus.

A militância por causas diversas, inúmeras vezes, acaba enveredando por equívocos e consequentes confusões ao atuar desse modo, passando por cima do que supõem conhecer, propondo modelos a serem seguidos, elaborando projetos políticos que estão bastante distantes de atender aos interesses dos grupos compostos por uma pluralidade de indivíduos, com realidades bem distintas em vários aspectos, seja de cunho mais coletivo, social, seja de cunho mais pessoal (não de uma pessoa apenas, logicamente).

As intervenções, mesmo que muito bem intencionadas, nesse sentido, podem gerar a impressão de mobilização e politização, nos moldes que se pretende, muito mais do que acontece na realidade. Ou, quando muito, o que se passa a ter são indivíduos agindo como marionetes, produzindo dúvidas e hesitações, por tentarem reapresentar o que ouviram dizer, muito mais do que produzindo algo que eles mesmos criaram a partir das suas experiências mesmas, dos lugares sociais efetivamente significativos de onde falam. Tudo o que é produzido dessa forma parece estar assentado na mesma lógica exposta abaixo:

Tudo o que é produzido pela subjetivação capitalística – tudo o que nos chega pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam – não é apenas uma questão de ideia, não é apenas uma transmissão de significações por meio de enunciados significantes. Tampouco se reduz a modelos de identidade, ou de identificações com polos maternos e paternos, etc. Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo. As sociedades “arcaicas”, que ainda não incorporaram o processo capitalístico, as crianças ainda não integradas ao sistema, ou as pessoas que estão nos hospitais psiquiátricos e que não conseguem (ou não querem) entrar no sistema de significação dominante têm uma percepção do mundo inteiramente diferente da dos esquemas dominantes – o que não quer dizer que a natureza de sua percepção dos valores e das relações sociais seja caótica. São outros modos de representação do mundo, sem dúvida muito importantes para as pessoas que deles se servem para poder viver, mas não só para elas: sua importância poderá se estender a outros setores da vida social, numa sociedade de outro tipo. (GUATTARI; ROLNIK, 2000, p. 27)

Da lógica acima acerca “das grandes máquinas de controle social”, incluo a produção intelectual acadêmica, juntamente com os projetos políticos intervencionistas que se cruzam, porque geralmente resultam de atores que perpassam essas mesmas instâncias e acabam reproduzindo aquilo que queriam combater, ou seja, acabam não produzindo nada de novo e ainda querem impingir suas leituras aqueles que supõem precisar sair de um suposto sono, inércia ou falta de conhecimento, precisando de tutores para se manifestarem, quando suas manifestações nem mesmo foram percebidas, para que pudessem ser aproveitadas, de fato, como mais um elemento de uma sociedade que se quer que funcione de outro jeito. Os movimentos que não se enquadrarem num modelo tradicional de submissão ou de rebelião são vistos com desconfiança, portanto seria preciso organizá-los, colocar-lhes numa ordem visível, numa designação melhor manipulável. Manipulável por quem, para quem? As mesmas autoridades e peritos que fazem menção, que utilizam esta ou aquela perspectiva teórica (positivismo, fenomenologia, marxismos, pós-estruturalismo, dentre outras), nesse sentido não pensam em refletir e aplicar a si mesmo o que têm aplicado para pensar uma ordem discursiva que acaba sendo ela, também, imperativa e vigilante, em que o poder de um que conhece e sabe fazer se sobrepõe aqueles que estariam adormecidos, precisando de um balde de água gelada para acordar e atuar politicamente, construindo algo dentro dos padrões estipulados por suas lógicas de produção de saber? Citar Michel Foucault, por exemplo, não deveria traduzir uma atenção de todos nós conosco mesmos, já estamos irremediavelmente vigiados e talvez sejamos punidos por aquilo que dissermos, segundo os modelos com os quais trabalhamos e da forma como os aplicamos?

Penso que a desconstrução derridiana se faz pertinente para pensar a própria aplicação das interpretações pós-estruturalistas e, para enfatizar essa provocação, lembro do “perspectivismo em questões de interpretação”, ao qual Peters (2000), já citado no início deste trabalho, faz referência.

Por que todo esse intervalo indagador e, talvez, até certo ponto ou demasiadamente inflamado? Porque a sensação de uma suposta verdade, a cada enunciado dos trabalhos sobre os surdos, principalmente na área da Educação, incomodaram-me bastante. Contraditoriamente, porém, elas, em muito, me ajudaram, já que os meus interlocutores, sendo plurais, diversos, múltiplos, se apropriam e manipulam discursos, nas suas práticas, rompendo com os modelos estabelecidos ou arbitrários do que dizem sobre eles, como coloquei há pouco. Entretanto, também é observável uma parcela de reprodução de

discursos sobre uma identidade e cultura surdas, principalmente daqueles que têm formação acadêmica. O que mais incomodou foi detectar que alguns que têm aptidões por áreas diversas, chegando a graduar-se nas mesmas, acabam, depois enveredando para outras graduações ou pós-graduações em áreas específicas, como Educação e Letras LIBRAS, principalmente. Ora, se a propositura de Silva (2005) é de uma política pedagógica e curricular da identidade e da diferença, estas, muito mais do que reconhecidas e celebradas, devem ser questionadas, como ele diz. E se, além disso, Skliar (2005) enuncia que o “problema são as representações hegemônicas “ouvintistas” sobre as identidades surdas, a língua de sinais, a surdez e os surdos”, no sentido de “tentar entender o que é normal e cotidiano”. Há um espaço determinado, direcionamentos de vida exclusivos, para onde se deve guiar, para compreender tais proposituras? Suas formações profissionais deveriam se dar num âmbito, apenas, para que emergisse uma política surda, uma identidade surda, uma cultura surda de um povo surdo não vitimizado pelo “ouvintismo”? Existe, por acaso, algum grupo, sejam os integrados ou certinhos, seja os desviantes, os comuns, os vulgares, os intelectuais (artistas, cientistas) que não sejam vítimas de discriminações, já que todos estão, inclusive, etiquetados e, facilmente, estereotipados? O que, no final das contas, pode ser normal, anormal, cotidiano, diferente, deve ser reconhecido somente ao se ocupar lugares determinados de lutas por reconhecimento da diferença? Os surdos, das classes sociais mais favorecidas economicamente, que tenham sido oralizados, usando aparelhos auditivos, com uma formação profissional, que atue na mesma, sobrevivendo por conta própria, seriam normais ou anormais de que ponto de vista? Ele não pode atuar politicamente como surdo, diferente, nos espaços que ocupa, sem ter de se direcionar para este ou aquele lugar específico e ou determinado, esta ou aquela profissão, porque seria um falso ouvinte, vitimado por uma “cultura ouvinte” e suas posturas “ouvintistas”? Por acaso todas as pessoas que nascem em famílias de poder aquisitivo alto devem abrir mão das facilidades que têm, se despindo como um São Francisco de Assis, para se livrar da culpa de ser rico? É assim que se normalizaria o que está anormal, desordenado, desigual etc.? Se assim for, Sophia, uma das minhas interlocutoras surdas deveria optar por se guiar, apenas pela sua formação em Pedagogia e Especialização e Letras LIBRAS, retirando o aparelho auditivo que usa, esquecendo a oralização que executa tão bem, com certeza provenientes da educação familiar “ouvintista”, que teve e que ao mesmo tempo lhe proporciona uma noção de cidadania e um grau de politização, inclusive em relação a sua condição de surda,

bastante significativos. Por acaso existe um modelo único de mobilização política nas comunidades e associações de surdos? Se assim for, algumas estão precisando de normalização ou anormalização, dependendo do que se queira. Afirmo isso baseado na ASJP que, filiada à FENEIS, tem uma configuração inadequada a um modelo tradicional de luta política. Os seus sócios, em grande maioria, não sabem o que é a FENEIS, o INES e outras entidades representativas de surdos. Mas conhecem muito bem a LINEDS, porque o esporte é, notadamente, o aspecto mais agregador desta associação. E o esporte, no Brasil, principalmente o futebol, no mais das vezes, é discursado como aspecto alienante de que os grupos dominantes fazem uso, no intuito de desmobilizar e causar alienação política, mesmo que as ciências sociais tenham passado a tomá-lo como objeto de estudo, analisando a força que possui, enquanto aspecto importante desempenhado no âmbito da sociabilidade.

Sobre essa questão dos espaços ocupados e de como eles são utilizados, metamorfoseados, transpassados, cruzados, ocorreu-me aquilo que Deleuze e Guattari (2005) denominaram de “O liso e o estriado”:

O espaço liso e o espaço estriado, o espaço nômade e o espaço sedentário, o espaço onde se desenvolve a máquina de guerra e o espaço instituído pelo aparelho de Estado, não são da mesma natureza. Por vezes podemos marcar uma oposição simples entre os dois tipos de espaço. Outras vezes devemos indicar uma diferença muito mais complexa, que faz com que os termos sucessivos das oposições consideradas não coincidam inteiramente. Outras vezes ainda devemos lembrar que os dois espaços só existem de fato graças às misturas entre si: o espaço liso não para de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso. Num caso, organiza-se até mesmo o deserto; no outro, o deserto se propaga e cresce; e os dois ao mesmo tempo. Note-se que as misturas de fato não impedem a distinção de direito, a distinção abstrata entre os dois espaços. Por isso, inclusive, os dois espaços não se comunicam entre si da mesma maneira: a distinção de direito determina as formas de tal ou qual mistura de fato, e o sentido dessa mistura (é um espaço liso que é capturado, envolvido por um espaço estriado, ou é espaço estriado que se dissolve num espaço liso, que permite que se desenvolva um espaço liso?) Há, portanto, um conjunto de questões simultâneas: as oposições simples entre os dois espaços; as diferenças complexas; as misturas de fato, e passagens de um a outro: as razões da mistura de modo algum são simétricas, e que fazem com que ora se passe do liso ao estriado, ora do estriado ao liso, graças a movimentos inteiramente diferentes. É preciso, pois, considerar um certo número de modelos, que seriam como que aspectos variáveis dos dois espaços e de suas relações. (p. 179-180)

Se entre duas modulações de espaços existem múltiplas possibilidades, imaginemos o quanto muito mais não se pode cruzar, misturar, criar novas engrenagens que movimentem as ações dos indivíduos participantes e atuantes em maior ou menor escala ou

simplesmente do jeito que sabem, aprenderam ou querem se movimentar. Tampouco devemos esquecer das interceptações, das proibições, das vigilâncias que impedem o fluxo entre uns e outros, para que não se perturbe uma ordem, um funcionamento e um desmantelamento e conseqüente danificação do que é novo, do que é fundamentalmente composto de tão propício a uma nova medida, um novo parâmetro de compensações e ganhos. Será que certas proposições não podem acabar gerando, em certa medida, proposituras, assim como se recebêssemos uma intimação judicial para um comparecimento a uma causa, que nem mesmo dela temos conhecimento relevante? Algumas conclamações teóricas, ajustadas a partir de certos termos e conceitos assim me parecem. Não me considero apenas um celebrador das diferenças dos surdos, assim como também não consigo enquadrar as implicações das diferenças, os cruzamentos e relações sociais entre surdos e ouvintes, dentro de uma perspectiva “ouvintista”, se ela acabar pressupondo ou fazendo precipitar-se num enfrentamento surditista, uns vítimas dos outros, e se não se tiver cuidado numa proliferação de algozes.

Outra movimentação política?

No princípio da minha incursão pela ASJP, com o objetivo de realizar minha pesquisa de campo, fiquei surpreso ao tomar conhecimento de que ela existia há tanto tempo. Sabia que havia uma associação de surdos na capital paraibana, desde que orientei uma pesquisa, na cidade de Campina Grande, em que os interlocutores eram surdos, mas imaginava que fosse uma criação recente. Quando pensava numa instituição que agregasse surdos, a associação imediata que fazia era com a FUNAD. Talvez porque já tivesse ido a esta última algumas vezes e, sempre que por lá estava, me deparava com vários tipos de “deficientes”, dentre eles os surdos. Minha concepção sobre “deficiência” ou “portadores de necessidades especiais” só viria a ser mais claramente refletida quando, em decorrência da orientação a qual me referi, passei a fazer leituras sobre surdez e surdos, mais precisamente. Os cegos tinham constituído o meu primeiro interesse, como grupo a ser estudado. Diante dos surdos meu interesse mudou completamente. O fascínio foi imediato. Mas a ASJP já existia há 23 anos? Senti-me, inicialmente, desinformado. Com o passar do tempo, realizando a observação participante, fazendo contatos para as entrevistas e, depois, realizando-as, esse sentimento foi se transformando. Percebi que muito eram os desinformados.

Com a palavra: os surdos!

(...) Alguns surdos não sabem o que é a FENEIS. Falta informações e nós somos filiados à FENEIS. E a FENEIS sempre mandava material pra gente. A gente informa pros surdos e a FENEIS é muito importante e essas informações sempre fala, fala as novidades sobre os instrutores, sobre a diretoria. Agora, em janeiro, teve um evento no Rio. Eu não pude ir. Mas sou filiado à FENEIS. Eu quero estar mais presente a isso também. Eu vou convidar o pessoal da FENEIS aqui, na associação, porque eu quero que eles estejam aqui, porque antes eu não era presidente e os presidentes não ligavam pra essa parte. Mas eu me preocupo com isso. Então a FENEIS veio aqui uma vez só. Em todos esses anos de associação e os surdos não ligavam, não divulgavam, então: FENEIS... FENEIS... Então os sócios, realmente, eles não sabem que a FENEIS existe. Então, assim, eu tenho vontade de convidar a FENEIS pra vir. E eu tô filiado pra quê? Se eu tô filiado na FENEIS, se eu tô pagando à FENEIS... Então, eu queria muito que eles viessem aqui, os surdos da FENEIS, pra poder os próprios surdos aceitarem e ter interesse em não falar mais que não conhecem a FENEIS mais. (...) (Abraão, 34 anos, casado, graduando em Letra LIBRAS)

A Associação de Surdos de João Pessoa tem muitos campeonatos, através da LINEDS, que é responsável pela parte dos esportes do Nordeste e dos campeonatos das associações. Então, os surdos gostam de futebol realmente e os sócios nos pedem muito pra a gente falar... Mas, assim, tem muitas coisas pra fazer também. Por exemplo, na área de educação, instrutores. Eles pedem muito pra fazer a parte esportiva, mas tem outras coisas pra poder fazer também, com certeza. Eu sou o atual vice-presidente da associação, e eu quero fazer algumas coisas junto com o presidente. A gente quer convidar a FENEIS, fazer convênio com empresas, a gente quer movimentar a associação e fazer algo diferente nessa gestão. Não é fácil, a diretoria não tem salário, é um trabalho voluntário. Então algumas pessoas não se motivam pra fazer esse trabalho pela associação. (...) Eu sonho com uma Associação de Surdos com mais intérpretes. A gente precisa ter mais comunicação, mais interação entre surdos e ouvintes, um ajudar o outro, o ouvinte ajudar no português. Então, eu tenho muita vontade de fazer alguns convênios com as empresas. Eu tinha muita vontade de ter. (...) (Luiz, 41 anos, casado, ensino médio completo)

Não sei o que é a FENEIS, não sei o que é o INES, e não sei o que é a Federação Mundial de Surdos. (André, 23 anos, casado, ensino médio completo)

Eu conheci a FENEIS. Já participei de um curso de instrutores de LIBRAS. Muito interessante, o curso, a metodologia que eles fazem. Muito interessante, ajuda muito o surdo. O INES também. Viajam bastante, dando congresso. Já participei de alguns. Então é isso, já fiz inserção mundial de surdo, através da internet, fazendo umas pesquisas. Tenho alguns amigos, a gente tem curiosidades de quais são essas outras atividades. (...) Os surdos podem ser iguais, conquistando e lutando e brigando e aprendendo o português também, como segunda língua, tranquilamente. (...) Eu sempre falo com os surdos pra eles crescerem. Eu não posso ficar só pra mim. (...) Eles têm que lutar também. Eu não tenho que ficar com os meus pensamentos só pra mim. (...) (Emília, 24 anos, graduanda em Letras LIBRAS)

Os surdos precisam estudar mais, ser mais motivados, trabalharem mais. Alguns surdos nós temos como referência. Muitos surdos estudaram fizeram faculdade, são inteligentes. Então a gente pode ser iguais aos ouvintes, somos iguais, mas a

gente precisa lutar. Podemos ser diferentes ou podemos ser iguais. Tem surdos que são diferentes porque não estudam igual aos ouvintes. A gente precisa fazer igual aos ouvintes. Eu não consigo ver nenhum médico aqui, no Brasil, mas nos Estados Unidos tem. Tem médicos, tem juízes surdos. Nos Estados Unidos tem, aqui não tem. Eles estudaram, cresceram. No Brasil não tem, João Pessoa, principalmente, não tem. Mas eu acho que é possível, se lutar é possível. (Laura, 32 anos, casada, ensino médio incompleto)

A gente também precisa conquistar outros espaços, a questão da associação que foi fundada... Os surdos desenvolver, lutando por verbas... Os surdos podem fazer desenho, teatro, esportes, lutar em outras e outras, igual aos ouvintes. O surdo não tem que ser menor que o ouvinte, tem que ser iguais. Acho que a associação poderia também fazer projetos de conseguir verbas pras despesas daqui, pra poder surdos pobres terem acesso. (Israel, 26 anos, solteiro, ensino médio completo)

O surdo luta pelo direito, porque geralmente o surdo se preocupa muito com ele, sabe? Da integridade própria dele. Porque o surdo quer buscar uma coisa que ele acha, através de quê? Do caminho, da luta, mundo do direito, da igualdade, buscar cidadania, educação... Palestra também facilita. Ele busca, agora. Agora estamos buscando cada vez mais, porque, hoje em dia, a universidade tá mudando muito. Então, assim, principalmente a educação, em primeiro lugar. Que possa buscar os direitos dele. Então, hoje em dia, a gente tá começando coisa nova. Estamos buscando assim..., colocando em cada escola, a disciplina de LIBRAS. É a educação que o surdo precisa buscar, para melhorar a qualidade de vida, para se tornar cidadão. Na Associação dos Surdos acontece assim: através de palestras, falando sobre temas, da dengue, as doenças sexualmente transmissíveis. Ele sempre busca. A associação faz sua parte. E a FUNAD vai abrir, agora, no mês que vem, vai abrir palestra também. Hoje em dia evoluiu muito. (...) (Sophia, 35 anos solteira, graduada em Pedagogia, especialização em Letras LIBRAS)

Os surdos falaram e são merecedores de toda a atenção possível que eu posso, devo e, acima de tudo, quero ter com o que foi dito.

Quando agrupei o máximo de trechos de discursos dos meus interlocutores acima, nos quais estão expressos noções de politização e cidadania, o fiz como recurso metodológico, com o objetivo de colocá-los uns diante dos outros, para que se observe seus cruzamentos, diferenças que nem se opõem frontalmente, nem se complementam, tão somente. São, muito mais, numa lógica “desconstrucionista”, nuances suplementares, assim como Miskolci (2009) aponta sobre Derrida, no que tange à relação entre a Teoria Queer e a Sociologia:

A contribuição de Jacques Derrida para a Teoria Queer pode ser resumida a seu conceito de suplementaridade e á perspectiva metodológica da desconstrução. A suplementaridade mostra que significados são organizados por meio de diferenças em uma dinâmica de presença e ausência, ou seja, o que parece estar fora de um sistema já está dentro dele e o que parece natural é histórico (p. 153)

Os discursos de um mesmo indivíduo podem conter argumentos descontínuos, porém compostos de unidades que se quer, por um lado, manipular na composição dos esquadrinhamentos sociais essencializados, normatizados e, de outro, provocar através dessa descontinuidade, a manifestação do entrelaçamento de referências soltas e, aparentemente, sem ordem conexa. Algo de novo e insólito pode surgir, como concebo que acontece no caso das apreciações dos indivíduos surdos do meu campo de pesquisa, ao se posicionarem politicamente sobre o que almejam para si mesmos, para o coletivo e como criticam aquilo de que fazem parte, de que são atores. Aparentemente, numa leitura rápida, todos parecem prontos para uma mobilização, com atos reivindicatórios bem traçados. O que acontece, todavia, é uma superposição de propostas conjuntamente com a crítica de uma das suas comunidades e o desconhecimento de como se processam, efetivamente, as conquistas dos direitos.

A crítica que é feita a ASJP, por conta do foco, da ênfase no esporte, deixando de lado aquilo que seria mais relevante ou mais significativo para o crescimento político, para a ocupação de espaços sociais nunca ou quase nunca percorridos, é quase que unânime.

Esporte, principalmente esportes. É muita discussão sobre esportes. De vez em quando existem outros tipos de informação, mas a gente fala mais de esportes, campeonatos, mas... Mais de esportes. Tem algumas palestras sobre saúde, AIDS, mas muito poucas, não tem uma coisa contínua. Então a conversa principal da associação é de campeonatos. Não existem palestras sobre o dia das mães, datas comemorativas... Aliás, teve algumas. Eu tenho interesse sobre algumas outras discussões. Já falei pra eles, eles anotaram, mas não falaram nada ainda. A gente vai ver se vai melhorar essa questão na associação. Eu falei: “eu quero que melhore...” Mas a maioria só fala de futebol, de futebol. Eu sou diferente, quero que fale de coisas diferentes, eu quero algo diferente... (Moisés, 18 anos, solteiro cursando o ensino médio, curso de Eletrotécnica)

E dessa quase unanimidade, fazem parte os próprios desportistas, quase todos, já que eles mesmos anunciam com tom de recusa que: “esporte, esporte, esporte”; “bola, bola, bola”, “futebol, futebol, futebol”, apenas isso não os levaria ao “crescimento”, ao estar sempre “crescendo”, ao “crescer” tão enunciado.

O esporte é muito importante, mas não vamos ficar só nesse foco. Temos de que olhar pra outros focos, tem que ter outros focos. Só esporte, esporte, esporte... O surdo vai ficar pensando só esporte? Então, não. Nós precisamos saber dividir... Cursos, outras modalidades e atividades. Não tem que pensar só no esporte. Tudo bem, o esporte é uma coisa gostosa, dá saúde, que é muito bom, enriquece bastante pra outras coisas também. A gente precisa tá sabendo dividir as nossas alternativas, mas aqui, na associação, deixa muito a desejar. A gente precisa tá fazendo também convênios com as entidades, com empresas. Às vezes o cego, o deficiente físico conseguem empregos melhores e muito mais rápidos. E aqui, na

Associação de Surdos não briga por esse espaço no mercado de trabalho. E a gente precisa tá indo atrás de entrevistas de jornais, que é pras empresas tá fazendo alguns convênios com a associação, pra gente crescer cada vez mais. A associação precisa crescer com a gente, porque a gente quer ser o melhor do Nordeste e do Brasil. Então, vamos pensar nessas outras atividades, aqui dentro, e não só o esporte. (Isaac, 22 anos, solteiro, graduando em Sistema de Informática)

Não sei dizer se do mundo, mas no Brasil os surdos falam demais em bola, bola direto, principalmente na Associação de Surdos. Eles dão muita importância ao jogo, bola... (Abel, 34 anos, solteiro, ensino médio completo)

Todos dizem muitas coisas, Abraão, Luiz, André, Emília, Tomáz, Alice, Tadeu, Laura, Felipe, Lucas, Romero, Moisés, Sara, Abel, Israel, Arthur, Alfredo, Matheus, Sophia e Isaac. Uma coisa é comum aos seus discursos, mesmo que não expressem com a mesma palavra, todos querem crescer, querem conquistar melhorias. A movimentação para a consecução dos seus desejos não é a mesma, há uma diferença entre os que se aproximam e uma semelhança que, mais uma vez, os diferenciam, porque acentua contornos particulares de seus discursos. Mas como estão todos associados à ideia de crescimento, e isto registra uma inquietação perante uma imobilização. Uso esse termo não com tom de censura. Esta é a fotografia que me foi apresentada por eles mesmos. De qualquer modo o pensamento crítico está em ação e é esta imagem discursiva que quero abordar.

Eles não estão vinculados a uma perspectiva de movimento social nos moldes tradicionais, embora reflitam política e ideologicamente em termos de grupo, mesmo com algumas disparidades táticas de como se dá ou se daria essa movimentação. Alguns chegam a declarar suas disposições e simpatias aos atos e passeatas públicas. Outros lembram desses fatos já ocorridos. A maioria é crítica em relação à redução das discussões em torno das temáticas esportivas. Mas será que esta não é, indiscutivelmente, o modo mais significativo e que pode ter grande relevância, como expressão política, através da qual os outros objetivos acabam tomando vulto, porque são reclamados?

O aproveitamento da LINEDS talvez ainda não seja percebido como uma alavanca maior do que ela já representa para eles. A alusão ao Programa Bolsa Atleta (programa do Ministério do Esporte, assegurado pela Lei 12.395, para qualquer indivíduo que esteja associado que esteja associado a uma entidade desportiva) feita por Abraão, tem conotação de mobilização política.

A LINEDS, ela fica aqui nessa sala e ela dá uma ajuda pra associação de surdos e os sócios não sabem separar. Existe compreensão, compreende? A LINEDS, o trabalho dela é nordestino. A associação tem um convênio com a LINEDS. Então ela é filiada à LINEDS, como as outras associações do Nordeste todo: Bahia, Natal, Alagoas... Todos são filiados à LINEDS, porque cada um tem a sua associação. Está muito claro pros surdos. Nós somos bicampeões do Nordeste e a LINEDS, de certa forma, nos apoia, porque quando esses surdos ganham campeonatos, amistosos, esse certificado, que a LINEDS promove, serve pra ajudar no Bolsa Atleta dos sócios da associação. Então tá muito claro pros surdos, isso. Não existe confusão. Então, aqui a Associação dos Surdos, a LINEDS, promove eventos nordestinos por todo o Nordeste pros surdos. E a gente também é filiado à LINEDS. E a gente também paga taxa de filiação pra aqueles que vão pagar a comida dos jogadores, nos eventos, comprar troféus e as despesas que a LINEDS tem. (Abraão, 34 anos, casado, graduando em Letra LIBRAS)

Se lhes são assegurados direitos, eles se apropriam e com objetivos bem definidos, como os de Artur, ao dizer que mantém este benefício, como forma de ajudar e divulgar a ASJP.

As lutas são um pouco complicadas, às vezes não existe união. Aqui, em João Pessoa, às vezes, é difícil a gente batalhar. Nós temos poucos instrutores surdos, é difícil conseguir melhorias. Mas a gente não tem culpa, porque é muito complicado estar batalhando por esses espaços. (...) E em relação ao Brasil é muito complicado a gente, de repente, encontrar algumas pessoas. E eu não tenho vivência com elas. Mas pode ter pessoas que estão lutando pelos direitos dos surdos, mas eu desconheço a luta aí fora. Às vezes a associação tem um pouco de dificuldade de empregos, de convênios, e eu quero... A gente pode divulgar em jornais a nossa entidade. É muito complicado falar individualmente, pessoa por pessoa. Então, na associação a gente precisa de convênios, colocar em jornais, em internet, divulgar a nossa associação, pra podermos apoiar e crescer. A gente tem um pouco de tristeza, na associação, porque nós estamos com pouca verba. A gente tem esperança de, futuramente, estar melhorando cada vez mais. (...) A associação tem que fazer algumas reformas, ajeitar algumas coisas, então, assim, eu continuei com o Bolsa Atleta pra poder ajudar a associação, divulgar. E eu quero que a associação tenha um bom crescimento. Assim como os ouvintes tem na maioria da sociedade, eu quero que o surdo também tenha essa prática do esporte e, na sua maioria, sejam reconhecidos de igual forma, como os ouvintes são reconhecidos no esporte. (Arthur, 22 anos, solteiro, ensino médio completo)

Sim, é verdade que uma divulgação maior da Associação precisa ser feita, como todos reconhecem. A sociedade pessoense ainda não a conhece o suficiente, a maioria nem sabe da sua existência e isso causa tristeza e frustração neles mesmos, diante das surpresas, traduzidas em perguntas como a que Abraão citou, no contato com um funcionário da Caixa Econômica Federal, local onde é efetuado o repasse do valor do Bolsa Atleta. Eu mesmo já declarei minha surpresa em relação aos vinte e três anos de existência da ASJP.

Falta divulgar mais um pouco sobre a associação. As pessoas não conhecem, às vezes, a associação. Há 23 anos que a associação existe e, às vezes, a sociedade não conhece a associação, não sabe que a associação existe e que falta muita coisa pra se fazer. Em 2011 a gente vai ter um monte de projeto, vai lutar. Realmente, os surdos pensam mais nos esportes. Eu tenho muita... Uma visão pra gente melhorar essa questão da associação e divulgar mais na sociedade. E... Aconteceu um fato de um instrutor dar um curso na Caixa Econômica Federal e a pessoa falou da associação de surdos e as pessoas: “Existe essa associação de surdos?” Então eu fiquei assim um pouco sensibilizado de... Não por as pessoas falarem da associação de surdos e não divulgarem muito a associação. Parece que a associação está escondida e eu quero trabalhar em relação à sociedade. Eu quero melhorar cada vez mais, crescer mais e der ideias de... Mesmo que eu não construa tudo nesses três mandatos, mas eu quero ter um objetivo de divulgar na sociedade e lutar pelos outros objetivos que faltam. (Abraão, 34 anos, casado, graduando em Letra LIBRAS)

Tomaz, tão conhecido nacionalmente como campeão de *taekwondo*, em nenhum momento fez alusão a este benefício, o Bolsa Atleta. Isto é, por sua vez, uma falta de contato ou de certo descaso com a Associação, porque ele é insatisfeito com a forma de condução da LINEDS em priorizar mais um tipo de modalidade esportiva. Um e outro, sócio e Associação, estão em descompasso político. Isto, sim, precisa ser discutido.

(...) Assim, eu tenho vontade de que eles fizessem isso, viajar pra todo o Nordeste, mostrar que, através de jornais, de filmagens, de mostrar a questão da fama (SE REFERINDO AO FATO DE SER UM CAMPEÃO DE *TAEKWONDO*). Eu tenho vontade, mas não consigo ver motivação neles. Só querem bola, bola, bola, futebol, futebol. Um, dois surdos... tem 4 surdos que demonstram interesse. É, eu posso... Mas eu tenho que dar uma olhada numa academia, pra poder começar a ensinar *taekwondo* a esses 4 meninos que demonstraram interesse. (...) Conheço a LINEDS, mas eles só pensam em bola. A única modalidade. Vôlei, *taekwondo*... Eu já ofereci. Eles não têm interesse, não. Eu fiquei até um pouco triste. Tem outros lugares que apoiam a prática do *taekwondo* e a liga não demonstrou nenhum interesse até hoje. (...) Uma coisa que é discutida direto na associação, 24 horas em reuniões, é bola, bola, bola... Precisa ter outros temas. (...) (Tomáz, 38 anos, casado, ensino médio completo)

O que me ocorre, pensando teoricamente sobre essa questão, é que ao invés de conceber a ASJP dentro de uma perspectiva de implicação a um movimento social, melhor seria pensá-la como “rede social”, como numa aproximação por amizade ou vizinhança e que reportaria a outras conexões, segundo Barnes (2010). Deste modo, um contraponto a uma política ou movimentação política mais geral, o foco seria algo mais específico, mais localizado:

Em âmbito local, os processos políticos podem ser conduzidos dentro de uma estrutura institucional que visa ostensivamente a algum outro propósito – como o culto dos antepassados, o jogo de futebol ou a celebração do matrimônio – ou então cortam transversalmente as divisões institucionais da sociedade com êxito,

porque as relações estabelecidas em um contexto são utilizadas em outro. (BARNES, 2010, p. 173)

Essa perspectiva antropológica de rede social tem, a meu ver, uma significação no tipo de movimentação política dos dizeres dos surdos entrevistados, sobre suas vontades de atuar como cidadãos, que contornam mais uma diferença, a de que são tão mobilizados e utilizadores de benefícios como quaisquer outros indivíduos, surdos ou ouvintes. Os que fazem uso de benefícios que lhes são concedidos e assegurados pelo governo federal, repassados para as instituições sociais que dão apoio aos “portadores de deficiência”, não têm uma leitura crítica sobre os mesmos.

O BPC de que tanto falam, é o Benefício de Prestação Continuada, uma ação do governo de proteção social básica, instituído pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), em consonância com o estabelecido pela Política Nacional de Assistência Social (PNAS), assim como o Passe Livre, é um direito que garante gratuidade dentro do estado nos transportes intermunicipais (Lei nº 7.529 de 2004) e interestadual (Lei nº 8.899 de 1994). Ainda sobre esses dados obtidos na FUNAD, em João Pessoa há uma garantia de Passe Livre para as pessoas com deficiência, conforme lei municipal nº 7.170, de 1992, art 33. Pois bem, a pergunta agora é qual deficiência em relação aos surdos?

Sem entrar numa discussão teórica sobre a deficiência, já que tanto não foi essa a minha perspectiva investigativa, quanto porque o próprio termo deficiente auditivo, quando aparecia, tinha uma rápida explicação sobre algum resíduo auditivo, porém recusado. Eles insistiam em afirmar a surdez, contrapondo-a a deficiência, principalmente porque associavam esta última a uma falta de capacidade. E, como alguns deles comentam, eles se diferenciam dos portadores de deficiências físicas, intelectual ou os “mentais”, como dizem. Mas se “o benefício” existe por não utilizá-lo, já que têm esse direito? E isso é direito, é justo? Para os que são aposentados, como no caso de um deles, é compreensível. Ao mesmo tempo, ele, Lucas, pretende ingressar na universidade e trabalhar. Provavelmente deixará de receber o BPC. André também recebe o benefício, mas trabalha. O trabalho é informal e tanto ele sabe que tem algo discutível, que diz que se for preciso trabalhar, se referindo a um trabalho formal, ele trabalha. Sara também argumenta que se Brasília deu esse direito, então por que não aproveitá-lo? Felipe diz que ele mesmo acha que não precisava de Passe Livre, mas se ele tem direito... Nesses momentos das entrevistas não tinha como deixar de pensar no jeitinho brasileiro, tratado por DaMatta (1994). E neste caso uma identidade nacional estaria associada a certa malandragem, o dar

um jeito, fazer um arrumadinho, ou seja, escapulir, driblar. Sim, eles também tinham essa diferença, a que denuncia aspectos de uma “identidade nacional”.

E todos querem crescer, mas nem todos sabem que caminhos seguir para alcançar esses objetivos. A ASJP é filiada à FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos), mas, como falei anteriormente, as revistas da FENEIS estavam lá numa cesta de revistas à espera de uma utilidade. Quantas discussões não podem ter sido deixadas de lado, sem compartilhamento, por aqueles que conhecem esta instituição?!

Da mesma forma como eles se apropriam dos discursos teóricos, interpretando-os segundo interesses pontuados e ocasionais, quero dizer: uns vão se direcionando para o lugar de uma “cultura surda”, porque teriam uma “identidade surda” e tendo internalizado esse discurso como algo benéfico (mais um benefício?), chegando a abandonar aptidões e talentos comuns a qualquer pessoa, para se especializarem em LIBRAS (os cursos de Letras LIBRAS, e a consequente profissionalização nessa área, passavam a ser suas metas – Tadeu, Sophia, Romero, Abraão, Emília, Alice, Lucas, ou já estão profissionalizados ou estão em processo de qualificação da mesma e, coincidentemente, são os que mais apresentam uma leitura crítica sobre suas várias possibilidades de integração na sociedade); outros, também, ainda com suas formações básicas, anseiam por essa formação. Igualmente se apropriam dos benefícios assegurados em leis nacionais, com algum constrangimento para explicar o porquê de fazê-lo. Os que fazem uma crítica mais contundente sobre esta questão, como é o caso de Tadeu, por outro lado não faz ecoar essa crítica, de forma a constituir um debate, uma discussão e reflexão, por parte da comunidade. Os discursos são isolados. O que, de fato, é mais compartilhado na ASJP, seja para sociabilizar, seja para que achem demasiado o interesse por esporte, poderia ser então o caminho de uma mobilização, que já existe. É diferente. E nessa diferença, a eclosão de si mesmos multiplica discursos que podem atingir outras esferas que desejam ocupar, conquistando mais espaços, onde seus matizes possam se tornar mais visíveis e satisfatórios, prazerosos. Eles estão no caminho, sabem o que almejam. Que continuem, portanto, fazendo apropriações e pensando sobre as mesmas, sem que este ou aquele discurso os influenciem de modo imperativo, como outrora já foi.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma colcha de retalhos, é esta a imagem que me ocorre agora ao considerar finalmente o que estive dizendo sobre o que observei em campo, o que me foi dito formal ou informalmente. Lembro, inclusive, que assisti a um filme intitulado Colcha de Retalhos, dirigido por Jocelyn Moorhouse e que tinha no seu enredo algumas mulheres reunidas numa casa construindo uma colcha de retalhos, ao mesmo tempo em que falavam das suas histórias de vida. Os fragmentos de si mesmas se misturavam aos pedaços de tecidos bem diferentes uns dos outros, como cada uma das suas experiências vividas que acabavam se cruzando ali, naquela obra. A neta de uma dessas mulheres estava escrevendo a sua tese. A analogia da situação entre os pedaços de tecidos, a significação dos seus próprios fragmentos com a elaboração de uma tese foi bastante interessante. A estudante apresentava seus fragmentos pessoais, suas divisões (ou seria multiplicações, diante das suas incertezas nas escolhas de que pedaços juntar, misturar na sua vida e na sua tese, as duas se suplementavam). Numa determinada cena, ecoa a tese já pronta, alguma situação que não lembro agora qual foi, as folhas se separaram ao sabor do vento. Os fragmentos estavam ainda mais visíveis, assim como os pedaços de tecido. No final, colcha e tese ficaram prontas. E é assim também que penso este trabalho, sua constituição desde o início da sua elaboração, ou melhor, mesmo antes, quando estava na pesquisa de campo.

A análise e questão que me propus acentuar em relação aos indivíduos surdos foi tomar os matizes da diferença que aparecessem em seus discursos, através das suas subjetivações, processos de sociabilidades e movimentação política, desconstruindo pares de opostos frontais, que não considerasse as complementaridades dos mesmos.

O devir dos surdos, a manifestação das suas diferenças não estão imersas. Elas se expõem nas suas multiplicidades contraditórias. As diferenças são expressas em descontinuidades, pela forma como se apropriam de discursos preexistentes, ou dos discursos produzidos academicamente sobre surdos e surdez. Há uma tendência a se respaldar uma “cultura e identidades surdas”, no entanto as suas práticas não são suficientemente efetivas a essa consolidação, pelo menos durante a realização deste trabalho. Isso, particularmente, me anima, porque a explicação para essa cultura e identidades próprias e peculiares não se completam numa língua de sinais, no caso a LIBRAS. Suas trocas simbólicas são muito maiores e significativas que os códigos dessa língua, até mesmo porque a maioria dos meus interlocutores não conhece a estrutura

gramatical da mesma. Os sinais são utilizados para a comunicação e, na maioria das vezes, alguns deles tentam se afirmar como possuidores de algo que nem refletem de modo autorizado. A língua de sinais tem se difundido bastante, suas comunicações com surdos e ouvintes se facilitam indubitavelmente, mas não reside nessa facilidade tudo o que eles manifestam de peculiar. As implicações da surdez são muito mais complexas e dessa complexidade poucos têm uma posição política que lhes permitam compreender que eles são tidos como “vítimas” dos ouvintes, aqueles que lhes desejariam à normalidade, ou seja, a possibilidade de uma melhoria na capacidade de comunicação oral, já que têm seus aparelhos fonadores fisiologicamente propícios para uma comunicação igual ou parecida com os ouvintes.

Normalidade ou anormalidade são por mim questionadas, no sentido de interrogar de que pontos de vista algo pode ser normal ou anormal. A própria língua de sinais tomada como algo mais acertado para os surdos, não seria um avesso, mas com o mesmo sentido de uma leitura médica, ou seja, o da normalização?

Pude observar que os surdos, estando numa cultura plural como a brasileira e vivenciando condições sociais distintas, são tão vários quanto os ouvintes, cegos, portadores de sofrimento psíquico, e todos os demais grupos considerados maiorias ou minorias. Deste modo, a construção dos indivíduos surdos, seus modos de subjetivação, tem todos os aspectos da cultura da qual fazem parte, sem estarem à parte, por mais que pensem isso, sejam eles mesmos ou os seus contrapostos mais imediatos, os ouvintes. E por que os ouvintes teriam um papel tão decisivo assim nessa contraposição, se a maioria das famílias dos surdos é ouvinte? Estaríamos num plano em que fabricaríamos algozes e uma relação sadomasoquista a partir das próprias famílias dos surdos.

Além disso, vale lembrar que os surdos com os quais estive trabalhando não estão submissos aos desejos de suas famílias. Aqueles que passaram por treinamentos fonoaudiológicos e fazem leitura labial, além do uso de aparelhos auditivos, continuam se conduzindo assim se quiserem. Alguns deles disseram que em dado momento jogaram os aparelhos fora. Outros falam em LIBRAS e em Língua Portuguesa de modo fluente, quase imperceptível de que são surdos. Outros, ainda, por um comprometimento, que não parte de si mesmos, até se associam e frequentam a ASJP, mesmo que esporadicamente, mas seus discursos manifestam mais uma diferença, negando a surdez. Nesses casos não há como não refletir sobre os estigmas sofridos, resultando numa baixa autoestima.

Penso que julgar os surdos – como parte de outra cultura, percebida pelas demandas dos surdos – nas suas diferenças apenas pela ausência da audição em relação aos ouvintes é uma leitura reducionista. A afirmação e positivação de suas experiências não se dá em oposição aos ouvintes, assim como cegos também não estão em oposição aos que têm visão. Em termos simbólicos, os indivíduos cegos podem ver muito mais longe e além dos olhos, assim como os surdos podem ouvir muito mais os clamores sociais, perceberem muito mais os brados retumbantes ao seu redor do que os ouvintes. Uma mobilização social dos indivíduos de uma comunidade inteira não segrega, ou pelo menos não deveria fazê-lo, se quer minimizar todos os problemas sociais que já são tantos e de toda ordem.

Quantas potencialidades não se percebeu entre meus interlocutores surdos?! Diante deles e de alguns em particular passei a desejar continuar meu trabalho com eles, numa outra esfera, a artística, porque descobri que tenho muito mais semelhanças com as suas diferenças do que com alguns ouvintes com os quais convivo.

Se alguma resposta eu tinha que construir, acho que ela está e estará em curso nesta discussão e noutras que virão no meu trabalho acadêmico. Por ora o que posso afirmar é que os surdos, de uma forma particularizada, como os que me concederam seu tempo, para pensar junto com eles, o que significava essa forma de se conduzir pelo mundo, que eu ainda conhecia de forma bem incipiente, me seduziu, fazendo-me mais diferente junto com eles, com quem vou aprendendo que existem muitos mais de nós em todos os espaços e circunstâncias, e que não se limita numa aparente limitação. Algumas dificuldades podem exprimir libertação ou liberdade, caso não nos aprisionemos em rótulos e etiquetas valorativas que tentam nos pregar, para melhor manipular discursivamente, inclusive. Alguns surdos podem até aceitar de bom grado e bem intencionados um discurso de normalização, seja por uma leitura médica, seja por uma política de respeito à diferença nos projetos pedagógicos. Mas é evidente a impossibilidade de ser construir “linhas retas” em relação à experiência de ser surdo, e tantas outras coisas. Ora, como os discursos são multifacetados, o estabelecimento de uma homogeneidade, coerência ou continuidade sobre algo que é tão disperso, plural, fragmentário e descontínuo não foi possível de acontecer. E não estive preocupado com isso, pois entendo que em qualquer discurso, qualquer enredo, é impossível aparecer toda a multiplicidade presente nos modos dos surdos relatarem a si mesmos e as suas experiências. Mas, duvido que os surdos mesmos tenham dado alguma autorização para que se dissesse deles o que só eles podem dizer.

Por agora e por tudo que nos dissemos eles e eu, é isto!

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. A Indústria Cultural. In: COHN, G. (Org.) **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1975.

AGUIAR, V. T. **O verbal e o não verbal**. São Paulo: UNESP, 2004.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro de diferenças. In: MACHADO, C. J. S.; SANTIAGO, I. M. F. L.; NUNES, M. L. S. (Orgs.). **Gênero e práticas culturais**: desafios históricos e saberes interdisciplinares. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Corpo. In: **Vivências**. Dossiê: O Corpo. n 35, Natal: UFRN, 2010.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Palestra sobre as regras de produção do conhecimento. Centro de Humanidades. Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande-PB, 2005.

ANNAUD, J-J. A Guerra do Fogo. França/Canadá/EUA: International Cinema Corporation (ICC)/Belstar Productions/Stéphan Films/Grurkoff, 1981.

ANZALDÚA, G. **Borderlands/La Frontera**: The New Mestiza. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

ARAÚJO, I. L. **Do signo ao discurso**. Introdução à filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

AUGÉ, M. **Não-lugares**. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 2005.

BARNES, J. A. Redes sociais e processo político. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.) **Antropologia das sociedades contemporâneas**: métodos. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

BAUMAN, Z. **A Sociedade Individualizada**. Vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BAUMAN, Z. **Comunidade**. A busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BECKER, H. S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

BHABHA, H. **The Location of Culture**. London: Routledge, 1994.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2011.

BUARQUE, C. Pedaco de mim. In: BUARQUE, C. **Ópera do Malandro**. (CD) São Paulo: Polygram/PHILIPS, 1979.

BUHR, K. Eu menti pra você. In: Eu menti pra você. (CD). São Paulo: Independente, 2010.

CALDAS, W. **Uma utopia do gosto**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CANCLINI, N. G. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CANEVACCI, M. **Antropologia da comunicação visual**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CARLOS, R.; CARLOS, E. Namoradinho de um amigo meu. In: CARLOS, R. **Álbum Roberto Carlos** (LP). Rio de Janeiro: CBS, 1966.

CARVALHO, J. J. O Olhar Etnográfico e a Voz Subalterna. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 7, n 15, julho de 2001.

CARVALHO, O. **O método Derrida**. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 12 de janeiro de 2006.

CASTRO, D. **O esporte no processo de construção de uma nova sociabilidade**. Curitiba: UFPR, 2008.

CAVALCANTI, P. Dançando. In: CALCANHOTO, A. **Marítimo** (CD) Rio de Janeiro: Columbia/ Sony Music, 1999.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CORREIA, L. G. P. S. **“A pupila dos cegos é seu corpo inteiro”**: compreendendo as sensibilidades de indivíduos cegos através das suas tessituras narrativas. (tese de doutorado). Porto Alegre: UFRGS, 2007.

DAMATTA, R. **O que faz o Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. v 1. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. v 5. São Paulo: Ed. 34, 2005.

DELEUZE, G. **Nietzsche**. Lisboa: Edições 70, 1994.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

- DELEUZE, G. **A ilha deserta e outros textos**. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- DERRIDA, J. **A farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- DERRIDA, J. **Posições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- DERRIDA, J. **Torres de Babel**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- DJAVAN. Eu te devoro. In: DJAVAN (CD ao vivo). Rio de Janeiro: Sony Music, 1999.
- DUNCAN, Z. Todos os verbos. In: DUNCAN, Z. Pelo sabor do gesto (DVD ao vivo). Niterói: Biscoito Fino, 2011.
- ECO, H. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança Social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FERNANDES, S. Foucault: a experiência da amizade. IN: ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M.; VEIGA-NETO, A.; SOUZA FILHO, A. (Orgs.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- FOOTE-WHYTE, W. Treinando a observação participante. In: ZALUAR, A. (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1980.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2**. O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1988.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

- FOUCAULT, M. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FREGTMAN, C. D. **O tao da música**. São Paulo: Pensamento, 1999.
- FREUD, S. Luto e Melancolia (1917). In: **Obras sociológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- FREUD, S. O Mal-estar na Cultura (1930). In: **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- FRIEDMAN, S. S. **O “falar da fronteira”, o hibridismo e a performatividade**. Teoria da cultura e identidade nos espaços intersticiais da diferença. Eurozine, 10/06/2002.
- GARCÊZ, L. O.; MAIA, R. C. M. Lutas por reconhecimento dos surdos na Internet: efeitos políticos do testemunho. In: **Revista de sociologia e política**. v. 17, n 34, Curitiba, outubro de 2009.
- GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GASTALDO, E. L. **Futebol, mídia e sociabilidade**. Uma experiência etnográfica. Cadernos IHU, 2006.
- GESSER, A. **LIBRAS?: Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.
- GIL, G. De onde vem o baião. In: GIL, G. São João Vivo! (CD ao vivo) Rio de Janeiro: WEA, 2001.
- GIL, G. Rebento. In: GIL, G. Realce (LP) São Paulo: PHILIPS, 1979.
- GILL, R. Análise de discurso. In: BAUER, M. W; GASKELL, G. (Orgs.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- GOFFMAN, E. Estigma. **Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GRACIA, T. I. O “giro linguístico”. In: IÑIGUEZ, L (Coord.). **Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- GROSSI, M. P. Na busca do “outro” encontra-se a si mesmo. In: GROSSI, M. P. (Org.) **Trabalho de campo & subjetividade**. Florianópolis, UFSC, 1992.

- GUATTARI, F. **Caosmose**. Um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1998.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**. Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GUIMARÃES, D. M. **A voz na luz**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- GUIMARÃES, D. M. **Vazio iluminado**: o olhar dos olhares. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- GULLAR, F. Traduzir-se. In: GULLAR, F. (Org.). **Poemas escolhidos**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1989.
- HALL, S. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: **Educação & realidade**. Porto Alegre: UFRS/FACED, v. 22, n. 2. jul/dez, 1997.
- HELSE, E. M. D. No rastro da Filosofia da diferença. In: SKLIAR, C. (Org.). **Derrida & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- KARNOPP, L. B. Língua de sinais e língua portuguesa: em busca de um diálogo. In: LLODI, N. C. B. et al (Orgs.). **Letramento e minorias**. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- KELMAN, C. A. Multiculturalismo e surdez: uma questão de respeito às culturas minoritárias. In: FERNANDES, E. (Org.) **Surdez e bilinguismo**. Porto Alegre: Mediação, 2008.
- JORGENSEN, D. L. **Participant Observation**: a methodology for human studies. London: Sage Publications, 1989.
- LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**. Antropologia e Sociedade. Campinas, SP: Papirus, 2009.
- LE BRETON, D. **As paixões ordinárias**: antropologia das emoções. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- LELOUP, J-Y. **O corpo e seus símbolos**: uma antropologia essencial. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- LEVY, P. **A inteligência coletiva**: para uma antropologia do ciberespaço. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Olhar escutar ler**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- MACHADO, R. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- MACHADO, R. **Nietzsche e a Verdade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

MAGNANI, J. G. C.; SILVA, C. A. A.; TEIXEIRA, J. M. **As festas juninas no calendário de lazer de jovens surdos na cidade São Paulo**. Anais do Ceru. 2009.

MAGNANI, J. G. C. **Vai ter música?:** para uma antropologia das festas juninas de surdos na cidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2007.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço:** cultura e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec, 1998.

MAGNANI, J. G. C. Quando o Campo é a Cidade. Fazendo Antropologia na Metrôpole. In: MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. L. **Na metrôpole**. Textos de Antropologia Urbana. São Paulo: EDUSP, 1996.

DAMATTA, R. O ofício do etnólogo, ou como ter “anthropological blues”. In: NUNES E. O. (Org.). **A aventura sociológica:** objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MARQUES, R. R. A percepção do corpo próprio e o “ser surdo”. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n 9, p. 75-85, 2007.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. v. 1. São Paulo: EPU, 1974.

MELLO, A. G. **Por uma abordagem antropológica da deficiência:** pessoa, corpo e subjetividade. Florianópolis: UFSC, 2009.

MERLEAU-PONTY, M. **A estrutura do comportamento**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

MICHAUD, Y. Visualizações. O corpo e suas artes visuais. In CORBIN, A.; COURTINE, J-J.; VIGARELLO, G. **História do corpo**. As mutações do olhar. O século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do Conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1996.

MINNER, H. Body ritual among the Nacirema. In: **American Anthropologist**. 1956.

MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. In: **Sociologias**, Porto Alegre, n 21, Jan/Jun. 2009.

MORAES, D. **O concreto e virtual:** mídia, cultura e tecnologia. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MORIN, E. **Amor, Poesia, Sabedoria**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 1997.

MOTTA, N. Certas coisas. In: SANTOS, L. Tudo azul. (LP) Rio de Janeiro: WEA, 1984.

MOURA, M. C. **O surdo**. Caminhos para uma Nova Identidade. Rio de Janeiro: RevinteR, 2000.

MRECH, L. M. Um olhar psicanalítico a respeito da questão da identidade do surdo. In: **Espaço**: informativo técnico-científico do INES. n 17 (julho-dezembro 2002). Rio de Janeiro: INES, 2002.

MUCHAIL, S. T. **Foucault, simplesmente**. Textos resumidos. São Paulo: Loyola, 2004.

NASCIMENTO, M. Carta a um jovem ator. In: NASCIMENTO, M. Pietá. São Paulo: EMI, (CD) 1992.

NESTROVSKI, A. **O livro da música**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

OLIVEIRA JR, W. M.; AMORIM, A. C. Extremos e conectados. In: AMORIM, A. C.; GALLO, S.; OLIVEIRA JR, W. M. (Orgs.). **Conexões**: Deleuze e imagem e pensamento e... Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília: CNPq, 2011.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. Campinas: Cortez, 1996.

PAMPANELLI, G. A. **A evolução do telefone e uma nova forma de sociabilidade: o flash mob**. Razão e palavra, 2004.

PERLIN, G. T. T. **O ser e estar sendo surdos**: alteridade, diferença e identidade. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

PERLIN, G. T. T. **Histórias de vida surda**: identidades em questão. Porto Alegre: UFRGS, 1998

PERNIOLA, M. **Desgostos**: novas tendências estéticas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.

PERRONE-MOISÉS, C. A justiça e o perdão em Jacques Derrida. O perdão, para Derrida, não deve ser banalizado, é sempre excepcional. In: **DOSSIÊ**: Psicanálise, linguagem, justiça, arquitetura e desconstrução na obra de Jacques Derrida. CULT, Ano 10, n 117. São Paulo: Bregantini, 2007.

PERRONE-MOISÉS, L. Entre o perigo e a chance. Propostas de Derrida são convite a atravessar o abismo na corda bamba. In: **DOSSIÊ**: Psicanálise, linguagem, justiça, arquitetura e desconstrução na obra de Jacques Derrida. CULT, Ano 10, n 117. São Paulo: Bregantini, 2007.

PERRONE-MOISES, L. Pós-estruturalismo e Desconstrução nas Américas. In: MOISÉS-PERRONE, L. (Org.) **Do positivismo à desconstrução**. Ideias Francesas na América. São Paulo: EDUSP, 2004.

PETTERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Uma introdução. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PONTTES, P. Todos sinais. In: PONTES, P. **Poesia no bolso**. Recife, s.ed., 2008.

RABINOW, P.; ROSE, N. O conceito de biopoder hoje. In: **Política e trabalho**. Revista de Ciências Sociais, n 24. Abril de 2006.

RAMOS, C. R. LIBRAS: a língua de sinais dos surdos brasileiros. Em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo2.pdf>>. Acesso em: 31 outubro 2013.

RIBEIRO, M. V. A. Caia na roda. In: CLARETO, S. M.; ROTONDO, M. A. S.; VEIGA, A. L. V. S. **Entre composições**: formação, corpo e educação. Juiz de Fora, MG: UFJF, 2011.

ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B. **Análise de conteúdo e análise de discurso**: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. Alea. v 7, n 2, julho-dezembro, 2005.

ROCHA, E. P. G. **A sociedade do sonho**: interpretação antropológica e indústria cultural. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Museu Nacional – UFRJ: Rio de Janeiro, 1989.

RODRIGUES, J. C. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

ROMAGUERA, A. Multidão: conexões biopolíticas. In: MORIM, A. C.; GALLO, S.; OLIVEIRA JR, W. M. (Orgs.). **Conexões**: Deleuze imagem e pensamento. Petrópolis, RJ: Brasília, DF: CNPq, 2011.

SACKS, O. **Vendo vozes**: uma jornada pelo mundo dos surdos. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

SANETO, J. P.; SANTOS, L. Profanadores. In: VIEIRA, D. Matreira. (CD). Campina Grande: MF Estúdio, 2012.

SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. Cultura e Identidades Surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. In: **Educação e sociedade**. Campinas. v 26, n 91, p. 565-582. Maio/Agosto de 2005.

SANTANA, A. P. **Surdez e linguagem**. Aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Plexus, 2007.

SANTIAGO, I. M. L.; SANTANA NETO, J. P. Gênero e sexualidade na comunidade surda. In: MACHADO, C. J. S.; NUNES, M. L. S. (Orgs.) **Gênero e sexualidade**. Perspectivas em debate. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

SENNA, M. T. T. R. A incompletude da língua. In: **Espaço**: informativo técnico-científico do INES. n 13 (janeiro-junho 2000). Rio de Janeiro: INES, 2000.

SIDEKUM, A. Alteridade e Interculturalidade. In: SIDEKUM, A. (Org.). **Alteridade e multiculturalismo**. Ijuí: Unijuí, 2003.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2005.

SKLIAR, C. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Meditação, 2005.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia**. Indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SORLIN, P. Televisão: outra inteligência do passado. In: NÓVOA, J.; FRESSATO, S. B.; FEIGELSON, K (Orgs.). **Cinematógrafo**: um olhar sobre a história. São Paulo: EDUFBA; São Paulo: Ed da UNESP, 2009.

SOUZA, M. R.; SILVESTRE, N.; ARANTS, V. A. **Educação de surdos**: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2007.

SOUZA, R. M. **Que palavra que te falta?** Linguística, educação e surdez. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SPRADLEY, J. P. **Participant Observation**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1980.

TEIXEIRA, C. C. **Em busca da experiência mundana e seus significados**. Georg Simmel, Alfred Schutz e a Antropologia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

TODOROV, T. **Nós e os outros**. A Reflexão francesa sobre a Diversidade Humana 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

TRIADÓ, C. Educación temprana y lenguaje em los niños sordos. In: SKLIAR, C. (Org.) **Atualidade da educação bilíngue para surdos**. Processos e projetos pedagógicos. Volume 1. Porto Alegre: Mediação, 2009.

VELOSO, C. Uns. In: VELOSO, C. Uns (LP). São Paulo: Polygram /PHILIPS, 1983.

VEIGA-NETO, A. Incluir para excluir. In: LARROSA, J.; SKLIAR, C. (Orgs.). Habitantes de Babel. **Políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

VIEIRA, M. A. **O trauma subjetivo**. PSICO, Porto Alegre, PUCRS, v 39, n 34, out./dez. 2008.

WERNER, D. **Uma introdução as cultura humanas**. Comida, sexo, magia e outros assuntos antropológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

WISNIK, J. M. **O som e o sentido**: uma outra história das músicas. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Identificação

- Nome, idade, estado civil, grau de instrução, ocupação profissional

História de vida

- Percepção como pessoa no mundo e nas relações com as outras pessoas;
- Identificação das questões relacionadas à diferença da condição ontológica do surdo (reconhecer elementos das relações entre o surdo e outros indivíduos sociais);
- Observação do cruzamento das questões relativas a trabalho, gênero e sexualidade.

Preconceitos e estigmas

- Posicionamento acerca do termo ou expressão «deficiente», pela falta ou comprometimento de um dos órgãos dos sentidos;
- Mitos do sendo somum negados ou afirmados.

Cidadania

- Respeito ao cidadão surdo pelas instâncias sociais formais (instituições);
- Significação e interpretação das políticas de inclusão.

Contribuição dos domínios linguísticos

- Importância do aprendizado e domínio da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS -, concomitante ao domínio da Língua Portuguesa, num mundo de maioria ouvinte.

Entraves e conquistas

- Acesso à escolarização;
- Escolha da carreira profissional;
- Inserção no mercado de trabalho.

APÊNDICE 2**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre a manifestação das diferenças de indivíduos surdos e está sendo desenvolvida por JOÃO PEDRO DE SANTANA NETO, aluno do Curso de Doutorado em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da professora D^a. Ednalva Maciel Neves.

A finalidade deste trabalho é contribuir para a reflexão sobre a afirmação e posituação das construções cotidianas dos surdos, como indivíduos diferentes nas suas peculiaridades, assim como somos todos nós, surdos ou ouvintes.

Solicitamos a sua colaboração para filmagem de entrevistas, além de contatos informais com fins de observação participante, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos e possíveis posteriores publicações. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que sua participação na pesquisa é voluntária e, portanto, ou (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador. Caso decida não participar da pesquisa, ou resolver a qualquer momento desistir da mesma, não sofrerá nenhum dano.

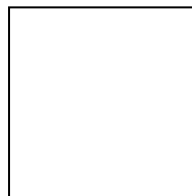
O pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e autorizar possíveis apresentações e publicações dos resultados da mesma.

Estou ciente que receberei uma cópia deste documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa ou Responsável Legal

Espaço para impressão dactiloscópica:



Assinatura na Testemunha

Contato com o pesquisador responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o pesquisador João Pedro de Santana Neto.

Endereço : Rua Cel. José Cesarino da Nóbrega, 180, apt.102, Bancários.

João Pessoa – PB. CEP: 58051-130

Telefone: (83) 8883-9208

Atenciosamente,

João Pedro de Santana Neto

APÊNDICE 3

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE/REGISTRO FOTOGRÁFICO



